



III

*Um é bom, **Dois** é Pouco
Três é Suficiente*

GAMORA BLACK



PERIGOSAS NACIONAIS



III

*Um é bom, Dois é Pouco
Três é Suficiente*

GAMORA BLACK

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019, Gamora Black

Capa: Greyce Kelly
Diagramação: Greyce Kelly
Revisão: Greyce Kelly

Dados internacionais de catalogação (CIP)

Black, Gamora

3.

1ª Ed

São Paulo, 2019.

1.Literatura Brasileira. 1. Título.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados pela autora.



Thurman Real Estate Developments!

Nem acredito que estou aqui!

— Amigaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Socorro do Rosário me abraça, e sorrio muito grata porque mais uma vez posso contar com ela, com sua ajuda, apoio, é muito difícil encontrar amigas verdadeiras, ainda mais nesse meio.

— E ai? Como foi pegar metrô?

— Muito clichê até para mim.

Tivemos que vender o carro ano passado, também o carro do João Gabriel, então, na minha nova vida, não trabalharei com o meu melhor amigo, tão pouco com o meu marido, eu vou trabalhar numa multinacional de negócios imobiliários.

— Ai nem acredito que você voltou Nanda!

—Socorro sorri abertamente e quase me enforca enquanto me agarra pelo pescoço.

É ainda posso dizer que tenho amigas, poucas na verdade, Socorro foi uma das loucas que conheci na USP, nós fomos parceiras em todos os trabalhos desde o primeiro período, e bebemos todas quando ela terminava com algum namorado, nos distanciamos quando o João Gabriel sofreu o acidente, mas ela foi uma das poucas que ainda ligou e pareceu se importar comigo.

A verdade é que você só conhece os amigos verdadeiros nos piores momentos, e nos bons, é cruzar os dedos e confiar que eles estão torcendo por você e não contra você, posso dizer que tive uma época de bonança na minha vida, mas agora, as coisas não são assim, e a Socorro está sendo para mim, uma salvação.

—Você faz jus ao seu nome.—digo enquanto entramos na recepção da empresa.

— Sempre a postos!

Não é bem o meu primeiro dia, estive aqui a duas semanas por três dias consecutivos para as entrevistas e para trazer a documentação, foi bem extenso, mas eu consegui, a Socorro quem me indicou, não me senti tão enferrujada durante as entrevistas, porém, emprego anda bem difícil em São Paulo, na verdade em qualquer lugar do Brasil,

PERIGOSAS NACIONAIS

infelizmente está é a realidade, e ainda mais, numa empresa deste porte.

Uma multinacional com tantas recomendações no mercado, sei que uma oportunidade destas é única.

E agora, eu enfim consegui o emprego que precisava, as coisas lá em casa melhorarão bastante, o salário é muito bom, mas o plano de carreira é o que de fato me atrai mais, e o convênio médico, mal vejo a hora do João Gabriel retomar a fisioterapia, de levar a Clarinha ao pediatra, só consigo pensar no melhor para os dois, meu marido e minha filha são tudo o que tenho.

— Você vai amar a sua mesa, é ao lado da minha heeeee, tem um computador super moderno com planilhas de Excel pra você brincar nas horas vagas.

— Eu posso colocar adesivos na tela do meu computador?

Socorro ri a beça.

— Desde que coloque uma foto minha sim!
— esclarece ela quando entramos no elevador.—
Nosso andar fica no mesmo andar da presidência, o chefe gosta de ter contato direto com os advogados da empresa.

PERIGOSAS ACHERON

— O chefe, chefe ou algum supervisor?

— O dono da porra toda, Kalel Thurman, um super gato de olhos azuis e dois metros de altura que vem aqui uma vez a cada 3 meses supervisionar o pessoal da ADM e desfilar sua beleza americana e plena.

Não consigo ver beleza em homens de fora, acho que sou mesmo uma grande bobona apaixonada pelo meu marido, porque para mim não há dúvidas que o João Gabriel é um dos caras mais lindos que eu já vi na vida.

—Ah é, eu esqueci que você casou com o cara mais lindo da universidade!

— Ele não é só um rostinho bonito!— esclareço e me olho no espelho.

Já tenho alguns fios brancos na cabeça, não sou adepta a maquiagem, mas é uma norma da empresa que eu esteja sempre bem, então fiz a sobrancelha e preendi meu cabelo num coque firme na cabeça para o meu primeiro dia, não sou o melhor exemplo de beleza brasileira, mas acho que dou para o gasto, infelizmente os 10 quilos da gestação ainda não foram gastos, porém, não me sinto das piores, a Maria Clara só tem 3 aninhos, a verdade é que não me importo nenhum pouco com

isso.

Meu marido me ama do jeito que eu sou, magra ou gorda, ele sempre fala isso, então, estou bem, como o João Gabriel diz sempre, Plena!

— E vocês?—questiona Socorro.— Estão mesmo bem?

Suspiro, tento lhe dar meu melhor sorriso, porque não acho que dá para ficar bem depois de tantas coisas ruins que aconteceram a nossa família, mas estamos tentando sempre estar bem.

— Sabe Nanda, eu fiquei super feliz de te ver recomeçando, quando você telefonou eu nem acreditei—Socorro diz.— Eu espero que logo em breve o João saia de tudo isso e vocês dois recomecem, os dois são brilhantes, tanto quanto advogados, quanto como pessoas.

— E eu agradeço todo o carinho—sou sincera.— Eu nem sei o que teria feito sem essa oportunidade Socorro.

—Deus ajuda aos dele.

Sorrio e abraço em retribuição as palavras, sinto um aperto incomum na garganta, no peito, porque de fato, só Deus sabe o que venho passando nos últimos 3 anos, não foram coisas nenhum pouco boas, e eu tenho tentado de todas as formas

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer com que tudo se solucione, se resolva, em muitos sentidos obtive sucesso, mas em outros, tudo desandou e virou um verdadeiro fiasco.

Não estava pronta para encarar a vida por mais que tivesse minhas convicções, nem estava adepta por mais que estivesse concreta de todas as decisões que tomei, porque se assim o fosse eu não teria sofrido tanto com o acidente, e com todas as coisas que se sucederam após ele, e o meu consolo é que eu dei o meu melhor.

As portas do elevador se abrem, e assim, de nada, eu vejo um departamento inteiro em funcionamento, pessoas andando com pastas para cima e para baixo, homens engravatados, mulheres com saia lápis e blusas sociais, super maquiadas, de salto, tudo muito impecável e lindo.

— Bem-vinda ao mundo jurídico da ThurmanRealEstate Developments!—fala Socorro toda sorridente.

— Não seria mais fácil falar trabalho?

Ambas rimos, ela segura a minha mão e vamos juntas até sua mesa, percebo alguns olhares, curiosos e outros apenas de descaso, infelizmente é algo que já estou bem habituada a passar desde que ingressei no curso de direito na USP.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vaidade, ego, papai que sustenta, poliglotas, drogadinhos, turistas...

Que saudade da época em que eu passava na cara da sociedade os meus pares de tênis e calças leguins, quando eu gastava 3 horas para chegar a universidade e que ficava lá até as 11:00 da noite, enquanto alguns filhinhos de papai, mal iam porque tinham medo de um dia de chuva ou que não queriam pegar o trânsito.

— Parece que foi ontem a nossa calourada.
— Socorro fala sorridente.

— Saudade de quando você vomitou em mim.— cochicho de volta, e ela ri discretamente.

O departamento não é silencioso como num todo, mas percebo que é muito diferente dos escritórios que eu estagiei na época do curso, e do meu próprio escritório, contudo, me sinto um pouco engajada já de cara, porque eu gosto de trabalhar na minha área, e porque não me imagino fazendo nada além disso.

— Bons tempos que não voltam mais—ela suspira.— Lembra do meu namoradinho?

— Qual deles Socorro?—indago incerta.

— Awnt, tão fofinha!

Passamos por uma fileira de advogados e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguimos por um corredor extenso, até duas mesas mais afastadas, Socorro é uma das advogadas chefes deste setor, sei que ela batalhou muito para chegar aqui, é independente e tem uma situação financeira boa, mas acho que é como ela fala, quem tem sorte nos negócios, não dá sorte no amor, e que por isso, ela sempre foi mais do tipo que curte do que a garota que decidiu casar com 22 anos e formar família.

— Está é a sua nova mesa—ela mostra a mesa espaçosa com um computador.— Se precisar estou bem aqui do lado.

— Tá.—digo toda feliz.

— Saímos para almoçar as 14:00 em ponto, tem uma máquina de café ali perto da porta da presidência e aconselho que traga uma garrafinha de água, sua caneca, essas coisas, já te envio o e-mail com as informações que você vai precisar para trabalhar, pronta?

— Prontíssima!

Mais que isso eu diria.

Nova fase da minha vida, aqui vou eu!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— E aí? Como foi o primeiro dia?

— Foi... Ainda posso falar “legal”?

João Gabriel sorri, e vejo uma ponta de humor em seu olhar, são poucas as vezes que eu consigo ver felicidade em seu sorriso, desde o acidente nós dois estamos tentando prosseguir, porém infelizmente sei que para o meu marido tudo ainda é pior.

O acidente levou consigo o movimento das pernas dele e também sua alegria de viver, sei que ele nunca mais vai se sentir o mesmo, e que jamais conseguirá ser o cara que sorriu para mim no primeiro momento em que nos vimos, mas ainda sim, eu o amo como na primeira vez.

Jogo a bolsa para longe e me sento em seu colo, ele está na cadeira, os olhos castanhos me fitam e nos beijamos devagar, sem pressa, gostava mais da forma que me beijava antes, era empolgante, excitante até, no entanto, alguns anos

se passaram, e hoje, não consigo me sentir diferente de alguém que só se sente grata por tê-lo aqui, eu quase o perdi para o acidente.

— Já disse que você ficou super gostosa com essa saia social?

— Aham.

Eu o abraço.

Ele e a Clara são o meu porto seguro, a melhor coisa que Deus me permitiu ter, não me imagino um segundo sem o meu marido, eu o amo por quem ele foi e por quem ele é para mim, desde que nos conhecemos, não me importo se ele anda ou não, e mesmo sabendo que ele não voltará a andar, não me sinto mal com isso.

— Cadê ela?—pergunto olhando para a tv da sala, está ligada.

— Dormiu, eu fiz sopa!

— Uhh, amo suas sopas.

— Torradas com orégano, e tem sorvete no freezer, sua mãe trouxe.

Posso imaginar como ele e mamãe devem ter discutido hoje pela manhã, a loucura que deve ter sido, mamãe vindo buscar a Clara para levá-la para a escola, infelizmente nosso prédio não tem elevador, então é uma dificuldade pior a cada dia

quando ele e eu decidimos sair, tenho que pedir a papai ou a algum dos meus dois cunhados que venham para ajudar.

Quando eu decidi trabalhar de novo, o João Gabriel não aprovou, mas conversamos, e depois de muitos pros e contras, montamos um cronograma semanal e diário, e também porque ele sabe que precisamos do dinheiro para garantir as coisas básicas de casa, comida, material de limpeza, e o aluguel, o salário vai me ajudar muito, porque o benefício dele está suspenso a dois meses, e eu já nem tenho mais cara para pedir dinheiro aos meus sogros ou aos meus pais, que também não são ricos.

— Vai tomar um banho, eu coloco a mesa, vou pôr a sopa para esquentar!

— Tá.

Acho que esse emprego vai dar um up na minha vida, estou bem cansada por conta de ter pego metrô, sai as 6:30 e agora são exatamente 21:00, porém não estou cansada, na verdade voltar a trabalhar na minha área está sendo muito bom, estou entusiasmada com a ThurmanRealEstate Developments, hoje foi apenas o primeiro dia de muitos, assim espero.

Me dispo e entro em nosso quarto, o

PERIGOSAS NACIONAIS

apartamento fica na zona norte de São Paulo, Vila Alzira, alugamos aqui depois de vendermos nosso antigo apartamento, que ficava na zona sul, tivemos que desembolsar quase 30 mil para a cirurgia na coluna do João Gabriel, não pensei 2 vezes antes de colocar a venda e alugar este apartamento, que é menor, num lugar não tão valorizado, mas que é o nosso canto a um ano e meio.

Poderia ter sido pior, eu tinha dívidas do antigo escritório, dívidas trabalhistas, com o restante do dinheiro, paguei todas elas, me sentia aliviada quando sai do banco e fiz todas as transferências, o pior de tudo nem foi isso, e sim, ter que saber que de alguma forma, eu prejudiquei outras pessoas quando não estava mais conseguindo manter o lugar, mas tenho a consciência limpa de que tentei.

Solto meu cabelo do coque e início meu banho, uma das únicas coisas que ainda gosto desse apartamento é que ele é adaptado para deficientes, isso ajuda bastante quando se trata do João Gabriel, tivemos que adaptar tudo em nossa vida depois do acidente.

Foi um bom dia afinal, Socorro me ensinou boa parte do trabalho, explicou sobre

PERIGOSAS ACHERON

procedimentos e me contou sobre algumas coisas que eu deveria saber e como proceder, almoçamos juntas na empresa mesmo, eles tem refeitório com direito a cafezinho e tudo, não pude deixar de notar os olhares curiosos das pessoas a mim lançados, mas eu estava decidida a não me intimidar.

Eu nunca me intimidei com nenhum dos problemas que me ocorreram na vida, ainda que eu estivesse abalada, não estava necessariamente com medo de nada, meu pai fala que isso eu puxei a ele, sempre disposta a encarar tudo de frente, ainda que incerto, já eu acho que sou muito corajosa em muitas situações, e em outras, se quer consigo ver a Clarinha levando uma injeção na popa.

Termino meu banho e me enfio no roupão, enrolo meus cabelos numa toalha, vou para o quarto da Clarinha, quando entro, seu pequeno mundo cor-de-rosa me enche de amor, me aproximo de sua cama, me inclino e coloco um beijinho em sua cabeça, o meu anjinho de cabelos escuros e cacheados dorme toda a vontade, a coisa mais perfeita que Deus me deu em toda a minha vida abraça sua pelúcia, ela o chama gentilmente de “losado”, eu e o meu marido apostamos entre as palavras “rosado” e ele acha que é “groselha”, tipo,

nada a ver, mas enfim, coisas do João.

Vou para a cozinha, o João está terminando de colocar a panela de sopa na mesa, ainda me pergunto como ele consegue ter tanto jeito com algumas coisas e com outras, ele é uma derrota, quando descobrimos que seríamos pais, ele estava super empolgado para trocar fraldas, mas quem disse que ele consegue? Até hoje é uma peleja, em contrapartida, ele gosta de cozinhar, coisa que eu não curto muito.

— Muitos caras bonitos de terno?— pergunta ele em seu tom brincalhão.

— Metidos, egocêntricos, me deixe ver...— bato com o indicador no queixo—... Ah, tem um senhor de 70 anos no meu setor que me levou café duas vezes, gostei dele.

— É difícil encontrar alguém que não goste de Maria Fernanda Meireles Sena de Carvalho Domingues —ele fala e indica meu canto à mesa.

— Ou a João Gabriel, Meireles Sena de Carvalho Domingues

— Porque nome de advogado é tão grande amor?

— Somos da nata!

— Uma classe pertencente a minoria e

formadora de opinião.

— Hipócrita.

Ele ri, e confesso que me animo, não costumamos ter dias assim dos mais felizes ou interessantes, na maioria das vezes eu cuido da rotina da Clara enquanto o João Gabriel fica lendo, ele é um leitor compulsivo, acabamos nos tornando ainda mais viciados em romances de banca depois do acidente.

Trocamos caminhadas por livros, viagens por livros, praia por livro, ficamos muito caseiros, em sua maioria, porque não podemos sair com tanta frequência, o dinheiro anda muito curto, contudo, para nós dois é até melhor assim, também, no começo, ele precisava muito mais de mim do que agora, da minha atenção integral.

Pensando bem, já estivemos em momentos piores de nossas vidas.

— E como foi o dia com a mamãe?

— Para variar, ela fez duas Maria Chiquinha na Clara, colocou pera na lancheira dela e esqueceu de colocar as fraldas descartáveis na malinha dela.

Mamãe sendo mamãe!

— Eu não sei qual é o problema da sua mãe,

parece que a cada ano fica pior, e já fazem 15 anos que nos conhecemos.

— Não é fantástico?

Me sirvo, João começa a rir, pego umas torradinhas e coloco no meu prato, estendo a mão e toco a dele, ele analisa meu anelar esquerdo, e fica olhando para a minha mão com certo receio.

— Tive que tirar, a Socorro disse que talvez durante a experiência seja melhor que os outros funcionários não saibam que sou casada e tenho filhos pequenos, eles mandaram 30 funcionárias mulheres embora por conta disso.

—Brasil... mostra tua cara!—cantarola ele e segura minha mão, depois a beija— Tudo bem amor, eu não me importo.

—Prometo que usarei sempre em casa, é só que eu tirei de manhã cedo e esqueci.

— Amor, eu já disse que tudo bem.

Nos olhamos por alguns segundos, ele sabe que eu preciso do emprego, o quanto é difícil entrar numa empresa desse porte, e que no final do mês precisaremos pagar as contas.

— Bem, mas o que achou da empresa? E a Socorro? Ela já trocou de namorado?

— Ah, você sabe né amor, a Socorro é a

Socorro, a empresa é bem grande, mas eu gostei e tal...

Sei que o João sente falta de trabalhar nessa área, que é a sua paixão, e espero que um dia ele enfim consiga sair do casulo novamente, para que as coisas deem certo, para que eu e ele possamos reconstruir nossa vida juntos, nosso casamento.

Só espero que tudo fique bem.



Acordo, me aconcheço, e o João permanece dormindo ao meu lado. Beijo seu pescoço e seu peito, meu corpo vai para cima do dele, suas mãos deslizam por minhas costas, e ele alcança minha bunda, quando ele aperta, meu corpo sobe, beijo o cantinho atrás de sua orelha.

— Amor...—sussurra ele.— Acho que é a hora de você ir trabalhar.

— Ainda está cedo amor—sussurro de volta.

Me ergo, eu o beijo, me esfrego nele enquanto suas mãos apertam meus quadris, e aos poucos nossos corpos vão se esquentando, contudo, meu corpo anseia muito mais que toques, quero mais uma vez ser dele, quero muito.

— Amor...—ele chama de novo.— Melhor não!

Paro.

Vou para o lado, e nem sei porque me irrita,

parece que ele faz de propósito, quando eu consigo me sentir bem para que possamos voltar a ter nossa vida conjugal, ele não quer, e quando ele quer enfim tentar, não conseguimos.

Nossa primeira vez depois do acidente não foi tão ruim, mas faz alguns meses que não tentamos, ele fica tenso e de repente tudo acaba, por conta das incertezas e inseguranças dele quanto a tudo, ele não se sente homem o suficiente para mim, ao menos é o que ele fala.

— Amor...

— Eu vou tomar banho, você faz o café?

— Não é você querida.

— Eu sei, tudo bem.

Mas não tem como não me sentir culpada, porque a impressão que eu tenho é que ele não se sente suficientemente atraído por mim, para termos relações constantemente, tenho tentado ficar bem comigo mesma, com meu corpo, mas nada parece funcionar, o meu marido e eu não fazemos mais sexo como antes, no máximo que conseguimos é uma vez por mês, infelizmente o acidente afetou muito o ego dele de homem.

— Eu sinto muito—ele fala e se ergue.—
Eu queria que as coisas fossem diferentes Nanda,

mas tem horas que eu não consigo.

— Eu sei, não é sua culpa—eu não consigo olhar para ele, estou envergonhada.— Eu vou tomar banho, acorda a Clara.

— Amor, volta aqui, vamos conversar...

— Não há nada a conversar João.

É só que me sinto péssima com tudo isso, dá vontade de sumir as vezes quando me lembro do cara confiante e safado com quem me casei a dez anos atrás, hoje, tudo o que ele consegue ser é inseguro e medroso quanto a uma porção de coisas, uma delas é quanto a nossa vida sexual.

Entro no chuveiro, coloco a água bem fria, nada do qual não esteja acostumada, choro em silêncio, as vezes é difícil entender e não se sentir rejeitada, porém está a minha infeliz realidade.

Sou casada com o amor da minha vida, mas nossa relação tem sido apenas de amor ultimamente, nada além disso, e as vezes é muito difícil.

Respiro fundo e de novo, decido não lamentar nem ficar pensando demais nisso, só me resta orar e pedir a Deus que seja uma fase assim como as outras, o importante é que ele está bem e ponto.



Me aproximo das portas cumpridas.

A Socorro teve uma reunião de última hora, parece que uns chefões se reuniram e estão organizando algumas coisas com os chefes menos importantes, percebi que o clima estava tenso quando entrei hoje cedo no escritório, todo mundo estava colocando crachás no pescoço, algumas garotas retocando a maquiagem, e havia um bilhete na minha mesa onde a Socorro avisava que estaria em reunião.

Ok, para o meu segundo dia, até que não pareceu nada demais, exceto pelo fato de que a exatos 2 minutos, ela me ligou no meu ramal e me pediu para ir a sala da presidência, só consigo me sentir tensa, não faço a mínima ideia do que ela quer, mas arrumei meu jeans no corpo, minha blusa e o blazer, e então estou caminhando rumo a porta que separa o departamento da presidência.

Não me pegaram num bom dia.

Além de ter chorado muito a caminho daqui —vim de UBER—eu não tive muito tempo de passar maquiagem, na verdade nem me importei, estava magoada com o que houve mais cedo em

relação ao João.

As pessoas me olham com aquela cara que diz “você nem chegou e já vai embora?”, outras com olhares que falam claramente “ainda bem que não fui eu”, isso me faz lembrar das épocas da faculdade, quando as empresas onde estagiei, faziam cortes, eu nunca fui nenhuma das estagiárias dispensadas, pelo contrário, mas...

Meus pés sempre foram enfiados a meio metro abaixo do chão, e eu sei muito bem—até demais—que a vida nunca é como se espera—literalmente.

A secretária abre a porta assim que bato nela, e ela sorri, e nem sei porque sorrio de volta, é hábito, minha mãe sempre me disse que quando não tiver mais palavras, o que posso dar a qualquer pessoa, seja por bem ou por mal, é um sorriso.

Mesmo que forçado e sem graça, que é o sorriso que dou agora.

— Senhorita Carvalho, entre por favor.

— Ah, claro, bom dia!

Fungo, é inevitável, e entro na sala, ao mesmo tempo que sou observada por 30 pares de olhos sérios e de cores diferentes, entre homens engravatados e mulheres de conjuntinhos sociais,

está Socorro do Rosário, minha melhor amiga, usando um conjunto preto, sapatos altos e um blazer rosa, a coisa mais chique que vejo hoje, e mais ousada também, ela se ergue e me chama, não deixo de me sentir tensa, mas estou um pouco aliviada com seu sorriso conforme me aproximo.

Não deve ser ruim se ela está sorrindo...

—Maria Fernanda eu pedi que você viesse aqui, porque o senhor Thurman precisa de alguém que fale Alemão fluente—Socorro fala logo mais que fico diante da cadeira dela.— Preciso que traduza tudo o que o senhor Hans, irá falar, ele é este senhor que está a minha direita.

Me viro para a direita de Socorro, o senhor parece velho, deve ter cerca de 70 anos, quando ele sorri, estendo a mão para ele, trocamos um aperto de mão cordial.

—Guten Morgen, Herr Hans, willkommen in unserer Firma, mein Name ist Maria Fernanda, und ich werde die Interessen hier in der Firma übersetzen!—me apresento, desejo bom dia e explico que serei a tradutora dele durante a reunião.

—Guten Morgen junger Mann, was für eine Freude, jemanden zu treffen, der mich versteht!—responde ele, com um sorriso, deseja bom dia e

agradece que tenha um tradutor.—Mein Übersetzer wurde krank, er ist auch mein Sohn und er ist völlig inkompetent!

—Ich kann mir vorstellen, Kinder sind schrecklich, wenn sie wollen, ich habe eine 3-jährige Tochter, können Sie sich vorstellen!

Concordo com ele, lhe digo que tenho uma filha de três anos e que ela é impossível, Socorro me faz sentar numa cadeira que a secretária trouxe, o senhor Hans sorri, ele tem olhos azuis chamativos, lábios finos, e traços tipicamente europeus, Socorro me estende um relatório da empresa, o senhor Hans coloca a mão no meu ombro todo familiarizado.

— Poderia me pedir um café?—ele pergunta em Alemão, eu entendo tudo imediatamente.— E uma água?

— O senhor Hans quer um café e uma água.—falo para Socorro.

— Um café e uma água—repete ela e se afasta toda apressada.—Nanda, cuidado, pelo amor de Deus!

— Claro—sorrio e olho para o senhor Hans.— O senhor está prestes a fazer uma fusão muito bem sucedida com a Thurman certo?

— Ah, mas é claro, eu só não concordo com o percentual que Thurman quer me cobrar, ele é muito bom, os advogados também, mas os brasileiros são difíceis...

— Ah!—exclamo e sorrio.— O senhor não poderia ter encontrado um país melhor para investir, mão de obra barata...

— Mas os impostos...—Hans aponta para o olho e puxa a pálpebra para baixo.— Este é irmão deste!

Rio, o senhor Hans é um negociador, isso se percebe de longe, acho que só precisa de uma boa leitura do contrato e que alguém explique, porém, decido adotar uma outra estratégia, fecho a pasta e a deixo em cima da mesa.

— O senhor estava lá quando derrubaram o velho muro?

Os olhos dele se enchem de um tipo de orgulho, e um pouco de felicidade.

— Ora se estava jovem—fala ele num tom de voz alto e coberto de alegria— Eu sabia que viveria para ver a queda daquele filho de uma puta maldito!

— Eu viajei para Berlim quando eu tinha 20 anos, meus pais perguntaram se eu queria uma

viagem para Disney ou para algum outro lugar, escolhi Alemanha, na época, meu pai gastou até o último centavo dele, fiquei 3 meses no país, eu sempre me interessei pela história da guerra, mas ir ao local do muro foi... foi...

— Inexplicável?

— Isso!—concordo empolgada.— Foi como se eu visse ali algo muito importante para o povo alemão.

— Mas foi, foi de grande relevância, meu irmão e eu ficamos separados quase 29 anos, cheguei a pensar, que o meu irmão estava morto, eu era o mais novo de 3 irmãos, um morreu na guerra, ele é o do meio.

— E como foi o reencontro? Vocês dois se abraçaram muito?

— Foi um dos momentos mais importantes da minha vida—os olhos dele se enchem de emoção.— Reencontrar o Polansky foi uma das maiores conquistas da minha vida, depois de conquistar a minha esposa é claro, é irlandesa.

—“As lágrimas derramadas são amargas, mas...

— Mais amargas são as que não se derramam!—completa Hans sorridente.—Mirella

veio comigo, há a remota possibilidade de que aceite almoçar conosco amanhã?

— Ora, mas é claro!—concordo de imediato.— Eu irei adorar conhecer sua esposa.

— Muito bem—Hans fala todo alegre.— Onde eu assino?

Socorro retorna e estende um café para o senhor Hans, me viro para ela.

— Ele quer o contrato para assinar!— explico.

Socorro arregala os olhos, e logo em seguida ela pega uma pasta preta e caneta no centro da mesa, me entrega e estendo para o senhor Hans.

— O senhor assina aqui, e aqui...—indico os locais.— Posso ler para o senhor amanhã com mais calma durante o almoço.

— Seria ótimo, já sei sobre o que se trata, só vim para formalizar, mas sem um tradutor, é meio complicado, graças aos céus, você está aqui —fala ele e bebe o café, me estende a xícara e assina os papéis rapidamente.— Você pode me acompanhar até a saída?

— Claro, com todo prazer senhor Hans— respondo e me levanto, olho para Socorro.— Ele quer que eu o acompanhe até a saída.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem—Socorro fala boquiaberta e estende a mão para ele.— Muito prazer senhor Hans, muito obrigada.

— Ela agradece.—traduzo.

O velho sorri para Socorro, depois estende a mão para o rumo do centro da mesa, vejo primeiro uma mão grande e alva, e logo em seguida, quando vejo os olhos azuis do homem, fico por alguns segundos um pouco impressionada.

Uau!

— Vamos!—Hans estende o braço para mim.

— Ah, claro—digo em Alemão, olho para Socorro.— Eu já volto.

— Sem problemas.—ela diz de imediato.

Senhor Hans e eu saímos da sala, ele anda mais devagar, mas não parece ser um problema, aos poucos, vou deixando de lado as primeiras impressões sobre o senhor Thurman, porque afinal de contas, ele é só o chefe.

PERIGOSAS ACHERON



—Nanda, te achei!

Dou um pulo, e assim do nada, Socorro me segura pelo braço e me puxa, ela me aperta toda contente, a alguns minutos deixei o senhor Hans dentro de seu carro no estacionamento da empresa, haviam dois seguranças e um motorista a espera dele, nos despedimos com um afetuoso abraço, prometi que irei jantar amanhã com ele e a família, expliquei que almoçar não era possível, pois havia me esquecido durante nossa conversa que eu estou no horário de trabalho, mas a noite, eu, o João e a Clara, iremos sim a sua casa para um jantar.

Me senti importante, bem, ainda me sinto, o senhor Hans tem cara feia, mas parece tão boa gente...

— Ai, nem acredito—Socorro fala me apertando.—Deus seja louvado.

— Só invoca a Deus quando lhe é
PERIGOSAS ACHERON

conveniente...

— Não é isso, esse negócio era crucial para batermos nossa meta esse semestre—ela parece se dar conta de algo importante.— Ah, o senhor Thurman quer te ver, acho que quer agradecer pela ajuda.

— Bom—digo contente— Então vamos...

— Você vai sozinha, eu tenho que voltar ao trabalho, mas quero saber de TU-DO!—cochicha.
— Vai lá, ele está te esperando.

E quem sabe essa não seja a minha primeira grande oportunidade na empresa? Mal acredito que dei essa sorte no meu segundo dia de trabalho.

Vou para sala da presidência, a secretária me recebe com um sorriso enorme nos lábios, agora a sala está vazia, no entanto, na mesa ainda permanece o homem de ombros largos e cabelos escuros cobertos por gel, ele tem um semblante fechado, usa óculos quadrados, e suas faces são quadradas e masculinas, o nariz é pontudo e fino, os lábios dele são cor-de-rosa e tem uma pequena cicatriz no lábio superior dele, acompanhado de todo o conjunto, um terno escuro e gravata preta bem-feita no pescoço, que por sinal é grosso, de longe se vê que esse homem é um rato de

academia.

— Sente-se senhorita Carvalho.—pede ele num tom seco, se quer me olha, fala em inglês com sotaque mais forte.

Já não gostei.

A falta de familiaridade dos americanos só perde para a própria impessoalidade deles, eles costumam ser frios, secos, e muito, muito educados, porém de um jeito imparcial, duro.

Me aproximo e me sento numa das cadeiras na mesa, uma mais próxima do senhor Thurman, sei que estou diante do dono da empresa, contudo, não consigo me sentir das mais nervosas, já estive na presença de pessoas muito mais importantes em Brasília e no Rio, na época que eu e o João prestávamos assessoria para alguns políticos, não durou muito, infelizmente, a maioria não valia nada, logo que vimos no que nos metíamos, pulamos fora.

— Eu não gostei das suas roupas, a senhorita não preenche os requisitos para ser uma advogada sênior e a forma como lidamos com algumas situações na empresa costumam ser mais formais—ele fala sua voz é grossa porém muito fria, ele folheia algumas pastas e me ignora

completamente, como se eu se quer estivesse aqui.
— Tem sorte que ele assinou o contrato, ou do contrário, eu a demitiria.

Não sei se fico chocada com essas declarações ou ainda mais brava do que estou desde que ele falou que não gostou das minhas roupas, como assim não gostou das minhas roupas? Ele não tem que gostar das minhas roupas! Ele tem que prestar atenção no meu trabalho, que por sinal está até sendo bem desempenhado.

— Receio que haja um equívoco...— começo em inglês.

—Não cometo equívocos senhorita Carvalho—ele diz me interrompendo.— Se quiser ficar nesta empresa, terá que seguir as normas estabelecidas por ela...

— Não desobedeci nenhuma norma!—corto de imediato.

Kalel Thurman ergue o olhar devagar, e algo sombrio em seus belos azuis claros, denunciam algo que sinto que não irei gostar de ouvir.

— Eu não gosto de ser interrompido senhorita Carvalho.

Mas que atrevimento!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também não senhor Thurman!

Ele junta as pastas e desvia o olhar para baixo.

— Já pode sair.

O que?

— Mas isso...

— Acabamos por aqui senhorita Carvalho.

Começo a odiar a forma como ele fala o meu sobrenome, fala de um jeito distorcido e torto. Ao mesmo tempo que me levanto, sinto vontade de pular no pescoço dele e matar ele enforcado com a gravata.

— Eu acredito que o senhor tenha um novo cliente por minha causa...

— É mesmo?—a voz passa de fria a zombeteira.— E o que te garante que ele já não iria assinar?

— O senhor fala Alemão?—questiono e os olhos dele pousam sob mim, instantaneamente irritadiços.— Ah, acho que não, nem o senhor, nem metade dos excelentíssimos funcionários que atendem aos requisitos da empresa, os que seguem as normas, eu aposto também que eles não falam mais 7 idiomas assim como eu, que não tem um doutorado em Cambridge e que não tem uma pós

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em Harvard, duvido inclusive que está competência se resume a andar bem-vestido enquanto passam as horas vagas falando sobre o jogo de tênis ou o final de semana perfeito em Teresópolis.

Ele fica calado, me olhando de forma fulminante, mantenho o olhar porque não tenho medo.

— Eu vou para a minha mesa—digo.—
Com licença e obrigada!

— Eu ainda não acabei de falar com você...

— Pois eu acabei de falar com o senhor!

Me afasto querendo destruir alguma coisa.

O que Kalel Thurman tem de bonito, ele tem de arrogante, grosso, mal-educado e imbecil.

Desse cara eu quero distância.

PERIGOSAS ACHERON



— É inadmissível que se dirija a minha pessoa da forma que se dirigiu a mim mais cedo senhorita Carvalho!

Fico dura onde estou, e ao mesmo tempo, tento ignorar o nervosismo, coloco mais algumas folhas de alface no prato, não ousa olhar para Kalel Thurman, primeiro porque não quero, e segundo, porque de fato, não estou bem, não quero discutir de novo, hoje está sendo um dos piores dias da minha vida.

Como se não bastasse a quase discussão com o João Gabriel de manhã pelo quase sexo que não aconteceu, briguei com o dono da empresa, e agora a pouco, quando sai para meu horário de almoço, meu marido me ligou falando um bocado para mim sobre o fato de não termos conversado.

Fui chamada de ignorante e impaciente, e de graça, ele ainda me passou na cara, que não me

PERIGOSAS ACHERON

esforço o suficiente para querer fazer com que ele se sinta confortável com ele na cama.

Acabei chorando por minutos no banheiro, ainda que não quisesse, sempre que discuto com o meu marido fico arrasada, nós dois não brigamos com frequência, na verdade temos muita afinidade, em todos os sentidos, e quando brigamos me sinto mal, ele também, eu só ouvi calada, porque sabia que não era o momento de discutir com ele.

— Você não parece bem.—diz Kalel Thurman porém apenas educado demais.

— Alergia—minto.— Com licença senhor Thurman.

Na verdade eu não acho que minha postura tenha sido uma das mais adequadas, porém, eu sou bem dessas que acaba soltando os cachorros quando encontro um mal-educado pelo caminho, deixo minha bandeja de lado e devolvo as folhas de alface ao lugar, então saio da fila do refeitório.

Socorro acena da mesa onde está, mas nego com a cabeça, ela sabe logo de cara que não estou bem, mas não insiste, sigo pelo corredor para longe do barulho, dos burburinhos e fofocas, não sinto um pinga de fome.

— Senhorita Carvalho...

PERIGOSAS NACIONAIS

De novo esse cara?!

Paro, me viro, e Kalel Thurman está a apenas alguns centímetros de mim, ele olha para baixo, o homem é alto, bem mais alto até que o João Gabriel, mas duvido que qualquer homem seja mais alto que eu, porque eu só tenho 1,60 de altura, como mamãe costuma falar, uma pequenez!

— O que o senhor precisa?

— Podemos conversar?

— Eu não tenho nada a falar com o senhor!

— Não parece, você estava chorando pelo o que lhe falei mais cedo?

— Infelizmente a vida de muitas mulheres na face da terra não gira em torno do senhor.

— Uau!

Recuo um passo, coço a testa nervosamente.

— Ouça, me desculpe, é isso o que o senhor quer que eu fale?

— Na realidade eu gostaria que almoçasse comigo, eu preciso de mais detalhes sobre a conversa com o Hans.

— Ah.

Então é isso, ora, ora, quem precisa de quem?

— Tem um pouco de veneno escorrendo no

PERIGOSAS ACHERON

cantinho da sua boca senhorita Carvalho.—as mãos de Kalel Thurman estão enfiadas no bolso, mas seu olhar permanece intimidador.

— O senhor nunca ouviu falar que a cobra carrega o veneno nas presas e ainda sim, não morre envenenada?—pergunto um pouco arrogante.

Confesso que não suporto esse homem, na verdade hoje eu queria ter terminado o resto da minha tarde até bem, mas o João e eu brigamos, então as coisas não vão nada bem.

— De fato—ele continua a me fitar duramente.— Pode me acompanhar?

— Não, quando acabar o meu horário de almoço eu vou a sala do senhor e explico o que conversei com o senhor Hans—respondo e giro os calcanhares.— Até mais senhor Thurman!

Preciso de um ar.

Preciso pensar com calma.

Acho que vou até o outro lado da rua comer uma bomba de chocolate, afinal de contas, tem jeito melhor do que esquecer a estupidez de um homem? Ou melhor, de dois?



— Com licença.

Eu não sabia que a sala do presidente da empresa fosse ser tão grande e ampla, e ainda mais, como se fosse algo para no mínimo 20 pessoas trabalhem, e no entanto, tudo o que vejo, é um só homem sentado numa poltrona preta por trás de uma mesa grande e larga.

A secretária dele me recebeu com um sorriso muito gentil, eu vim logo que bati o ponto para retorno do almoço, não estava das mais tranquilas, porém, depois de sair da empresa para dar uma volta na rua, estou melhor.

Nada como respirar o ar super poluído de São Paulo...

—Senhorita Carvalho, vejo que retornou do almoço!

— Pois é.

— Parece melhor.

— Eu tomei um remédio.

Se é que posso chamar aquele pedaço de bolo de chocolate de remédio, também comprei umas balinhas de gelatina.

— Sente-se, por favor!—ele diz e indica a cadeira diante de sua mesa.— Preciso que me informe o que o senhor Hans lhe falou.

Concordo com um breve balançar de

cabeça, me aproximo da mesa, tensa com a forma que esse homem me olha, ele é muito sério. Não me recordo de ter visto alguém tão sério desde o professor Inácio Sútil, era o meu velho professor de Processo Civil, matéria que sempre odiei, mas conseguia odiar mais o professor Inácio, depois de um tempo, me acostumei com a matéria, mas o professor sabia como fazer jus ao sobrenome, era sério e grosseiro, muitas vezes durante a aula eu achava que ele poderia engolir alguém a qualquer momento.

— Então, o que falou para Hans?

Kalel Thurman tem um computador caro na mesa e uma pilha de relatórios em pastas pretas, entre eles, um está aberto na mesa, nenhum telefone.

— Senhorita Carvalho...

— Ah, é—digo saindo do meu transe mental.— Desculpe, hum, bem, falamos sobre o muro de Berlin e sobre a segunda guerra, ele também falou sobre a esposa e o irmão dele.

— Está me dizendo que convenceu um milionário do petróleo a assinar este contrato, só porque falou sobre a segunda guerra com ele?— pergunta Kalel indicando a pasta aberta sob a mesa

PERIGOSAS NACIONAIS

com o indicador, mas seus olhos, não saem dos meus.

— Bem—não sei o que falar.— Foi a única coisa que eu instiguei com ele, não sei porque o senhor se espanta, minha especificação é em direito internacional e humano, apesar de ter trabalhado por alguns anos com assessoria e ter sido civilista por um tempo.

— Ah—ele parece um pouco surpreso.— Confesso que não tive tempo para analisar seu currículo.

— Então...—digo.— O senhor Hans disse que ficou separado pelo muro de Berlim por quase 30 anos se não me engano do irmão, eu puxei assunto, ele é um crítico voraz de política, confesso que não pensei que ele trabalhasse na área petrolífera, mas ele é um homem que parece muito gentil e digno, alguém... Simples.

— Não poderia imaginar que uma novata faria algo que eu venho tentando fazer a 2 meses, infelizmente meu tio era advogado dele a anos, e morreu, e ele tinha receio de contratar os serviços da empresa pois é muito tradicional, ainda que eu tenha me prestado o papel de informar que eu cuidaria das ações movidas contra a empresa dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu posso entender.

Ele é tão formal, tão sério, tão... Tão...
Affu!

— Acredito que tenhamos começado com o pé esquerdo senhorita Carvalho.

Eu não, você né?

— Pois é.

— O filho dele ligou informando sobre o horário do jantar, você quer que eu passe no seu apartamento para te pegar que horas?

Que?

— Bem... eu... não... sei—digo confusa.—
Até onde entendi, acredito que ele tenha me convidado.

— O filho dele Hans Júnior telefonou, e eu fui devidamente convidado.

— Ah!

Não sei o que falar, coço a nuca, estou nervosa com isso, porque tinha planos bem diferentes para esse jantar.

— Ou eu posso pedir para alguém te buscar...

— Não vejo necessidade, ele me passou o endereço do hotel onde está hospedado, eu mesma irei, obrigada senhor Thurman.

PERIGOSAS ACHERON

Me levanto, começo a me afastar da mesa, toda dura, incerta.

— Mas, senhorita Carvalho...

— Preciso voltar ao trabalho senhor Thurman, boa tarde, até mais.

Saio feito um foguete da sala dele.

Agora, além de estar brigada com o meu marido, vou ter que explicar para ele porque não poderá vir comigo a um jantar com um cliente da empresa.

Que legal!



— Fiz arroz doce.

— Tá.

O João é assim: Faz merda, pisa na merda, joga no ventilador e espalha, depois ele aparece com cara de cachorro, e enfia a cara entre as pernas todo sem graça porque sabe que literalmente pisou feio na bola comigo.

Já conheço, infelizmente, puxou a mãe dele nesse sentido, ele e eu estamos sem assunto desde que cheguei da empresa, minha cabeça parece que vai explodir, ainda nem sei como farei para explicar para ele sobre o jantar com o senhor Hans, posso

dizer que meus primeiros dias na empresa estão se saindo melhor do que o encomendado.

E justamente hoje, além de ter discutido com ele, eu também discuti com o dono da empresa, ninguém mais, ninguém menos do que o senhor Kalel Thurman, acho que não tem nem como ficar pior.

— Amor...

— Tudo bem João, eu já entendi.

Acabo de sair do banho, estou cansada, duas horas no metrô, acho que perdi o ritmo, Rosário até me ofereceu uma carona, mas recusei eu não quero que ela alimente por mim algum tipo de pena, quero mostrar que agora, estou disposta a dar a volta por cima, dar seguimento na minha vida.

— Eu sinto muito.

Eu sei que sente, e isso é uma droga.

É uma droga estar casada com uma pessoa que um dia, te procurou na cama a noite, e fizeram sexo a noite toda, e no dia seguinte, a mesma pessoa está em estado de coma numa UTI sem expectativa nenhuma de vida, e que como consequência de tudo isso, ela nunca mais irá conseguir te querer da mesma forma, te desejar da mesma forma, e tudo o que você terá com ela são

PERIGOSAS NACIONAIS

dias difíceis.

— Eu não queria ter te ligado e falado tanta merda Nanda, me sinto frustrado com a situação.

Eu também sei disso, sei que para mim é difícil, mas não consigo nem imaginar como é para ele, porque é ele quem tem toda dificuldade na hora do sexo, nossa primeira vez foi bem complicada, não chegamos a consumir o ato em si, por mais que eu me esforçasse e ele também, sei que nunca mais será igual a antes, mas ainda sim...

— Eu sei que não é sua culpa amor—digo e o fito.

João Gabriel está nessa cadeira a algum tempo, no começo era estranho vê-lo sentado nela, mas agora é algo do qual, me adaptei, contudo, sempre que me lembro como era antes, algo em mim se revira, tudo o que construímos, tivemos, vivemos, as vezes parece um sonho.

Um sonho bem distante do que temos hoje.

— Queria que as coisas fossem diferentes—ele coça o braço.— Me desculpe.

— Não precisa se desculpar...

— Eu preciso, porque eu fui rude com você, porque eu não deveria ter te ligado e falado tanta merda.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não anda mais, ele empurra os pneus da cadeira e vem até mim calmamente, fico parada, não me sinto mal com isso, porém me sinto mal com nossa briga, mesmo que eu soubesse que pela manhã não teríamos tempo para conversar, sei que deveria ser mais tolerante.

— Eu não queria brigar também—ele diz.— Eu acho que preciso ir ao médico, tentar alguma medicação.

—João...

—Nanda, eu só tenho você!—ele me interrompe, os olhos coberto de medo, por mais que não fale com as palavras— Eu não quero que me largue por conta disso.

— Amor, eu não vou largar, para com isso —replico e me aproximo, me sento em seu colo, toco suas faces.— Eu amo você, só você.

— Eu tento, mas nada parece funcionar— ele diz.— Eu não sei mais o que fazer, acho que teremos que buscar a ajuda de um médico.

— Eu posso esperar.

Sei que isso o afeta muito, toco sua face, ele abaixa a cabeça e começa a chorar em silêncio, os olhos castanhos cobertos de dor, envergonhado, com medo, esse sentimento que sempre aparece

quando temos que lidar com suas limitações.

— Eu espero o tempo que for por você, não importa, nada mais importa, entendeu?—pergunto e o abraço.— Eu te amo meu amor, amo mais que tudo, sem você eu nem sei o que faria, para de falar essas coisas.

Meu coração fica se contraindo, o João me aperta com força, devolvo o aperto.

— Vamos passar por isso juntos.—digo convicta.

— Eu te amo amor.

— Eu também te amo!

Hoje e sempre.



—Senhorita Carvalho, que surpresa encontrá-la por aqui!

Eu nem sei porque não me surpreendo em ver Kalel Thurman na recepção do hotel Grand Hyatt, na verdade eu ainda não havia visto ele hoje nas instalações da empresa, foi um dia produtivo, ao menos hoje, trabalhei bem, com a cabeça mais tranquila.

Depois da conversa que tive ontem com o João, as coisas estão um bocado melhores,

dormimos juntinhos ontem, e ele me deu arroz-doce na boca, as vezes, me pergunto de fato se sexo é mais importante do que ser mimada... pergunta idiota.

Kalel não deu as caras hoje nos corredores da empresa, mas pediu que sua secretária me mandasse um e-mail falando a hora que eu deveria estar na recepção do hotel e o endereço, também ressaltou que eu deveria ser pontual e estar a caráter.

Bem, não sei o que significa estar a caráter para essa gente, mas deu tempo de ir em casa, tomar um banho e vir, o Uber custou os olhos da cara, mas funcionou.

Contei para o João sobre o jantar ontem a noite mesmo, expliquei que era da empresa e contei tudo o que houve com o senhor Hans, via orgulho nos olhos do meu marido, e aquele jeito zombeteiro que ele tem de querer parecer tirar sarro dos “ricos e poderosos” da alta.

Já estivemos uma vez do outro lado da moeda, não éramos ricos, mas tínhamos um estilo de vida até bom, porém, hoje não é mais assim, mas, ok, estamos sobrevivendo.

— Boa noite senhor Thurman!

— Me chame de Kalel, por favor.

As vezes não me soa tão distante esse nome, tenho a impressão de que já o ouvi em algum lugar.

— Tá.

Dou de ombros.

Coloquei um sobre tudo por cima da roupa que vesti, estava um pouco frio quando saí de casa, a noite as vezes pode ser no mínimo gélida na cidade, hoje a Clara acordou tossindo, eu já até prevejo meu próximo final de semana segurando o inalador.

— Vamos?

Kalel Thurman usa um terno preto e gravata de seda azul escura, seus sapatos brilham, são impecáveis, e seus cabelos estão comportadamente penteados para trás, olhos azuis infalíveis, e sua postura chama a atenção até a senhorinha mais velha que circula pela recepção do lugar.

Fico me perguntando mentalmente, como as mulheres conseguem gostar de um cara tão branco, ou ver toda essa beleza que as impressionam, assim nele. Não sei se é porque eu tomei abuso da cara dele, ou se é porque é arrogante, porém, já não consigo ver tanta beleza assim no patrão.

A Socorro hoje tirou metade do almoço para

falar a respeito de Thurman, de seu estilo de vida de rico e famoso nos Estados Unidos, dos carros que ele tem, do iate, das mulheres com quem ele sai, enquanto eu, só estava preocupada em comer o maravilhoso espaguete que havia colocado no meu prato, não via tantas atribuições das quais poderia destinar a esse homem.

É bonito é, mas... E daí?

Como minha mãe diz, quando ficar velho, as bolas caem, fica careca, e dando crise de pelanca.

— Já estive no Grand Hyatt?—pergunta ele enquanto caminhamos no rumo dos elevadores.

— Por incrível que pareça sim—digo sincera.—, já vim em uma convenção aqui, de advogados.

— É um bom hotel—analisa ele pensativo.
— Mora nas redondezas?

— Não muito longe.

Não gosto de pessoas bisbilhoteiras.

Entramos no elevador, as portas se fecham, me viro para o espelho e analiso meu semblante pouco maquiado, olhos castanho escuros, cabelos cacheados presos num coque bem-feito, sobrancelhas grossas, nariz não muito fino, e os

traços que não escondem mais a idade que eu tenho, eu era muito jovem quando estive nesse hotel, acho que faz uns 12 anos quando vim pela primeira vez, fui convidada de um professor, porque eu sempre tive boas notas e era uma das alunas mais presentes em tudo na sala de aula.

Então estava eu aqui, a filha de uma doméstica negra com um pedreiro branco, a garota mestiça que entrou numa faculdade com bolsa de cota, vendo com encanto cada detalhe do Grand Hyatt, me fascinei por cada pequeno canto desse lugar, mas hoje, eu não sou mais assim, hoje, só consigo pensar em paredes compridas e pessoas ricas gastando milhares de reais para dormirem numa cama de espuma bem como a minha cama, talvez mais confortável, mas não tanto.

O elevador para e as portas se abrem, e uma garota de uns 19 anos entra segurando um cachorro de porte pequeno no colo, usa short jeans e uma blusa leve, não tem maquiagem alguma nas faces, cabelos lisos e cumpridos, olhos vividos e claros, muito bonita.

Percebo os olhares que Kalel Thurman lança para a moça, ela fica na outra ponta do elevador e o olha sem nenhum pudor, ele fica

PERIGOSAS NACIONAIS

parado encarando ela em silêncio, fico me perguntando o que leva um homem na idade dele a olhar para alguém tão jovem.

Chega a ser quase abominável, eu não quero um marmanjo desses olhando para a Clara como se quisesse ela de alguma forma... Não mesmo.

Meu celular vibra dentro do bolso, eu o pego e visualizo na tela de quem é a chamada.

— Oi mãe.—digo.

— A Clara começou a tossir, deixei o remédio dela com o porteiro.

— Obrigada mamãe.

Mamãe é aquele tipo de anjo que quero ter por perto, mas do tipo de anjinho que meu marido detesta.

— Ele disse que tem um jantar importante da empresa!

— Pois é, eu tive que vir.

— Vai dar certo.

Adoro o otimismo de mamãe.

— Vai sim.

— Está bem, se cuida, qualquer coisa é só ligar.

— Tudo bem, te amo mãe.

— Também amo você Nã!

PERIGOSAS ACHERON

E desliga.

Ela me chama de Nã, é apelido carinhoso, daqueles bem estranhos.

— Vamos?—fala Kalel Thurman.

As portas do elevador se abrem, olho para a moça.

— Vamos.—concordo.

Saio do elevador, Kalel Thurman vem ao meu lado, mas percebo que ele acaba de entregar um cartão para moça, ela nem desfaça a alegria, parece ter ganhado na loto, ele estende a mão e coloca no meu ombro, me afasto, impedindo que me toque.

— Algum problema senhorita Carvalho?

— Nenhum.—respondo incomodada.

Se já não gostava, agora é que não tenho o mínimo de motivo para deixar esse cara asqueroso perto de mim.



—Senhora Carvalho!

Eu nem sei como o senhor Hans encontrou uma forma de falar meu nome de um jeito quase então, correto, ele usa uma calça engomada e uma camisa polo de cor azul escura, tem um sorriso

vasto nos lábios e os olhos estão vívidos, quando se aproxima estendo os braços e troco um abraço afetuoso com ele.

Gostei dele, não sei porque, como mamãe diz, não posso ver um velho e já fico com pena, essas coisas se repetem com meus avós e com os avós do João, eles nos visitam uma vez no mês, muito mais vezes que até os próprios pais do meu marido, eles dão apoio, mas são mais “presentes” do que presentes.

— Olá Hans!—digo em Alemão.— Que bom revê-lo!

— O prazer é todo meu—responde ele em seu idioma e olha para o lado.— Ah, querida, está é a gentil jovem da qual me referi, Senhora Carvalho, está é a minha esposa, Mirella.

Mirela é baixinha, tem cabelos curtos e brancos, lábios cobertos por um batom cor pêssego, maquiagem bem-feita no rosto, ela também já é idosa, mas é elegante, usa um vestido comprido e sapatos baixos, e também é uma senhora muito bonita.

Sorrio para ela, estendo a mão e trocamos sorrisos, me inclino e a abraço.

— Olá Mirella, que prazer conhecê-la—

digo em alemão.— O Hans me falou muito de você.

— Ah, o prazer é meu.—diz ela com sotaque forte.

Me afasto, ela estende a mão para o meu sobretudo, sorrio e o tiro, depois lhe entrego, juntamente da minha bolsa, percebo logo de cara que ambos são pessoas muito humildes, gentis, não muito diferentes dos meus próprios avós, Hans estende a mão para o senhor Thurman, e ambos trocam um breve e forte aperto de mão.

É evidente a apatia do Hans pelo senhor Thurman, e eu até entendo, ainda mais depois da ceninha no elevador.

— Por favor, me acompanhe, eu pensei que viria com seu marido, sua filha.—fala Hans e me estende o braço com gentileza.

Aceito, não me sinto muito surpresa com a suíte, talvez em outros momentos de minha vida, me sentisse empolgada, mas nada disso consegue me deixar vislumbrada, porque eu já visitei muitos clientes que moravam em lugares até mais luxuosos que este.

— Infelizmente não puderam vir, a minha filha, está gripada.—foi a única desculpa que

pensei em dar.

Não poderia trazer o João e a Clara a esse jantar sabendo que o senhor Thurman viria também, se eu viesse sozinha tudo bem, mas com ele por perto—ou qualquer pessoa da empresa—não me sinto segura, porque por enquanto, ninguém lá sabe da minha vida, e se depender de mim, nunca vão saber.

Afinal, estou lá para trabalhar, e não numa sessão com psicólogos.

— Ah, mas ela está bem?

— Está sim, apenas de repouso.

Caminhamos até a sala da suíte luxuosa, o senhor Hans indica um dos sofás para que me sente, ele se afasta todo empolgado, logo, imagino que ele não tem o hábito de receber muitas visitas, Mirella sua esposa, se aproxima já carregando uma bandeja com prataria, o senhor Thurman se senta ao meu lado, mas não muito perto, cruzo as pernas arrumando a saia no meu corpo.

— Ora, ora, ela usa saias coloridas!— exclama o senhor Thurman baixinho, perto do meu ouvido.

— Ora, ora, ele dá cartão de visita a menores de idade!—rebato, mas num tom tão seco

que até me surpreendo.

Odeio esse tipo de cara, não sei se é por que já passei uma época da minha vida estudando sobre pedofilia, entre outros casos absurdos, mas com certeza, um homem de trinta anos, não deveria se envolver com uma garota de 17 anos.

— Do que está falando?—pergunta ele num fio de voz.

— Nada—respondo.

Mirella me estende uma xícara de café, agradeço, o senhor Hans liga o que parece ser, um som, e logo, uma velha música de Tom Jobim soa no lugar.

— Você não está insinuando que eu...

— Em absoluto senhor Thurman!

— Ela deixou o cartão cair no chão, eu apenas peguei e devolvi para ela—alega Kalel Thurman num tom rígido e sério.— Você não viu?

Ele está quase ofendido com a minha insinuação.

Fico dura feito pau de bambo.

— E para sua informação, ela quem estava flertando comigo.

— E o senhor flertando de volta!—argumento e sorrio abertamente para o senhor Hans

PERIGOSAS NACIONAIS

que está no bar se servindo, a senhora Mirella vai ao encontro dele.

— Eu não tenho culpa se sou irresistível.

Devagar, me viro para ele, e em silêncio o fito, Kalel Thurman é bonito, muito, muito bonito, mas estragado, tão superficial!

— Esse olhar quer dizer que concorda?

— O senhor se acha mesmo muito bonito?

— A People Magazine disse querida, por dois anos consecutivos.

Sinto vontade de rir.

— Acontece que eu sou advogada, não colunista de moda.—beberico meu café— E eu não sou sua querida.

— Ah, América?

—Que?

Estou totalmente confusa.

Mas o senhor Hans se aproxima com a senhora Mirella, tento sorrir.

— Essa conversa ainda não acabou— determina Kalel.

Ignoro, convencida de que aqui acaba a conversa.

E ponto.

PERIGOSAS ACHERON



Falamos sobre política durante o jantar.

Sobre guerra, sobre economia, eu adorei cada lasca pequena do bife que Mirella pediu para o nosso jantar, bem como a salada de entrada, e do vinho que Hans serviu para nós, na maioria das vezes eu percebi que Kalel estava confuso, é claro, ele ainda parece meio tonto, porque eu sei que ele não entendeu uma palavra se quer do que conversamos, eu tentei traduzir—por educação—para que ele acompanhasse nossa conversa, porém não funcionou muito.

Não falamos sobre negócios, o que muito me agradou.

Sai a alguns momentos da suíte onde Hans e Mirella, nos receberam, eu estava um pouco triste, porque sei que nossa maravilhosa noite talvez seja única, a muito tempo eu não me permitia jantar com outras pessoas, conversar, estive tão ocupada em meus problemas, no acidente do João, que mal me dei conta do mundo que deixei aqui fora.

Porém, um pouco contente, porque ao menos, tive o prazer de ter um jantar maravilhosos ao lado de pessoas tão agradáveis, eu só não

entendi uma coisa...

— O senhor disse que o Hans Júnior iria jantar conosco—digo, enquanto o elevador desce.—, mas ele não compareceu ao jantar.

— Pois é, sabe-se lá o que deu nele não é mesmo?—questiona o senhor Thurman mexendo no celular.

Dou de ombros.

— Podemos continuar nossa conversa sobre garotas mais jovens?

— São 23:50, o senhor acha que eu tenho tempo para ficar ouvindo suas justificativas sem fundamento?

— Sinceramente, me acusar de tal coisa, é algo muito grave!

— Eu não me lembro de ter usado palavras de acusação.

— Nem precisou.

— Eu não tenho nada a ver com a vida do senhor.

— Se não tivesse, não ficaria me vigiando, me julgando por algo que não viu.

Minhas bochechas queimam, e fico, de fato constrangida com as palavras do patrão, porque sei, que as vezes meu senso de justiça fala muito mais

alto do que qualquer senso.

— A moça deixou o cartão cair, confesso que fiquei tentado, mas eu não fico com garotas tão jovens.

Fico... Fico... Ele parece a minha prima Felícia de 14 anos, que desde os 12 vive falando que “fica” com um amigo dela da escola.

Sério?

— E também, para sair comigo tem que obedecer uma série de regras.

— Me deixe ver—bato com o indicador no queixo.— Branca, cabelos lisos na altura da cintura, olhos claros, uns 50 quilos, 1,70 de altura no mínimo, bem vestida, maquiada, ah, e eu já disse branca e magra?

Kalel fica surpreso com a minha constatação, os olhos azuis pairam sobre mim, cruzo os braços muito calma.

— Se a pergunta é: “você sairia comigo senhor Thurman?” a resposta é Não!—fala ele enfático e guarda o celular no bolso.

— A afirmação para essa resposta é “Ainda Bem Senhor Thurman” —digo tranquilamente e as portas do elevador se abrem.— Boa noite, e, na próxima, venha menos formal, o senhor Hans não

gosta de homens que parecem vir para um funeral.

Me afasto, sorrio, mas por dentro, sinto um tipo de desgosto estranho, porque a afirmação, me faz chegar a uma constatação estranha sobre mim, ou que talvez, eu nunca tenha me dado conta.

Não sou bonita o suficiente para o meu marido me querer, me desejar, nem atraente o suficiente para qualquer outro homem na face da terra ao menos me notar.



— Mamãe!

Clara não quer mais ninguém.

Infeliz ou Felizmente, ganhei uma folga generosa do senhor ***“não sairia com você”***, recebi a ligação as 06:00 da manhã do dia seguinte, só que a Clara, nesse dia acordou com mais de 30 graus de febre, e eu e o João tivemos que correr com ela para o hospital.

Liguei para Socorro, avisei que não iria no dia seguinte, sei que ela não gostou porém, ela disse que “se virava” lá no escritório para ninguém perceber que faltei, por fim, hoje é sábado, e faltei mais uma vez no meu novo emprego.

A Clara ficou internada, quinta e sexta com

suspeita de dengue, dengue é uma praga, contudo, foi descartado, graças a Deus, ela está bem agora, ele estava com uma virose, tive que por fraude descartável, comprar soro, e alguns remédios eu peguei na farmácia do hospital, como sou recém-contratada não posso usar ainda o convênio.

O João insistiu para que eu fosse trabalhar, mas eu não conseguia, via minha filha frágil numa cama de hospital, e meu coração ficava pequeno, ele ficou com ela para eu vir em casa tomar banho, pegar roupas para ela, infelizmente, o sistema de saúde não é dos melhores, e anda muito mal das pernas.

Ela ganhou alta ontem à noite quando a febre enfim havia cessado, o João ficou em casa, ela só queria ficar comigo, quando fica doentinha, não quer saber do pai, por mais que ele tenha jeito com ela, quando ela fica doente, só quer saber do meu colo.

Ela me abraça, o João beija a cabecinha dela, tem olhos castanhos como os do pai, cabelos lisos como os dele e encaracolados nas pontas, nariz pequeno como o da avó paterna, Eliz Valéria, e bochechas grandes como as da minha cunhada Ana Paula.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu pensei que sabia o que era amar alguém, até ter a Clara nos meus braços, ela é o meu pedaço na terra, eu a amo e fico super preocupada quando ela adocece, nesse sentido, o pai dela é mais forte, ele quem leva ela para vacinar, nunca levo, fico com dó quando ela chora.

Ela chora de um lado, e eu choro do outro.

— Está chateada?

— Acho que vão me demitir.

Ele me olha, estende a mão e toca a minha face com tanto carinho que não consigo sentir medo.

— Eles não farão isso, você já no primeiro dia fechou um grande negócio para a empresa amor.

— Você sabe que atestado não abona competência certo?

Ele sorri, a profissão é ingrata, não tem jeito, ainda mais nesse meio que todo mundo quer ter tudo e não quer que ninguém tenha nada, bem, talvez não todos, mas existe muita gente baixa nesse meio.

— Eu posso imaginar amor, mas a sua competência se sobrepõe a qualquer obstáculo.

— A sua também.

PERIGOSAS ACHERON

— Éramos ótimos juntos não é mesmo?

— Somos!

Ele sorri, escuto o som do interfone, ele pega a Clara, ela ainda está meio mole, dormiu conosco, quando eu cheguei com ela, o João me esperava na portaria, gastamos absurdos com táxi e Uber, mas é algo do qual não tenho um pinga de dó, é a minha filha, farei tudo por ela.

O interfone toca mais uma vez, corro até a cozinha, atendo.

— Fala Paulão!

Paulão é o porteiro do dia, ele é mais gente fina do que a Teresa, ela é a porteira da noite, ela é apática e vive com cara de quem comeu e não gostou.

— Tem uma encomenda para a senhora, é da dona... Socorro do Rosário!

Socorro me mandou uma encomenda?

— O que é?

— Flores.

— Ah.

Que gentil.

— Já desço.

— Sim senhora!

Eu mandei mensagem para ela tarde da

noite falando da dengue da Clara, é muito gentil da parte dela enviar flores, desço sem pressa, confesso, bem cansada desses dias em casa, entro na recepção e dou de cara com um imenso buquê de flores brancas, sorrio de ponta a ponta para Teresa, depois pego e retorno as escadas, toda sorridente, as flores estão num vaso muito bonito, e tem um envelope de cor azul-escuro .

Entro no meu apartamento, fecho a porta, coloco o arranjo sob a mesa da cozinha e abro o envelope super grata a socorro pelas flores.

Abro o cartão, e leio.

“Espero que melhore da dengue. Quando eu retornar dos Estados Unidos, nos vemos, tire mais sete dias para se cuidar, soube que está doença é terrível, com desafeto, Kalel Thurman”

P S. Sua amiga não quis me passar seu endereço, então ela enviou as flores.

Analiso o cartão e releio mais uma vez, a letra é feia e toda torta, parecendo um garrancho, mas é óbvia a intenção de Kalel Thurman em me desejar melhoras, suspiro, analiso o buquê, meu único consolo é que a Socorro quem as escolheu, e que terei mais uma semana para cuidar em período integral da Clara.

— Pelo ou menos eu não fui demitida.



— Amor...

— Hum...

— Você me acha atraente?

João me olha e me olha, e depois de alguns instantes, estende a mão e me puxa, sorrio, subo em cima dele, toco sua face, os lábios dele são vermelhos carmim, a boca desenhada, ele não fez a barba essa semana, está crescendo, o João é lindo.

— É o comercial de perfume de novo?

Começo a rir, eu e o João somos muito críticos nesse sentido, eu nunca fui num todo magra, depois que engravidei engordei bastante, e essa história de que existe mulher que não tem estria e celulite, mais parece lenda urbana, eu sempre fico balançada quando me lembro da ex dele, eles namoraram por alguns anos, ela ainda é uma garota rica e loira, de boa família, nos conhecemos quando eles terminaram na época da faculdade, acho que nunca entrei em nenhum padrão, nem nunca vou entrar.

— Não, não foi—digo sincera.— É que eu fico pensando... Será que ele ainda me acha bonita

mesmo depois dos 30?

— Amor, você é linda de qualquer jeito.

Ele é tão fofo.

Suspiro, me inclino e o beijo, ele me aperta com força, clara está brincando no tapete com suas bonecas, o nariz ainda escorre, mas durante a semana, ela foi melhorando, está tomando uns antibióticos, estamos fazendo inalação.

— Foi muita gentileza da Socorro te dar esses dias de folga.

Socorro é a minha superior imediata, eu também acho que no fundo, no fundo, foi ela quem conversou com o senhor Thurman e pediu minha folga, porque ela sabia que eu precisaria desses dias com a Clara, e porque ela sabe, que tenho muitos problemas em relação a isso.

Entre a saúde e bem-estar da minha família e o emprego, eu sempre priorizo a saúde, o resto, vamos conseguindo devagar.

— Foi mesmo—digo e me lembro de Kalel Thurman.— O senhor Thurman quem me concedeu a folga, acho que se sente grato por eu ter conseguido fechar o negócio com o senhor Hans.

Mesmo que não admita é claro.

— Duvido que ele ache alguém mais

PERIGOSAS NACIONAIS

esperta e competente que você para cuidar dos negócios dele.

— O senhor Hans foi muito gentil durante o jantar, perguntou sobre a Clara e sobre você.

— É mesmo, você não me disse como foi o jantar.

Foi tanto sufoco com a Clara no hospital que nem me lembrei, essa semana foi correria, tive que ir no banco pagar umas contas, o João teve que ir ao médico, para uma consulta regular, e eu mais fiquei com a Clara que tudo.

— Falamos sobre política, economia, qualquer coisa menos negócios, o senhor Hans é bem família sabe?

— Com um carisma igual ao seu , duvido que qualquer velhinho resista, você não pode ver um velho.

Amo falar sobre a segunda guerra mundial, sobre os sufrágios do comunismo e socialismo, esses assuntos que a maioria das mulheres não querem saber, por isso, pessoas mais velhas gostam de conversar comigo.

— É verdade.

Ele me olha, toca a minha face com carinho.

— Falei com o médico sobre o meu

PERIGOSAS ACHERON

problema.

— Ah.

Não sabia disso, pensei que era uma consulta de rotina, não sei o que falar, nem sei porque não desconfiei, que depois da nossa conversa, ele procuraria um médico para falar sobre a questão em si.

— Ele me passou um remédio e disse para eu fazer exercícios, uma nova dieta, falou que isso está ligado ao meu psicológico.

— É compreensível...

— Sei que você já está a um tempo esperando que eu volte ao normal, e isso está afetando o nosso casamento, por isso quero adquirir novos hábitos, quero estar bem, que nosso casamento fique bem.

— Eu também quero.

— Vamos tentar?

Concordo, eu o beijo, sua boca me toma com um beijo mais lascivo, fico sem fôlego.

— Não é que eu não queira, eu só não consigo desprender sabe? Do acidente... Tudo o que eu era...

— Amor, não importa, você está aqui, isso sim é importante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A que custo? Sem trabalhar, dependendo de você para tudo...

— Isso não é verdade, você tem aprendido a se virar sozinho amor, você está evoluindo, mas tudo requer tempo.

— Estou cansado de esperar.

— Se tiver um pouco de calma, tudo irá se resolver.

João me olha, incerto, sei que ele tem muito medo do nosso futuro, até alguns anos atrás tínhamos tudo, dinheiro, uma vida confortável, clientes, nosso escritório, agora tudo o que temos, é um ao outro e nossa filha.

— Tenha calma, tudo dará certo meu amor.

— Espero que sim querida.

Eu tenho fé que sim!



Na segunda eu voltei para a empresa, entreguei o atestado da Clara para a Socorro, porém ela apenas fez cara feia e depois me abraçou, sei que ela não desconfia de mim, e então, estava começando a aprender mais sobre o trabalho na terça, na quarta me via saindo para almoçar com a Socorro e discutindo sobre alguns casos, na quinta,

PERIGOSAS ACHERON

eu almocei com ela ouvindo seus murmúrios sobre um cara com quem saiu no fim de semana, e na sexta, eu estava mais engajada em melhorar meu desempenho na empresa.

Aos poucos, os dias foram passando e fui percebendo que o quão excelente foi a minha escolha em vir para a Thurman Real Estate Developments. Então os dias foram se passando e se passando, e sem que eu percebesse, estava colocando em minha mesa, um vasinho de plantas minúsculo com um cactus, trouxe um porta lápis, bloquinhos com papel, e aprendi a andar pela empresa por esses dias.

Recebi meu primeiro salário ontem, estava grata e sorridente ao sacar boa parte dele no banco, até pedimos uma pizza para comemorar, os olhinhos da Clara brilhavam de felicidade quando o entregador chegou.

Descobri onde fica todos os setores enquanto levava relatórios para serem distribuídos, eu também percebi que as pessoas do meu departamento, estavam mais gentis comigo, acho que estão se acostumando aos poucos com a minha presença.

Os dias na minha casa vem melhorando, o

PERIGOSAS NACIONAIS

João está procurando um lugar para fazer natação de graça, a Clara melhorou da gripe, e estamos caminhando devagar em relação ao nosso casamento.

Muitas vezes a noite, ficamos como sempre abraçados, mas ele se empenha mais, nos beijamos, trocamos mais carinhos, ele anda me tocando mais, percebo que dele está mesmo empenhado em querer viver comigo uma vida conjugal perto do que podemos chamar de “*normal*”.

Mamãe nos visitou neste último fim de semana, Dona Maria Helena Meireles Domingues juntamente de papai, Senhor José Carlos de Sena Domingues meus sogros vieram jantar conosco, eu via no semblante da dona Elis Valéria, minha sogra, de insatisfação pelo apartamento estar um pouco fora de ordem, Benício meu sogro, não pareceu notar, ele não é apego a isso.

Suspiro, mexo na minha sala, decidi fazer uma dieta, mas a infeliz não me deixa comer doces, eu nem sei como estou conseguindo ficar só na salada e frango grelhado a cinco dias, porém, agora que o João está começando a tentar melhorar por nós, eu também quero me sentir melhor para nosso casamento.

PERIGOSAS ACHERON

Quero que ele se sinta mais atraído por mim, que me deseje, como era quando nos casamos, eu e ele adorávamos tanto o corpo um do outro, ele me elogiava mais, quero poder perder uns quilinhos para estimular sua forma de me ver, para que possamos ter nosso casamento de volta.

Eu o amo tanto...

—Senhorita Carvalho, que prazer vê-la por aqui.

Fico um pouco sem reação, e logo em seguida, quando o senhor Thurman se senta ao meu lado na mesa do refeitório, começo a querer rir, ele carrega uma bandeja com bastante salada, ovos cozidos e batata-doce cozida, faz mais de trinta dias que não vejo a peça.

— Não posso dizer o mesmo senhor Thurman.—digo na defensiva.

— É bom revê-la—diz Kalel educadamente.
— E seria muito educado se ao menos me olhasse na cara.

Suspiro, enfio um bocado de alface na boca, depois me viro para ele mastigando, Kalel Thurman está sorrindo, dentinhos retos, bonitos, os dentes de cima são maiores, mas perfeitos, ele tem covinhas nos cantos das bochechas quando sorri, é

impressionante o jeito como isso parece simples, mas que ao mesmo tempo não é.

— É bom revê-la.—ele fala baixinho, novamente.

Continuo a mastigar meu alface, meu coração fica acelerando, olho para o meu prato de salada e continuo a comer, hoje a Socorro teve que ir ao shopping na hora de almoço, ela precisava comprar uma roupa para ela ir a um jantar na OAB, como sempre, fazendo parte de tudo o que deixei para trás a um tempo, mas não invejo, eu não me sinto mal com as minhas escolhas, por mais que fique pensando nelas sempre.

— E como foram esses dias sem mim?

— Ótimos!—exclamo sincera.

Kalel sorri, depois pega os talheres e começa a comer, olho envolta, porque todos os advogados da empresa que estão aqui nos olham, eu costumo sentar nessa mesa com a Socorro todos os dias no horário de almoço, quando saímos para almoçar fora, ela sempre se oferece para pagar, porém, nunca senti como se chamasse tanta atenção quanto agora.

— Não posso dizer o mesmo dos meus dias em Nevada—ele diz muito tranquilo e bebe um

pouco do suco que trouxe.— Você conquistou mesmo o Hans, o filho dele telefonou várias vezes questionando sobre você visitá-lo na Alemanha.

— Sonho de consumo—suspiro de novo.— Bem queria ter dinheiro, eu acabei esquecendo completamente de onde enfiei o cartão dele.

— Eu tenho o número dele, se quiser, posso te passar.

Eu o encaro, ele parece tão... Tão... Cansado.

— Tá bonzinho demais para o meu gosto— digo e fatio meu frango desgraçado.— Alguma menina de 17 anos que te deu um fora?

— É que eu vim direto para a empresa, foram muitas horas de voo, não tive muito tempo de descansar—Kalel Thurman coça a barba.— Está vendo isso aqui? Nem fiz, vim direto te ver, você sabe, para levar uns sermões sobre garotas mais novas.

Sorrio, mastigo o frango, não acredito que tenha sido por isso, Kalel Thurman come sua comida em silêncio, cabelos úmidos e penteados para trás, terno impecável e gravata de cor azul escura...

— Sua gravata está torta—aviso e estendo

as mãos.— Espera aí que eu arrumo para o senhor.

— Ah.

Ele se endireita, puxo a gravata para fora do terno e rapidamente refaço o nó, arrumo a gola, Kalel Thurman tem um pescoço grosso, e precisa mesmo fazer a barba, observo o queixo quadrado, ele sorri enquanto término de dar o nó em sua gravata.

— O que foi?—pergunto arrumando o tecido.

— É que você está mordendo a língua— responde ele.— Gostou das flores?

— Muito gentil, eu até queimei o bilhetezinho carinhoso que o senhor me enviou—me afasto e tento ocupar as minhas mãos, nem sei porque eu fiz isso, eu deveria ter feito?— Me desculpe, eu não queria ser invasiva senhor Thurman.

Afinal, ele é o dono da empresa.

— Você não é—esclarece ele.— Pensei em jantarmos hoje, o que acha?

Jantar?

— Eu... Ah... Bom... É...

— Não seria um encontro, não se preocupe, eu só queria colocar os assuntos em dia, compartilhar com você as infelicidades das minhas

viagens, chega uma hora que um milionário importante precisa de uma amiga para desabafar.

Kalel Thurman querendo ser meu amigo?

— Eu não posso—digo sincera.— Tenho afazeres a noite, mas veja pelo lado positivo, já estamos aqui, almoçando.

— Ainda chateada pelo que lhe falei?

— Ah, porque o senhor disse que nunca, em nenhuma hipótese sairia comigo?

— Não foi bem isso...

— Eu não guardo mágoa, nem rancor, eu até comecei uma dieta, veja, frango desgraçado com salada com gosto de isopor.

Ele sorri, de certa forma espontaneamente.

— Está fazendo dieta para ficar mais atraente para mim? Nos conhecemos só a um mês!

— Quero estar nos padrões da empresa— respondo.— E também, eu preciso mesmo emagrecer, ser gorda é uma desgraça.

— Ah.

Tento sorrir, parece que sempre que ele está por perto, eu saio falando coisas das quais não devo, não posso, porque sei que estamos numa empresa, e pior, a empresa é dele, então, eu deveria ser mais formal possível, e eu estou longe de dar

um tratamento formal ao senhor Thurman, as coisas não podem ser assim.

— Não precisa fazer dieta Senhorita Carvalho.—ele diz, discretamente.

— Não é por causa do que o senhor disse.

— Nem precisa se justificar por isso.

Fico envergonhada, me levanto, não sei o que dizer.

— Com licença senhor Thurman.

— Mas, eu acabei de chegar...

— Tenho que ir a... a... *“lotérica”*!

Saio do banco, levo a bandeja até o local e jogo o resto da comida fora, nervosa, hesitante, e sem saber ao certo o porquê disso.

De todas as formas, acho melhor manter distância dele.

É o que eu farei!



— O senhor mandou me chamar?

— Sim, por favor, sente-se!

Me aproximo da mesa.

Faz cinco exatos dias que eu não vejo o senhor Thurman, eu tenho evitado ele igual o diabo foge da cruz, não me sinto confortável nem bem

perto dele, eu não sei bem como me sinto, mas com certeza a solução é manter distância, acredito que foi muito rápida a forma como as coisas entre nós dois ficaram pessoais.

— Eu não ando tendo muito tempo desde que cheguei—ele fala analisando alguns papéis.— Nem você... Certo?

— É—digo já sentada.

— Eu pedi algumas vezes para a sua superiora informar que a queria na minha sala, mas em nenhuma das vezes você estava na sua mesa—Kalel fala e pega a próxima pasta, ele parece neutro.— Porém, não foi isso o que a minha secretária disse.

— O senhor mandou a sua secretária me espionar?—pergunto incrédula.

— Claro, você e todo o seu setor, quando eu chamo alguém a minha sala, espero ser atendido imediatamente, porque acha que eu a chamaria aqui se não por trabalho?

Nossa!

— Bem, eu estava... estava...

— Me evitando senhorita Carvalho—ele diz secamente.— Acha mesmo que eu estava flertando com a senhorita? Eu estava sendo apenas gentil,

querer e precisar são duas coisas diferentes.

Não sei o que falar.

Por dentro só me sinto idiota, e por fora, estou absolutamente envergonhada.

— Lamento informá-la, mas eu não misturo as coisas, a segunda coisa que precisa saber é que eu só estava sendo gentil com a senhorita...

— Eu já entendi senhor Thurman—digo angustiada.— O senhor não precisa falar neste tom comigo, eu não interpretei nada do que o senhor disse de forma diferente.

— Então não vejo porque me evitar.— retruca ele ainda áspero.

— Eu estava muito ocupada—digo sincera.— Eu estava no meu posto trabalhando, é para isto que o senhor me paga certo?

— Eu precisava da senhorita aqui...

— Eu não sou paga para que o senhor precise de mim em sua sala—me levanto, magoada, mas engulo.— Com licença.

—Senhorita Carvalho eu ainda não acabei com a senhorita...

— Pois eu acabei com o senhor, com licença.

Não vejo necessidade de tal grosseria, nem

de que o senhor Thurman me trate assim, ok, eu evitei sim vir aqui, me equivoquei, mas não precisava me tratar como se eu fosse uma completa idiota, porque eu não sou.

Me afasto até a porta depressa, limpo as faces com força, acredito que tenha sido um erro vir até aqui, e que depois disso eu não posso continuar a trabalhar na empresa, não me submetendo a essa forma grosseira do dono me tratar.

Um mês que foi super produtivo e bom sem ele, e em menos de cinco dias, ele retorna e arruína meu dia de trabalho.

Seguro a maçaneta da porta, e quando a puxo, sinto uma mão fria e grande pousando sobre o meu pulso, paraliso, ergo o olhar, e o fíto em silêncio, Kalel Thurman me olha duramente.

— Não faça isso—ele ordena num fio de voz.— Por favor.

Solto meu pulso de sua mão, sinto arrepios, toco a maçaneta da porta com a outra mão e faço menção de puxar, e novamente ele toca meu pulso, com firmeza, e assim do nada, me puxa pelo pulso, meu coração dispara e vou para frente involuntariamente, devido ao puxão, meu corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

todo vai para o rumo dele, então Kalel Thurman me segura pela cintura com muita facilidade, com um braço, ele segura a minha outra mão, respiro com dificuldade.

— Não faça isso—alerta ele devagar.—
Fica aqui... Comigo... Por favor!

— Eu não posso.—digo desnorteada.

— Porque não?—pergunta ele duramente.

— Eu não posso.—repito e consigo me mover.

Me afasto e saio depressa da sala, minhas pernas parecem pesar toneladas, meu coração está aos pulos, e as lágrimas são inevitáveis.

Eu não posso continuar aqui, eu não vou continuar aqui.

Isso nem começou, nem sei o que é isso, mas acaba hoje.

PERIGOSAS ACHERON



— Dia ruim?

— Eu... me demiti.

João me olha, e me olha, e fico tentando pensar em alguma desculpa muito boa para dar para ele, só sinto vontade de chorar, porque ao mesmo tempo que estou decepcionada, me sinto tão tola por conta de tudo.

Acho que estava confusa demais para pensar direito, eu só queria que as coisas houvessem sido diferentes hoje, mas estar naquela empresa não me fará bem, não sei como lidar com o chefe, ele é uma pessoa difícil, eu também, então, muito antes que *“isso sei lá o que”* começasse a ficar pior do que já está, eu passei no RH e me demiti.

Foi a pior ideia que poderia ter me surgido, porém, a melhor coisa que eu pude fazer hoje por mim, por meu casamento.

— Aconteceu algo amor?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, eu discuti com o senhor Thurman e percebi que a empresa não é bem o que eu pensei.

— Conversou com a Socorro?

— Ela estava numa reunião, mas vou ligar para ela.

Oficialmente desempregada.

Totalmente fudida.

Basicamente mal paga.

— Você não parece bem...

— João, o senhor Thurman ele... é um homem muito difícil, e eu, não sei como lidar com ele, quero que saiba que eu sai da empresa porque eu quis, e que sei que as coisas aqui em casa estão bem apertadas, mas vou dar um jeito de conseguir fazer uns bicos...

— Ei, ei, calma, respira!

Ele se aproxima, deixo a bolsa no sofá e vou ao seu encontro, explodindo por dentro, me sento em seu colo e quando ele me abraça, meu mundo parece desmoronar mais uma vez, estou tão confusa, incerta, mas principalmente magoada com todas as coisas que ouvi hoje do senhor Thurman, desde os insultos até o pedido dele, se é que posso considerar aquilo um pedido.

— Fica calma bebê.

PERIGOSAS ACHERON

Queria muito que tudo houvesse sido diferente, porque eu não foi só mais uma no meio de tantos? Não bastaria que ele me agradecesse e fingisse que eu não existo? Parece que aquele homem não tem alma, tenho certeza que fez tudo isso só para zombar de mim, me ridicularizar, porque eu não sou atraente, nem bonita como a maioria das funcionárias da empresa.

Sem falar que não precisava nem disso...

Fico agarrada ao João por minutos, choro em silêncio deixando a dor ir, sair de dentro do meu peito, acho que me assustei demais com o comportamento do senhor Thurman, eu também não faço ideia do porque eu fiquei evitando ele.

O que será que passou pela minha cabeça? Acho que confundi tudo.

Estou mesmo confusa.

— Vamos dar um jeito querida, sempre damos um jeito.

Eu o aperto, meu porto seguro, alguém que sempre me apoia em tudo, independente das minhas decisões, e eu o amo tanto por isso, não sei o que seria da minha vida sem o João Gabriel.

— Eu falo com os meus pais...

— Eu vou dar um jeito amor, calma, se não

PERIGOSAS NACIONAIS

deu certo, é porque Deus não permite, porque não toma um banho e vem jantar? Fiz maionese e torradas.

— Você é um marido super aplicado.

Reconheço os esforços do meu marido para me agradar, ele é tão bonzinho quando quer.

— Vai lá amor.

Me ergo, olho envolta, nosso canto meio bagunçado, quando eu estou fora, a Clara faz a festa.

— Ela está brincando de bonecas no quarto dela, estamos te esperando para o jantar.

— Tá, eu não demoro.

Respiro fundo, o João segura a minha mão e me olha em silêncio, apenas assim, consigo compreender seu olhar, ele me acalma. Ele sorri e me puxa, aspiro o cheiro de shampoo em seus cabelos, beijo o cantinho de seu pescoço e enquanto seus braços me apertam, estou um pouco mais leve.

— Vamos tentar outras coisas meu amor.

— Sim.

Nos beijamos, me afasto com esforço, dá vontade de continuar chorando, mas pego a minha bolsa vou para o nosso quarto, talvez quem sabe depois de um banho, eu melhore um pouco mais,

PERIGOSAS ACHERON

não quero que a Clara me veja assim.

Tiro as minhas roupas, depois a calcinha, vou para o banheiro e escuto o som do vibrador do celular, retorno ao quarto, pego o celular na minha bolsa, contudo, não consigo identificar o número.

Aposto que é do banco, cobrança...

— Alô.

— Porque se demitiu?

Congelo.

Fico dura onde estou, meu coração começa a disparar com a adrenalina causada pela voz cheia de acusações, contudo, meu corpo, se quer consegue se mover um milímetro .

—Fernanda—chama a voz dura e distorcida do outro lado da linha.— Eu estou falando com você!

Ele nunca me chamou de Fernanda, e já na primeira vez, é tão rude que dou um pulo, me assusto, e me irrita com a forma insensível desse homem.

— Isso não é da conta do senhor—reajo.— Este telefone é de uso particular, não me ligue mais.

— Ouça...

— Me deixe em paz senhor Thurman, eu já

PERIGOSAS NACIONAIS

me demiti, não sou mais sua funcionária.

— Eu quero conversar com você.

— Não tenho o que conversar com o senhor.

— Pois eu digo que tem, estou esperando aqui na portaria do seu prédio, acho bom que desça logo, ou do contrário, eu subo.

—Que?

Ele desliga a ligação.

Tento respirar fundo, e de novo, e mais uma vez, olho envolta e sou tomada por um pânico incomum, porque seja como for, eu não quero esse homem perto de mim, em nenhum sentido.

O que ele faz aqui? Ele enlouqueceu?

Coloco um jeans e uma blusa qualquer, saio do quarto com o celular na mão, o João está na cozinha esquentando o jantar, ele me olha meio confuso.

—Encomenda.—minto e me sinto mal por isso.

— Não ouvi o interfone—João dá de ombros.

— Eu estou no grupo do condomínio, já volto amor.

—Tá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bem, isso não é mentira, eu estou mesmo no grupo do condomínio.

Respiro fundo, desço as escadas, minhas mãos ficam soando enquanto espero, e tento respirar fundo, cruzo os braços, eles parecem de repente pesados, e as minhas pernas, estão moles também, quando eu fico muito nervosa, as coisas não funcionam bem no meu organismo, eu fico tão esquisita.

No dia do meu casamento, eu quase derreti toda a maquiagem.

Respiro fundo e de novo, e mais uma vez enquanto desço os degraus das escadas, e parece que demora uma eternidade até que eu chegue a recepção, logo que chego no local, meu coração volta a bater mais forte.

Kalel Thurman está em pé, diante do balcão da portaria, usa o terno impecável, sapatos que reluzem, os cabelos penteados para trás, mas ele não usa o mesmo terno que usava mais cedo, me aproximo, a moça que fica na portaria está olhando para ele como se nunca houvesse visto um homem na vida, estou tão nervosa, que nem lembro do nome dela.

— Oi.—digo nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kalel Thurman se vira, ele segura um pequeno buquê de flores cor-de-rosa , fico mais uma vez paralisada com o olhar dele sob mim, chego a ficar trêmula, ele me olha de cima abaixo com certo espanto.

— Boa noite senhorita Carvalho.—ele diz cordial.

— Melhor... Não...—tento escolher as palavras, porém não sei o que dizer.

— Eu vim para conversar, podemos ao menos?—questiona muito sério.

Olho para a moça da portaria, tento sorrir, mas não funciona.

— É o meu patrão.—digo em português.

— Eu não entendi nadinha do que ele falou, mas que é bonito, ele é Dona Fernanda.

Nunca vi ela sorrindo na vida.

— Melhor irmos lá para fora—aviso olhando envolta.— Vamos senhor Thurman, podemos conversar ali fora.

— Meu carro está estacionado ali fora—ele avisa.— Tenho um motorista.

— Então vamos para o seu carro.— concordo e vou andando na frente.

Não sei o que fazer, nem o que falar, como

PERIGOSAS ACHERON

agir, estou tão... Tão... Porque eu estou tão nervosa?

O portão se abre e saímos, o senhor Thurman indica um carro preto estacionado na calçada, tem um homem dentro, ele também usa terno, abro a porta do carro sem fazer cerimônia, e entro, me sento no banco de trás, ele entra logo em seguida.

— Trouxe flores—ele diz, porém apenas, educado demais.— Para você, claro.

— Obrigada—pego o buquê.— Não precisava ter se dado ao trabalho senhor Thurman.

— Eu quero me desculpar por meu comportamento—ele alega.— Eu não deveria ter falado daquela forma com você, foi muito pouco profissional da minha parte.

— Tudo bem.

Olho para as flores, eu realmente não sei o que falar, tenho que dizer algo? Isso não vai mudar nada, o que posso fazer é seguir com a minha vida, com ou sem emprego, nada vai mudar.

— Sua amiga não queria me passar seu endereço, eu tive que descobrir com o pessoal do RH.

— Eu achei melhor me demitir mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor Thurman, não me adaptei a empresa.

— Não faz nem um mês que está lá direito, e olhe para mim Fernanda.

— Eu acho melhor não—digo constrangida.
— O senhor não precisa se sentir culpado, eu mesma tenho um gênio muito difícil, reconheço que tenho parte em não ter dado certo no emprego, ando tendo problemas com saúde.

— Se houver algo que eu possa fazer por você...

— Não há, e não precisa, eu peço desculpas também por meu comportamento.

— Eu gostaria que reconsiderasse, você é uma excelente profissional.

— Infelizmente, eu não posso.

— Porque não?

Ergo o olhar, e as palavras estão na ponta da língua, mas Kalel Thurman me encara, não disposto a aceitar minha recusa, seja ela qual for.

— Vai adiantar que eu fale?

— Na realidade não.

— Isso quer dizer que o senhor veio aqui disposto a me contratar de volta?

— Pensei que já houvesse percebido isso.

— Eu não posso, e sinto muito por tudo

PERIGOSAS ACHERON

mesmo senhor Thurman.

— Porque?

— Por opção, escolha.

— Eu dobro seu salário.

— Não é pelo salário, não dou certo para trabalhar com alguém como o senhor.

— Porque?

Esses porquês estão começando a me irritar.

— Porque somos iguais senhor Thurman.

— Definitivamente não somos iguais.

— Somos sim, somos ignorantes, falamos a verdade um na cara do outro e batemos muito de frente, eu tenho uma personalidade muito forte.

— Aprendi a gostar disso em você, e também, nos veríamos só de 3 em 3 meses.

— Sei.

— Você é tão convencida para achar que eu estou vindo ao Brasil só por sua causa?

— Está vendo? O senhor está... Está...

— Eu estou!—exclama ele num berro nervoso.— Eu vim porque queria te ver.

Engulo a seco, Kalel Thurman desvia o olhar para o lado, ele não me encara nos olhos.

— Poderia ser só uma noite, eu não me importaria, preciso muito aliviar essa tensão sexual

PERIGOSAS NACIONAIS

que sinto em relação a você.

Fico boquiaberta.

— E aliás, você tem pés muito bonitos.

Olho para as minhas unhas, dá vontade de esconder meus pés em algum lugar desse carro, eu acabei esquecendo completamente de calçar as chinelas.

— Pode ser no seu apartamento, ou no meu, o que você preferir.

— Não.—digo enérgica.

— Porque eu pensei que você diria sim? Você é tão orgulhosa!

— Igualmente, mas o senhor, é mesmo um convencido.

— Só falta me dizer que é virgem.

— Não, eu não sou.

Jogo as flores nele, tamanha minha indignação, abro a porta do carro furiosa, então saio do carro e vou correndo para o passeio, contudo, antes que eu chegue a entrada do portão, sinto a mão quente segurar meu pulso, meu corpo todo se arrepia, Kalel me puxa pelo pulso e me empurra para a lateral da guarita, arfo, minhas costas tocam a parede fria do local, fico sem ar quando ele encosta o corpo no meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não costumo ter trabalho para levar quem eu quero para a cama, e com você, não vai ser diferente, entendeu?

— Acontece que do senhor, eu quero distância...

— Não minta Fernanda—ele diz meu nome cheio de sotaque e me fita pressionando o corpo contra o meu.— Você quer.

— Acha que se eu não quisesse eu não teria alguma iniciativa?—replico— É muito machista da sua parte, chegar assim, e me assediar dessa forma.

— Não estou te assediando...

— Ah não, imagina.

Ele me solta, e se afasta todo sério, arrumo minha blusa no corpo.

— Me desculpe então senhorita Carvalho, acho que me equivoquei.

— Sim, sem dúvidas.—digo recuperando o ar, ignorando as sensações do meu corpo.

Ele recua mais um passo e outro, me afasto, depressa, então toco o interfone, e meu coração fica pulando quando entro no prédio.

— Tudo certo dona Fernanda?

— Tudo.

Tremo, meu coração pula, mas tento afastar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as sensações, o máximo que posso.

Acho que agora, as coisas estão enfim resolvidas.

Ponto final.

PERIGOSAS ACHERON



— Amorrrr! Cheguei!

Deixo as sacolas em cima da mesa da cozinha, saí para uma entrevista, quando enfim acabou, já passava das 18:00, já são 20:32, as coisas parecem começar a caminhar agora, mesmo que ainda tenha um pouco de dificuldade em relação aos horários de trabalho, acredito que dessa vez vai dar certo.

Nas duas últimas semanas, entrevistas foram o que não me faltaram, mamãe e papai ligaram para algumas pessoas, por mais que me negasse, ambos estava me indicando, o João engoliu o orgulho um dia depois que me demiti, e ligou para eles para pedir ajuda.

Estou dando o meu melhor.

Claro que não é como trabalhar na Thurman Real Estate Developments, e mesmo que o salário seja mais baixo, acredito que será o melhor para PERIGOSAS ACHERON

mim.

Socorro me telefonou várias vezes, porém, decidi trocar de número, ainda estou com o pé atrás desde a visita inusitada do senhor Thurman, mesmo que eu saiba, que eu nunca mais o verei...

— Oi amor—João fala entrando na cozinha, ele sorri.

Tento sorrir, me inclino e o beijo, toco sua face, no final das contas, o que importa é o meu casamento, minha família, farei o possível e o impossível para que tudo dê certo, porque o João e a Clara são tudo o que tenho.

Por mais que as vezes me pegue pensando na única chance que tive de ganhar bem na vida, de voltar a ter uma boa carreira e um salário melhor, não quero me arrepender de ter saído da empresa.

Não queria parecer ingrata, porém, não sabia se de fato, a Socorro me ligava por si própria ou por conta do doido do senhor Thurman, prefiro esperar um pouco mais para procurá-la e conversarmos, explicar o que houve.

— Amor, temos visitas—João sussurra entre o beijo.— Acho que as coisas vão melhorar agora, vá a sala, tenho certeza de que tudo melhorará em nossas vidas.

— É mesmo?—questiono e me ergo.— É a mamãe?

Ele fecha a cara.

— Vou fazer café, já sirvo, vai lá, a Clarinha está lá.

— Tá.

Arrumo o terninho no corpo e recoloco os sapatos nos pés, eles doem, andar de metrô com salto é um saco, ser mulher as vezes é muito complicado, vou para a sala olhando para o rumo da tv, Clara brinca com sua boneca, ainda usa o uniforme da creche, os cabelos presos por duas maria chiquinhas, os olhos vivos e redondos.

— Mamãe!—exclama ela sorridente e ergue os braços para mim.

Sorrio, me abaixo e a pego para mim, sinto seu abraço, eu a cheiro, meu coração se enche dessas sensações boas, elas se espalham pelo meu corpo e sorrio, de novo, e de novo, me levanto, me viro para mamãe.

— Oi mamãe, como foi o di...

E engulo a outra palavra, fico dura, e o sorriso desaparece, então, logo percebo o olhar intenso a mim lançado, ele está cheio de raiva e rancor, e a transparência desses sentimentos é tão

forte que me atravessa.

— Mamãe!—ecoa a voz dezenas de vezes na minha cabeça.

Mas não é a voz dele, Kalel Thurman está em pé na minha sala, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, contudo, hoje não usa terno, a calça social, e uma camisa engomada, sapatos reluzentes, e os cabelos dele estão penteados para trás.

— Mamãe, to falando com você!—Clara segura as minhas faces e as aperta, eu a olho e tudo está embaçado— Tem talefinha.

— A mamãe te ajuda—digo a força.— Brinca com a sua Menininha.

Eu a coloco no chão, e sinto, como se cada batida do meu coração viesse a garganta com isso. Ergo o olhar, e o azul intenso cintila de encontro a luz da minha sala, ele não diz nada, e espanto minha surpresa em rever, o meu ex chefe em pé na minha sala de estar.

— Quando tinha pretensão de me falar?— sua voz é baixa e não sai do controle.

— Eu tenho alguma obrigação de contar ao senhor?—pergunto em contra resposta.

— Imagino que tenha se divertido muito com a situação—ele diz, frio—Mentindo para as

PERIGOSAS NACIONAIS

outras pessoas da empresa.

— O que eu faço ou deixo de fazer fora do meu ambiente de trabalho não é da conta de ninguém.—retruco tentando ser no máximo indiferente.

— Um marido e um filho não é algo que se esconda das pessoas—argumenta ele entre dentes.

— Eu não escondi.

— Não usava aliança.

— Eu sou obrigada a usar aliança só porque eu sou casada?

— Pessoas casadas falam para outras pessoas Fernanda, isso que você fez é errado e sabe disso.

— Está nos meus documentos da empresa.

— Eu não vi!

— Então o senhor não viu direito.

Kalel Thurman passa a mão nos cabelos nervosamente, parece que ele não faz a barba a dias, seus olhos estão fundos, apesar da aparência se manter impecavelmente bem-vestida, desvio o olhar para baixo, não estou envergonhada, mas não quero ele na minha casa.

— Melhor o senhor ir embora.

— Assim não é mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Até onde me lembro, eu não prometi nada ao senhor.

— Deveria ter me dito não acha?

— Porque? O senhor era só o meu patrão.

— Eu estou interessado em você!

Coro, meus ombros se encolhem, e minha garganta se fecha.

— Olha, eu... Eu... Isso o que você fez, não se faz Fernanda, eu posso ser tudo, porém, não sou um mentiroso.

— Eu não menti.— esclareço nervosa.

— Não deveria ter mentindo para mim Fernanda, se eu soubesse que você é casada não teria nem me aproximado de você.

Não tenho resposta.

— Deve ter se divertido muito as minhas custas.

— Eu não entendo a irritação do senhor, por algum acaso prometi alguma coisa ao senhor? Eu nem mesmo sei do que o senhor está falando.

— Sabe muito bem sobre o que estou falando.

— Eu o acompanho até a saída senhor...

— Sobre o que ele está falando Nanda?— escuto o João perguntar.

PERIGOSAS ACHERON

Fecho os punhos, fico calada.

— Sua mulher mentiu para mim, não disse que era casada, ela me enganou.—Kalel Thurman fala num tom seco e me encara zangado.

Depois ele olha para o rumo do João e sai do meu apartamento em silêncio, me viro, não sei nem o que falar, por onde começar, o sorriso que a alguns instantes vi nos lábios do meu marido, sumiu completamente, não sei o que dizer, se devo dizer, como dizer.

— Dormiu com ele não foi?

— Não amor...

— Por isso a pressa em sair da empresa, Meu Deus!

— Não, não, Amor eu não...

Me aproximo de sua cadeira, João recua e me olha de uma forma que nunca olhou, soluço, e um desespero incomum começa a me tomar.

— Eu vou ligar para os meus pais virem nos buscar—ele fala e seus olhos se enchem de lágrimas.— É melhor que eu e a Clara durmamos com eles hoje.

— Amor, não pode levar isso a sério, eu não dormi com ele, eu juro!—digo chorosa.— Por favor, acredita em mim amor!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ouvi o que ele disse, não tem como ficar mais claro.

—Eu... eu...

Algo me vem a cabeça, me esforço, mas não consigo pensar em nada.

— Vou chamar ele até aqui, provar que não tivemos nada, eu juro, eu vou buscar ele, eu...

Enquanto falo, saio do apartamento, me desespero com a hipótese do João levar isso mesmo a sério, desço pelas escadas quase correndo, enquanto meu coração quase sai pela boca, tropeço nos últimos degraus da saída de incêndio, mas me levanto e saio correndo para o rumo da entrada do prédio.

—Senhor Thurman!—berro enquanto me aproximo do portão de saída.

O porteiro libera a saída, o portão é destravado, contudo, o carro do senhor Thurman já se afasta, está seguindo no sentido esquerdo do outro lado da rua, tiro os sapatos, e não penso duas vezes antes de sair correndo atrás do carro.

Esta é a minha única chance de provar que estou certa.

Ao mesmo tempo que atravesso a rua, escuto o som de uma freada, buzinas, e então de

PERIGOSAS ACHERON

repente sinto o impacto, tudo fica escuro, muito rápido, não vejo mais nada.



Sinto um aperto quente na mão, abro os olhos devagar, e o pouco da claridade me provoca estranheza, minha boca está seca, e minha cabeça começa a doer quando vou retomando a consciência, tento me erguer, ainda presa a confusão, tudo estava escuro a pouco, e agora, parece que saí de um buraco escuro rumo a algo mais claro.

— Amor, calma.

É a voz do João!

Me viro para o lado e seguro sua mão, ele entrelaça os dedos nos meus e beija a minha mão com cuidado, demoro um pouco para acordar totalmente, sempre que tento, meus olhos doem, mas consigo aos poucos, mesmo que embaçado ver o semblante do meu marido.

Os olhos castanhos me fitam cobertos de medo, avermelhados, fico sem entender as coisas por alguns segundos, não me lembro de nada, as últimas lembranças que tenho foi da visita do senhor Thurman, da confusão, depois, que sai

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo atrás do carro dele na rua e só.

— Eu te amo—digo concreta.— Eu juro que eu...

— Eu também amo você—ele me interrompe baixinho.— Eu sinto muito por tudo, tudo isso foi minha culpa, o médico disse que você vai ficar bem.

— Onde estamos?—pergunto ainda confusa.

— No Hospital Albert Einstein—ele responde—o senhor Thurman te resgatou do acidente.

— Acidente?—repito meio tonta.

—Sim, você foi atropelada por uma moto, a sorte foi que o rapaz conseguiu desviar de você e bateu apenas de leve.

Me espanto.

— Tem muita sorte.

Essa voz... De novo!

Olho para o meu lado esquerdo e vejo, parado ao lado da cama, o senhor Kalel Thurman, ele não usa as roupas do dia que esteve no meu apartamento, nem o João.

— O que está fazendo aqui?—pergunto confusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esperando você acordar—frio ele responde.

— Ele ficou com você durante esses dias para eu cuidar da Clara, preferi não avisar para sua mãe.

Mamãe usa marca-passo, papai tem pressão alta... é, melhor não.

— Foram só dois dias, eles te sedaram, fizeram todos os exames, teve arranhões leves nas pernas e nos braços, mas bateu a cabeça, os médicos temiam por algum inchaço ou lesão, o que não foi o caso—Kalel diz apenas educado.

— Cadê a Clara?—pergunto confusa.

— Está ali.—João indica o sofá no canto do quarto.

Nunca estive num leito de hospital do Albert Einstein e duvido que nem se eu trabalhar a vida toda, consiga ter uma oportunidade dessas, nem quero, as custas de que? Doença? Contudo, mais parece uma suíte de quarto de hotel do que um quarto de hospital.

Sofá, poltrona, persianas brancas, janelas amplas e de vidro, a cama é maior, tem armários, e estou ligada a aparelhos que estão embutidos nas paredes.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela está bem.—João afirma.

— Deveriam ter me levado para um hospital público—digo para o meu marido.— Não temos condições de pagar algo assim para o senhor Thurman.

— Não precisa se preocupar—Kalel responde e se senta na poltrona ao lado da minha cama.— É o mínimo que posso fazer, acredito que tudo isso tenha sido minha culpa.

E foi mesmo.

João se inclina e me abraça.

— Pensei que perderia você, fiquei desesperado quando a Teresa me ligou falando que foi atropelada, não faz mais isso comigo tá? Eu não queria ter agido daquela forma, foi no calor do momento.

Quando conversamos entre nós, estamos falando em português, mas Kalel Thurman fala em inglês, tenho certeza de que ele não entende o que falamos entre nós.

— Eu não tive um caso com o senhor Thurman—digo e sinto vontade de chorar— Eu nunca, nunca faria isso.

— Ele me disse que se interessa por você, mas não quero falar sobre isso agora, quero que

você fique bem, até o final da tarde terá alta, vamos para casa amor.

— Sim.

João beija a minha testa, ele toca a minha face, me encolho, não sei o que falar, devo dizer algo? De todas as formas, o importante é que ele confia em mim, isso é o que de fato importa.



Ganhei alta.

Apesar de não gostar nenhum pouco da situação, reconheço que ter o Senhor Thurman por perto, é um pouquinho conveniente, porque ao menos, ele nos trouxe até aqui, ele segura a Clara no colo todo torto enquanto o João entra no nosso apartamento apoiado no porteiro e em uma muleta.

É complicado, por isso, quase não saímos, e sempre que ele sai, meus pais estão por perto, ou os pais dele, é um desafio subir todos os degraus com o João, sempre precisamos da ajuda de um terceiro, ele tem bastante força nos braços, porém cansa com facilidade.

O Paulão sorri, mas está ofegante e o coloca sentado no sofá, depois sai todo apressado, me sinto estranha em saber que o senhor Thurman veio

PERIGOSAS ACHERON

conosco, para mim, ele não tem o que fazer aqui.

Quando acordei ele estava no quarto, depois ele nos deixou a só, e eu fiquei o resto o dia no hospital com o João e a Clara, finalmente as 15:00 um médico apareceu, fez perguntas e checkou os exames, ele me receitou analgésicos e me mandou trocar as bandagens dos meus joelhos e braços, disse que eu ficaria bem logo em breve, mas estava me tratando tão bem, mas tão bem, que me sentia até mesmo aliviada.

Quando peguei minha alta, o senhor Thurman estava na recepção a nossa espera, ele e um segurança, ou motorista, não sei exatamente, ele e o João trocaram olhares silenciosos e ninguém falou nada, estava claro que ele nos traria para casa.

Mas conheço meu marido, eu sei muito bem que ele está com um sapo atravessado na garganta, isso deve mexer muito com ele, primeiro a suspeita de traição, agora isso, contudo, não é de se surpreender que o senhor Thurman se sinta culpado, ele é mesmo, ainda que devesse só me levar para um hospital comum, e não um onde a diária dá para comprar um carro usado.

— Obrigado Paulão!—João fala logo que Paulão abre sua cadeira.— Vou de dar uma gorjeta

amigo.

— Não precisa seu João—Paulão fala sorridente.— A senhora está bem, Dona Fernanda?

— Estou sim.

Não sinto dor, só um incomodo pelos arranhões mesmo, mas fora isso, estou bem.

— O que precisar, é só chamar—Paulão fala e arruma o cinto na calça social.— Aquele moço de terno vai ficar lá de fora?

Olho para o João, ele suspira e pula do sofá para a cadeira, me inclino e o ajudo a arrumar as pernas na cadeira, ele fecha a cara.

— Onde eu a coloco? Ela dormiu?— pergunta o senhor Thurman em inglês.

— Pode colocar no sofá—João fala.— Vem Paulão, eu falo com o moço de terno.

É o motorista do senhor Thurman, Paulão só concorda e o segue para o rumo da porta, Kalel Thurman coloca Clara no sofá menor, ele tem muito cuidado, usa uma camisa social e calça social, ele a acomoda entre as almofadas, a minha filha estava agitada quando acordou no hospital, quando eu a abracei eu me senti mais tranquila, e chorei bastante, pensei em muitas coisas.

— O senhor não vai acompanhar seu

PERIGOSAS NACIONAIS

motorista?—pergunto no idioma de origem do senhor Thurman.

— Na verdade não, eu pensei em pedir algo para nós jantarmos.

Que?

— O senhor não precisa ficar—digo de imediato.— Eu vou conversar com os meus pais, eles podem me emprestar um dinheiro, podemos ir pagando para o senhor aos poucos pelos gastos médicos.

— Eu não quero seu dinheiro Fernanda—argumenta ele mais sério.— Estou mais preocupado com seu bem-estar .

— Ah é mesmo?—pergunto irônica.— Não estava preocupado quando veio aqui e destruiu meu casamento por 2 minutos.

— Foi um mal entendido, eu já expliquei para o seu esposo—os olhos azuis me encaram de um jeito estranho.— Não se preocupe, eu disse para ele que não tivemos um caso, esclareci as coisas.

— Eu amo meu marido.—afirmo convicta.

— Eu sei que ama—Kalel fala secamente.
— Eu apenas quero ajudar.

— Não precisamos da sua ajuda.—digo duramente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que você me odeia e também sei que não me quer por perto, mas devo confessar que não dou a mínima para o seu gostar, me preocupo mais com futuros processos e problemas, portanto, enquanto não estiver recuperada e bem, eu não me afastarei.

Me irrita.

— Acha mesmo que eu processaria o senhor?

— Acredite, por muito menos já me processaram, e pior, ganharam.

Claro, e como dono de uma assessoria de advogados, ele nunca se prestaria ao papel de ter sua empresa ou sua imagem manchadas por ninguém, porque não pensei nisso antes? Ele só quer evitar um futuro processo.

— Pronto—João fala e se aproxima.— Eu vou preparar o jantar, acho que você precisa de um banho querida.

— Poderiam falar em inglês?—Kalel pergunta e enfia as mãos nos bolsos da calça.

— Ah, claro—João concorda.— Seu motorista disse que iria embora.

— Eu avisei que passaria a noite aqui, é muito longe do meu hotel, não quero pegar trânsito.

PERIGOSAS ACHERON

—argumenta ele tranquilamente.

— Eu não fui avisada.—replico em voz baixa.

—Está sendo agora—responde de forma sutil.— Contudo, não se preocupe, eu já estou tomando as providências para que os dois sejam devidamente recompensados pelo imprevisto.

João me lança um olhar e faz um gesto de silêncio com o dedo, não respondo, ele gira a cadeira e se afasta até a cozinha.

— Se quiser posso pedir alguma coisa para jantar.—Kalel fala.

O que mais me espanta é a naturalidade na qual ele conversa conosco, como se fosse a coisa mais normal no mundo, que recebamos em nossa casa, estranhos, que eles se ofereçam para pagar um hospital caro e depois querer se hospedar em nossa casa.

— Eu peço então—João diz.— Amor, o que você quer comer?

— Nada—digo e me ergo, chateada com a situação.— Eu vou para o quarto, a Clara dorme conosco hoje.

— Tá—ele confirma.—Levo ela.

Me afasto sem olhar na cara do meu ex-

chefe, um pouco incrédula, e também irritada, sem ver necessidade em tudo isso, me pergunto se este homem de fato não tem mais o que fazer, alguém como ele se quer poderia dispor de dois segundos para nada, é rico, multimilionário, com muitos negócios e uma empresa gigante para cuidar, no entanto, ele está aqui, no meu apartamento pequeno, me dizendo que passará a noite no mesmo teto que eu.

Não acredito que o João aceitou isso tão fácil.

Entro em nosso quarto, está arrumado, tudo no lugar, João entra logo em seguida com a Clara dormindo em seu colo, ele a segura com um braço e movimenta a cadeira com a outra mão, fecho a porta.

— Ele acionou o advogado dele, conversei com o homem, vai ser melhor que ele nos ajude e que colaboremos...

— Espera, ele não tem que dormir na nossa casa por conta disso—falo furiosa.—João, este homem mentiu sobre mim, eu quase morri por causa dele.

— E ele também está disposto a reparar os danos que causou, eu já disse que o advogado dele

é o Moreira?

Engulo a seco.

— O Moreira do Caso da Garota Nova?

— Esse mesmo.

Um dos melhores advogados do Brasil.

— Ele apenas disse que quer estar por perto para providenciar que fique bem, até onde eu entendi, ele não vai ficar por perto sempre, sobre o trânsito é verdade, colocaram fogo num ônibus na Tietê, está tudo parado.

— É desnecessário que ele fique aqui.

—Nanda ele é o seu chefe!

— Ex-chefe.

— Talvez ele a contrate de volta.

— Eu não quero voltar para a Thurman.

— Você tem noção do que está falando?

— Muita.

Ele nega com a cabeça, coloca a Clara na nossa cama, parece contrariado.

— Eu vou arrumar o quarto da Clara para o senhor Thurman dormir, depois falamos sobre isso, já volto.

—João é inadmissível...

Porém, ele abre a porta do quarto, e sai disparado, me irrita, respiro fundo, mais que

PERIGOSAS NACIONAIS

irritada, furiosa.

— Isso não vai ficar assim!

PERIGOSAS ACHERON



—Bom dia Fernanda.

—Bom dia Senhor Thurman.

É estranho, inconveniente e complexo saber que o meu ex-chefe está na minha casa, estou ainda um pouco fora do ar, porém, tento afastar a apatia pela presença de Kalel Thurman.

Ele está entrando na minha cozinha, usa as mesmas roupas de ontem porém, estão amarrotadas, e ele está sem sapatos, desvio o olhar para o fogão, coloco o bule com água e ligo a chama, começo a preparar tudo para o café, acordei numa terça, hoje é quarta, fiquei todo o final de semana internada, e eu nem me lembro de nada.

— Quer ajuda?

— Não senhor, eu estou bem.

Não sei se entro no assunto, o João voltou ao quarto com dois pedaços de pizza ontem a noite e cara de tacho, acredito que ele tenha esperança de que eu volte para a empresa, porque estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desempregada de novo, e porque estamos precisando muito de dinheiro, ando gastando muito dinheiro com transporte, a nossa conta está quase zerada, e como me demiti, perdi todos os direitos.

A situação me deixa angustiada, preciso dizer que tento ser otimista, mas não gosto nenhum pouco de passar necessidades, a nossa geladeira está quase vazia, isso não deveria ser motivo de vergonha para mim, mas é, e sei que para o meu marido as coisas são um pouco piores, isso o afeta muito.

— Eu vou fazer o café e vou na padaria—
aviso.— O senhor quer aproveitar e ir embora?

— Não—responde secamente.

Naquele tom de *“foda-se”*.

Não o conheço o suficiente, eu se quer sei quem é Kalel Thurman direito, mas só o pequeno tempo de convivência já me mostra claramente que ele é desses que tocam o *“foda-se”* e saem andando, não gosto de gente assim, simples, sou assim, não sempre, mas há situações que requerem esse tipo de coisa.

Não tenho muita paciência.

— Eu não quero tornar a minha estadia aqui desagradável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estadia?—repito chateada.— O senhor não pode ficar na minha casa.

— Mas eu vou—responde ele dê uma forma atrevida— Eu vou deixar tudo organizado, viajo em 2 dias, não tem como eu prorrogar mais minha estadia no país, tenho negócios a resolver, e você e o seu marido vão me ajudar com alguns casos, eu pago muito bem.

Viro a cara, tenho a impressão que Kalel sorri, dá vontade de pegar essa garrafa de café e meter na cara dele até quebrar todos os dentes da boca dele.

Que cara arrogante!

— No Brasil existe algo chamado polícia senhor Thurman.

— No Brasil também existe algo chamado dinheiro senhora Carvalho.

— É o cúmulo da arrogância.

— É a verdade.

E fica parado ao meu lado, os braços cruzados.

— Você está brava?

— Eu estou com ódio da sua cara.

— Ódio da minha cara?

— É, ódio, “ranço”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estende a mão e toca meu ombro, não me movo, meus ombros estão tensos.

— O que é isso? Tem tradução para o inglês?

— Asco—defino em inglês.

— Ah—Kalel se inclina na minha direção, os olhos cheios de um tipo de zombeteio.— Você pode se conformar, e entrar na fila, pois não é a única.

E seus lábios querem rir, desvio o olhar e pego um filtro de papel no armário.

— E eu estou falando sério sobre precisar dos seus serviços, preciso que olhe alguns casos do senhor Hans, ele quer que você, exclusivamente cuide dos casos dele.

Estou surpresa.

— Tem outros advogados para isso.— esclareço.

— Você sabe muito bem que ele gostou de você, e eu não quero perder um dos meus clientes de maior potencial por conta da sua demissão.

— Não sei o que poderia ser diferente, a Socorro mesmo poderia cuidar disso.

— Acontece que a Socorro não é você.

— O senhor é sempre tão prepotente?

PERIGOSAS ACHERON

— Quando necessário sim.

Fecho a cara, Kalel tira a mão do meu ombro, ele me olha de uma forma diferente, depois para as bandagens nos meus cotovelos e pernas, tive que colocar um vestido mais justo, de alcinhas, foi o único que não incomodou, dormir não foi um grande desafio, colocamos a Clara num colchão no chão do nosso quarto.

— Não queria que as coisas houvessem chegado a este ponto, apenas, fiquei muito irritado porque me escondeu a verdade—ele explica—não acha que eu merecia saber a verdade?

— Eu precisava do emprego, mas o João é paraplégico, eu não queria que as pessoas me olhassem diferente por conta disso, e tem a Clara também, muitas empresas não contratam mulheres com filhos pequenos, quanto mais com maridos que de certa forma dependem delas—digo sincera—o João e eu concordamos que eu só falaria depois da experiência, também duvido que alguém se importasse, eu era só mais uma em meio a muitas outras pessoas.

— Eu me importo—ele diz.

Coloco o pó de café no filtro de papel, despejo colheres de açúcar na água que já ferve,

não consigo acreditar nessa “importância” que o senhor Thurman quer dar para mim.

— Eu não gostaria que as coisas houvessem tomado aquele rumo, sinto que você se machucou por minha culpa, e eu não sou irresponsável, por isso eu decidi algumas coisas, começando pelo trabalho do Hans, tenho uma proposta a fazer a você e ao seu... marido.

Ele parece incomodado ao falar a palavra “*marido*”, despejo a água no filtro, e por mais que tente parecer desinteressada, por dentro, me pergunto sobre essa tal proposta, ainda que decidida a não aceitar.

Sei que não devo, não posso, e não desejo querer...

— Posso garantir que os dois levarão uma vida melhor, com um salário digno...

— Acontece que eu não quero voltar para a Thurman, eu já estou vendo outros empregos.

— Seu marido disse que não estão conseguindo nada, vocês estão passando por necessidades.

Fico calada, engolindo cada palavra, ele parece o meu pai falando, tentando me punir por algo que foi consequência da vida, acho que os pais

PERIGOSAS NACIONAIS

do João e os meus pais pensaram que se caso ele sobrevivesse a tudo aquilo, eu o abandonaria, assim o João voltaria a sua família perfeita e eu para a casa dos meus pais com a Clara.

Mas superamos essa expectativa todos os dias, transformando-a em uma frustração para as nossas famílias, que por mais que nos apoiem, não eram exatamente a favor da nossa união.

A família do João tem alguma condição financeira, e eles não queriam ver, seu filho mais novo casado com uma garota mestiça de pobre e morando no subúrbio de São Paulo, com certeza não estava nos planos dele, mas aconteceu de nos apaixonarmos, e depois disso não paramos... até o acidente.

— Não precisamos da sua ajuda—retruco.

— Não vejo necessidade de que seja orgulhosa, eu conversei com a Socorro, ela vai cuidar de tudo na minha ausência, eu vou registrar vocês dois na empresa e pagar todos os direitos, quero os dois trabalhando para mim, como Home office.

— O senhor não precisa fazer isso.

— Tem que ser cego para não enxergar todas as dificuldades que enfrentam Fernanda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero sua pena.

— Não sinto pena, eu preciso de você no caso do Hans, ele não quer nenhum outro advogado, ele quer você com os casos dele, e eu não posso me dar ao luxo de perder um contrato de duzentos milhões de dólares só porque você é orgulhosa.

Toma distraída!

Fico sem fala, Kalel Thurman coça a barba, ele está pensativo.

— Eu não quero mais discutir com você sobre isso, eu vou conversar com o seu marido, chegaremos a um valor razoável para vocês cuidarem das causas na minha ausência.

— Apenas não entendo porque tem que ser eu com uma empresa cheia de advogados.

— Nenhum deles é você.

Abaixo a cabeça, eu não quero este homem aqui, não quero ele por perto, me sinto tão... nervosa.

— Não duvido da sua capacidade, graças a você, fechei um importante negócio, eu preciso que esteja neste caso comigo.

— Eu não quero.

— Porque não quer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu o encaro, cruzo os braços.

— O senhor deu em cima de mim e quase destruiu o meu casamento, sem falar que eu fui atropelada por uma moto por sua causa.

— Não percebo que isso seja negativo, exceto pelo acidente é claro.

Fico boquiaberta, para ele tudo parece tão...
Banal.

— O que está insinuando senhor Thurman?

— Que é normal que eu a deseje, você ser casada é só uma formalidade, porém, neste momento, eu estou mais preocupado com os meus negócios, depois que resolver essa questão do Hans, vocês dois e eu teremos uma conversa.

— Nós dois?—repito confusa.

— É, você e o seu marido.

Engulo a seco a resposta, Kalel sorri calmamente, depois ele ergue a mão e toca a minha face, afasto os arrepios que causa na minha pele, sua mão é quente, macia, o toque me deixa sem ação alguma.

— Não se preocupe Fernanda, cuidarei para que você fique muito bem.

— Do que está falando?

Ele parece chegar a uma conclusão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada—fala e se afasta para o rumo da sala.— Por enquanto.

PERIGOSAS ACHERON



— Você está nervosa?

— Deveria estar contente?

João Gabriel segura a minha mão, acho que chorei por toda a manhã, eu me tranquei em nosso quarto sem saber como lidar com tudo, acho que a presença do senhor Thurman meio que me assusta, não quis almoçar, liguei para mamãe mais cedo e ela disse que viajou com o meu pai para a casa dos meus avós, a vovó não anda bem, já é de muita idade, mas, apesar dos pesares, eles estão todos bem.

Meu marido para a cadeira diante a cama, ele estende a mão e toca a minha face, seguro sua mão e a beijo, eu o amo, o amo muito, porém, não sei exatamente porque estou assim, acho que foi o susto, meus nervos estão abalados.

— É normal que se sinta assustada, o senhor Thurman da motivos para que deteste ele, é um homem difícil, você tem razão nesse sentido, ele

PERIGOSAS NACIONAIS

não tem um pingo de humildade.

— Ele te falou do trabalho do senhor Hans?

— Ele me comunicou.

Arrogante.

— É bem a cara dele mesmo ser assim.

— Acho que no fundo, ele só quer reparar o dano que causou.

— Estou cansada deste homem.

— Sei que parece loucura deixar que um estranho esteja aqui, mas ele tem dois empregos para nós amor, é uma grande chance, e melhor, você vai poder trabalhar em casa, comigo, sem termos problemas com locomoção.

— Cadê a Clara?

— Está na sala, o senhor Thurman está no banho.

— Não pode deixa-la sozinha perto dele.

— Eu só vim te chamar para comer alguma coisa, não pode ficar sem comer nada Nanda.

— Eu estou sem fome.

— Mas não pode ficar sem comer.

Suspiro, me ergo, o João segura a minha mão com firmeza, nos fitamos.

— Sei que parece uma péssima ideia, que odeia esse cara, mas precisamos muito de dinheiro

PERIGOSAS ACHERON

amor, o pessoal da imobiliária ligou, se não pagarmos o aluguel vamos ser despejados, a geladeira está praticamente vazia.

—Eu iria dar um jeito...

— Que jeito Nanda? Eu sou o homem desta casa, é o meu dever cuidar de você e da nossa filha, o INSS paga tudo atrasado, eu nem sei quando terei uma próxima perícia, tem a luz, o condomínio, e o aluguel está atrasado esse mês, já atrasamos outras vezes.

— Mas eu paguei o aluguel com o meu acerto...

— Você pagou o que estava atrasado.

— Eles tem dias para poder nos despejar João, você está exagerando.

— Estou? Devemos esperar que tudo vire uma grande merda? Pedir dinheiro aos nossos pais? Você não tem que se submeter a isso, se não quiser o trabalho por si própria, pensa um pouco na Clara, nas nossas necessidades!

— Você acha que eu não estou pensando 24 horas por dia em nossas dificuldades João?— pergunto magoada.— Eu penso em nós 3 todos os dias da minha vida, em você, na nossa filha, que injusto você falar sobre isso, me exigir isso, que

PERIGOSAS NACIONAIS

situação mais absurda! Meu ex-chefe dormindo aqui no nosso apartamento, em troca de que? Um prato de comida?

—Nanda você está exagerando, ele só quer ajudar.

— Se ele quisesse ajudar, teria ido embora, só isto.

— Está sendo orgulhosa.—acusa ele enérgico.

— Isso não é certo!

— O que não é certo Nanda? Pelo amor de Deus, é só um emprego!

Não sei responder.

Nos fitamos e percebo o tamanho da dor no olhar dele, a seriedade da situação, e sei que ele não gosta disso tanto quanto eu gosto.

— Não quero acreditar que este homem espera que você vá para a cama com ele em troca de um emprego.—diz ele furioso.

— E mesmo assim aceita ele em nossa casa?—pergunto mais ferida do que constrangida.

— Você acha mesmo que ele espera isso de mim? Olha para mim João, nem mesmo você consegue sentir atração por mim, imagina um homem como aqueles.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu só acho que devemos pensar nas possibilidades, ao menos quanto ao emprego—ele desvia o olhar.— Me desculpe por insinuar isso amor, eu só... eu só quero algo melhor para vocês duas, sei que talvez não seja isso, porém, ele deixou muito claro que se interessa por você.

Fico toda paralisada dos pés a cabeça.

— Não levei a sério, estava tão nervoso por conta do acidente, depois ele disse que não haviam tido nada, que foi tudo um grande mal-entendido, mas eu vejo como ele te olha, eu não sou cego, ele tem interesse em você sim.

— Você não sabe o tamanho do absurdo que está dizendo—argumento e começo a chorar.— Eu estou cansada João, cansada de tudo isso.

— Eu imagino que sim—ele fala com cara de choro.—Nanda eu amo você, mas precisamos do emprego, por favor, pense nisso com cuidado.

— Não acredito que depois de tudo aceita ele em nosso apartamento, você é um banana João Gabriel!

— E você está agindo como uma adolescente impulsiva e orgulhosa Maria Fernanda.

Depois que fala, ele começa a empurrar a cadeira de rodas para longe da cama, me enfureço,

PERIGOSAS NACIONAIS

ao mesmo tempo que me sinto confusa.

— Ainda não terminamos nossa conversa—
esclareço.— E só para constar, você ainda continua
sendo um grande molenga.

— Foda-se!

E Sai do quarto puxando a porta de vez.

A porta faz um estralo alto, dou um pulo,
me enfureço, contudo, decido não ir atrás, sei que
não adianta.

PERIGOSAS ACHERON



— Seu marido me pediu para ir embora.

Pulo assustada com a voz próxima, me viro, Kalel Thurman está diante de mim com um olhar cheio de mistério, me sinto intrigada, e ao mesmo tempo aliviada, já é tarde da noite, não consigo dormir direito, vim a cozinha preparar um chá.

— Desculpe—ele fala num tom de voz muito baixo.— Eu acho que demoro para retornar ao Brasil, meses talvez, tenho muito a fazer.

— Posso imaginar.—respondo.

— Você não está bem, não é mesmo?—os olhos de Kalel Thurman me fitam.

— Não muito.

— Ouvi a briga de vocês, é por causa do emprego?

— Não exatamente.

— Sei que não me quer por perto, porém, não consigo entender porque me detesta tanto Fernanda.

— Não é questão disso, apenas acho muito informal que fique na minha casa, se queria uma funcionária, porque não me contatou formalmente através da Socorro?

— Eu sabia que tentaria me afastar, porque tem medo.

— Medo?

— Sim, medo!

Estou surpresa com a afirmação de Kalel Thurman, ele enfia as mãos nos bolsos da calça social, usa uma camisa azul clara, sapatos, parece pronto para partir, isso me alivia um bocado.

— Eu posso imaginar que os laços do matrimônio sejam muito importantes para vocês dois, meus pais são casados a 30 anos, acredito que papai tenha tido muitas amantes, mas ele não amou nenhuma delas além da minha mãe.

— Quando se ama, não se trai.—afirmo convicta.

Despejo a água do bule na caneca, ele se encosta na pedra da pia ainda muito pensativo.

— Imagino que para você, traição seja algo visto de uma forma muito... Distorcida—ele diz convicto.— Além do que, eu não acredito no amor, então, sou indiferente a esse tipo de laço, porém,

admiro muito pessoas que estão dispostas a encarar o contrato de casamento e serem fiéis as cláusulas .

— Um casamento não se resume a cláusulas apenas—afirmo.— Estou casada a anos, e não tem no meu contrato de casamento que eu teria que lavar louça ou recolher as cuecas sujas do meu marido do chão do banheiro.

— Ele parece um bom sujeito.—opina pensativo.

— Ele é—coloco 3 colheres de chá de açúcar na minha caneca e os saches.— O João Gabriel é um bom homem.

— São casados a muitos anos?

— Estamos juntos a mais de 15 anos, desde que nos conhecemos na faculdade.

— Sêrio?

— Sim.

— É muito tempo para viver na monogamia com alguém.

— Não é monogâmico senhor Thurman?

— Nenhum pouco.

— Ah é, eu havia me esquecido que você gosta de garotas jovens.

—Posso garantir que não tão jovens, mas sim, já sai com muitas moças com cerca de 20

anos.

— Isso é tão típico dos americanos.

Ele me olha confuso, estou aliviada pelo assunto não tomar um rumo ruim, estou cansada de brigas, já não me basta minha briga com o João hoje a tarde, e também, ele vai embora, Graças a Deus, ao menos para alguma coisa, a briga serviu.

— O que é “*típico*” de americanos?

— Garotas jovens, academia, ter hobbies, dinheiro, esse estilo de vida que nem se eu trabalhasse nas minhas três próximas encarnações, eu conseguiria manter.

— Não tenho muitos hobbies.

— Joga golfe?

Ele coça a face, ainda que não admita está desconsertado, me afasto e vou para a sala levando minha caneca de chá, parece que eu levei uma surra, ontem até que não, mas hoje já no começo da noite, depois do banho, os arranhões começaram a doer, meu corpo também.

O senhor Thurman se senta no sofá ao meu lado, mas não muito perto.

— Eu prefiro jogar baseball, jogo desde a infância, eu era o melhor do meu time na época da faculdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O João ama futebol, ele jogava num time com os amigos antes do acidente, sempre foi muito ativo—suspiro ao lembrar.— Mas daí ele perdeu a alegria nas coisas, então não gosta mais de sair, nem temos condições, é difícil subir e descer as escadas.

— Como foi que aconteceu esse acidente?
—Kalel pergunta muito calmo.

— Um motorista bêbado acertou a lateral do nosso carro, ele capotou e o João sofreu uma lesão séria na coluna, ficou em coma porque teve fraturas múltiplas e traumatismo craniano, ele estava de cinto mas como a batida foi muito violenta, não teve nem escapatória, é um milagre que ele esteja aqui hoje.

— E cuida dele desde então?

— Sou esposa dele, deveria ser diferente?

— Eu amo ele, só isso.

— O quanto ama seu marido Fernanda?

— O suficiente para querer estar com ele em toda a nossa vida.

— Você é sempre tão concreta assim das coisas?

— Estou sendo sincera, eu não quero que o meu casamento acabe por um capricho do senhor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não é um capricho.

— E o que sou?

— Não se trata apenas de você Fernanda, não acha que deveria ter me contado desde o início?

— Se quer saber, parte de mim fala que não, porque isso não é da conta do senhor, porém, um outro lado meu me diz claramente que não, eu não devo me sentir culpada.

— Você é muito imparcial.

— Sou advogada.

— Eu também sou, porém, não acho que as coisas devam ser por este lado.

— Eu não consigo imaginar um mundo onde as pessoas encaram as coisas de um jeito tão banal.

— Senso de pudor?

— Não é isso, é que, é errado!

— O que é errado Fernanda?

Eu o fito, os olhos azuis estão mais escuros, densos, mas curiosos.

— Você não tem culpa de ter nascido numa sociedade patriarcal e machista que dita o que deve ser e o que não deve ser—ele diz antes mesmo que eu responda.— É injusto que você queira adequar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as pessoas a sua forma de pensar.

— Sim, mas é injusto que as pessoas não respeitem a minha forma de pensar, então, não acho certo que queiram ditar que a minha forma de pensar é errada, porque não é, cada um vive da forma que acha que deve viver, quem sou eu para julgar pessoas que traem? Contudo, elas não devem achar que eu sou obrigada a trair o meu marido só porque ele é paralítico.

Ele fica calado.

— Ninguém sabe o que vivemos, o que construímos, todos os momentos que ele me apoiou e me deu amor, carinho, conforto, daí, ele sofre um acidente e só por isso eu devo largá-lo ? Abandonar ele a sorte?

— Não seria ingratidão, pelo menos eu acho que não.

— O senhor não é o primeiro a pensar que eu e o João deveríamos estar separados, acredite, os pais dele nunca me aceitaram.

— Porque?

— Porque sou negra, minha mãe é negra, e a família do João é composta por pessoas brancas e em boa parte que tem uma condição financeira muito boa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não percebo muita diferença entre vocês dois, não na cor, você tem um tom de pele mais escuro que a dele.

— Nunca nos importamos com isso, mas a família dele sim, só que eu e ele decidimos viver nossa vida longe de tudo e todos, não me importo.

— Você é uma mulher muito forte Fernanda.

— Ser forte não é um grande atributo senhor Thurman, isso não me impede de passar por problemas como qualquer outra pessoa.

— Eu só quero dizer que se fosse outra mulher, já teria deixado ele.

— Eu não sou outra mulher.

Ele parece chegar a uma conclusão importante, depois vejo um certo sorriso em seus lábios, coro, não sei porque.

— Tem razão, você não é outra mulher— repete.— Eu tenho que ir agora, espero que as coisas fiquem bem, a sua amiga trará os casos e pastas para você começar a cuidar dos casos do Hans, não espere por casos fáceis.

— O senhor quer mesmo isso?—pergunto incerta.

— Claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kalel se inclina de repente e recuo, mas ao contrário do que penso, ele apenas deixa um beijo quente na minha testa, me arrepio quando seus lábios tocam o local, ele se afasta e se ergue, me olha uma última vez.

— Cuide-se querida.

— Eu não sou sua querida.

E sorri como se fosse muito banal. Depois ele se afasta e sai do meu apartamento sem fazer um pinga de barulho.

Respiro fundo e de novo.

Enfim!

— Acabou!

Tomara que não volte tão cedo, ou melhor, nunca mais.

PERIGOSAS ACHERON



— Esse velho nada no dinheiro...

Desvio o olhar, finjo que não ouvi, não vou esquecer daquele “foda-se” só porque o João decidiu que é hora de eu perdoar ele e fingirmos que está tudo bem.

A Socorro deixou as pastas na portaria do meu prédio hoje cedo, bem como o senhor Thurman havia avisado, contudo, eu não a vi, ela deixou apenas um bilhete manuscrito desejando bom trabalho e explicando que teria uma reunião as 09:00.

São no total 50 pastas de cor preta, todas carregam o símbolo da empresa, pertencem a um caso de ação por indenização e equiparação salarial de 4 diretores, quando abri a primeira pasta, comecei a sorrir, então, engoli a empolgação.

É muito bom se sentir útil, fazer o que se gosta, e já faz uns dias que eu não sei o que é isso,

cheguei perto de sentir isso na Thurman, porém, passou, porque Kalel Thurman estava por perto me incomodando com sua presença.

É aliviante a sensação de que ele não está por perto, estou mais calma depois que ele partiu ontem, mesmo que entre eu e o João, tudo o tenhamos, seja silêncio e olhares apreensivos, dele é claro, porque eu ando tão puta com a forma que ele vem me tratando, que não estou muito a fim de ter ele por perto falando merda na minha ideia.

Acho que é isso, quando vai passando o tempo, o casamento se torna em momentos bons, mas em alguns momentos, uma droga, principalmente quando há uma briga, não tenho paciência com isso, acho que em três meses essa é a segunda briga séria que temos e fazia muito tempo que não brigávamos assim.

Chego a essa conclusão 10 vezes ao ano e é sempre a mesma coisa...

— Amor, fala comigo!

Folheio a pasta e me viro para ele, eu o fito, e a mesma cara de cachorro magoado me encara.

— O que?

—Nanda, me desculpe.

—Já conseguiu o que queria não é mesmo?

Estamos trabalhando para o senhor Thurman, o que mais quer João Gabriel? Estou fazendo a minha parte!

Seu olhar se torna magoado, mas é inevitável, porque estou fazendo tudo isso contra minha vontade, não o trabalho em si, mas pelo empregador, porque daquele homem quero distância.

— Só pensei no melhor para nós três.—
argumenta ele incerto.

— Eu também estou pensando em nós três João.

Ele não responde, me volto para os documentos e continuo a leitura, a fazer algumas observações num bloco de notas, temos um notebook, preferi deixar para ele, porque ele tem dificuldade em escrever as vezes.

Suporto a ideia de trabalhar, eu até gosto, e sei o grau de importância disso na vida do meu marido, os olhos dele até brilharam quando subi com as pastas, contudo, não admito a ideia de ser para Kalel Thurman, não depois de tudo o que ele me causou.

Meu celular toca e reconheço logo de cara o número da Socorro, me ergo e deixo a pasta no

sofá, me afasto até o quarto da Clara, levei ela as 07:00 para a creche, enfim, ao menos nesse sentido as coisas parecem se encaixar, atendo a ligação.

— *Bom dia Nanda!*

— *Bom dia Socorro.*

É, eu estou constrangida por ter saído e tudo mais, não ter dado satisfação e todo o resto, porque foi a Socorro que me arrumou o emprego, que me estendeu o braço quando mais ninguém estendeu, não sei nem o que falar, esperava ter um encontro mais adequado e pessoal com ela, para falarmos sobre tudo cara a cara, eu contar a situação.

— *Deu certo as pastas do caso do senhor Hans?—questiona ela do outro lado da linha, não parece brava.*

— *Sim, eu peguei, já estamos dando uma olhada—respondo.—Socorro eu queria me desculpar...*

— *Nanda, eu entendo!—exclama ela.—Ei, somos amigas, pode confiar em mim, eu já entendi que você não se adequou a empresa, o senhor Thurman me disse que você sofreu um acidente amiga, que zica.*

— *Pois é—suspiro aliviada.—Uma moto quase que me pega, mas já estou melhor.*

— *Amém amiga, você vai melhorar viu? Mas o motivo da minha ligação também é para tratar alguns detalhes sobre os cargos que você e o João terão na empresa, vou precisar de todos os documentos de vocês dois para contratação, acha que consegue me enviar pelo boy ainda hoje?*

— *Claro—digo a contra gosto.*

— *Ótimo, temos que formalizar o vínculo empregatício, o senhor Thurman faz questão que os dois sejam registrados.*

Aquele otário!

— *Aham—digo a força.*

— *Então vocês estão prontos para a mudança? Como está sendo tudo isso?*

— *O João está empolgado, ele quer muito o emprego, mas eu não queria voltar para a Thurman.*

— *Imagino que seja mesmo difícil, o senhor Thurman me pediu para avisar que o caminhão de mudança irá em dois dias e que vocês não precisam se preocupar com a mobília...*

— *Espera, espera—digo repentinamente.*
— *Caminhão?*

— *Ué, vocês não vão ser home office?—questiona ela.*

— *Bem, sim.—estou tremendo.*

— *O programa de home office disponibiliza para vagas de deficientes, uma residência mais próxima da empresa, por conta da locomoção, você não leu no contrato de trabalho? —pergunta ela depressa.*

—*Socorro, sério?—estou boquiaberta—Tipo... Um apartamento?*

— *Sim, ele ficará no centro a duas quadras da empresa, está no programa para deficientes da Thurman, pensei que soubesse.*

Estou boquiaberta.

— *Eu nem fazia ideia—me sento na cama toda nervosa.—, mas é opcional? Como será o aluguel? E quanto ao condomínio? Deve custar os olhos da cara.*

— *Amiga, fica tranquila, só começa a arrumar a mudança, a empresa cobre esses gastos de estadia, eu preciso desligar agora, o boy chega aí em 40 minutos, tchauzinho!*

E desliga.

Fico sentada feito trouxa na minha cama, e demoro um pouco para levantar, volto para a sala, o João está muito centrado na pasta que analisa.

—João.—chamo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hummm...

— O senhor Thurman te falou algo sobre um programa para deficientes da Thurman?

— Não!

— Então... É que home office inclui uma mudança de endereço para perto da empresa.

Ele me encara bem surpreso, pelo visto não sabia mesmo, conheço meu marido.

— Sério?—pergunta.

— Sim, e teremos que mudar em dois dias para o endereço.

— Como assim?

— Pois é, eu vou ligar na empresa e pedir para falar com o senhor Thurman.

— Acha má ideia?

— Não faz sentido, se é home office porque temos que mudar para perto da empresa?

— Sei lá, vai ver é algum tipo de regra.

Não lembro de ter lido isso no código de ética e conduta, nem em lugar nenhum do meu contrato.

— Você não quer mudar amor?

— Bem, eu não sei João, você quer?

— Eu só irei se você for.

— Vou tentar falar primeiro com o senhor

PERIGOSAS ACHERON

Thurman, depois falamos sobre isso.

Prefiro assim.

— Está bem, quer que eu prepare um café?

— Sim, vou separar os documentos, um motoboy virá buscar nossos documentos para contratação, a Socorro avisou.

João sorri de ponta a ponta, ele deixa a pasta sob o centro e se aproxima todo empolgado, eu sei que isso é muito importante para ele.

— Vamos ter uma vida melhor Nanda, sem passarmos aperto, quando estivermos estabilizados e pagarmos ao senhor Thurman eu prometo que saímos, está bem?

— Está bem João.

Ele segura a minha mão, fecho a cara, ele me puxa e continuo carrancuda.

— Vamos, para de se fazer de durona, eu sei que você quer me dar uma bitoquinha.

— Ah tá!

Solto a mão dele e lhe dou as costas escondendo o sorriso.

— Sonha ai filhinho.

Posso escutar sua risada de longe, a anos não o escuto sorrir assim... E tenho que admitir, que por mais que odeie o senhor Thurman, de

alguma forma isso deixa meu marido feliz, o que posso fazer?



— Gostou do apartamento senhora Carvalho?

Se eu pudesse chamar isso de apartamento... O meu antigo apartamento parece um quarto perto disso, olho envolta, não posso esconder meu marasmo, nem mesmo o apartamento dos meus sogros é tão grande, nem tem uma vista tão boa do centro de São Paulo, contudo, eu mesma não sei o que falar, não sei como me sentir.

Chegamos hoje a este lugar, tudo de início parecia uma loucura, durante esses dois dias eu tenho tentado falar com o senhor Thurman, mas ele não atende as minhas ligações, consegui o número dele com a Socorro, ela não se negou a me passar, mas atender que é bom...

— Normal.—digo e fico chateada.

— Bom.

Primeiro que eu odiei o fato de ter que mudar as pressas do meu antigo apartamento, segundo que não trouxemos nossa mobília, haviam muitas coisas que eu e o João ganhamos em nosso

casamento, e terceiro, que eu detesto essa situação, contudo, só parece ficar pior.

— Eu liguei esses dias, para esclarecer algumas coisas sobre o contrato do João, não sabia deste programa que traz um home office até prédios caros de São Paulo para perto da Thurman.

O aluguel e o condomínio devem custar os olhos da cara, quando o carro da mudança parou diante do prédio eu estava boquiaberta, daqui dá para ver os arranha-céus do centro de Sampa, principalmente a Thurman.

— É um dos benefícios de se trabalhar na minha empresa senhora Carvalho.

Não acredito muito nessa desculpa.

— E o caso? Como está indo?

Ele não quer falar sobre o assunto, a voz de Kalel Thurman está fadigada.

— Bem, posso perguntar porque o senhor não me atendeu antes?

— Porque eu estava ocupado Fernanda, estou em viagem pela Europa, não posso me dar ao luxo de ficar parando todas as vezes que você liga, e pelo visto, não foram poucas.

Fico sem resposta.

— Se ligou para ficar reclamando, preciso

dizer que é meio ingrato da sua parte, estou fazendo tudo ao meu alcance para que você e seu marido fiquem bem instalados.

— A escola da minha filha fica do outro lado da cidade.

— A empresa oferece auxílio para crianças até 7 anos de idade, coloque-a numa escola particular.

— Tão fácil não é mesmo?

— Olha, eu tenho mais o que fazer, faça bom proveito do cargo, e de nada.

Então desliga na minha cara.

Fico olhando para o celular bastante irritada, jogo o aparelho em cima da cama, vim ao quarto, os homens da mudança estão colocando nossas caixas na sala, o João está com a Clara por lá mesmo, decidi vir conhecer o resto do novo apartamento.

Dentro de mim, o coração fica apertado e ao mesmo tempo sou tomada pela raiva, porque não acho que as coisas deveriam ser assim, quando avisei para mamãe que mudaríamos ela quase caiu para trás, mas como está viajando, não houve muito a ser feito, só disse que mudaríamos para algum lugar mais perto da empresa, eu nem quero ver a

reação dela quando vier aqui.

Só espero que tudo fique bem.



—Nanda, ainda está brava?

— Não exatamente.

O João me abraça, consigo me sentir mais segura, ou um pouquinho mais, tudo está acontecendo muito rápido, e ainda me sinto deslocada com forma como as coisas estão progredindo, ou mais ou menos isso.

— Tenho medo da forma como as coisas estão acontecendo rápido.

— Não precisa ter medo amor, o senhor Thurman só quer reparar o dano que causou.

—Teoria da reparação do Dano integral? Ah qual é João, eu não sou um consumidor.

Ele ri, me viro nessa nova cama, o apartamento é bem mobiliado, algo não muito sofisticado mas bem ao nível Classe média baixa de São Paulo, coisas que eu verdadeiramente não tenho no meu antigo apartamento por falta de espaço, nesse quarto tem cama, poltronas, criados, uma tv de led grande e um closet, também banheiro, no outro quarto, tem as mesmas coisas

PERIGOSAS NACIONAIS

mas é menor, esse prédio inclui uma sacada também, que por enquanto manteremos trancada por conta da Clara, trouxemos o colchão do outro quarto e colocamos no chão para ela dormir, ainda me sinto estranha em estar aqui.

— As coisas não estão certas—digo com receio.— Não deveríamos ter aceitado João, algo me diz que isso não é certo.

— O que não é certo amor?—ele pergunta.
— A anos não me sinto útil, revigorado, precisamos do dinheiro.

— Não assim, não aceitando a generosidade do senhor Thurman a todo custo.

— Não te passou pela cabeça que eu não quero essa situação tanto quanto você? Mas eu preciso, nós precisamos, estou pensando em você e na Clara.

Ele me dá um beijo na cabeça, suspiro, o abraço, fico quieta, meu primeiro dia nesse lugar estranho já começou com o fato de eu não querer estar aqui, depois o fora do meu patrão, e agora o João querendo me enfiar na cabeça que temos que aceitar.

Ok, não me engano, estamos passando por bons bocados, mas nada impossível de se resolver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu celular começa a ascender o visor, checo o número e já reconheço logo de cara, deixo sob o criado e não atendo, esse otário merece meu desprezo por ter me tratado mal mais cedo.

Não tolero gente como Thurman, ele não me desce.

Nunca vai descer, e eu não sou obrigada a me sentir honrada ou coisa assim por ele estar fazendo tudo isso por nós, porque por culpa dele eu fui atropelada e fiquei internada, estou com esses arranhões nos braços e pernas, por pouco não morri, e isso é muito sério.

Não há dinheiro que pague certos tipos de coisas, essa é uma delas.

Não sei se por falta de paciência ou se pela raiva que ele me passou quando me procurou no meu apartamento me exigindo respostas, eu não sou obrigada a ficar falando da minha vida para ninguém, tão pouco para ele, e nada dava o direito dele ir até lá e jogar meu casamento no lixo assim como ele fez.

Eu nem sei como as coisas teriam ficado se de fato, aquela moto não tivesse me atingido, porque eu sei que ele não voltaria para desfazer o engano, pensando agora com calma sei disso, mas

PERIGOSAS ACHERON

naquela hora não pensei.

Agora, estamos dependendo dele para uma porção de coisa, odeio isso.

Não suporto gente arrogante, ignorante eu até sou as vezes, mas arrogante eu nunca fui, sou humilde, e aquele otário não tem um pinga se quer de humildade, detesto isso nele, também o jeito como é convencido, mas acima de tudo o fato de ser autoritário.

Não consigo esquecer a forma como a quatro dias atrás nos despedimos, quando ele beijou a minha testa e me fez sentir que sou ainda mais idiota por tudo, fico tão brava por deixar esse homem se aproximar de mim, porque não devo e porque as coisas não são assim, não podem ser assim.

—Nanda.

— Hummm...

— Eu te amo.

— Eu te amo meu amor.

Viro o rosto para o lado sem me preocupar com o celular, tento esvaziar a minha mente, não consegui dormir direito esses dois dias, nem comer, tive que me virar para arrumar a mudança, correr atrás para ver as questões da escola da Clara, foram

tantas coisas, e ainda sim não me sinto tão esgotada.

Ele me beija a cabeça e me aperta, meu corpo sobe em cima do corpo dele, e o beijo se torna mais lento, afasto os pensamentos ruins, as mãos do meu marido estão tocando as minhas costas, meus ombros, e assim, apenas com o seu toque, vou relaxando, as coisas ficam bem.

A muito tempo não temos tanto contato, temos brigado bastante, discutido, eu nunca pensei que ao entrar na Thurman teria tantos conflitos com ele, algo tão complicado por coisas tão pequenas.

João desliza as mãos pelos meus braços e a minha língua se enrosca na dele com naturalidade, com a mesma intensidade que sempre encontrava antes dele sofrer o acidente, perco o ar com os beijos, e ainda que eu saiba que não passará disso, vou ficando mais empolgada, é gostoso beijar, é gostoso ser tocada, ser percebida, se sentir mulher, coisas que acabaram com o acidente.

Coisas que não tenho tido a um bom tempo.

Não somente pelo sexo, mas por me sentir só em alguns sentidos da minha vida, largada, como se o meu próprio marido não me desejasse, é terrível se sentir assim, ainda mais depois de ter

tido uma filha e estar acima do peso.

Quero que o João volte a me desejar, a me dar mais atenção como esposa, como a mulher que um dia ele surpreendeu na cama com leite condensado, não acho que é pedir demais.

Ele puxa a minha blusa e me ergo ajudando-o a tirar a camisa dele também, jogo a blusa para longe e ele toca meus seios, as luzes do quarto estão apagadas apenas a luz do abajur acesa, nos olhamos em silêncio.

— Sou atraente para você?—pergunto incerta.

— Muito—ele fala baixinho.— E eu? Você ainda se sente atraída por mim?

— Mesmo você sendo um banana? Sim!

Ele sorri, toca minha cintura, meus quadris, estendo a mão e toco seu peito, seus ombros, me inclino, eu o beijo, sua mão separa as minhas pernas, e ele puxa a calcinha para o lado, arfo, e ele se coloca entre as minhas pernas, está tão duro, não o vejo assim a muito tempo.

— Vem amor—ele convida.— Senta aqui no colinho do papai.

Começo a rir, mas ele faz gesto de silêncio, tapo minha boca, e sinto que algumas lágrimas

PERIGOSAS NACIONAIS

caem pelas minhas faces, eu o beijo, e a forma como estou me torna inquieta, e nos beijamos, mais e mais, então ele vagarosamente se conduz para dentro de mim me penetrando.

Dobro as pernas e me acomodo de encontro a ele, suas mãos estão tocando minhas costas e nossas bocas estão unidas, meus quadris começam a se mover devagar, ouço seus gemidos baixos, e me contento em não poder fazer barulho.

Sentir ele me penetrando é inconfundível, gostoso, quando me sento por completo, aperto os olhos adorando a sensação de ser totalmente preenchida, as mãos dele deslizam até meus seios e me movo lentamente, ele solta os meus cabelos do coque e os espalha por meus ombros, são cacheados, eles caem e ele faz com que eu me erga.

Me observa me movendo em cima dele, toca meus seios com força e meus cabelos, umedeço os lábios e meus quadris dançam mais depressa, é muito bom, e sinto prazer, um prazer feminino que eu já havia me esquecido de como era sentir.

Toco seu peito e seu pescoço, me inclino, eu o beijo mais e mais e suas mãos descem para minha bunda, ele a aperta com força, meus seios

PERIGOSAS ACHERON

roçam em seu peito no vai e vem delicioso, e quanto mais ele entra em mim, mais fico lubrificada.

— Tá apertada—ele sussurra entre o beijo.
— Deliciosa.

— É?—pergunto e mordo seu queixo.— E gosta?

— Demais.

Rio, beijo seu pescoço, meus quadris se movem mais rápido e me estico puxando os braços dele para cima, ele sorri e pega minha blusa, entende o recado, coloca nos olhos cobrindo-os, e as mãos cima da cabeça juntas, me apoio nas coxas e me movo rápido sob sua ereção.

Ele sorri e isso é perfeito, me sinto mais livre, mais ousada, minhas mãos deslizam até seus pelos pubianos, e eu o toco enquanto faço o vai e vem que adoramos, meu corpo todo se arrepia, os lábios dele se curvam e ele geme umedecendo-os, a imagem é erótica, e me excita.

Adoro quando ele faz um biquinho sacana para mim.

Puxo os pelinhos, ele sorri e faz o biquinho, sorrio, me estico e me sento totalmente sobre sua ereção, abro as pernas e me apoio nos pés, a anos

PERIGOSAS NACIONAIS

não fazemos isso, ele segura o meu pé e o puxa, depois começa a chupar os meus dedos um a um com carinho.

Arfo, me apoio em suas coxas e me movo devagar, ele entra e sai, mas me excita muito mais o fato de vê-lo chupando meu pé, nunca tentamos esse fetiche, contudo, está sendo delicioso.

Isso me deixa mais úmida e viscosa só para ele, ele morde a sola do meu pé devagar e gemo alto, tapo a minha boca um pouco assustada com as minhas reações, ele se ergue e me olha daquele jeito.

— Você sabe o que acontece com mulheres escandalosas não sabe?

— Aham, me mostra.

Estamos arfantes, rimos, eu o enlaço pelo pescoço, e tenho certeza de que a nossa noite só está começando.

PERIGOSAS ACHERON



Nos últimos 3 anos, raras foram as vezes pude dizer que me senti assim tão feliz depois de uma noite de sexo, mas ontem foi algo especial e bom, estou contente que a nossa noite tenha acabado no meio da madrugada, e que quando eu fui dormir, estávamos suados e abraçados, não sei nem que horas são, mas já levantei mais disposta, vesti uma calcinha e vim preparar nosso café, ele ficou dormindo na cama enrolado com o edredom até o pescoço, não quis acordá-lo.

Tento me entender com essa nova cozinha, ainda não desencaixamos muitas coisas, apenas o básico para a primeira noite no novo apartamento, sorrio de novo e de novo, toco meus lábios, fecho os olhos, e estou mais relaxada, como a muito tempo não me sentia, disposta até.

Estava muito tensa nos últimos dias, depois dessa noite maravilhosa de sexo, me sinto um bocado melhor.

Hoje acredito que conseguiremos arrumar algumas coisas, nos organizarmos, vou arrumar o outro quarto para Clara e colocar alguns enfeites que eu trouxe do outro apartamento para cá, ainda nem tive tempo de falar com o síndico do meu antigo apartamento, vou conversar sobre o restante do mês, e também ver o que faço com a minha antiga mobília, acho que vou pagar um caminhão de mudanças para deixar na casa dos meus pais, é maior, lá tenho certeza que em um dos quartos caberá tudo, ou no terraço do fundo.

Meu celular vibra, começo a preparar o café, acho que vou fazer um cuscuz, o João gosta de comer cedo, os pais dele são nordestinos, então...

— *Oi.*

— *Bom dia senhora Carvalho.*

Ah, é você?!

Paro de sorrir, reviro os olhos, meu encanto acaba de ceder, pelo ou menos depois desse bom dia cheio de sequeidão.

— *Bom dia senhor Thurman—digo da mesma forma impessoal.— Engraçado, não reconheci seu número.*

— *Estou ligando do telefone da minha*

filial, como você não atendeu a nenhuma das 27 ligações que fiz ontem, eu decidi ligar de outro número.

Eu também não teria percebido porque até 5 segundos atrás estava super feliz, bastou ouvir a voz desse otário que já vou ficando toda irritadiça.

— Eu não posso ficar parando todas as vezes que o senhor liga, e pelo visto, não foram poucas—digo e bocejo, escuto um grunhido do outro lado da linha— Em que posso ajudá-lo ?

— Só para que conste eu liguei para me desculpar, mas você é uma atrevida mesmo—pragueja ele, a voz coberta de raiva.— Irônica.

— É a vida—respondo ignorando-o completamente.— O senhor ligou para saber do caso do senhor Hans? Já estamos na quinta pasta, o processo é muito extenso, eu fiz algumas observações, quer que eu envie para o senhor via e-mail?

— Por favor, use o e-mail corporativo—diz chateado.— Um pessoal da equipe de manutenção irá a sua casa para instalar computadores para você e seu marido, você também vai receber celulares para uso da empresa.

— *Ok—digo enfática.— Algo mais que eu deva saber?*

— *Quero esse caso em até 15 dias, mês que vem, irei ao Brasil, quero conversar com você e seu marido pessoalmente sobre algumas questões.*

— *Sim senhor.—digo e despejo a água quente no filtro com café.*

— *Você está bem? Como estão os arranhões?*

— *Bem.*

Não quero pessoalidade com ele, não quero ficar dando satisfações da minha vida para ele, detesto a situação, eu não queria nada disso, mas enfim, tudo está de uma forma que eu não consigo ter muitas escolhas ou alternativas, Kalel Thurman não me deixaria em paz se eu não houvesse vindo.

— *Quando eu for, vou levar uma pessoa comigo, alguém muito importante para mim— Kalel fala calmamente.— Espero que vocês gostem dela.*

— *Tenho que gostar?—estou surpresa.*

Acho que ele está se referindo a uma namorada!

— *Sim—ele suspira.— Ouça, não sou*

fácil, mas você dificulta tudo Fernanda, não poderia ser mais cordial?

— Não poderia ser menos mandão e arrogante?—contra pergunto.

— Eu só estou fazendo o que é melhor para você e sua família, para que fiquem confortáveis, sei que esse acidente te prejudicou muito.

— Sei.

Porque eu não consigo acreditar em uma sílaba se quer do que ele fala?

— Vamos nos falando via e-mail, Socorro irá monitorar todo o caso juntamente com você e o John.

— O nome dele é João.

— Eu estou pagando muito bem, posso chamar ele do que eu quiser, fique bem.

— Grosso!

— Até logo querida.

— Eu não sou su...

E desliga.

Começo a me tremer de raiva, detesto, detesto esse homem com todas as minhas forças.

— Seu nojento—berro para o celular.

— Senhor Thurman? Tão cedo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Me viro, João se aproxima em sua cadeira, ele está de cueca, os cabelos bagunçados, aquela cara que ele faz depois que transa comigo a noite toda, e bem, não foi a noite toda mas que foi bom, foi.

— Ele ligou para avisar que vão instalar equipamentos para trabalharmos—digo encrespada.
— Arrogante!

— E você que não leva desaforo para casa...

— Eu apenas retribuo amor, a cada ação corresponde a uma reação—respondo e me aproximo, me sento em seu colo.— Bom dia gostosão.

— Bom dia tesão!

Rimos, nos beijamos, ele me aperta, toca minha coxa.

— As coisas darão certo amor—ele está convicto.— Vamos ter uma nova vida a partir de agora.

Olho envolta.

— É, pelo ou menos esse prédio tem elevador.

— Dois elevadores.

Gargalho, eu amo o meu marido, mesmo que a situação não me agrada, eu o vejo feliz, eu o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vejo tornando a ser o homem por quem me apaixonei a anos atrás, e fazendo coisas comigo que não fazíamos a um tempo, me alivia saber também que talvez eu tenha me equivocado em alguns sentidos com o senhor Thurman, ele virá da próxima vez e trará uma namorada, só espero que tudo se conserte.

PERIGOSAS ACHERON



Tive que me acostumar com os e-mails super educados e padrões do senhor Thurman, nos primeiros dias, com as invasões de privacidade da equipe de manutenção da Thurman, eles vieram durante 3 dias para instalar dois computadores, impressoras, e colocar mesas para mim e para o João, no apartamento descobri que havia um pequeno quarto nos fundos, onde poderíamos montar nosso “escritório”.

Eles trouxeram uma cadeira própria para mim e uma mesa adaptável para o João, colocaram ar-condicionado no quarto, e instalaram também uma tela maior para vídeo chamadas no caso com a empresa.

Estava correndo com as caixas da mudança, João me ajudando com o caso, ambos tiramos todas as manhãs para trabalhar até metade da tarde, os nossos pontos são controlados por tempo logado em cada máquina, Socorro veio nos visitar no PERIGOSAS ACHERON

quarto dia depois de nossa chegada ao novo apartamento, com dois contratos de trabalho, não tivemos muito tempo de ler, mas assinamos tudo, ela também não tinha muito tempo para esperar, tinha reuniões importantes naquele dia.

Mas deixou claro que estava muito feliz por eu ter tecnicamente voltado a empresa.

Não sabia se me sentia muito bem, contudo, tem sido correria desde então, consegui resolver a questão da escola da Clara, tive que tirar ela da antiga creche, ela ficará conosco até recebermos o nosso primeiro salário, temos nos virado com ela como podemos por esses dias, mas ela está se adaptando muito bem ao novo apartamento, tem mais espaço.

Bem, tem quinze dias que estamos aqui, e tem sido basicamente uma loucura.

Não sei se posso dizer que estou me acostumando, essa não seria a palavra certa, mas tenho que admitir, que apesar de sentir muita falta do Paulão, é muito bom ver o meu marido descendo e subindo sozinho sem toda aquela dificuldade, e que ver a minha filha tendo um espacinho para ela, uma tv melhor, é muito bom.

Aqui temos internet sem fio, TV a cabo,

PERIGOSAS NACIONAIS

água quente, muitas coisas que nos faltavam com frequência no nosso antigo lar, não passamos por nenhum tipo de constrangimento desde que chegamos, pelo contrário, o síndico até nos enviou uma carta de boas vindas, aqui tem 3 porteiros, ainda não decorei os nomes deles, e tem uma zeladora, ela quem cuida da limpeza do lugar, uma mulher morena de olhos chamativos e sorriso aberto.

No condomínio tem piscina, play ground e churrasqueira, também tem um salão de festas, fiquei um pouco surpresa quando descii sábado passado com a Clara para dar uma volta e percebi o tamanho do lugar, é bem espaçoso, com jardins envolta dele, e com um muro tão alto que duvido que alguém se atreva a pular.

O caso do Senhor Hans ficou pronto ontem, ao menos o João me ajudou a identificar todas as falhas jurídicas encontradas no decorrer do processo, não me gabo, mas o meu marido é um excelente civilista, ele entende tanto que conseguiu ver tudo com um olho clínico melhor que o meu, o senhor Thurman nos enviou vários livros jurídicos, jurisprudências de acordo com o processo do lugar onde ocorrem os processos.

PERIGOSAS ACHERON

Não encontrei dificuldades, graças a minha pós em direito internacional, antes de enviar tudo pelo boy para Socorro, eu e o João nos certificamos que estava tudo certo, quando terminamos, ele estava rindo feito um bobo de tão feliz.

É tão bom vê-lo se sentindo mais ativo e útil.

Esse emprego deu um up nele mesmo, ele acorda mais disposto, bem-humorado, tem estudado mais e puxado mais assunto comigo em relação a tudo, vejo aos poucos que o meu marido retoma sua posição no mundo e isso é maravilhoso.

Mas tem a outra parte, o otário!

Não nos falamos mais por telefone, até que enfim ele entendeu que eu não queria papo, nossos e-mails tem sido muito profissionais, e admito, o senhor Thurman é um advogado e tanto, ele nos deu muitas dicas sobre o caso, nos ajudou com algumas peças processuais e nos instruiu sobre a empresa do senhor Hans.

Lógico que sei que não fez por simpatia, ele estava ali fazendo algo por sua empresa, mas o cara é bom, infelizmente tenho que admitir, a cada e-mail eu estava muito admirada por sua percepção sobre o caso e alguns pareceres que ele tinha a

falar.

Senti vontade de falar sobre o assunto com ele, mas passou, todas as vezes que quando eu enviava um e-mail para ele, eu via o João ao meu lado todo focado e pensativo, trabalhando, percebi que talvez o senhor Thurman confundisse as coisas de novo, e não quero isso.

E também, estou até curiosa para conhecer a tal namorada dele, acho que ele quer mesmo desfazer o engano que houve com o João.

Pensei um pouco mais em mim nesses dias, retomar minha vida sexual com o meu marido me fez querer estar bem, passei a me arrumar mais durante o dia, me cuidar a noite, e me senti seduzida quando observei ele todas as manhãs, depois do banho colocando calça social e camisa social.

Teve alguns dias que ele até colocou antigas gravatas e foi como rever um pouco do homem que aprendi a amar em todos esses anos.

Não tivemos muito tempo para nós dois, porém, fizemos nosso trabalho, mamãe chegará amanhã, ela virá conhecer nosso novo apartamento, estou agora procurando uma escolinha nos arredores para colocar a Clara, como as inscrições

municipais só serão refeitas ano que vem, vamos ter sim que pagar uma escolinha.

Não posso privar ela da sua educação, e quanto antes for alfabetizada melhor.

João está no quarto chegando novos e-mails, estudando um pouco mais, ele disse que está enferrujado, também conversei com a Socorro via e-mail, mas tudo muito superficial, e mais falamos do caso que tudo, segundo ela, de fato, o senhor Hans confia muito em mim, e fiquei feliz com isso, me senti honrada como a anos não me sentia.

Pegar esse caso inicialmente não foi legal, mas entregar ele foi muito bom, ainda mais fazer ele com o meu marido, como nos velhos tempos.

— Mamãe!—Clara chama.

— Oi meu amor!

— Visita!

Escuto o som da campainha de novo e de novo, sacudo o cabeça, pego a Clara no colo, passei o endereço para minha mãe, o João também passou para os pais dele, mas sei que não virão tão cedo.

— Duvido que se eu falasse: “*estamos nos separando*”, aquela velha não viesse.

Talvez ela viesse com uma mala vazia para encher ela com as roupas do meu marido e o

levasse para longe de mim. Coloco a Clara de lado e abro a porta me preparando para cumprimentar quem quer que seja.

Percebo primeiro o par de sapatos vermelhos cor de verniz, e leva alguns segundos até eu notar o par de sapatos bem maiores e familiares ao lado destes, ergo o olhar, o vestido que ela usa é longo e preto, tem bolinhas e mangas compridas, as pernas dela são longas, e os olhos têm um tom de azul-claro muito bonito, são redondos e chamativos, e tem uma tiara de orelhinhas na cabeça dela.

Uma menina!

—Senhora Carvalho—diz ele com a voz baixa.— Tudo bem?

Não sei nem como esconder meu choque diante dele, Kalel Thurman se inclina na minha direção e mal me movo, respiro devagar, e meu coração se acelera todo quando ele beija a minha cabeça, meus nervos se enrijecem.

— É bom revê-la—Kalel diz cordialmente.

— Vo-você não viria só mês que vem? Quer dizer, o senhor...

— Vim antes—ele me interrompe.— Podemos entrar?

— Claro—abro espaço.— Por favor.

A Menina me olha e olha para Clara, depois o segue, a mão segurando a dele com firmeza, ela é magra, não deve ter mais de 7 anos, é franzina, fecho a porta incrédula, e me cerco com uma insegurança que não esperava sentir tão cedo.

Cadê a namorada dessa praga?

— A namorada não veio?—pergunto e coloco a Clara no chão.

— Não há namorada—ele responde muito calmo.— Não acredito que fiquei quase 20 dias fora e você não me pergunta se estou bem.

— O senhor está bem?—questiono de imediato.— Me desculpe, não esperava pela visita do senhor.

— Eu fui a empresa, como fica aqui perto, pensei em vir te visitar, saber como andam as coisas.—os olhos azuis me fitam de repente.

Desvio o olhar, desconfortável, uso um desses vestidos de ficar em casa, meus cabelos estão soltos, e a minha sala não está uma completa baderna, mas as bonecas da Clara estão espalhadas por todo lugar, eu nem estou usando sutiã, o que me passou pela cabeça em abrir a porta assim?

— Não sabia que tinha cabelos tão...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Encaracolados?—pergunto e toco eles, envergonhada, começo a prender eles.

— Longos—ele olha envolta.— Que bom que já se acomodaram, onde está o John?

—João!—corrijo e reviro os olhos, rapidamente, prendo meus cabelos num coque.— Vou chamar ele.

— Temos que conversar—Kalel avisa.— É algo sério.

E pela cara dele...

— Está bem, eu vou chamar ele.

— Tem café aqui? Viajei horas, preciso de um café.

— Tá, tem sim, eu fiz agora a pouco, o senhor pode se sentar aqui, fique à vontade com a sua... sua...

— Filha—completa ele apenas educado.— O nome dela é Alice.

— Está bem, eu vou te servir um café e depois eu chamo o João, ele estava estudando um pouco mais o caso a fundo, sua filha aceita um pedaço de bolo?

— Ela não come bolo, ela é intolerante a lactose, mas aceita um chá, certo meu amor?— pergunta ele e pega a menina no colo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ser—Alice olha para a Clara toda concentrada.

Estou em choque.

Ok, calma, calma, o fato da praga ter uma filha não muda nada... Certo?

Acho que preciso de um café também, bem amargo e forte.

PERIGOSAS ACHERON



—Não esperava que eu viesse certo?

Dou um pulo, meu coração se acelera, o senhor Thurman está atrás de mim, a voz dele causa arrepios por todo meu corpo, fecho a garrafa do café, as mãos dele pousam nos meus ombros e perco a respiração por alguns segundos.

—Fernanda, acredite, isso o que você sente não é raiva, é clara a tensão sexual entre nós dois.

— Não—nego de imediato e me afasto.— Eu fiz o café, o senhor não havia pedido?

— Você sabe porque eu vim, porque se nega a ver o óbvio?—ele pergunta num tom tão sério que enrijeço.

— Não sei do que o senhor está falando— respondo seca.— Eu vou chamar o meu MARIDO!

— Acontece que eu não dou a mínima se você é casada ou não—ele replica.— Eu não me importo.

Abaixo o olhar, essa é a coisa mais imoral e absurda que alguém poderia me falar em toda a minha vida.

— Eu vim para conversar com o seu marido, com você...

— O senhor não sabe o que fala— interrompo-o abismada.— Pare de me assediar.

— Eu não estou te assediando Fernanda, eu estou deixando claras as minhas intenções.

— Existem intenções?

Me viro para ele, sinto vontade de chorar com essas palavras, ele não deveria dizer isso, ele não tinha que ousar se aproximar de mim com nenhuma outra intenção se não de trabalho.

É tão baixo da parte dele falar isso para mim, eu sou casada, eu amo meu marido!

— Existem muitas intenções, você acha que eu ficaria vindo ao Brasil se não houvessem intenções?—ele questiona, os olhos azuis me encaram duramente.— Não deve sentir medo.

— Medo?—pergunto insegura.— O senhor não sabe o que fala, sei que isso não deve ser.

— Porque não?—Kalel não se move.— Não me importo que seja casada.

— O senhor enlouqueceu! —acuso.—

Também não sei porque trouxe sua filha.

— Não quero que pense que não sou um homem sério, nem que desconfie de mim, quando estou em um relacionamento poli afetivo eu costumo levar muito a sério as pessoas com quem me envolvo.

Fico constantemente sem palavras quando o senhor Thurman fala coisas assim, ele é tão direito que soa mal-educado.

— Não sei sobre o que está falando—nego veemente.— E não quero saber.

—Mas deve—argumenta severo.— Eu me interesso em você, eu já disse isso.

— Pensei que fosse apenas um engano.

— Eu nunca me engano Fernanda.

Eu não tenho medo dele, mas as intenções me deixam horrorizada.

— Vou conversar com o seu marido...

— Não vai não!

— Eu vou sim, ele precisa saber de tudo, os dois precisam saber como as coisas funcionam.

— Você está impondo isso?—inquiri amuada.

— Eu não quero dificultar as coisas—murmura.— Não consigo fazer nada direito quando

PERIGOSAS NACIONAIS

estou sexualmente frustrado.

— Arrume uma puta.

— Você acha que eu já não tentei?

Fico estarrecida.

—Não tenha medo das minhas intenções— censura ele.— Eu prometo que as coisas não são assim tão ruins como você pensa.

— Ah não, o senhor só vem a minha casa e me propõe que eu seja sua amante—devolvo.— Isso é ilógico.

— Não seria minha amante, bem, seria, mas não da forma como você pensa.

— Quer saber, você é louco!

—Fernanda acredite, você não é a única mulher no mundo casada com quem eu já tive um relacionamento, não se sinta honrada com isso, eu já tive casos com umas nove mulheres casadas e já transei com muitas outras por bem menos.

— Você é ridículo.

— Obrigada pelo título.

Sinto uma ponta de estresse entre nós dois, estou a beira de um ataque de nervos.

— O que está havendo aqui?—escuto a voz firme do meu marido soar no apartamento.— Escutei os gritos do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho a cara, cruzo os braços, me aproximo do João, ele está com cara de quem dormiu a tarde toda e acaba de acordar.

— Vim para conversar com os dois, porque eu não aguento mais essa situação.—pronuncia Kalel Thurman.

— Não existe situação alguma—rebato nervosa.— Amor, melhor você voltar ao quarto, eu acompanho o senhor Thurman até a porta.

— Eu quero saber as intenções dele.—o olhar do João é punitivo.

Meu coração dispara.

Kalel o olha e ele devolve o mesmo olhar trombudo, e um silêncio estranho se faz na cozinha, escuto daqui apenas o som da TV que vem da sala, o programa infantil predileto da Clara.

— Eu quero dividir a sua esposa com você.—Kalel fala subitamente.

— Que?—João indaga e faz uma careta.

— Foi exatamente o que ouviu—confirma.— Preciso repetir?

— Você enlouqueceu?—João berra e as veias de seu pescoço crescem rapidamente.— Ficou louco irmão?

— Foi o que eu disse, isso é um absurdo!—

PERIGOSAS ACHERON

esbravejo.

— Sai da minha casa!—João ordena furioso
— Você acha que pode vir aqui e falar isso na minha cara?

— Preferia que eu a levasse para cama sem seu consentimento?—questiona meu chefe com simplicidade.

Senhor!

— Olha cara, você está passando dos limites —João aponta para ele.— Que história é essa? Ficou louco? Nós somos uma família honesta, minha esposa é uma mulher de família, precisamos do emprego, mas não nos sujeitaremos a esse tipo de coisa só porque você é rico.

— Isso não tem a ver com dinheiro—Kalel responde hostil.— Podemos conversar civilizadamente?

— Dá para conversar civilizadamente depois que você falou pela segunda vez na minha cara que quer “*comer*” a minha mulher?

— Ouça, as coisas não são assim...

— Ela é casada comigo, é minha mulher, se for homem chega aí...

— Eu realmente não tinha essa intenção...

E os dois começam a discutir, enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

João começa a aumentar a voz, Kalel mantém-se sobre controle absoluto replicando mesmo que um pouco mais enérgico sua voz não sai do tom de sempre, frio.

Olho para um e depois para o outro, vejo meu marido furioso como nunca e esse completo estranho diante de nós falando todas essas coisas absurdas, me enfureço, pego a primeira coisa que vejo pela frente e arremesso no chão com o intuito de freá-los.

O som dos estilhaços da minha xícara causam um barulho alto, então João se cala, e o senhor Thurman também, engulo a minha frustração com a situação, não consigo me pronunciar, e me afasto da cozinha no sentido do meu quarto, soluço tentando engolir o choro, mas não consigo segurar.

Tudo dentro de mim está se rompendo, meu coração queima, minha garganta se pesa.

E agora?

PERIGOSAS ACHERON



Fungo, engulo as lágrimas, estou tão péssima, acho que tudo foi muito longe a alguns dias, na verdade está indo longe já a algum tempo, desde que aquele homem apareceu em nossas vidas.

Parece que quanto mais ele se aproxima de mim, mais as coisas vão ficando piores, meu apartamento está em completo silêncio, mas acho que o João e a Clara já estão acordados, tomei alguns remédios para dor de cabeça e outros para dormir, porque perdi duas noites de sono depois da visita do senhor Thurman.

O João e eu não conversamos, sempre que ele chega perto, sinto muita vontade de chorar, me sinto envergonhada, medrosa e acuada como nunca me senti em toda a minha vida, depois daquela proposta, só consigo me sentir mal com tudo.

Algo tão absurdo tomou uma proporção

PERIGOSAS ACHERON

gigante e intensa na minha vida, porque eu nunca pensei que ouviria alguém falar tão abertamente algo assim, nem que fosse tão atrevido para contar isso na frente do meu marido.

É inimaginável que alguém civilizado e normal proponha uma coisa dessas, ainda mais para uma mulher casada e de família, aquele homem fez com que eu me sentisse uma vadia, só de pensar em tal hipótese, eu não quero ir para cama com ele.

Tenho até pavor de pensar como está a cabeça do meu marido, me sinto responsável e preocupada, mesmo que eu não seja, porque nunca nem dei ousadia para o senhor Thurman, no primeiro dia após seu retorno tive uma crise de ansiedade e não consegui comer nada, não quis ver ninguém, me tranquei no quarto da Clara e ali fiquei o dia todo.

O João também não insistiu, ele sabe que estou destruída depois de tudo, minha cabeça dava giros e giros e as palavras de Kalel Thurman ecoavam na minha cabeça repetidas vezes, coisas como *“Eu quero dividir a sua esposa com você”*, *“Não tenha medo das minhas intenções”*.

Percebi que estava com medo de tudo, que não queria ver ninguém, e estou até agora com isso

martelando em minha mente, repentinas vezes me veio a vontade de sair correndo pela porta da frente desse apartamento, de sumir, e nunca mais ver Kalel Thurman em toda a minha vida.

Mas as coisas não se resolvem assim.

—Nanda!—ouço meu marido chamar do outro lado da porta.

Não respondo, me encolho, abraço os cobertores.

—Nanda, abre a porta, você tem que comer, deixa disso amor—João pede.— Não foi sua culpa, eu sei, eu te conheço, confio em você.

O problema não é esse.

— Amor, por favor, abre essa porta... O que está fazendo aqui? Eu disse para você não vir, quem abriu a porta para você?

— Sua filha, o que está havendo?

Me arrepio toda, e sinto uma súbita raiva desse homem, tanta raiva do João também, porque se ele tivesse recusado a oferta de emprego não estaríamos passando por isso, se ele ao menos tivesse me ouvido quando o senhor Thurman esteve em nosso apartamento, as coisas seriam diferentes, quem sabe nada disso teria chegado a esse ponto?

Saio da cama, me apresso e abro a porta,

ambos estão lado a lado, olho para João e depois para o senhor Thurman, ergo a mão e não penso duas vezes antes de acertar um tapa forte no rosto do meu chefe, o estalo é alto, e por alguns segundos ele parece fora do ar.

— Isso é pela sua proposta indecente!— digo e olho para o meu marido, e também dou uma bem servida na cara dele, ele arregala os olhos e me encara horrorizado.— E isso é por você ter aceito o emprego quando eu não queria, nada disso teria acontecido se você houvesse recusado assim como eu disse, agora essa praga vai ficar nos atormentando o resto de nossas vidas com essa ideia de “*poli*” não sei lá o que.

Ambos ficam calados me encarando, Kalel Thurman em seu terno impecável e de corte caro inflamado por raiva, o rosto com as marcas dos meus dedos, todo vermelho, e o meu marido apenas como se estivesse chocado demais para acreditar que fiz isso.

Nunca, nunca nos agredimos verbalmente, nem fisicamente.

Não estou arrependida nenhum pouco.

— Os dois, vão sumindo das minhas vistas, agora!—berro próxima de um colapso.

Kalel dá um pulo enquanto o João segura as rodas da cadeira e vai se afastando pelo corredor, seguro a maçaneta da porta e bato ela com força na cara do senhor Thurman sem esperar por algum tipo de resposta.

Vou para a cama, me enfio embaixo dos meus cobertores, não quero conversar, eu não quero explicações, eu só quero ficar sozinha.

Sem João.

Sem Kalel.

Sem ninguém.

Ponto.



— Você vai continuar com o voto de silêncio?

Olho para o meu marido e continuo meu banho.

Respiro fundo, e de novo, e de novo, ele me olha bastante sério, sei que está magoado pela bofetada de ontem, e também sei que não quero falar com ele, meu corpo todo está um trapo, ontem não consegui dormir de novo, fiquei na cama por todo o dia, mais chorei que tudo, sentia uma dor no peito angustiante, era como se eu não estivesse

certa mais das coisas, e concluir aquilo me machucava.

—Thurman está aqui, ele disse que não irá embora enquanto não conversarmos com ele.

Não respondo, enfio a minha cabeça na água fria, não sei o que pensar, nem sei se quero conversar, na verdade eu não sei nada, não queria me sentir incapaz de resolver isso, queria ser madura e saber lidar com tudo, mas não sei.

Como posso?

Tudo isso partiu para um nível pessoal demais, e pior, numa rapidez assustadora e ligeira, em alguns momentos me irrita, em outros, estou magoada, e quando tento pensar tudo de forma isolada eu não consigo.

Porque é impossível ser racional nessa situação.

Sou boa em resolver problemas, em lidar com muitas coisas, sou forte, porém isso... isso é inimaginável.

— Temos que resolver isso da melhor forma Nanda.

Permaneço calada, fico me perguntando de que forma poderíamos resolver isso, esse nojento não irá embora, e bem pior que isso, agora que sei

PERIGOSAS NACIONAIS

suas intenções, as coisas não são tão simples.

Ou ao menos não são como antes, não depois dele ter dito aquilo nas nossas caras.

— Podemos...

— Não podemos João, não devemos—corto.—Temos que voltar para nossa casa, nada disso haveria acontecido se você houvesse me ouvido.

— Precisamos do emprego—replica ele e sua face é austera.

— Mas não precisamos dele em nossas vidas...

— Sabe como me sinto Nanda?

Desligo o chuveiro e pego a toalha, me enrolo nela e saio do box, nos olhamos em silêncio.

— Conheço você o suficiente para saber que você está balançada por conta dele.

Me irrita, porém, dentro de mim, algo se encolhe, meu coração, porque isso me afeta, me afeta muito.

— Ah é mesmo? Agora só falta dizer que tudo isso é minha culpa, que me insinuei para ele...

— Eu não disse isso—João me interrompe de volta.— Eu estou apenas falando que talvez você goste dele, e isso, infelizmente é normal.

PERIGOSAS ACHERON

Meus lábios tremem com a hipótese, não gosto do rumo dessa conversa, o João nunca foi um cara esquentado, pelo contrário, ele é sensato e maduro, e isso é algo que eu aprendi a amar nele, a admirar também.

— Eu quero que você fique bem—ele me encara.— Eu sei que se nega Nanda, mas essa raiva não é normal, não é normal que se exalte sempre que o vê, eu sei que você gosta de mim, mas ele... Não dá para competir com um cara daqueles, até eu se fosse mulher me sentiria balançado.

— Ele não é nada.—justifico triste.

— Eu sei que não, mas eu entendo se você quiser ficar com ele.

—João não, não, para com essa conversa, eu não quero ele amor, eu só estou cansada, estressada com a presença dele na nossa casa.

— Não tenho orgulho, você sabe que eu não sou machista, mas o que esse cara quer, ultrapassa qualquer limite das capacidades humanas de um homem.

— Eu vou mandar ele ir embora.

— Amor, eu já fiz isso, ele foi e voltou, eu até proibi ele de subir mas ele comprou o porteiro, disse que era advogado, e arrumou um escândalo

com o síndico, porque é a empresa dele quem paga o aluguel.

—João...

— Eu não quero te ver assim, eu não quero te ver chorando trancada num quarto sem comer, sem dormir, agindo feito um zumbi, me lembra da época que eu sofri o acidente, e desde aquele tempo, eu prometi para mim mesmo que não permitiria que você sofresse mais daquela forma.

— Eu... Eu...

— Tudo bem—ele fala e me olha de cima abaixo.— Você é uma mulher Nanda, você tem direito de continuar sua vida com quem desejar.

Solução e sei o quanto isso o machuca.

— Nós tentamos, você se esforça muito desde o acidente, mas nada disso é sua culpa, eu amo você, Deus nos deu uma filha linda e um lar maravilhoso por anos das nossas vidas, porém, eu não me sinto no direito de te privar mais de viver a sua vida.

— As coisas não podem ser assim amor—digo entre lágrimas.— Para de falar essas coisas João, eu te amo, eu amo nossa família.

— Eu sei disso—ele está despedaçado.— Eu queria poder andar sabe? Se ao menos o

acidente não houvesse me roubado o movimento das pernas...

— Isso não tem nada a ver—nego veemente.— Você é quem eu amo, andando ou não, eu não quero que você fique falando essas coisas.

— Só quero dizer que é livre para viver a sua vida Nanda, que não vou te prender caso escolha viver sua vida, eu pensei muito nesses dias, desde que nos mudamos, muitas coisas boas aconteceram, começamos uma nova vida, contudo, eu percebo que desde que o senhor Thurman apareceu, você está diferente.

— É impressão sua.

— Não é Nanda, parece que só você não percebe que gosta dele, você o provoca, rebate, lembra quando nos conhecemos? Foi do mesmo jeito, você me detestava, só que com a diferença de que eu não rebatia as coisas que você falava, eu concordava, porque eu sabia que já estava apaixonado e que faria tudo por você, inclusive me calar diante das suas teimosias.

— Eu não amo ele, ele não é nada para mim, você sim, você e a nossa filha João.

— Então se vista, vamos resolver isso, ou

ao menos tentar resolver amor, mas não fica assim, porque isso está me destruindo.

Concordo com um acenar de cabeça.

— Vamos resolver isso juntos, tudo bem Nanda?—ele pergunta e estende a mão para mim.

— Sim—me aproximo e seguro sua mão.—
Juntos.



Olho para a menina calada e muito bem sentada no sofá, Clara está com sua naninha no colo e uma chupeta na boca, a menina usa um vestido cor-de-rosa e sapatos pretos de verniz, tem um laço cor-de-rosa na cabeça, e os olhos azuis estão focados na naninha da Clara, elas não se falam, no outro sofá, o homem de terno e gravata está mexendo no celular.

Meu coração dispara.

Estou cansada de tudo isso, o João tem razão, temos que resolver, por bem ou mal, neste caso, porque não suporto mais ter que lidar com as invasões de privacidade do meu patrão, e com tudo o que ele vem fazendo na minha vida.

Não estou tendo cabeça para nada, vivo deprimida e confusa, e eu não tenho mais idade

para isso, já sou uma mulher formada, tenho minha filha e minha vida para tomar de conta, não preciso me sentir mal por nada, porque não fiz nada de errado, não tenho culpa se essa praga é um louco.

Mas quando ele me olha, sinto calafrios, e isso me incomoda, o jeito como ele me olha, não solto a mão do meu esposo, estamos juntos nisso, e vamos resolver isso da melhor forma, em último caso, eu decidi que vou recorrer aos meus pais, qualquer coisa, mas não permitirei que esse invasor destrua a minha vida com essas insinuações sem fundamento.

João segura a minha mão e entrelaça os dedos nos meus, eu sei que ele tem muito medo de que as coisas desandem entre nós dois, de que tudo fique uma merda, mais do que já está, e que eu o abandone, mas eu nunca farei isso, porque ele é uma das 3 maiores certezas que eu tenho na vida.

— Você está abatida.—Kalel me olha de cima abaixo.

— Porque será?—João pergunta meio irônico.

Kalel me encara apreensivo, e levando em consideração que dei uma boa bofetada na cara dele, me sinto sim, até mais aliviada, porque ele

mereceu, e se precisar, dou outra bem servida sem pensar duas vezes.

— Vamos para cozinha—olho para as duas meninas.—Clarinha, porque não traz suas outras naninhas para brincar com a Alice?—pergunto em português.

— Eu vou buscar.—Clara pula para fora do sofá toda feliz.

Minha filha não é uma criança muito difícil, ela é sociável, adora brincar de bonecas e colorir, está na fase de aprendizado.

Eu e João vamos para cozinha lado a lado, de mãos dadas, me sento numa das cadeiras da mesa, fico tentando imaginar uma situação mais constrangedora ou estranha, nada me vem a cabeça, nunca passei por isso, meu marido coloca um prato de bolachas diante de mim e me serve uma caneca cheia de chá, faço uma careta.

— Tem que comer amor.—esclarece e encosta a cadeira ao lado da minha.

O senhor Thurman se senta na cadeira de frente para nós dois, ele também não está bem, mesmo que não fale, não parece bem.

— Eu e a Nanda conversamos e decidimos ouvir o que o senhor tem a dizer para nós dois—

João inicia a conversa, faz cara feia para Kalel Thurman.— Porque queremos ser justos, ainda que você seu nojento de merda, não mereça.

— Não me ofendo assim tão fácil John.— Kalel fala muito longe de apresentar raiva ou algum tipo de sentimento além de frieza.

— É João—corrige meu marido com raiva.— Olha cara, não abuse da nossa hospitalidade.

— Tudo bem—ele suspira profundamente.— Como eu já disse, possuo interesse na sua mulher.

Mordo o biscoito a força, porque ouvir isso é desolador, meu estômago gela, e o meu marido fica sem reação, ainda que seja pelo ou menos a terceira ou quarta vez que o meu patrão fala isso, também é estranha a forma natural na qual Kalel fala isso.

É prático e simples para ele, quase... Normal eu diria, não, definitivamente é normal!

— E você pretende o que com esse “*interesse*”? Não era mais honesto que você não houvesse inventado toda essa coisa de emprego para nos deixar a sua mercê?

— Eu não quero deixá-los a minha mercê, eu realmente preciso dos serviços da sua esposa,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque se ela sair da empresa, o Hans sai da empresa também, então, o trabalho não é por conta do fato de eu me sentir atraído por ela.

— Sei.

Por mais contraditório que pareça, ele é sincero.

— Eu preciso dos dois nos casos do Hans, mas não quero falar sobre negócios agora, eu vim para resolver essa situação.

— Até onde sabemos não há situação— João replica.— Há apenas o senhor sendo inconveniente e imoral.

— E invasivo.—completo e bebo um pouco do chá.

— Eu lamento informar, mas eu sou assim em todos os sentidos da minha vida, não sou de ficar enrolando nem de ficar fazendo joguinhos com ninguém, e com vocês não seria diferente, prefiro trabalhar com a verdade.

— A única verdade aqui é que o senhor se acha no direito de aparecer do nada e invadir a nossa casa, nossa privacidade, o senhor não vê limites!—João se exalta.

— Amor—digo e olho para trás, Alice e Clara estão com bonecas, ambas estão distraídas

PERIGOSAS ACHERON

com o barulho da TV.— Calma.

— Eu sei que é assustador, vocês são casados e tudo mais, porém não acho que consiga esperar mais, eu vim aqui para propor aos dois um relacionamento a 3!

Que?

— Como?—João pergunta meio alto.

— Calma—digo também muito nervosa.— Amor, temos que resolver isso, lembra?

— Justamente—Kalel fala.— Vocês são um casal jovem, não é possível que nunca ouviram falar de pessoas que vão a casa de Swing, casais que tem relacionamentos abertos.

— Que tipo de pessoa vai a uma casa de swing?—João pergunta fazendo uma careta.— Cara isso é nojento.

— Eu vou a casas de swing—diz Kalel com muita facilidade.

João me olha e ficamos calados diante disso, a ideia de ouvir isso da boca de um homem que usa terno e é o meu chefe é tão absurda quanto a proposta que ele acabou de fazer, se é que posso chamar isso de proposta.

— Eu prefiro manter as minhas relações em segredo, as pessoas não sabem disso e nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

saberão, exceto por vocês dois e os casais com quem me relacionei.

— Isso é nojento.—João fala resistente.

— Doentio.—corrijo novamente.

— Eu não me importo com o que vocês dois pensam, eu só quero explicar como as coisas funcionam para mim...

— Você não tem medo de pegar uma doença venérea?—João pergunta.

— Eu uso camisinha.

Uau.

Me encosto na cadeira, se estivesse em pé, eu basicamente cairia estatelada no chão.

— Já faz alguns anos que estou nesse meio, frequento muitas casas de swing em Las Vegas, Los Angeles e em Londres, não é algo de outro mundo, é algo muito comum para mim.

João franze a testa, ele coça o canto da barba, sei que apesar de estar bravo está curioso, eu estou curiosa, pego outro biscoito, essa história está tão... tão... Merda, interessante, ao menos ouvir ele falando.

—Já ouviram falar em relacionamentos abertos?

— Somos advogados, o que você acha?—

PERIGOSAS ACHERON

João questiona.

— Então, muitos casais entram nesse meio em busca de prazer e aventuras, e eu gosto disso, aprecio muito me envolver com mulheres casadas, é claro, com o consentimento do marido, inclusive, a muitos deles as levam e marcamos muitos encontros de sexo grupal.

— Que nojo.—João faz uma careta.

Sinto vontade de rir e concordo, ao mesmo tempo, não sei se é o nervoso, mas Kalel nos olha muito sério, e fico dura.

— Não desdenhe do estilo de vida das pessoas João—ênfatiza ele negativamente.— Eu não estou desdenhando do fato de serem casados, pelo contrário, o meu intuito não é que você se divorcie da sua esposa, eu só quero dividir ela com você, são duas coisas bem diferentes.

— Como se isso fosse normal?—meu marido está incrédulo.— Cara você tem um parafuso a menos?

— Não, sou bem normal—replica Kalel.— Eu apenas tenho hábitos diferentes das outras pessoas, não sou obrigado a viver a monogamia eterna só porque as outras pessoas vivem.

É relativamente certo o que ele disse, se não

fosse de fato tão estranho.

— Me envolvo com mulheres de alguns amigos e divido as minhas com outros caras também, elas estão cientes e é tudo consensual, não é nojento, é desrespeitoso que você fale dessa forma do meu estilo de vida.

— Ah, e vir aqui e nos propor isso é muito respeitoso?

Toma.

— É muito mais respeitoso do que eu tentar seduzir a sua mulher e levar ela para cama.

— Eu não quero dormir com você.—
retruco.

— Nós três sabemos que isso não é verdade Fernanda—ele responde e pisca devagar.— Você sabe que está mentindo para si mesma desde que nos conhecemos, desde o jantar com o senhor Hans, eu posso sentir daqui a tensão sexual entre nós dois.

Olho para o João, ele está impassível, meu coração está disparando.

— Talvez seja isso, atração, mas isso não é algo que possa levar a sério, não é tão importante quanto o meu casamento—respondo incerta.— Eu amo o meu marido.

— E eu quero que continue assim, perfeito! Os dois casados e se amando, eternamente—Kalel está sendo sincero em cada palavra, e isso é aterrorizante— Eu só quero poder proporcionar aos dois um momento diferente.

— Isso é ridículo, ele parece um gigolô— João aponta para Kalel.— Olha para ele, um homem dessa idade se prestando a esse papel!

Bebo mais chá, rio mesmo sem querer, não deveria ser engraçado mas é, é engraçado o jeito sério do meu marido, e a forma séria como o meu chefe propõe algo tão ridículo para nós dois.

— Ouça, essa é uma oportunidade única de nós três vivermos...

— Você parece um vendedor de loja— corto.— Acha mesmo que eu e o João vamos ceder a isso? É absurdo!

Kalel fica calado, não tem argumentos.

— Olha cara, eu acho que você escolheu as pessoas erradas para fazer isso—João fala e segura a minha mão em cima da mesa.— Temos um casamento sólido, estamos juntos a anos e nos amamos.

— Preciso dizer que isso não envolve sentimentos, nem laços, e nada disso o que vocês

dois têm—ele replica.— Eu gostaria muito que os dois pensassem na minha proposta, seria apenas uma noite.

— Você acha que eu sou uma atriz pornô?
—pergunto ofendida.

— Não gosto de atrizes, elas fingem demais.—retruca ele sucinto.

Parece ter respostas para tudo.

João respira fundo e começa a se afastar indo para longe.

— Preciso fumar!—ele diz.

O João não fuma desde antes do acidente, ele fumava as vezes escondido de mim, coisa que detesto.

— Amor...

— Tudo bem Nanda, eu não vou fumar, mas tenho que ficar longe, ou eu vou fazer uma merda imensa.

— Vai passar com a sua cadeira por cima de mim?—questiona Kalel.

Arregalo os olhos, ergo a perna e não penso duas vezes antes de meter um chute daqueles na perna dele, Kalel solta um gemido alto, me levanto.

— Seu nojento—falo em português— Não fira os sentimentos do meu esposo.—completo em

inglês.

— Eu só estava brincando—Kalel responde vermelho.

Ele geme de dor, viro a cara, vou no rumo do João, ele está indo para o quarto, quando o alcanço toco seu ombro.

— Tudo bem amor, me deixa pensar um pouco, estou lotado.

— Eu estou aqui amor.

— Eu sei que sim querida, mas preciso ficar só.

Me inclino e o abraço, ele me aperta e ficamos assim por alguns momentos, depois me levanto e ele vai para o rumo do quarto sem olhar para trás, me viro, Kalel Thurman está perto.

— Isso o que disse, não se faz—aponto na cara dele.— Não se trata ninguém assim.

— Eu já disse que estava brincando—retruca ele irritado.— E a minha canela está doendo.

— Este não é um problema meu.

Começo a me afastar, ele segura meu braço e me puxa de volta, eu o encaro, meu coração começa a pular de novo.

— Eu não vou desistir de você Fernanda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me solto de sua mão.

Me afasto até as meninas, tenho que responder?

Melhor não.



— Você quer tomar um chá Alice?

— Não, obrigada, eu comi no hotel antes de vir para cá.

Ela é educada, uma criança bonita, nariz afilado, cabelos castanhos como os dele, lisos e levemente ondulados nas pontas, Kalel está sentado no outro sofá fazendo cara de quem comeu e não gostou, provavelmente puto pelo chute, ou porque eu e o João não cedemos a proposta indecente dele, se é que devemos levar isso a sério.

Clara sobe em cima de mim toda ciumenta e me abraça, beijo sua bochecha, ela fecha os olhos sugando a chupeta devagar, está com sono, já é final de tarde, o apartamento está organizado, e eu sei que o João deu o almoço para ela, mas ela precisa jantar.

— Quer mamar meu amor?—pergunto.

— Sim—Clara responde e cospe a chupeta.

— Vou fazer seu leitinho...

PERIGOSAS ACHERON

Mas antes que eu complete a frase, ela está enfiando a cabeça dentro da minha blusa e puxando meu sutiã para cima, coro, ela me agarra, depois suga meu seio com vontade.

— Qual é a idade dela?—Alice pergunta, os olhos azuis expressivos e focados em nós duas.

—3 aninhos—digo em inglês.— E você Alice?

— Tenho 7 anos e meio—Alice responde.
— Farei oito em Abril.

— Que bom—digo e lhe dou um sorriso.—
A Clara é de Dezembro, ela nasceu na véspera de natal.

— Eu gosto do natal, sempre passamos na casa da minha avó Cossete—ela fala pensativa.—
Você é muito gentil em nos receber em sua casa, o Brasil é um país quente.

— É verdade—concordo.

Alice parece uma criança comum, doce, muito diferente desse ogro a quem ela chama de pai, tem alguns traços dele, mas não muitos, ela é linda.

— Onde passa seus natais?—pergunta ela.

— Eu passo na casa dos meus pais, com o meu marido e a Clara, nós fazemos um jantar e um

bolo, para comemorar o aniversário dela, ela fica muito contente, depois no dia seguinte vamos para a casa dos pais do João Gabriel, o meu esposo, eles não comemoram o natal.

— Porque?

— Porque são chatos.—digo sincera.

E Alice ri.

— Meus pais são mesmo muito chatos— João concorda e para a cadeira ao meu lado no sofá.
— Eles odeiam o natal, e sabe porque? Porque eu e a Nanda nos casamos no natal.

João não está com cara de quem estava chorando, mas ainda continua com raiva, eu o conheço, estendo a mão e toco a dele, entrelaçamos os dedos um no do outro, eu o amo por isso, eu amo ele demais por tudo o que representa na minha vida e ninguém pode mudar isso.

— Meu pai não passa tantos natais comigo, ele viaja muito.—Alice fala.

Lanço um olhar punitivo para o senhor Thurman, ele não parece nenhum pouco incomodado.

— Ela fica com a minha mãe para eu poder trabalhar—ele justifica.

— Trabalhar onde? Numa casa noturna?—

João provoca entre dentes.

— Pense o que quiser—rebate Kalel.—
Amo a minha filha, trabalho muito duro para dar o
melhor para ela.

— Amor, não vamos discutir isso na frente
das crianças—aconselho.— E o senhor, Kalel
Thurman, melhor ir embora, por hoje já é o
suficiente não acha?

— Vocês vão pensar na minha proposta?

Olho para o João e já sei a minha resposta.

— Não.—respondemos eu e meu marido
em uníssimo.

— Como eu acredito que estejam se
precipitando, eu vou dar a ambos um tempo para
pensar—Kalel fala.— Até lá, quero poder
acompanhar um pouco mais da vida dos dois.

— Você não pode fazer isso.—replico
rápido.

— Porque não? Não podemos ser amigos?
Os 3?

— Esse número já está começando a me
irritar.—João alega.

— Eu ficarei no Brasil por mais duas
semanas e não vejo mal algum que eu esteja perto
dos dois, a não ser que esse amor inabalável não

PERIGOSAS NACIONAIS

seja tudo isso o que ambos falam.

— Papai...

— Querida, deixa o papai conversar com os amigos dele.

— Pode falar Alice.—digo para menina.

— Preciso ir ao banheiro.—Alice responde.

— Eu te acompanho—me ergo e lanço um olhar fulminante para Kalel.— Você é um idiota.

— Eu sei—ele não dá a mínima.— Algo mais que eu deva saber? E aliás, me insultar na frente da minha filha não é saudável.

Olho para Alice e me sinto envergonhada.

— Vem Alice—chamo.— Amor, você prepara o leite da Clara?

— Faço sim—João se afasta para o rumo da cozinha— E aliás senhor Thurman, acho bom que o senhor tenha hora de ir embora, porque somos advogados e por sua culpa, minha esposa quase morreu atropelada.

— Ah, imagino que queiram me processar —Kalel pega o celular.— Podem ir em frente, quando mais próximo estiverem de mim, melhor.

Dá vontade de matar esse demônio debochado de terno.

Mas engulo a vontade e acompanho Alice

PERIGOSAS ACHERON

até o banheiro acomodando Clara em meu colo da melhor forma.

Eu definitivamente nunca mais irei arrumar emprego numa grande empresa, talvez eu até mude de profissão, qualquer coisa a me sujeitar a isso.

Nunca mais.



— Está pensando na proposta dele não é mesmo?

Não posso negar, é ridícula, é absurda, mas não consigo pensar em outra coisa desde que o imbecil saiu de nosso apartamento ontem.

— É tão absurdo.—digo sincera.

— Fiquei me perguntando porque nós?— João toca meus cabelos.— Eu sou paralítico, será que sou tão sexy assim e não havia percebido?

Me viro, começo a rir, ok, levamos a sério, mas isso tudo é tão vulgar que a ideia me faz rir, conheço meu marido o suficiente para saber que ele também está rindo de nervoso.

— Até que eu te olhei um pouco mais e vi o quanto é linda, simples, espontânea e corajosa— João fala e toca a minha face.— Aquele imbecil me faz ver o quanto eu a amo, e que nosso casamento é

tudo para mim Nanda.

— Para mim também—encosto a testa na dele, respiro aliviada.— Eu amo você.

— Sei que sim, e sei que abomina a ideia tanto quanto eu, eu só não entendo porque com tantas pessoas no mundo, ele foi logo olhar para você.

— Você está falando isso para mim? Eu nem me maquiava direito para ir a Thurman, uma vez ele me criticou por causa da minha roupa, aquele homem é doido.

— Acha que devemos entrar com uma medida cautelar contra ele?

— Eu não queria tornar isso mais difícil, mas se ele continuar com isso, acho que teremos que fazer um BO.

João me olha e me olha.

— O pior é saber que precisamos do emprego.

— Não tanto quanto ele precisa de nós, você viu os números da ação contra a empresa do senhor Hans.

— Vi, haviam muitos zeros ali.

Nada que não tenhamos visto em ações dos nossos clientes políticos, com o único detalhe que

eram em euros.

— Acha que podemos usar isso contra ele?

—pergunto.

— Bem, não sei, mas temos muitas contas a pagar esse mês, ainda não pagamos as contas do antigo apartamento e nem conseguimos tirar nossos móveis de lá.

— Vou ligar para minha mãe e falar com ela.

— E para fazer tudo isso precisamos de dinheiro, ainda faltam uns 20 dias para recebermos.

Infelizmente.

— Vamos ficar apertados se sairmos agora da empresa amor, essa é a nossa realidade, infelizmente não somos ricos.

— Eu sei João, precisamos do emprego, mas precisamos também manter nossa sanidade mental, e com ele por perto, isso será muito difícil.

— Que tal irmos passar alguns dias na casa dos seus pais?—ele sugere.

— Não seria má ideia, podemos levar os notebooks para logar, trabalhar por lá mesmo.

— Assim nos mantemos longe dele.

— Eu vou arrumar as malas amanhã cedo, podemos ficar os quinze dias, até ele ir embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

O meu marido me aperta, me beija a cabeça.

— Não vou permitir que ele se aproxime de você amor, não mesmo, você é só minha, neste relacionamento só há lugar para dois, não para três.

— Sim.

Estou segura aqui.

Me inclino e o beijo, nos abraçamos e puxo os cobertores, fico deitada em cima dele esperando o sono chegar, João faz cafuné na minha cabeça, e vou relaxando.

— Consegue imaginar mais alguém nessa cama?—ele indaga baixinho.

— Só se fosse outro de você.—digo sincera.

— Eu só quero fazer uma pequena observação.

— Faça.

— Ao menos ele é sincero.

— De acordo.

— Mas toda essa história parece um daqueles livros eróticos que a sua mãe gosta de ler.

Mamãe gosta de romance de banca, ela adora esses livrinhos com triângulos amorosos e caras ricos e bonitos com mocinhas pobres.

— Não se fala mais “*erótico*” amor, são romances adultos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que seja, você consegue me imaginar numa cama com outras mulheres?

— Nem pensar.

— É, agora imagina isso, com você, uma daquelas surubonas, iguais as que nós assistimos no Motel quando íamos durante nosso namoro pra transar.

Começo a rir, João ri também.

— Uns 8 caras e você ali, naquela posição comprometedora.

— É assustador que existam pessoas que vejam alguma graça nisso.

— Eu não sei se seria muito legal ter um cara com você nessa cama, parei para pensar nisso.

— Eu não quero outro cara.

— Eu sei que não Nanda, eu só estou falando que tudo isso me fez refletir sobre os pontos de vista do senhor Thurman, esse estilo de vida sabe, *“eu sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também”*.

— Sabe o que eu me perguntei quando ele foi embora?

— O que?

— Se ele também beija os homens, tipo, você sabe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Deus!

E começa a rir, tenho uma imaginação muito fértil, quer ver ele falar?

— Amor, você tem uma imaginação muito fértil, ele não disse que é tipo troca de casais?

— Eu sei, é só que sei lá, nessas surubas de hoje em dia rola de tudo.

— Com certeza eu é que não colocaria o meu numa posição comprometedora, disso pode ter certeza, ainda mais com um cara daqueles por perto.

— Você acha ele intimidador?

— Acho ele um atrevido.

— Ousadia e simpatia.

Rimos, me ergo, ligo o abajur, fico deitada em cima dele, toco sua face, me apoio no cotovelo, não sei bem o que falar, ainda estou meio fora do ar com tudo.

— Eu já disse que adoro quando você solta os cabelos?

— Não, não disse.

— Adoro quando você solta os cabelos.

— Obrigada.

Sorrio, beijo a pontinha de seu nariz.

— Posso fazer uma pergunta meu bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro amor.

— Porque acha que ele se interessou por você?

Penso por alguns momentos.

— Acho que esse interesse não passa de um capricho nas mãos dele, porque sou casada, e porque eu não quero ele, então é mais como uma conquista, homens como Thurman não se apegam a mulher alguma, isso seria para ele como um troféu, porque eu não sou atraente muito menos uma mulher de capa de revista.

— Mas é bonita Nanda, você é um mulherão, é madura e inteligente, não te passa pela cabeça que isso cativa ele?

— Aquele cara tem uma pedra de titânio no lugar do coração amor, impenetrável!

— Você reparou que fazia muito tempo que não conversávamos assim?—João toca a minha face.— Que não estávamos tão próximos? Digo, você só estava preocupada demais em arrumar emprego e eu frustrado, não que eu tenha deixado de ser, mas você entendeu certo?

— Entendi, e é verdade.

— Acha que devo conversar com ele?

— Acredita que vai adiantar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não.

— Então amor, vamos para a casa da
mamãe.

— Feito.

Feito!

PERIGOSAS ACHERON



—Bom dia Família Carvalho.

Ao escutar a voz, já me arrepio toda, e sinto, aquele frio incomodo dentro do estômago, ao mesmo tempo que o João parece que vai explodir, só de ouvir ele arfando, já posso imaginar a cara dele.

— A Alice queria vir brincar com a Clara— Kalel fala.— Fala para eles querida.

— Pedi ao papai para me trazer—soa a voz da Alice com sorriso.— Eu trouxe nosso café, e meu conjunto de chá, para tomar com a Clara, posso ficar aqui e brincar com ela?

— Claro—João responde.

Sei que ele não está bravo com Alice, e eu também não, a menina não tem culpa de ter um pai desequilibrado que gosta de perseguir os outros.

Clara pula da cadeira e corre de encontro a Alice, entendo que por estar só, sem ir a creche, a

minha filha fica muito contente em interagir com outras crianças, mas ao olhar para Alice mais uma vez, consigo entender porque a Clara está gostando dela, é uma criança adorável.

Ela sorri para mim e se abaixa para abraçar Clara deixando uma pequena mala cor-de-rosa no chão, eu as vejo assim se abraçando e me sinto tocada de alguma forma, porque elas são crianças e não tem nada a ver com isso, em nenhum sentido.

— Eu trouxe o famoso pão do francês.— Kalel fala exibindo um pacote de pão com orgulho.

Ele está novamente de terno, impecável, cabelos penteados para trás, e aquele homem que me incomoda, ainda são 8:00 da manhã, pretendíamos ir para casa da minha mãe as 09:00, porque a Clara deu trabalho para acordar.

— Não é pão do francês, é pão Francês— corrige João chateado.—Alice, você quer comer conosco?

— Sim—ela sorri exibindo os dentinhos de leite, são redondos e grandes— Eu trouxe o meu leite e meus biscoitos.

Ela é intolerante a lactose, tadinha.

— Ótimo.—João pega a Clara no colo.

—Alice vai blincar com Clara?—pergunta

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara toda feliz.

— Vai sim meu amor.—João fala em português.

Nossos olhares se cruzam, os de nós três, e sinto de repente um peso estranho no corpo, fico tensa, Kalel se aproxima e se senta a mesa da cozinha sem fazer cerimônia, Alice traz sua mala cor-de-rosa de rodinhas e se senta ao lado dele, é pequena, mas os olhinhos brilham tornando-a uma menina muito maior que seu tamanho.

— Ela é linda.—digo comigo mesma.

— Ela se parece com a mãe dela.—Kalel fala educado.

— Ela morreu ao me dar a luz—Alice diz, mas não parece mal com isso, começa a abrir a mala.— Meu pai e ela eram casados, né papai?

— É.—ele afirma me olhando.

Nossa.

— É, quem não conhece que compre.— João diz em português.

Sorrio, ainda que tensa, viro a torradeira, ele coloca a Clara sentada no mesmo lugar e encosta a cadeira ao lado da dela, e a cena é muito estranha, parece que está faltando mais alguém, uma mulher para o senhor Thurman, não sei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão quentes—Kalel fala para João.—
Coma!

— O pão que o diabo amassou.—João murmura agora em inglês.

Coloco mais esse misto no prato e escondo a vontade de rir, mesmo contrariada com a situação, me aproximo da mesa e coloco a minha cadeira ao lado da cadeira de rodas do meu marido, coloco os dois mistos no meio da mesa.

— Pode dividir entre quatro—João fala e olha para a Clara.— Ela já está comendo o dela.

O dela sempre é o primeiro.

Pego a faquinha de mesa e divido os dois mistos em quatro pedaços, pego um e o João pega outro pedaço, nos servimos de café, não temos tido muito ultimamente, ainda passamos aperto, mas não costumamos ser pessoas mesquinhas, é algo que cultivamos no nosso casamento, é um princípio básico que temos.

Sempre dividimos o que temos, independentemente da quantidade.

— Eu nem dormi direito, não tenho muitos amigos, exceto pela minha babá, ela se chama Lauriene—Alice fala e pega uma caixinha de leite de soja na mochila e uma vasilha de plástico.— Ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está de folga, agora que viemos ao Brasil, ela está descansando um pouco.

— Você não tem coleguinhas na escola?— João pergunta e morde o misto dele fazendo cara feia para o pai da menina.

— Não muitas, as meninas da escola não gostam muito de mim, eu gosto de ler—a menina sorri para o meu marido.— É bom encontrar pessoas que falam Inglês fluente, aqui é muito difícil, papai teve que falar espanhol para comprar o pão.

— Ah, não me diga—falo surpresa.— Seu pai pegou a fila do pão?

— Nós pegamos, de uma padaria nas proximidades, nosso motorista Gordon nos levou, foi muito bom ver tantas pessoas, foi estressante—confessa Alice.— Nunca peguei uma fila na padaria, só no mc'ds.

— Os brasileiros são muito interessantes—Kalel se serve de um copo de café modesto.— Não sabem esperar.

— E o senhor sabe?—pergunto.

— Ao menos sou educado.—replica.

— Sei, amor você encontrou a educação do senhor Thurman em algum lugar?

PERIGOSAS ACHERON

— Espera aí—João olha envolta.— Ah não, que pena, não está aqui! Não encontro em lugar algum.

Alice começa a rir, Clara não entende é claro, mas também sorri ao vê-la sorrindo, Kalel parece querer rir, ele bebe um gole de café e pigarreia.

— Então, a Socorro já falou para vocês sobre os casos do Hans? Chegaram alguns novos casos de ações que ele está movendo contra algumas empresas na Alemanha—ele estende a mão e pega um guardanapo, limpa o canto da boca, depois olha para o papel e faz uma careta.— Como conseguem usar uma coisa de tão péssima qualidade?

— É o que o seu salário paga senhor Thurman.—João fala.

— Acho que devo aumentar o salário de vocês então—ele não está ofendido.— Ao menos para que comprem guardanapos decentes, e xícaras.

Tomamos café em copos americanos, nunca vi problemas nisso, servimos em xícaras só quando recebemos visitas, mas é irritante e constrangedor ouvir ele falando isso, porque para começar nem é mais visita, é uma praga.

— Pode comprar um conjunto então, eu não me importo—respondo chateada.— Arrogante.

— O papai é reclamão mesmo, não liga para ele Nanda—Alice fala e bebe seu leite.— Já posso ir brincar com a Clara?

— Pode sim—digo e olho para a Clara.— Pega sua naninha filha, a Alice quer brincar com você.

Clara sorri e pula da cadeira, Alice pega sua mala e sai atrás dela toda contente.

— Podemos não trocar farpas durante a minha estadia aqui?—Kalel pega uma metade de misto com o guardanapo e analisa depois morde um pedaço e mastiga todo educado.

— Você não tem mais o que fazer não?—pergunto.

— Até tenho, mas tem quem faça para mim.

— Não deveria usar a sua filha para esse tipo de coisa.—João fala.

— Eu não estou usando ela—Kalel se irrita.
— Eu a trouxe porque a babá dela está de férias e os meus pais viajaram, eu não poderia deixá-la com outros funcionários.

— Seus pais não poderiam ter levado ela?

— Olha meu querido, até poderiam, mas

não quiseram levar.

Ele não é seu querido. Da vontade de falar, mas fico calada.

— Até preferi vir antes ao Brasil devido a alguns problemas que tive com essa filial, tive que tomar algumas decisões quanto a demissão, a empresa aqui não tem dado tanto lucro quanto as outras, os impostos são muito altos, apesar da mão de obra ser mais barata.

— Quando a Socorro irá nos enviar os próximos casos?

— Ela está organizando toda a papelada, pedi que enviasse hoje no mais tardar após o horário de almoço.

— O último caso não estava tão difícil, acho que algumas alíneas não foram devidamente observadas, os advogados do senhor deixaram escapar alguns prazos do processo.

— Demiti eles, por isso pedi a Socorro que contratasse você e o seu marido, também porque quando o Hans soube da sua demissão, ele me telefonou e falou que se não voltasse para a empresa, ele sairia, ele só fechou o negócio por sua causa.

— Mesmo?

— Sim.

— O senhor Hans é um bom homem.

— Ele gosta das coisas a moda antiga.

Não posso dizer que me sinto mal nesse sentido, o trabalho é bom, nos da condições de fazermos tudo em casa e fazemos o nosso horário.

— Me diz uma coisa senhor Thurman— João começa.— O que leva a pensar que nós aceitaríamos essa proposta? O senhor me acha com cara de otário?

— Amor...

— Não, pelo contrário, eu admiro muito homens com a coragem que você tem, não acho que o fato de dormir com sua mulher vai diminuir sua masculinidade em nada—refuta Kalel confiante.— Na verdade é indiferente a mim esses paradigmas ligados a sociedade, eu não me importo nenhum pouco em dividir as minhas namoradas com outros caras, isso não as torna vadias, e não fazem de mim um tipo de homem traído, eu sei de tudo o que acontece, eu vejo, elas concordam e também me veem com outras mulheres, então não, eu não te acho um otário John.

Ficamos calados, não queria tocar nesse assunto, mas o João parece descompensado, não

PERIGOSAS NACIONAIS

entendemos nada dessas coisas, claro, sei que tem pessoas que gostam de coisas esquisitas, mas nunca tivemos que lidar com a estranheza em espécie.

— É um estilo de vida, algumas pessoas optam por namorar, casar, eu e as pessoas com quem me envolvo optamos por dividir.

— Até a mulher?

— Uma mulher não é uma posse John, não até onde eu sei, essa coisa de dizer que uma mulher é só sua não é uma completa verdade, não para mim, ela poder ser minha, mas ela também pode ser de quem ela quiser.

— Isso quer dizer que não tem ciúmes das mulheres com quem sai?

— Nenhum pouco.

Caramba!

— Papai!—Clara chama num berro.

— Com licença.—João fala ainda chocado.

Ele se afasta empurrando a cadeira, olho para o senhor Thurman, meu coração dispara porque ele sorri e detesto isso.

— Nem da sua mulher?—pergunto baixo.

— Que mulher?

— A sua mulher ora, a mãe da sua filha.

— Ela não era a minha mulher, ela foi uma

PERIGOSAS ACHERON

namorada que engravidou da Alice e me vendeu ela.

Empalideço com o modo claro no qual ele coloca as coisas enquanto fala, é prático, não parece arrependido, sempre sincero, coisa que não esperava ouvir dele.

Como assim vendeu?

— Ela engravidou e começou a me chantagear, queria tirar a menina, então eu paguei 10 milhões para ela e ela me deu a Alice depois do dia do parto, eu a registrei e ela sumiu, disse para Alice que fomos casados e que ela morreu—Kalel bebe um pouco mais de café está distante.— Ela não merece saber que a mãe era uma aproveitadora.

Céus!

— Pelo que soube, a mãe dela se casou com um cara muito rico na Itália, teve outros filhos, mas isso não importa, o mais importante é que a minha filha está bem e segura, não precisa daquela mulher por perto.

— E você fala isso assim como se fosse normal?

— Querida, eu sou uma pessoa honesta e sincera, acredite, não sou esse monstro que você e o seu marido acreditam que eu seja, talvez na sua

PERIGOSAS NACIONAIS

percepção distorcida de monogamia, um tarado sexual, mas fora do quarto, sou como qualquer outro cara no mundo.

— É claro, semana passada meu vizinho comprou um bebê por 20 milhões, tipo, super prático.

Ele sorri a contra gosto, não gostou do que eu disse.

— Não era uma escolha, ou eu pagava ou ela abortava a Alice, infelizmente não era dono da vontade da mãe dela, e também, eu achei a paternidade fascinante, eu amo a minha filha.

Isso é tão... tão... fofo!

— Na mesma proporção que você ama a sua, claro que não sou um pai perfeito como seu marido, mas eu a amo e farei qualquer coisa por ela, ela é a minha princesinha.

Caralho.

— E as suas namoradas aceitam o fato de você ter uma filha?

— Nenhuma delas conheceu a Alice, eu nunca apresento as mulheres com quem saio ou os casais para minha filha, essa é uma parte da minha vida que ela não entra.

— E porque a trouxe aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeiro porque a Loureane está de férias e segundo porque vocês dois são de confiança, a maioria dos casais com quem me envolvo não são pessoas com quem mantenho algum tipo de relacionamento fora das casas de swing.

— Porque você fala isso como se fosse algo normal?

— Porque é normal, só porque você não conhece não quer dizer que é ruim ou anormal, é legal transar com outras pessoas, acredite, depois que você entra nesse meio, tudo se torna um pouco mais... interessante.

Não acredito nisso, mas reconheço, ele ao menos parece ter credibilidade nesse sentido, porque não mente.

— Está curiosa?

— Admiro sua sinceridade senhor Thurman, mas isso não entra na minha cabeça.

— Salomão teve mais de mil esposas.

— Você não é Salomão.

Ele sorri estende a mão e segura a minha, não me movo.

— Ouça, eu não quero destruir o seu casamento, o que torna tudo o que é, é o fato de ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casada, você entende que me frustra sexualmente desde que eu a conheci? E quando eu soube que era casada, fiquei até bravo, mas depois vi nisso uma oportunidade de termos momentos agradáveis, nós três.

— Não existe nós três.—solto a mão dele.

— Do que tem medo Fernanda? De gostar?

— Até imagino o senhor numa cama com uma pobre coitada, se importando só consigo mesmo, se lixando para os sentimentos da mulher.

— As garotas com quem divido a cama são muito bem tratadas.

— Ah é, o que o senhor faz com elas? Coloca nelas uma coleira e as manda dormir com seus amigos?

— Eu chupo elas!

Deus.

Arregalo os olhos e vou ficando super vermelha, até as orelhas, Kalel sorri, me levanto dando a conversa por encerrada.

— Imoral.

— É Kalel querida.

— Eu não sou sua querida.

Enquanto respondo me afasto.

Cara sem noção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Alice veio beber água, João está no escritório, ele está evitando um abcesso de raiva, porque já é quase horário de almoço e o senhor Thurman não vai embora, de início ele ficou na sala com a Clara, e o senhor Thurman por perto, sempre de olho na Alice, não conversaram, se quer se olharam, mas sei que meu marido odeia a situação tanto quanto eu odeio.

— Meu pai gosta de você.

Franzo a testa.

Clara e Alice estão na sala brincando de bonecas, e ele está vendo tv no canal de esportes, odeio tênis, mas parece um daqueles programas que só gente atoa gosta de ver, também não entendo nada, a verdade é que eu não gosto de ficar vendo esportes nem corridas.

— Ele só não mostra—Alice é uma menina muito esperta.— Ele disse que você é uma ótima advogada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, mas isso eu sou mesmo.—afirmo.

Ela sorri depois volta correndo para sala, em compensação, o pai vem para a cozinha, fecho a cara e volto a cortar os legumes para o almoço, eu só queria que esse cara sumisse das nossas vidas, ou que de repente algum carro passasse por cima, se eu tivesse um eu mesma atropelaria ele na rua.

Talvez eu fosse uma dessas mulheres que aparecem no noticiário rindo por ter matado alguém, dá para entender perfeitamente a cabeça de um psicopata agora.

— No que está pensando?

— Em te atropelar, depois jogar seu corpo no rio Tietê, claro que depois de ter fatiado ele e colocado numa mala, ou espalhar pedaços dele em alguma favela.

— Não precisa fingir que não gosta de mim Fernanda.

— Eu queria muito, muito, muito, muito e muito estar fingindo senhor Thurman, mas olha, eu não estou.

Isso causa desconforto nele, Kalel cruza os braços e respira fundo.

— Ok, digamos então que eu desista da ideia por alguns dias, vocês ao menos pensariam na

PERIGOSAS ACHERON

minha proposta?

— Tecnicamente sim, mas de uma forma hostil, negativa e nojenta, eu já disse traumatizante?

— Sei que isso te assusta, mas que também se sente curiosa.

— Isso é bem interessante mesmo, tipo, eu imaginar o meu marido com outros caras numa cama tentando achar um lugar para me enfiar.

— Você é muito frustrada sexualmente querida?

Rio, com raiva, mas rio.

— O senhor é uma frustração.

— Sabe que eu admiro essa perseverança sua em negar que se sente atraída por mim.

— Eu não neguei que me sinto atraída pelo senhor porque eu não chego a sentir nem a vontade de negar.

Ele sorri como se não ligasse, me olha de cima abaixo com uma cara de quem não vale nem metade do valor da gravata que usa, engulo a seco.

— O que foi?—pergunto.

— Nada.

— Eu posso fazer só uma pergunta?

— Quantas quiser.

— Porque eu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, eu perguntei isso para o meu pênis umas dez vezes desde que te conheci e ele só fica em pé ou duro, as vezes meio inquieto.

— Meu Deus, você não tem escrúpulos?

— Se eu mentisse daí sim você deveria me chamar de inescrupuloso, não usei nenhum nome chulo ou palavrão... Ainda.

Fecho a cara.

— Eu gosto disso em você Fernanda.

— Do que? De ter ereções?

— Da sua honestidade, de ser uma mulher muito diferente de tudo o que conheci, me sinto curioso para saber mais sobre você.

— Eu sou casada.

— Eu falei sobre você, ou já nasceu casada?

— Não tem porque querer saber sobre mim.

— Não pode auto afirmar isso, eu acho você uma mulher muito inteligente.

— Sei.

— Outras não conseguiram nem se aproximar do Hans, você fechou o negócio rápido, se familiarizou com o cliente, a anos não conhecia uma profissional tão competente, sua forma de lidar com o cliente, preciso de mais pessoas assim na empresa.

PERIGOSAS ACHERON

Me espanto, porque para mim não foi nada demais.

— Você é muito bonita.

— Ah, sério?

Não acredito muito nisso, até alguns meses atrás, estava dizendo que eu não era atraente.

— É uma beleza diferente, você não parece ser do tipo que se arruma muito ou cuida do corpo.

— Maneira muito educada de chamar uma mulher de gorda.

— Eu só estou falando que você é diferente e é isso o que eu gosto em você.

— Você me enxerga como um troféu.

— Nunca tratei nenhuma das minhas namoradas como um troféu.

— Vai me dizer que você já teve namoradas gordas.

— Bem, não, mas... Porque não? Você nem é tão gorda assim!

Ergo a faca, ele recua um passo, mostro os dentes para ele e Kael recua mais um passo.

— Sai!—berro.

Ele dá um pulo.

— Eu não quis te chamar de gorda—ele esclarece e me olha nervoso.— Me desculpe, é só

PERIGOSAS NACIONAIS

que você as vezes me deixa intimidado Fernanda.

— Você é um superficial, isso sim!

— Eu gosto de você assim.

Volto a fatiar os legumes, digo para eu mesma não acreditar em nenhuma palavra se quer que ele fala.

Não é verdade, não é verdade, ele só quer me seduzir, destruir meu casamento!

—Fernanda, me desculpe.

— Sai!—mando secamente.

É algo que me afeta, porque sei que o João já não se atrai tanto por mim por conta do meu peso, talvez se eu fosse magra como antes da gestação, ele se sentisse mais disposto a fazer sexo comigo?

Isso tudo é uma grande merda.

Coloco os legumes na panela de água quente e lavo as mãos, o idiota do meu chefe fica parado a alguns metros me olhando, me sinto idiota, uma grande e completa idiota por tudo isso.

—Fernanda...

Não dou ouvidos.

Vou para o escritório, vou conversar com o João, chamaremos a polícia, ou qualquer coisa, mas não quero mais ele aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Acha que ele vai voltar?

— Bem, já faz dois dias.

João me olha com cara de quem comeu e não gostou.

— O que foi?

— Você está estressada esses dias.

— Temos muito trabalho amor!

— Não é isso Nanda, é que depois que o senhor Thurman “*sumiu*” você anda irritada, sente falta dele?

— Não.

Uma parte de mim está sendo absolutamente sincera, mas a outra parte é indecisão, contudo, quando Kalel Thurman não está por perto, me sinto aliviada por completo.

— Não é boa em mentir.

— Olha, era o que queríamos não era? Ele estava enlouquecendo nós dois com aquela proposta absurda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu pensei que se ele fosse embora, você melhoraria seu humor, e só está pior a cada dia.

—TPM.

— Sei.

Volto a analisar os relatórios, não espero que o João pense que esquecerei disso do dia para a noite, não de algo tão absurdo, ou das coisas que o senhor Thurman falou sobre a filha dele.

Não o conheço direito e sei duas coisas sobre ele: ele quer me levar para cama e ele é pai de uma criança indesejada pela mãe.

— Sabe que é livre para tomar essa decisão certo?—João pergunta atento ao computador.

— Não sei do que está falando.—replico e folheio a pasta.

—Nanda eu amo você, mas se for para você ser mais feliz...

—João chega com esse assunto ok? Chega de você e o senhor Thurman me tratarem como se eu fosse uma coisa, quando não é ele me tratando como um objeto é você achando que eu tenho que ficar com ele.

— Te conheço o suficiente para saber que se interessa por ele.

PERIGOSAS ACHERON

— E daí? Isso irá me levar a algum lugar?
Ele é um idiota!

— Então admite que gosta dele?

Eu o encaro, tão cansada de tudo isso.

— Sim, eu me interesso por ele, mas ele não é o meu marido, e também não é o pai da minha filha.

— Não pediria para que ficasse comigo só porque somos casados ou por conta da Clara.

— Se você já sabia a resposta porque queria que eu admitisse?

— Queria ouvir da sua boca para que possamos procurar alguém e arrumar os papéis do divórcio.

Empalideço, e fico sem ação.

— Isso não vai para frente, nosso relacionamento já acabou a algum tempo Fernanda, eu tenho que tomar remédios para que possamos tentar ter uma relação sexual, nós não somos os mesmos desde o acidente.

— Você tomou remédio naquela noite?—
pergunto.

É como se uma mágoa tremenda me tomasse o peito.

— Tomei, você acha que eu conseguiria

sozinho?

— Obrigada por me comunicar.

Me levanto.

—Nanda...

— Olha, eu não gosto dessa situação tanto quanto você João, mas se ficar o resto da vida lamentando por esse acidente e usando ele como desculpa para não termos uma vida conjugal normal, aí sim as coisas não darão certo.

Ele fica calado.

— Você não quer sair mais, não procura fazer algum exercício, só fica em casa, a anos nós dois não fazemos um programa a dois, não saímos com a Clara, as coisas poderiam funcionar muito bem se você estivesse mesmo disposto a melhorar, eu tenho a minha consciência limpa de que sempre estive ao seu lado, te apoiei e te amei, com ou sem o doido do senhor Thurman, e acredite, não me faltaram oportunidades para te largar.

João fica quieto me olhando, a aflição estampada em seu olhar.

— Não acha que está na hora de ficar parando de bancar o coitado e enfrentar a vida lá fora? Tentar mudar um pouco a sua forma de se ver? A cadeira sempre estará aqui João, mas ela

não está entre nós, ninguém está entre nós.

— Nem o Thurman?

— Você está entre nós, se quiser se divorciar de mim por falta de amor, ótimo, vá em frente, volta para casa dos seus pais...

— Não mete os meus pais no meio ok?

— Ah é claro, porque por eles você nem estaria aqui comigo, sua mãe me detesta.

— O que te faz pensar que a sua mãe gosta de mim?

— Ela nunca te recriminou por nada ou te tratou por termos pejorativos como *“ela é pretinha mas é limpinha”*.

Ele parece torturado.

— Bem, eu vivo esse relacionamento a anos João, eu sei minha posição em tudo isso e eu tenho certeza da forma como me sinto, mas a sua insegurança está abalando nosso casamento dia após dia, e isso vem acontecendo bem antes do senhor Thurman, não foi por falta de apoio meu, nem falta de dedicação, eu me arrumei mais, eu andei me maquiando, eu faço tudo para que as coisas fiquem bem, é tão injusto que você fale isso para mim, como se tudo fosse minha culpa, pelo simples fato de que aconteceu tudo isso, eu estava

PERIGOSAS NACIONAIS

lá quando você acidentou, eu estava grávida da sua filha e eu dormi noite após noite num hospital orando a Deus para que você ficasse bem— confesso angustiada e choro um pouco.— É tão injusto que você me cobre isso, que você queira se divorciar de mim só porque está acontecendo tudo isso, como se eu precisasse saber que você não consegue ter uma ereção me vendo nua ou essas coisas.

— Eu não disse isso!

— Nem precisa falar, se está tomando remédio é porque não consegue mais se atrair pelo meu corpo, no final das contas, você é igual ao senhor Thurman.

— Não me compare com aquele boçal.

— Fui útil para você durante um tempo, agora que não sou mais, você quer se livrar de mim, servi para cuidar de você, para te ajudar com a empresa, para te dar uma filha, agora que eu estou gorda e você não se sente mais atraído por mim, não sirvo mais.

— Não é isso Nanda.

— Olha, faz o que quiser tá bem? Você o senhor Thurman, eu não ligo, só não me culpa por nada, porque eu não fiz nada de errado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me afasto chorosa.

A Clara pegou no sono no sofá.

Eu a pego no colo e a levo para o quarto dela, tranco a porta e me deito em sua cama abraçando-a.

A dor não passa, só cresce.

Agora além de tudo, serei em breve divorciada e infelizmente isso não é só culpa de Kalel Thurman.

Não mais.

PERIGOSAS ACHERON



Sinto um toque leve na minha face.

Seguro a mão quente, e sinto que está não é a mão do João, mas não me movo, porque está muito bom dormir, esquecer um pouco dos problemas, eu sei que se acordar do sonho e se sair desse quarto, tudo vai desmoronar.

As coisas sairão do controle.

Abro os olhos, e assim de repente, tem um par de olhos azuis claros me fitando, a mão dele é clara, e ele é um completo oposto de mim ou do meu marido, ainda sim não solto sua mão, não consigo, e não sei porque não consigo.

Não é falta de vontade, não é falta de força, é só que estou tão cansada de tudo isso.

Esfrego meu rosto no travesseiro da Clara, solto a mão de Kalel Thurman e me ergo, ainda sonolenta.

— O seu marido me ligou—ele fala de
PERIGOSAS ACHERON

imediatamente.— Não foi minha culpa.

Não respondo, não sei se é o momento para discutir ou culpar o senhor Thurman pelos meus problemas com o João, boa parte disso tudo surgiu por conta dele, mas a maioria dos problemas já estavam aqui antes dele chegar, e eu e o meu marido, estávamos tapando o sol com a peneira, ou melhor, eu estava.

— Você está sem se alimentar de novo?— ele se senta na beira da cama todo sério—Fiquei fora 5 dias e você não consegue se quer comer.

— Não é sua culpa.—digo incerta.

— Não?

— Não!

Definitivamente.

Abaixo o olhar me sentindo terrível por submeter meu marido a isso, a essa droga de coisa que nem sei dizer o que é também.

— Vocês dois estão brigando muito por minha causa?

— Não, não é só por sua causa, e aliás, onde está ele? A Clara?

— Estão com a Alice na sala, ele me ligou no final do dia, pediu que eu viesse conversar com você, porque está trancada aqui a três dias e não sai

PERIGOSAS NACIONAIS

por nada.

— Eu saio a noite, para buscar roupas, eu estou trabalhando também com o notebook, trouxe várias pastas...

— Você entendeu Fernanda.

— Bem, é, estamos brigados, mas não tem a ver com você.

— Vamos deixar uma coisa determinada? Ou me trata por Kalel ou me trata por senhor.

— Posso te chamar de praga?

— Não.

— Nojento?

— Não.

— Ridículo e imprestável?

— Ainda não.

Coço a cabeça, sem alternativas, ele olha para os meus cabelos, que é claro, estão nas alturas, fico envergonhada.

— Olha, eu não queria te chamar de gorda, só quis dizer que saio com mulheres mais magras que você.

— E bem mais novas não é verdade?

— É, é verdade.

— Humm...—pego a linguinha para prender os cabelos.— A Alice está bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não faça isso ok?—repreende.— Seus cabelos são lindos soltos, deixa eles assim.

Fico sem graça, Kalel estende a mão e toca a minha face, fico parada olhando-o em silêncio e ele a mim, mas o toque faz com que eu sinta meu coração quase vindo a boca, essa coisa toda que eu não sinto a anos com o João, não sei se por carência, ou seja, lá o que for isso.

— Você é linda, e aquele cara na sala não sabe a merda que fará se quiser te largar—ele diz.
— Por isso eu estou aqui para salvar seu casamento.

Começo a rir.

— Vai salvar como? Colocando um poli dance na sala e chamando strippers?

— Não é uma má ideia, mas teriam que ter peitões.

Kalel Thurman engraçado?

— Ouça, eu já entendi, eu desisto, não vou mais insistir com a coisa do *“te quero na cama”*, mas poderiam ao menos me deixar ficar por perto? Não tenho com quem deixar a Alice e não tenho amigos aqui no Brasil.

— Nem nas casas de Swing?

— Vocês conhecem alguma?

PERIGOSAS ACHERON

Tiro a mão dele do meu rosto, Kalel para de sorrir e a mão persiste em tocar meu rosto, ele fica muito sério.

— Eu sei que você o ama e isso já é uma merda só de saber, o jeito como sorri para ele, como vocês dois combinam, como ele a olha, é explícito, mas não me pede para ficar tão longe de você, por favor, isso é muito sério.

— Pode ter a mulher que quiser.

— Não posso não—ele faz uma breve pausa.— Eu não tenho você!

Abaixo o olhar e sinto vontade de chorar em ouvir isso, queria que o João me falasse isso, que ao menos por um segundo desde que ele começou a se recuperar do acidente visse em mim alguém além de uma ajudante, porque mesmo carinhoso e que nos amamos muito, as vezes me sinto invisível perto dele, e só depois que Kalel apareceu, eu vejo isso com clareza.

— Não chore—repreende ele e segura as minhas faces.—Fernanda, eu entendo que o ama...

— Não é tão simples.

— O que não é simples?

— Você!—eu o fito.— Você não é simples.

Coloco as mãos em cima das dele e as

seguro tirando das minhas faces, observo as nossas mãos juntas, tão diferentes, tão desiguais.

— Se eu for embora, eu não volto mais— ele avisa.— E eu terei que fazer um grande esforço para não transar com ninguém quando você estiver longe Fernanda.

Sorrio entre lágrimas.

— Eu quero que você seja feliz.—escuto a voz do João soar no quarto.

— Eu também quero.—Kalel fala.

Meu marido se aproxima na cadeira devagar, os olhos escuros, a barba por fazer, tão ou mais péssimo que eu, solto a mão do Kalel de imediato, João me olha mas não há julgamento em seu olhar, nem raiva, ele só está assim como eu cansado.

Ele segura a minha mão e a coloca sob a do Kalel Thurman, e então a solta.

— Eu vou para casa dos meus pais...

— Espera, você não pode fazer isso cara, ela precisa de você!

— Não, ela precisa de você.

— Na verdade eu não preciso de nenhum dos dois—corrijo magoada e penso por alguns segundos, seguro a mão do meu marido e coloco

PERIGOSAS NACIONAIS

sob a minha.— Mas eu quero os dois.

PERIGOSAS ACHERON



— Vocês dois vão ficar se olhando assim e não vão falar nada?

Acho que já faz uns 20 minutos desde que viemos para a cozinha, Clara e Alice veem tv deitadas no sofá, senti falta de ver a Alice nesses dias, também pensei nela, na história da mãe dela, tantas coisas.

João não falou nada desde que saímos do quarto, nem Kalel, e eu também não consegui falar nada, não sei se posso falar que estou envergonhada ou constrangida, mas ao menos, para descargo de consciência, eu sei que fui sincera no que disse.

Eu quero o Kalel por perto sim, mas não quero acabar meu casamento por culpa dele.

Me nego tanto a isso desde que o conheci, ainda mais depois daquele dia das flores, venho tentando me enganar em relação ao que sinto, atração ou seja lá o que for isso, sempre que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

está por perto eu sinto, e cada dia mais, quanto mais sinto, me irrita, mas a raiva passa, e eu finjo que não me importo, porque sei que é o que moralmente devo fazer.

Por meu marido, por meu casamento e por mim mesma.

— Eu já disse que vou para a casa da minha mãe—João se pronuncia.— Eu entendo que queira ficar com o senhor Thurman e sou muito homem para assumir as responsabilidades quanto a Clara.

Isso me entristece, muito, começo a chorar de novo, não suporto a ideia de ter ele longe de mim.

— Vamos chegar a um acordo? Você não vai embora, eu vou embora...

— Eu não quero que nenhum dos dois vá embora—argumento.— Por favor, parem com isso.

— Está dividida!—João diz concreto.

— Não, eu não estou dividida, eu só quero que parem com isso, parece que vocês dois não se importam comigo, eu não sou uma coisa para ficar com o Kalel, e também não sou uma coisa para que você deixe para trás—falo sincera.— Estou cansada disso, poderíamos conversar como adultos civilizados?

PERIGOSAS ACHERON

— Foi o que eu propus desde o começo— Kalel pega um copo americano e despeja café nele.

Limpo as minhas faces, olho para o meu marido, sei que ele não é obrigado a suportar essa situação, mas eu também não quero que as coisas sejam assim entre nós dois.

— Eu te amo João, mas não podemos continuar assim, temos que melhorar nosso casamento, a vinda do Kalel está nos mostrando isso, não andamos bem como antes, e você precisa melhorar.

— Agora chama ele de Kalel?

— Amor...

— Acho que devemos deixar as formalidades de lado—Kalel nos olha bastante sério.— Olha, eu não quero que vocês dois se separem, não era meu objetivo.

— Não?—João pergunta entre dentes.— Você não sossegou enquanto a minha mulher não ficou indecisa!

— Mas, ela ainda ama você.

— Do que adianta se ela também quer você por perto?

— Parem!—ordeno.— Eu quero conversar com os dois porque essa situação está ficando

insustentável, eu preciso trabalhar e cuidar da minha vida.

— Ele começou.—João aponta.

—João, você quer mesmo o divórcio?—
pergunto.

— Não, não quero.

—Kalel, você quer mesmo estar por perto?

— Quero.

— Ótimo, agora os dois podem me
perguntar o que eu quero?

— O que quer?—João pergunta primeiro.

Olho no fundo dos olhos dele.

— Eu quero você.

— O que quer Fernanda?

Olho no fundo dos olhos do meu chefe.

— Eu quero você.

— Não pode querer os dois.—meu marido
fala irritado.

— Os dois não me querem?

Nenhum dos dois respondem.

— Ouça, eu não vou me divorciar de você
para ficar com ele, e não vou ficar com ele sem
você, então eu sugiro que os dois conversem e
cheguem a um consenso, eu estou exausta dessa
situação, acho que ainda precisamos trabalhar

PERIGOSAS NACIONAIS

muito para nos estabilizarmos, temos muitas coisas a resolver, e se eu tiver que escolher um dos dois, eu não escolhei nem um, nem outro, eu escolherei os dois.

— Isso é injusto!—João replica de imediato.

— Eu acho justo.—Kalel já parece até conformado.

— Claro, é o que você quer—meu marido fala magoado.— Isso é tão injusto comigo.

— Porque? Você não é um coitado.—Kalel repreende.

— Eu estou cansada—aviso e olho para o meu marido.—se você quiser ir para casa da sua mãe, pode ir, eu fico na casa dos meus pais até sair o divórcio—olho para o senhor Thurman— E você, aproveita e pode ir embora de vez, porque eu não vou querer te ver nunca mais.

— Espera aí, eu não tenho nada a ver com isso...

— Você é o culpado de tudo isso— interrompo-o.—, Mas é bom que tenha aparecido, esse susto me fez ver o quanto preciso mudar a forma de ver meu marido, meu casamento, porque mesmo amando muito ele, eu percebi que ele anda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito sem amor-próprio e isso está afetando não somente a ele, mas a mim também, de uma forma que está arruinando nosso casamento.

João fica na dele, porque ele sabe que não estou errada.

— Eu não quero tornar estes problemas ainda maiores dos que eu já tenho—aviso e me levanto.— Conversem, dialoguem como pessoas civilizadas, quando decidirem, estarei esperando na sala com as meninas.

— E se eu não quiser dialogar?—meu marido pergunta.

Sei que está ferido, com o orgulho no chão.

— Não sinto pena de você João, faça o que achar melhor para você, mas lembre-se, eu estou aqui, e eu te amo.

— E o que ele significa para você?

— Eu não sei, alguma coisa.

Me afasto, me sento no sofá e Clara vem para o meu colo toda alegrinha, ela me abraça, eu beijo sua face com carinho, Alice me olha, lhe dou um sorriso e me inclino, beijo sua bochecha também, ela sorri abertamente.

— Senti sua falta.—ela fala com a vozinha doce e carinhosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Também senti sua falta Alice.
Estou sendo verdadeira.



— Então...

Estou nervosa.

Kalel veio a sala e alguns instantes e me chamou, eles não conversaram na cozinha, foram para o escritório, não consigo mais esconder meu medo com tudo isso, sei que corro um grande risco de perder o meu marido, meu casamento, tudo o que temos por conta da situação, mas não havia outra saída.

Ficaram por 4 horas conversando, acredito que já passe das 21:00, parei de contar depois da primeira hora, Alice e Clara já até dormiram, fiquei com pena e peguei cobertas, está esfriando mais essa noite.

— Nós conversamos muito sobre a situação atual e chegamos a um acordo—João fala.—, mas vamos deixar isso a seu critério, se não concordar então não será por nossa culpa.

— O que é?—pergunto curiosa.

— O senhor Thurman vem passar alguns meses aqui no Brasil, ele quer se hospedar no nosso apartamento com a filha dele, e eu dei a permissão de que nesse meio tempo, nós dois, o conheçamos melhor, como pessoa é claro.

Não é adequado, não é o certo, mas é o que o João está fazendo, por mim, para não me ver triste.

— Durante esse tempo, vamos deixar as coisas acontecer, se ao término desses dois meses nada der certo, ele irá embora e vamos continuar com o nosso casamento da melhor forma, se der certo, no último dia de estadia dele, iremos os três ter outra conversa decisiva.

— Não queremos te pressionar, até porque eu não quero que você se separe do seu marido.

Eu sei bem o que você quer... Praga!

— A Alice ficará conosco porque ele não tem mesmo com quem deixar ela, a babá dela está com três férias vencidas, então, como somos de confiança, ela ficará conosco para que o senhor Thurman vá trabalhar, ele disse que pretende reestruturar a empresa aqui no Brasil e tudo mais, para isso precisará desses dias.

— Queremos saber o que acha Fernanda, se

discordar...

— Eu concordo, desde que os dois não briguem nem fiquem me tratando como se eu não tivesse sentimentos.

— Não era a minha intenção—João alega.
— Eu só não quero que isso seja algo que te afaste de mim.

— Não vai afastar—reafirmo.— Eu te amo.

— Eu não quero me sentir traído, nem trocado.

— Não vai, eu amo você João, eu nunca trairia você.

— Traição é algo não consentido, e viver um relacionamento aberto, não é algo que seja visto dessa forma.—Kalel diz.

— Vamos tentar ficar da melhor forma, mas nada será feito sem seu consentimento, e entre nós dois...

—Três—pigarreia Kalel.

—Três—ênfatiza meu marido.— Sempre haverá transparência e sinceridade, não faremos nada escondido um do outro, e o senhor Thurman não vai tentar te seduzir quando eu não estiver por perto.

— Ele não conseguiria nem com muito

esforço.— Respondo e sinto vontade de chorar.

João estende a mão e me ergo, eu o abraço, choro agarrada a ele, percebo sua inquietação, tudo isso o abalou também, e sei que ele não quer que nosso casamento acabe.

— Eu faço tudo por você Nanda, tudo!

— Eu também faço tudo por você.

— Ok, ok, sem sentimentalismo—Kalel fala e vai até a geladeira— Tem alguma coisa aqui para comer?

— Consegue entender porque eu odeio ele amor?

— Sim, perfeitamente João.

Não é uma concessão.

Não é uma obrigação.

Ele só quer fazer o que acha melhor para mim, porque sabe que tudo isso me afeta numa proporção gigantesca, e sabe que eu o amo tanto que nunca trairia a confiança dele, nunca o trairia em nenhum sentido.

Tudo isso mexe demais conosco, mas também nossos problemas, os que nós temos enfrentado ultimamente desde o acidente.

— Vocês dois brigaram?—eu o analiso.

— Não, mas ele me deu um soco no

PERIGOSAS NACIONAIS

testículo—Kalel está abrindo a porta do freezer.—
O que eu considere um golpe baixo.

Não tinha reparado, mas ele parece que está mancando, olho para o João.

— Tinha que me vingar de alguma forma—
justifica meu marido.— Ele pediu.

— Sem brigas.—determino.

— Estamos kit's—Kalel fala.— Boa direita
John.

— Meu nome não é John seu retardado—
João pragueja.— É João Gabriel.

— Que seja—responde.— Onde tem gelo?

— Tem duas bolsas aí no fundo do freezer
—aviso.— As meninas dormiram.

— Olha, eu não sei vocês dois mais eu
estou faminto, me desculpem avisar também mas
dispensei meu motorista.

— O senhor Thurman vai pagar pela estadia
amor.—João avisa empurrando a cadeira de rodas
para longe.

Sabia que ele não deixaria isso barato.

— Ele disse que vai ajudar com as contas e
com a alimentação.—João fala.

— Não me lembro de ter dito isso—Kalel
se senta já com as bolsas de gelo em mãos, ele abre

PERIGOSAS ACHERON

as pernas e as coloca em cima das partes baixas.—
Ufaa!

— É, eu concordo com o João—faço uma careta.— Se quiser guardanapos melhores, é bom que compre.

— Não me importo, desde que ele não soque mais meus ovos.

E faz uma careta feia, acho que estava tão nervosa com tudo que nem cheguei a notar seu desconforto.

— Quer ficar com o sofá menor ou maior senhor Thurman?—pergunta João maldoso.

— Qualquer um.—Kalel diz carrancudo.

João vai conduzindo a cadeira de rodas para o rumo dos quartos, Kalel estende a mão e segura a minha, mas com gentileza, nos fitamos.

— Tudo bem Fernanda, eu não me importo.

— Nem eu com o senhor.—digo.

Ele sorri, analisa a minha aliança de casamento, não parece mesmo incomodado.

— É bom que tenham se resolvido.

— Isso ainda não entra na minha cabeça.

— Aos poucos você vai entender.

— Espero que sim.

Depois que digo me afasto soltando sua

PERIGOSAS NACIONAIS

mão.

Acho que mereço um banho e um chá depois desses dias de cão, ou melhor, dias de...

—Praga!

PERIGOSAS ACHERON



—Acha que ele já acordou?

— São 07:00 da manhã amor, eu não sei.

Eu o aperto.

João faz carinho na minha cabeça, ele beija a minha testa, eu o olho, ficamos nos olhando por alguns instantes.

— Me desculpe por não ter falado sobre o remédio—ele diz baixinho.— Eu não queria que se sentisse insuficiente para mim, nem eu para você, então eu tomei para me ajudar a relaxar e fazer amor sem me sentir mal por ficar tenso.

— Me desculpe por toda essa situação—peço.— Eu não quero que você se sinta mal com a presença do Senhor Thurman.

— Eu sei, essa é a situação mais esquisita que eu já enfrentei em toda a minha vida depois do acidente.

— Eu não me importo mais com ele do que com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas o quer por perto na mesma proporção que me quer por perto.

— Talvez não tanto, eu não sei, eu só quero poder ver ele, a Alice.

— É porque ele é mais bonito que eu?

Começo a rir, João também, nego com a cabeça.

— Você é lindo meu amor, ele é só um rostinho bonito.

— Admita Nanda.

— Ok, ele é muito bonito, mas é podre por dentro.

— Conversamos muito sobre você ontem, discutimos, e eu não consegui pensar se quer um segundo se eu fosse embora e você ficasse aqui.

— Por conta dele?

— Não, por sua causa, porque nosso casamento é mais importante do que qualquer coisa, Thurman me fez ver isso, ele disse várias vezes que não quer que nos divorciemos, que se eu a deixasse seria o pior erro da minha vida.

— Mesmo?

— Sim.

— Ele me disse que a mãe da Alice deu o golpe da barriga nele, que ela pediu 10 milhões de

PERIGOSAS ACHERON

dólares para não tirar ela.

João me encara horrorizado.

— Ele disse que pagou para ela ter a Alice e quando ela deu a luz, ela foi embora, e que desde então ele a cria como pai viúvo, mentiu para a Alice.

—10 milhões?

— Amor, a vida da Clara tem preço?

Ele se cala, é algo muito sério, aquela garotinha foi vendida pela própria mãe, isso me parte o coração.

— Não há nada que pague a vida da nossa filha.

— Foi o que eu pensei, eu teria dado tudo pela vida da Clara.

— Isso foi forte, ele não me contou nada disso, ele confia muito em você.

— Não vejo dessa forma, mas se ele quer que a Alice fique aqui conosco, com certeza ele confia em você também.

— Vou cobrar pelos cuidados da menina.

—João!

— Porque não deveria cobrar? Iremos ter que cuidar dela igual da Clara, eu vou ter que fazer almoço, você vai dar banho, e ainda por cima temos

PERIGOSAS NACIONAIS

os relatórios, se esse cara acha que vai vir folgar para cima de mim, ele que pegue andando.

Sei que não é injusto, mas não quero tratar a Alice como uma intrusa inconveniente, ou que Kalel pense que nós queremos o dinheiro dele.

— Vamos dividir as contas por dois, mais para frente, o seu salário você gasta com você e a Clara, e o que ele quiser comer, ele que compre, essa ainda é a minha casa.

Não discordo, só em um ponto.

— Eu quero poder dar um pouco de ajuda com as despesas da casa João, não quero que gaste seu salário todo com as contas.

— Bem, por agora ainda estamos no vermelho, eu pensei em pedir um dinheiro a meu pai, só para fazer as compras do meio do mês.

— Tem os seus remédios, eu vou colocar tudo na ponta do lápis, acho que só daqui a uns 3 meses sairemos do vermelho.

O João toma remédios para repor ferro e vitaminas, e alguns para circulação, nem sempre podemos pegar na rede pública, porque quase nunca tem, então compramos.

— Pensei que você queria ficar com ele.

Eu o encaro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero ficar sem você.

— Porque eu sou seu porto seguro Ou porque está acostumada comigo?

— Porque você é tudo para mim desde que te conheci, e só existe você no meu coração desde então.

— Sabe dizer o que sente por ele? Porque ele é tão tosco!

— Eu não sei, mas é legal ter ele por perto, de um jeito bizarro e irritante.

— Eu concordo com o bizarro.

— Não tenho medo do que as pessoas possam falar, nem por conta de uma suposta “traição”, eu só não quero sentir que estou te perdendo Nanda.

— E não está.

— As vezes eu olho para ele e sinto que tem muitos motivos para querer ele por perto, ele é o meu oposto, ele é corajoso, não tem medo de arriscar, eu sempre fui do tipo de cara pacato, você sempre foi a voz ativa em nosso relacionamento.

— Você sempre soube se impor João, você só não é brigão, e isso é algo que eu admiro muito em você, eu sei que depois do acidente muitas coisas mudaram, sua recuperação foi lenta e que

PERIGOSAS ACHERON

teve sequelas, mas isso não pode te impedir de ter força de vontade, você era tão ativo, queria que aquele cara que eu conheci estivesse um pouquinho mais comigo.

— Não dá para escalar numa cadeira de rodas Nanda.

— Suas limitações não podem ditar quem você é ou o que quer João, você quem tem que se impor diante delas, persistir, porque é isso o que eu tenho feito desde que você foi para aquela cadeira —olho para a cadeira dele ao lado de nossa cama.
— Só que ela não me impediu de te amar, nem de tentar fazer com que nosso casamento desse certo, porque com ou sem ela, eu ainda amo você.

— É muito bom ouvir isso—os olhos dele se enchem de uma emoção contida.— E você tem bastante razão, nós dois estávamos sem conversar a um bom tempo sobre isso, desde o acidente você só pensa em procurar emprego, e eu fico em casa sem saber como lidar com tudo.

Nos beijamos, João me abraça e subo em cima dele puxando os cobertores, ele toca as minhas costas e enfia as mãos dentro do meu pijama, toco seus cabelos, sua boca me toma bem devagar, é tão bom beijar ele, tão gostoso.

— Mamãe!

Clara abre a porta do nosso quarto e vem correndo para nossa cama, ela sobe sonolenta, me ergo colocando-a deitada ao lado do pai, observo Alice em pé no pé da porta com o laço torto e cobertores sob os ombros.

— Bom dia!—Alice fala tímida.— Ela me acordou, sabem onde está o meu pai?

— Na sala.—digo, porque foi lá que deixamos ele no sofá depois que jantamos, jantar silencioso e rápido.

— Eu posso entrar? O corredor está escuro! —Alice pergunta.

—Claro querida—digo.— Vem para cá.

Não acho que seja um problema, Alice se aproxima com o cobertor cor-de-rosa da Clara sob os ombros, nós a colocamos na cama da Clara, porque havia espaço para ambas, e achei muito desconfortável deixá-la dormindo no sofá.

Eu a ergo e a coloco em nossa cama, ela sorri e se deita abraçando a Clara, minha filha sorri com a chupeta na boca.

— Ela é linda—Alice diz.— Ela se parece com o senhor, senhor John.

— É, ela é mesmo linda.—João fala cheio

de orgulho da nossa pequena.

— Queria ter pais assim—Alice sorri.—
Que me deixassem dormir na cama, meu pai quase não fica comigo, ele trabalha muito duro para me dar o melhor.

Dar o melhor para Kalel Thurman deve se resumir a uma poupança com muitos zeros depois do primeiro dígito, mas amor e atenção que é bom, só zero sem dígitos.

— Sempre que quiser pode vir par ao nosso quarto Alice, só precisa bater na porta antes.—João fala e sorri para ela.

— Não seria melhor aumentar o tamanho dessa cama primeiro John?

Ergo o olhar, e Kalel Thurman está parado na soleira da porta do meu quarto com uma caneca na mão, ele está com a camisa social para fora da calça, os cabelos bagunçados, e descalço, nunca o vi assim, todo amarrotado, mas ele está tão... Tão... Merda, ele é bonito, muito bonito!

— Não.—João fecha a cara.

— Bom dia.—Kalel me fita de um jeito diferente.

— Bom dia—respondo envergonhada.— Já fez o café?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tentei, ficou forte, costume usar minha máquina de café.

— A única máquina que temos aqui em casa é a de lavar roupas—digo e saio da cama.— Vou comprar pão.

— Eu pedi ao Said que comprasse—ele argumenta.— Ele fará compras para a casa, e também trará nossas bagagens para cá.

Já?

— Tá—olho para o João.— Quer que eu prepare o leite dela?

— Aham—João beija a cabecinha da Clara.— Ela está enjoadinha.

— Está esfriando—olho pelas brechas da janela.— O tempo fechou, melhor agasalhar ela, Alice você quer vir ver tv?

— Aham—Alice concorda e sai da cama.— Eu posso dormir aqui hoje?

— Claro—porque vai.— Eu vou arrumar um colchão para seu pai dormir com você no quarto da Clara, vocês são nossos hóspedes.

Os olhinhos dela brilham.

— Mesmo? Muito obrigada, eu prometo que vou me comportar.

— Eu sei que sim.

PERIGOSAS ACHERON

Ela sorri de ponta a ponta, me abraça com carinho, olho para o João, ele sorri, nesse sentido, nada a reclamar, ele sabe separar as coisas, a Alice não tem nada a ver com isso.

— Vai lá, eu fico com a Clara—João diz e lança um olhar repreensivo para Kalel.— E você, já sabe né?

— Sei.—ele responde calmamente.

— Eu já volto com a “dedeira” dela— respondo e beijo a cabecinha da Clara.— A mamãe já volta meu amor.

Ela suga a chupeta e toca a minha face, a mão quentinha e rechonchuda.

Me afasto e Alice vem comigo, segura a minha mão, Kalel abre espaço para que eu passe e ao passarmos pela sala, ligo a tv, Alice sobe no sofá e se enfia embaixo dos cobertores que deixamos para o pai dela dormir, vou para a cozinha, o café cheira, na pia tem pratos de ontem a noite, fiz uma ligeira sopa de jantar, ninguém reclamou, estava silencioso e estranho demais para que um deles reclamassem.

—Said não vai demorar—ele fala e fica ao meu lado na pia.— Não precisa ter vergonha Fernanda, é normal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É normal que você esteja aqui mesmo eu sendo casada?

— Muito normal.

Suspiro, tudo para Kalel é normal, duvido que ele ache algo anormal.

— Você usa pijamas bem grandes para dormir.

— Eram do João, ele é bem mais alto que eu.

Ele estende a mão e passa envolta da minha cintura, depois me puxa e ficamos nos olhando enquanto nossos corpos se encostam, um calor diferente me sobe pelo corpo.

— Eu posso ao menos te dar um beijo?— pergunta.

— Eu acabei de beijar o meu marido.— replico incerta.

— Não vejo nada demais—ele me aperta com esse braço.— Por favor.

Fico dura, seus olhos são calmos logo cedo, os lábios estão vermelhos, os cabelos caem dos lados do rosto, são meio ondulados, Kalel se inclina e deixa um selinho quente nos meus lábios, meu coração fica disparando quando seus lábios encostam nos meus, eles deixam um rastro quente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com gosto de café, depois ele ergue a cabeça e toca a minha face.

— Você não está traindo o seu marido.—ele determina.

— Eu sei, só não entendo—estou constrangida.— Me desculpe.

— Eu vou explicar para você e ele vai aprender a entender meu estilo de vida.

— Não... Não tenta impor isso ao João está bem? Para ele já está sendo demais tudo isso, não quero magoá-lo mais, ele faz isso por mim.

— Eu sei, prometo que vou tentar ter paciência.

— Espero que sim, eu não quero magoar o meu marido.

— Eu já disse que entendo, não precisa ficar repetindo a mesma coisa sempre.

— É a verdade, você disse que nos queria, que queria a nós dois.

— Eu sei o que eu disse.

— Então porque está irritado?

— Porque você prefere não magoar a ele, mas parece não se importar comigo também.

—Kalel ele já estava aqui quando você chegou, nós mal nos conhecemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso significa que não estaria disposta a me querer também? A deixar as coisas entre nós dois acontecerem?

Nossa!

— Bem, você mesmo disse, não somos um casal, somos três, então, você tem que aprender a dividir conosco também, e o João vem passando por muitas coisas ruins...

— Eu não tenho pena dele.

— Pena e compressão são duas coisas diferentes.

— Poderia só me dizer que eu estou aqui porque você ao menos vai me deixar me aproximar mais de você?

— Você sabia que você é o segundo homem que eu beijo em toda a minha vida?

Kalel Thurman está calado, tento me afastar, mas ele mantêm o braço me apertando, não vejo lógico nessa cobrança desfredda dele, as coisas não são assim como ele pensa.

— Eu fiquei porque eu quero muito te ter na cama, com ou sem ele, com ele até ficará interessante, mas eu quero VOCÊ!

Cacete.

— Então, só me diz que eu tenho alguma

PERIGOSAS ACHERON

chance desse querer se tornar algo mais concreto.

— Sexo é concreto?

— Você gosta de mim? Ao menos que nem um pouco?

— Gosto, eu já disse que sim!

— Não, você não disse, você disse ao seu marido, você não me olha nos olhos porque Fernanda? Temos que falar sobre isso, estamos atraídos!

— Sim, estamos, mas eu não quero confundir as coisas, elas devem acontecer no tempo certo, não quero me precipitar.

— Dormir comigo seria precipitação?

— Me apaixonar por você seria uma precipitação Kalel, ficar pensando em você todos os dias desde que te conheci, me preocupar com a sua filha mesmo que eu a conheça a menos de duas semanas, ficar me perguntando o que você está fazendo nos Estados Unidos, se está com outra mulher, se está jantando na mesma hora que eu, são tantas coisas—replico e sinto vontade de chorar.— Você não sabe o quanto me esforço para não pensar em você, o quanto me nego, porque sei que você é um cara que não quer nada com ninguém, e não tem nada a oferecer a ninguém, além claro de uma

boa noite numa cama, e eu não sou nada disso, eu não sou jovem, eu não sou magra, eu não sou loira nem tenho olhos azuis, e você aparece assim na minha vida querendo mudar tudo, minha forma de ver o meu casamento, meu emprego, meu lar, as coisas não são assim! Tem que ir mais devagar, pensar nos meus sentimentos, na forma como eu me sinto.

Ele desvia o olhar e se afasta, me solta.

— Eu também pensei em você, mas achei que estava louco, porque naquela noite vim te confrontar e você foi super fria comigo, disse que eu estava te assediando.

— Não queria admitir Kalel, eu amo meu esposo, como poderia admitir que sinto isso por você?

— Isso o que?

— Um querer tão grande que me faz atropelar meus sentimentos pelo meu marido, pela minha família, minha crença, por tudo, acha que é fácil? Eu não fui criada para ser de dois homens, não sou uma vadia.

Kalel se aproxima e me abraça, soluço, não estou confusa, e isso é desolador, saber que os sentimentos estão aqui dentro de mim, estou

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando bani-los, evitá-los , deixá-los de lado, mas nada funciona, infelizmente, e isso é muito difícil de compreender.

— Aos poucos você se acostuma, calma!

— Eu estou calma, eu não quero brigar, está bem?

— Sim, o que quiser, como quiser!

Ele beija a minha cabeça e me aperta com força, não é um porto seguro, mas como uma chegada, numa nova morada, fico agarrada a ele chorando em meu silêncio, e isso é familiar, por mais que não deva ser.

Kalel Thurman é um caminho sem volta, mas tão complicado quanto um labirinto e pior, sem saída.

PERIGOSAS ACHERON



— Você ficou muito bem nesse vestido.

— Ah, obrigada!

Começo a abrir as sacolas, tem pelo ou menos umas cinquenta sacolas de supermercado aqui com muitas compras, acho que nem se tentássemos, eu e o João teríamos condições de comprar tantas coisas assim, e caras.

— Quer ajuda com o almoço?

— Eu pensei que você iria para a empresa.

— Eu vou trabalhar mais tarde hoje.

— Acho que não precisava comprar tantas coisas Kalel, talvez o João se ofenda.

— Porque se ofenderia? É só comida.

Ele continua a me olhar daquele jeito estranho que me olhava durante o café, nunca vi alguém tão falante em toda a minha vida quanto a Alice, ela comeu ovos e bebeu chá, com seu leite sem lactose, ela carrega algumas caixinhas dentro

da bolsa, coisa curiosa, nunca tinha observado isso em uma criança.

Alice ainda é a garota que quando sorri mesmo que pare de sorrir, fica mostrando os dentes pra causar efeito, parece que ela não consegue parar de sorrir quando começa, olho para o rumo da sala e a vejo vendo um programa infantil embaixo de cobertores, Clara deu mais trabalho para mamar o leite, ela não quis tomar tudo e ficou enjoada, só quer o pai.

João está com ambas na sala assistindo tv no canal infantil, ele colocou em inglês, Clara não reclama, tem uma nova coleguinha para brincar.

— Ela adoece com frequência?—pergunta Kael como se lesse minha mente.

— Ela tem bronquite e alergia a mudanças climáticas, ai fica irritada quando tem crise—respondo.— Espero que ela fique bem logo, ou terei que levar ela ao hospital de novo.

— Imagino que seja difícil, a intolerância da Alice já me custou muitos sufocos.—ele puxa a manga da camisa e começa a dobrá-la.

Percebo que no pulso dele tem algo semelhante a um borrão, e tão logo ele vai subindo a camisa vou percebendo que o traço não é um

PERIGOSAS NACIONAIS

borrão e sim uma tatuagem toda escura.

— O que?—Kalel pergunta.— Nunca viu um cara com tatuagem não?

— É no braço todo?—estou chocada.

— Nos dois!—ele mostra se aproximando e dobrando a outra manga e exibindo as tatuagens escuras, depois se inclina na minha direção e completa: Tem mais, quer ver?

— Bem... Eu... E o que são?—gaguejo.

— São muitas—ele fala.— Uma para cada mulher com quem eu transei nos últimos 10 anos.

Arregalo os olhos, Kalel prende um sorriso, depois ele coloca as mãos sob meus ombros e me empurra para longe do campo de visão do João, sinto a parede fria de encontro as minhas costas e meu coração dispara quando ele me beija, assim, sem mais nem menos.

Meus lábios se movem nos dele, mas não é voluntário, é algo do qual é imediato, minhas mãos se erguem e se enfiam nos cabelos dele e sua língua invade a minha boca com intensidade imensa, minha boca recua devagar e meu corpo sobe, eu o correspondo sem conseguir prender toda a vontade inquieta dentro de mim.

Ele explora a minha boca devagar e perco o

PERIGOSAS ACHERON

ar, ele é bem maior que eu, fico na pontinha dos pés e ele me puxa pressionando o corpo contra o meu, sua mão desliza facilmente até minhas nádegas e ele as aperta com força, deslizo meu corpo de encontro ao dele e ele roça em mim num vai e vem que me arranca o fôlego.

—Amor!

Eu o empurro de imediato e lhe lanço um olhar repreensivo, Kalel sopra e faz cara de quem comeu e não gostou, estou arrepiada dos pés a cabeça, tento me recompor enquanto me aproximo do canto onde eu estava e me mantenho encostada atrás da pedra de refeição.

— Oi amor!—respondo com dificuldade.

— Você dá uma olhada nelas enquanto eu vou tomar um banho? Tenho que trabalhar um pouco.

— Eu também já vou indo, pode ir.

João sai do sofá e vai para a cadeira, Alice fica observando-o fazer isso como se nunca houvesse visto um paralítico na vida, me sinto mal com a cena, ele se cansa com frequência.

— Ele vai ficar bem.—escuto Kalel falar enquanto João se afasta conduzindo a cadeira para o corredor do nosso quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não faz mais isso.—repreendo.

— Porque? Não estamos juntos?

— Estamos, mas não faz mais perto do João.

Kalel está bem surpreso com a minha exigência.

— Ele não vai te largar Fernanda.—garante ele.

— Não quero que ele se sinta mal.

— Olha, estamos nisso os três, temos que aprender a conviver uns com os outros, ele pode te beijar na minha frente, porque eu não posso te beijar na frente dele?

—Kalel é diferente!

— O que é diferente? Eu não quero ser tratado diferente, eu não quero ser um intruso que é colocado de lado, não existe mais só você e ele e as necessidades de vocês dois, eu também tenho as minhas necessidades.

— Isso começou ontem.

Nego com a cabeça.

—Fernanda isso já existe desde que eu e você nos conhecemos, eu quero poder ter liberdade com você, o seu marido tem que aprender a entender que é um relacionamento de três pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo? E já pensou no que vai falar para sua filha? Ou você vai desconstruir a visão que ela tem a respeito de um casal?

— Eu vou conversar com ela.

— Então eu vou conversar com o João.

— Ele não vai aceitar!

— Eu prefiro deixar as coisas claras, sei que ele não gostaria que eu omitisse as coisas dele assim, você mesmo não gostaria se fosse sua mulher.

— Se você fosse minha mulher, não estaria subindo pelas paredes por conta de um beijo.

— Você as vezes é tão nojento e sem coração!

Ele fica tácito.

— Seja maduro, você é tão difícil, e olha que eu não convivo com você nem a três meses direito.

— Eu só estou querendo dizer...

— Que quer chegar na nossa casa e fazer o que bem entender, me tratar como se eu fosse uma qualquer na frente do meu esposo e quer que ele ache normal.

— Eu só quero poder te ter um pouco comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficar me beijando assim perto dele não é certo.

— E você espera o que?

—Kalel já tivemos essa conversa mais cedo.

— Ok—ele pragueja.— Eu vou conversar com ele, explicar as coisas, ou então nós conversamos.

— Eu converso com ele, guarda as compras, depois nós conversamos sobre isso, eu tenho que começar a trabalhar também.

— Você não gostou do meu beijo?

— Gostei, muito.

Depois que digo me afasto, vou para o meu quarto, escuto o som do chuveiro e respiro fundo.

— Esse problema só fica cada dia pior, agora, além de tudo, ele ainda tem tatuagem!

E beija bem, muito bem.

PERIGOSAS ACHERON



—Kalel quer dar um passo a mais na relação.

João seca os cabelos com a toalha e faz aquela famosa cara que adora fazer quando está entediado, cara de bosta, com direito a ódio e rancor nos olhares que me lança, como se eu fosse culpada por tudo.

É injusto, mas também é justo, ele tem os motivos dele e as razões, contudo, não me sinto culpada, porque não tenho culpa.

— Ele te disse isso?

— Ele disse para nós dois lembra?

—Nanda, começamos isso ontem.

— Eu sei, mas eu quero conversar com você sobre isso com mais calma.

— Mais? Porra hein?!

Me aproximo com suas roupas limpas, ele
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suspira, está cansado da situação, me sento na cama, João estende a mão e toca a minha, os dedos acariciam a nossa aliança de casamento, até que lentamente, ele a puxa e a tira do meu anelar esquerdo, eu o fito coberta de medo.

— O que ele quer?

— Mais liberdade comigo.

— Liberdade é te beijar atrás da geladeira e achar que eu não vou perceber?

Empalideço, João sorri, mas vacila, ele olha para baixo, e fico quieta sem saber o que falar, constantemente estou sem palavras com estes últimos eventos.

— Você nem vai negar?

— Não, porque ele me beijou mesmo, e eu o beijei.

— E gostou?

— Sim.

— Concordei com isso por um motivo Nanda, se é isso o que você realmente quer, então tudo bem, eu sei que não ando marcando presença como marido, não temos tido uma vida conjugal a muito tempo, sei que deve se sentir só no sentido sexual, o que quer que eu diga?

Fico olhando para minha aliança de

PERIGOSAS ACHERON

casamento entre seus dedos, João começa a tirar a aliança dele devagar e um frio estranho percorre minha espinha, vem até minha boca do estômago, e ele segura a minha mão, depois coloca nossas alianças na palma dela, começo a tremer.

— Nosso casamento já acabou a alguns anos Nanda, não adianta, eu prefiro que faça isso separada de mim, porque não é justo com a nossa história, tudo bem se não quiser se divorciar agora, eu estou tentando fazer o melhor que posso nesse sentido, mas parece demais imaginar outro cara te tocando, te beijando...

— Olha, as coisas não são assim!

Ergo o olhar, Kalel Thurman entra no nosso quarto depressa, ele está muito irritado, eu o encaro e depois olho para o João, fica um silêncio estranho no quarto, logo agora que eu pensei que as coisas melhorariam entre eu e meu marido, isso?

— Não podem se divorciar, não foi esse o trato John!

— Você sabia que esse quarto ainda é meu certo?—João questiona.

— Eu beijei ela, ela não teve culpa...

— Ah, quer saber, podem se beijar, eu não sirvo para nada mesmo—João me olha com cara de

choro.— Eu não consigo Nanda, me desculpe, eu não posso fazer isso.

— Porque não pode?—Kalel pergunta— Você tem que parar de se sentir incapaz, não pode fazer isso com a Fernanda, não podemos fazer isso sem você.

— Você não entende não é mesmo? Você nunca amou ninguém na sua vida para saber como é estar com alguém a tantos anos e aparecer um estranho e te roubar tudo o que você e ela construíram.

— Tem razão, mas eu sei que se você fizer isso com o casamento de vocês dois, vai destruir isso.

— Você está destruindo isso Kalel!

— Eu gosto dela está bem?

— Eu a amo!

Sinto um desespero me tomando toda, fecho a mão apertando os laços que me unem ao meu esposo, me lembro do dia que ele colocou essa aliança no meu dedo, da forma como eu estava feliz, era mais jovem, mais disposta, e o João era tudo o que ele não é hoje, ele me esperava num altar diante de um padre com um sorriso enorme e lágrimas nos olhos, o cara mais lindo do mundo

PERIGOSAS NACIONAIS

bem ali, a minha espera.

— Eu sei que é pedir muito, me desculpe, eu não vou mais me aproximar dela está bem?— Kalel fala com um certo tipo de vergonha.— Eu prometo, eu vou manter distância.

— Uma hora vai acontecer—João me analisa.— Eu não quero me divorciar, mas preciso pensar nisso com mais calma.

— Se você for embora sei que não vai voltar—digo.—João eu te conheço, para com isso, tenha calma, aos poucos nós vamos nos acostumar, vamos tentar...

— Tentar o que Nanda? Eu não tenho nada a te oferecer, tanto que você se apaixonou por outro homem, não dá para competir com ele, olha ele é... essa merda toda!

— Vamos resolver isso da melhor forma—Kalel respira fundo e passa a mão nos cabelos.— Calma!

— Calma?—João se irrita.— Eu odeio você!

— Eu não vou mais me aproximar dela ok? Só me deixa ficar aqui um tempo, provar para vocês dois que podemos ter uns bons momentos juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fazendo o que? Suruba?

— Se você a amar tanto quanto fala, vai aprender a saber lidar com tudo João—berra Kalel num tom meio alto.— Cacete, que porra de teimosia, já disse que não vou me aproximar dela.

— Você não está na sua casa para gritar...

— Acontece que eu não dou a mínima, eu não quero ver ela sofrendo, a Fernanda não merece isso, você deveria ser mais grato não acha? Eu já disse que a minha intenção não é afastar os dois e sim mostrar como podemos ter um bons momentos juntos durante a minha estadia no Brasil.

— E depois?

— Eu vou embora e fim, vocês dois nunca mais vão me ver, agora coloca essa porra dessa aliança no dedo dela, e ela coloca no seu dedo a merda da aliança e os dois parem de ficar falando as coisas pelas minhas costas.

Eu e João nos entreolhamos, estendo a aliança para ele e ele coloca a dele novamente no dedo, coloco a minha.

— Eu preciso que vocês dois abram a mente, que parem de ficar brigando atoa, eu quero sim compartilhar mais momentos com a Fernanda, mas se isso não te agrada tudo bem, vamos deixar

PERIGOSAS ACHERON

isso de lado.

— Você disse que não beijaria ela sem a minha permissão.

— Você não daria mesmo!

— Espera, ninguém conta com o que eu quero?—pergunto chateada.

Ambos se entre olham e não falam nada.

— Olha, eu também tenho querer, eu quero beijar os dois quando eu quiser.

— É mesmo? Então vai, beija esse aí—João fala indignado.— Esse destruidor de lares.

Kalel cruza os braços.

— Você não tem medo de mim John, nem se sente ameaçado, porque sabe que ela nunca te largaria por mim, você tem medo de não ser capaz o suficiente para ela, mas isso não vai acontecer sabe porque? Porque ela ama você, e se até hoje ela não te deu um pé na bunda, é porque ela quer mesmo ficar com você, só que acontece que todos nós somos humanos e temos direito de entender que as coisas acontecem, e eu e a Fernanda acontecemos, não foi culpa dela, nem minha culpa, ela se apaixonou por mim, o que posso fazer?

— Que?—pergunto e faço uma careta.— Você acaba de estragar a frase mais madura que já

disse até hoje com esse último detalhe, eu não me apaixonei por você.

— Se apaixonou—João alega e pega a camisa em cima da cama.— Olha, quer saber, eu estou cansado, eu vou trabalhar e deixar isso de lado.

— Você não pode fugir da nossa discussão assim—Kalel vai até a porta e a fecha.— Vamos resolver isso, temos que chegar num consenso.

Nossa, falando assim, parece até o rei da maturidade.

— Nós três!—determina Kalel bem sério.— Juntos, ok?

Nos entre olhamos, João suspira, ele sabe que está sem saída.

— Você vai me ouvir, e eu irei ouvir o que você tem a falar, e nós dois ouviremos a Fernanda e enquanto não chegarmos a um consenso, não sairemos desse quarto.

— E as meninas?—pergunto.

—Said está com elas na sala—Kalel justifica.— Vamos resolver isso agora como adultos.

João e eu não respondemos, mas nem precisa, ele sabe que temos que resolver e ponto.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Então, vamos ser mais sinceros—Kalel diz.— Poderíamos nos sentar?

— Eu já estou sentado.— responde João secamente.

Kalel me mira e caminho até a cama, meus ombros parecem pesar uma tonelada, João se aproxima, ele ainda está de camisa e cueca, ele pega o cobertor dobrado em cima da nossa cama e joga sob as pernas, sei que se envergonha, e isso me deixa muito triste, eu não quero que ele se sinta desconfortável.

— Quero que diga com sinceridade o que você pretende Thurman—exige João mal-encarado.

— Eu quero poder ter relações com sua esposa com o seu consentimento, e que você a compartilhe comigo durante os dias que eu ficarei no Brasil, e que ela também consinta com o relacionamento a três—Kalel esclarece.— Eu não

quero roubar ela de você, eu só quero poder ter relações sexuais com ela.

— E que eu veja?

— Que você participe.

Fico boquiaberta com a revelação seca dele, Kalel se senta na cama de forma que fica de frente para ele também, ficamos lado a lado, João diante de nós, o olhar sólido.

— Você acha que seria possível que eu e você fizéssemos isso com ele Nanda?—indaga João me lançando um olhar ainda mais fechado.

— Você seria?—Kalel contra pergunta para ele.

— Não—João é rápido na resposta.

— E você Fernanda?

Eu os olho.

— Eu não farei se o João não quiser...

— Mas o que você quer?

— Vocês dois estão me deixando louca, não aguento mais! Desse jeito eu vou ter que ir ao hospital tomar um calmante, eu pensei que havíamos resolvido isso ontem.

— Acontece que ele quebrou as regras—João acusa.— Disse que não iria tentar te seduzir!

— Eu não tentei, apenas nos beijamos,

porque eu gosto dela, da mesma forma que você a beija.

— Eu sou casado com ela.

— John, o fato de você ser casado com ela não te torna dono dela.

— Por isso eu prefiro ir embora, deixar que ela viva a vida dela com quem ela quiser, quando ela pensar com calma e decidir, podemos assinar o divórcio.

— Você está entendendo tudo errado.

Ora olho para Kalel, ora olho para o João, a ideia é tão complexa, e ao mesmo tempo, Kalel a banaliza tanto, para ele é algo normal, isso só prova que de fato é algo muito mais cultural do que ligado a princípios, porque não faz parte da nossa realidade, então, ainda não sabemos lidar com isso.

— Você está errado Kalel!

— Para você estou, mas talvez para outras pessoas, eu esteja certo, certo e errado são só termos que nós estabelecemos durante nossas vidas.

— E mesmo? Então vou te fazer só uma pergunta, você tem uma filha certo?

— Espera, a Alice não tem nada a ver com isso!

— Claro, porque você não imagina dois

marmanjos com ela não é mesmo? Sabe que está errado!

— Não importa o que é certo ou errado, o que importa é o que sentimos João—intervenho.— Eu entendo você, o que posso fazer para que você ao menos reaja a tudo isso? Você não está entendendo a proposta do senhor Thurman.

— Ah, e se eu entrar pela porta da frente com uma mulher você vai aceitar?

— Não, não irei aceitar, porém eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para te ver feliz, sei que você está se esforçando muito com tudo isso, eu também estou tentando me adaptar.

— Para você é mais fácil, é mulher.

— João ninguém sabe o que passamos em nossa vida particular, nem nossos pais, nem sua irmã, ninguém, ninguém nunca vem aqui nem para perguntar se nós estamos bem, você acha que outras pessoas ficarão sabendo do que quer que seja?

— Eu saberei.

— Eu também saberei, e não quero que você se sinta mal em saber, quero que nós dois tenhamos paz.

— Eu não conseguiria...

— Você não tentou—Kalel retruca.—
Então não pode dizer que não conseguiria aceitar.

— Eu só quero que você saiba que não é fácil para mim ver tudo e ficar agindo como um *“corno manso”*.

— Cor... o que?

— Corno—traduzo.

— Não tem que se preocupar com isso, ninguém além de nós saberemos sobre nosso relacionamento.

— Sei.

Kalel estende a mão e toca a minha em cima da cama.

— Gosto muito da sua esposa John, ela é muito importante para mim, estou tentando ser transparente, o máximo que posso, mas não conseguiremos fazer isso sem você, é importante que você entenda que você também está nisso, até mais do que eu, porque ela confia em você.

— Não dá!

João parece uma criança teimosa.

— Não tem que ter medo de aceitar, não tem que ter vergonha, esse é um relacionamento que envolve muita confiança.

Kalel está juntando cada gota de paciência

que possuí ao conversar com ele.

— O que você quer Fernanda?

— Eu quero que parem de brigar e que fiquemos unidos, por enquanto, sem briga, eu não me importo que esteja por perto, desde que isso não magoe os sentimentos do meu esposo, tenho que dizer que estou cansada dessa situação quantas vezes?

— Então eu posso ir...

— João, está sendo infantil—corto.— Você sabe que as coisas não se resolveram assim.

— Você quer transar com o seu chefe comigo na nossa cama e eu sou infantil?

Me levanto, solto a mão do Kalel, fito bem meu marido, isso me machuca numa proporção devastadora.

— Eu não sou uma vagabunda qualquer só porque comecei a gostar de outra pessoa, porque me sinto de novo atraída por outro alguém, eu entendo que você não tem que aceitar, mas não precisa se referir a mim assim, de uma forma como se eu tivesse culpa—respiro fundo.— Vou dar umas voltas com as meninas no condomínio, não aguento mais estar nesse apartamento, acho que a solução mesmo vai ser eu ir embora e não ficar

PERIGOSAS NACIONAIS

com nenhum dos dois até que as coisas se acalmem.

Depois que falo saio do quarto, trêmula, nervosa, olho para a minha aliança de casamento, meu peito se contrai em vê-la, e não tem como me sentir pior diante disso tudo, diferente de uma vadia!

Devo ser.

PERIGOSAS ACHERON



—Nanda.

Me viro.

João se aproxima na cadeira de rodas, Kalel vem andando ao lado dele, as mãos enfiadas nos bolsos, assim de longe parece até mais alto, Alice e Clara estão nos balanços, eu as trouxe pro parquinho do condomínio, não consigo pensar em nada direito, já chorei um bocado, sorte que nenhum dos moradores veio aqui hoje.

Me sinto terrível.

— Nós podemos subir?—João olha para Clara.—Filha, vem com o papai.

Clara desce do balanço e vem correndo para o rumo dele, os olhos castanhos vivos, o dia ainda está um pouco frio, mas o sol já está saindo, coloquei um agasalho nela e dei a Alice um chalé para ela colocar sob os ombros, está vem correndo toda sorridente na nossa direção.

— Vamos conversar com as meninas.—

PERIGOSAS NACIONAIS

João fala e acomoda a Clara no colo.

— Senta aqui filha—Kalel se senta no banco ao meu lado.

João coloca a cadeira de frente para nós dois, e Alice se senta no colo do pai toda apressada.

—Clara, você ainda é pequena demais para entender, mas sabe o tio Kalel?—João pergunta em português.

— Papai da Alice—Clara cospe a chupeta.
— Vai embola?

— Não, o papai precisa te dizer que o tio Kalel a partir de hoje também será o seu papai.

Pisco atônita, congelo.

Como? Eu não ouvi direito.

— Como assim?—pergunto apavorada—
João, pelo amor de Deus...

— Do que eles estão falando papai? Não é bom?—Alice pergunta em inglês.

—Alice, o papai conheceu a Fernanda na empresa, e a Fernanda é casada com o John, e a partir de hoje, eu, o John e a Fernanda iremos morar juntos, e você irá morar conosco.

Alice fica confusa, minha cabeça fica girando e girando com as explicações.

— Eles são amigos como você e o tio Nick?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, a Fernanda e o papai irão ficar juntos, e o tio John também ficará conosco, como uma família—Kalel explica devagar.— O papai e o tio John irão se casar com a tia Fernanda, e você irá ter uma família com mais um papai.

Enrijeço, cada nervo do meu corpo endurece, Kalel Thurman olha pra filha como se esperasse por algo ruim, porque sua tensão é visível, Alice me olha e olha para o João ainda dispersa.

— Vamos morar todos juntos em nossa casa.—Kalel explica com cuidado.

— Mas... Eu não teria que ter outra mamãe? Uma para você? A Fernanda já tem o John.

Meu Deus.

— Na nossa família, as coisas serão mais legais, a Fernanda será de todas nós, e nós seremos todos dela—João me olha.— Porque nós a amamos, e temos muito amor para dar para ela, assim como o coração dela também tem muito amor para dar para todos nós.

Soluço, ele estende a mão, eu a seguro e a beijo diversas vezes sem saber como reagir ao que acabo de ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então a Fernanda será a minha nova mãe?—Alice não entende, mas sorri.

— E o John será o seu segundo pai, quando eu estiver fora, ele e a Fernanda irão cuidar de você para mim—Kalel esclarece.— Diga alguma coisa filha.

— Bem, eu vou gostar de ter uma irmãzinha —Alice sorri e me olha.— E uma nova mãe e um novo pai.

Ela se aproxima da Clara e a abraça toda sorridente.

—Clara você é a minha nova irmãzinha!

Clara não entende também o idioma da menina, mas sorri e devolve o abraço toda carinhosa.

— Melhor subir—João fala.— Ainda está meio frio para ficar aqui com ela.

— Sim—me levanto de imediato.— Espero que vocês dois não voltem atrás na decisão.

— Por minha parte não voltaremos.—Kalel afirma.

— Nem pela minha.—João está convicto.

Muito menos da minha, seja lá o que eles tenham conversado, só espero que não tenham brigado. Que fiquemos os cinco, bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Ela gosta dele.

Qualquer criança facilmente se apaixona pelo meu marido, ele é um homem cativante, atencioso e carinhoso demais, duvido que a Alice não goste dele, o João adora crianças também, ele é muito mais paciente do que eu nesse sentido, não sei se por conta do fato de ele ser mais presente na vida da Clara.

— O que conversaram?

— Muitas coisas, mas a cada 3 insultos, o nome “Fernanda” surgia, então...

Escondo o sorriso, estou preparando o almoço, arroz, feijão, a geladeira ficou lotada de repente, frutas, legumes, verduras, Kalel não poupou nosso armário de nada, tem muitas folhas, a fruteira está cheia e tem uma melancia no chão perto da geladeira, já faz algum tempo que não temos tantas coisas para comer, não me

PERIGOSAS NACIONAIS

envergonho, mesmo sabendo que o João não aceita, entendo que precisamos de ajuda.

— Ele disse que vai se esforçar para entender tudo, mas chegamos a um acordo.

— Ontem também chegaram a um acordo.

— Mas esse acordo é sério.

— O outro não era?

— Era, mas eu e ele chegamos a esse consenso juntos.

— Algo sobre morarmos juntos e nós também sermos pais da sua filha?

— Engoli meu orgulho e acho que vou ter que enterrar meus dias nos prostíbulo e antros de perdição que frequentava.

Despejo a carne picada na panela, o cheiro gostoso sobe, contudo, não sei se sentirei tanta fome, toda essa história está acabando comigo, precisamos resolver isso logo.

—John...

—João!

— Que seja, ele e eu chegamos ao consenso que será melhor para nós que mantenhamos a relação entre nós três.

— Não era o que havíamos conversado?

— Sem que eu me envolva com outras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulheres.

— Pretendia se envolver com outras mulheres?

Kalel coça o rosto, está cansado, mas isso me deixa intrigada.

— Pensei que seria um relacionamento aberto, eu não me envolvo mais do que o necessário com os meus casais.

— Seus casais? Tem casais fixos?

—E namoradas fixas também, mas são relacionamentos abertos.

Eu o encaro pasma, pego a colher e pau e começo a mexer a panela sem saber o que dizer exatamente, de novo, sem palavras, esse homem é um... um...

— Olha, eu tenho um estilo de vida nos Estados Unidos, não me orgulho das coisas que fiz antes de conhecer vocês, mas também não me arrependo, eu gosto de sexo grupal e eu nunca neguei isso nem escondi de vocês dois.

— Não sabia que tinha namoradas no plural.

— Não são namoradas, namoradas, são garotas com quem eu saio quando eu estou na cidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que nem cheguei a perguntar onde você e a Alice moram.

— Alice mora em Jersey com os meus pais, eu moro em Nova York num duplex e Manhatthan.

— Ela não mora com você?

— Não, ela não mora, mora com meus pais, eu a vejo quando tenho tempo.

— É muito ocupado.

— Bastante.

— E anda arrumando tempo para ficar resolvendo os problemas de um caszinho medíocre no Brasil?

— Querida, você não é medíocre, seu marido talvez seja, mas você não.

Sinto que derreto um pouco mais com o jeito como ele me olha, a porra toda já está fodida mesmo, o que posso fazer? Falar? Ele me quer, eu o quero, ponto!

— Tenho negócios a tratar aqui no Brasil, uma excelente equipe na minha Filial 1, então não é impossível ter um pouco de tempo de vez enquanto, e também, estou ingressando em um novo ramo aqui no país, abrindo uma nova empresa, tenho outros negócios, por isso estou aqui.

— Entendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sobre as minhas namoradas, eu confesso que não via mal algum, todas essas e eu sabíamos o que queríamos e todas eram cientes que eu e elas tínhamos relacionamentos abertos, todas me acompanhavam as casas de swing que eu frequento e nunca tivemos problema algum.

— Hum—pigarreio.— Quantas eram?

— Três.

E mais uma vez, ele não vê nenhum problema nisso, fico analisando seu perfil, os braços cruzados, os olhos vivos mas tranquilos, me pergunto como alguém como ele se presta a esse papel.

— Eu sou solteiro aliás, livre e desimpedido, e as meninas também, adorávamos dormir juntos...

— Ok, já entendi—digo constrangida e irritada.— E o que você e o João conversaram?

— Vamos morar juntos por esses meses, a proposta inicial está de pé, mas ela vai ser mais tolerante quando nos ver juntos, ele questionou sobre a Alice e a Clara ver, então nós decidimos contar para as meninas que viveremos como uma família, para que não fiquem confusas.

— Entendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esconder seria pior, talvez a cabecinha da Alice não compreendesse que eu e você somos namorados, mas que o John também é seu namorado.

— É muito maduro da sua parte.

— Foi sugestão do seu marido, por mim continuaríamos como estávamos.

— E não explicaria nada para a Alice?

— Não.

Me viro para o fogão e tampo as minhas panelas, me afasto até o armário e começo a colocar a mesa.

— Não gostou de saber que eu tinha outras mulheres?

— Dormiu com elas depois que nos conhecemos?

— Com as três.

Nossa.

Ele enfia as mãos nos bolsos, fica encostado na pedra da pia observando cada passo meu.

— Ouça, sexo é sexo Fernanda...

— Enquanto estiver conosco não quero que você transe com ninguém.

— Eu já resolvi isso com o John, pode ficar tranquila, vamos fazer exames de sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá.

Me sinto decepcionada, não deveria, porque não estávamos juntos, e eu não tinha dado nenhuma esperança para ele, ainda que eu tenha certeza que não faria diferença alguma se desse, Kalel Thurman é do tipo de homem que não se importa com nada nem ninguém além de si mesmo.

— Eu disse que eu tenho um estilo de vida diferente.

— É que eu não consigo entender como você fala que se interessa por mim, mas transa com outra mulher, ou melhor, mulheres com tanta naturalidade.

— Era só sexo.

Coloco a mesa, pego os talheres na gaveta.

— Desta última vez que eu estava lá, não transei com ninguém, mas da primeira vez que eu fui, eu transei sim, com as minhas três mulheres e com o meu casal fixo, não me importo com o que você pensa Fernanda, só não quero que misture as coisas, e aprenda a se desapegar de mim, porque hoje eu estou aqui, hoje me interesso, mas eu também perco o interesse muito rápido.

— Claro.

Só decepção.

PERIGOSAS ACHERON

Só indelicadeza.

Mas sinto que ao menos agora, as cartas estão na mesa, ele me quer, eu o quero, e essa relação só envolverá sexo, o que mais deveria esperar vindo dele? Claro que a ideia das meninas saberem foi do João, dele é que não seria.

—Amor—chamo dando o assunto por encerrado.— Vem almoçar, trás as meninas!

Kalel se aproxima, ele não fala nada mas recuo um passo, não gostei do que ele disse, mas se é assim que ele quer, é assim que vai ser.



— O que foi? Ele não é tão encantado quanto você pensava?

João entra no box, uma das grandes vantagens desse apartamento é que ele é todo adaptado para ele, gosto disso, porque a muito tempo não tomávamos banhos juntos, na maioria das vezes eu tomo primeiro, depois ele toma, agora, ele entra com a cadeira com muita facilidade e liga o chuveiro ao lado do meu, não consigo pensar em nada para responder.

— Não me lembro de ouvir vocês dois discutindo.

— Não discutimos João, ele só falou umas coisas que eu não gostei.

— Coisas como...

— Transei com três mulheres depois que te conheci, e com o “*meu casal*”—despejo shampoo nos meus cabelos.— Não vamos esquecer do “*foi*”
PERIGOSAS ACHERON

apenas sexo”.

O meu marido pega o sabonete, não está surpreso, nem eu sei porque fiquei tão chocada.

— Bem, a sinceridade é uma virtude para poucos.

— Eu só estou falando que não precisava dele soar tão indiferente.

— Aos seus sentimentos?

— A minha pessoa, eu não amo o Kalel, João, e foi broxante ouvir ele falando aquilo para mim agora a pouco.

Clara está na nossa cama, daqui podemos ver ela vendo tv, João a trouxe, Alice provavelmente está na sala com o pai vendo tv lá também.

— Nós também transamos.

— Nós fizemos amor.

— É, por esse lado você está certa.

Enfio a minha cabeça dentro da água quente, sinto um toque carinhoso nas minhas costas.

— Eu sei que ele gosta mesmo de você, talvez ele só não saiba se expressar, você não viu o desespero dele hoje quando eu falei que iria embora?

Olho para o meu marido intrigada.

— Se ele não gostasse de você ele não se importaria, ele ficou com muito medo de que eu fosse embora, porque ele sabe que se eu for embora, você também irá embora, você não ficará com ele.

—Kalel só se importa com uma pessoa na face da terra e se chama ele mesmo João, não se engane.

— Só está com ciúmes.

— Não estou com ciúmes, só não acho justo.

— O que não é justo Nanda? Eu e você somos casados, ele é solteiro, ele pode fazer o que bem entender da vida dele.

— Só não entendo como ele disse que se interessava por mim e foi transar com 3 mulheres numa cama.

— É, ele é tosco.

João pega o shampoo, eu o vejo começar a lavar os cabelos.

— Eu te amo João—reforço e me inclino na direção dele.— Te amo muito meu amor.

— Eu sei—ele sorri e a espuma cai em sua face.— Por isso eu deixei ele ficar, mas pelo visto,

PERIGOSAS NACIONAIS

Thurman vai ser bem o estilo peixe nisso tudo.

— Morre pela boca!—exclamo.

Ele me puxa e rio, mesmo que não queira, me sento em seu colo, ele me aperta e afasto a espuma de seus cabelos para trás, eu o observo em silêncio, os cabelos caindo dos lados do rosto, os olhos redondos e castanhos, lábios mais carnudos, total oposto de Kalel Thurman, mas que amo mais que tudo nessa face da terra.

— Você é o meu lar—digo.— Para sempre!

Foram as palavras que o João falou nos nossos votos de casamento, sempre repito isso para ele no nosso aniversário de casamento.

—Você é a minha morada—ele completa.
— Para sempre.

Eu o abraço, e ele me beija, sei que as coisas não andam fáceis para nós dois, agora, nem mesmo no sentido emocional, mas estar com o João e conhecer Kalel ao mesmo tempo me faz ver que talvez, o meu chefe não seja nada do que eu esteja imaginando.

Claro, sei que ele não presta, mas cada momento a mais, quanto mais vou sabendo, vou me sentindo um pouco mal, me pergunto intimamente quais segredos mais Kalel Thurman nos esconde.

PERIGOSAS ACHERON

Com certeza não são bons.



— Eu tive a leve impressão de que ouvi umas risadinhas no banheiro, ou estou enganado?

— Só tomamos banho.—João fala num tom cheio de sequeidão.

— Sei.

Não entendo porque ele age assim, a alguns momentos antes do almoço ele mesmo disse que transou com 3 mulheres e o “*casal dele*”, só porque concordamos que ele fique não quer dizer que teremos que nos privar de tudo de uma hora para outra.

Arrumo a mesinha da Clara e coloco as duas cadeirinhas cor-de-rosa, distribui folhas sulfite e coloco a latinha dela de giz de cera e lápis de colorir, Alice colocou um moletom, Kalel trocou a camisa social e a calça social por um conjunto de moletom preto, acho que tenho que arrumar o quarto da Clara para eles dois ficarem bem, ajudar com as malas da Alice.

— O seu motorista já trouxe as bagagens?
—indago.

— Sim, estão no quarto da Clara, ele trouxe

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto vocês estavam rindo no banheiro e agindo como se eu não estivesse aqui.

— Porque não vai agir como se não estivesse interessado por mim com suas Três Mulheres e o Seu Casal Kalel?

— Pei.—João tosse e pigarreja engolindo a risada.

Kalel vai ficando sem reação diante da minha resposta, viro a cara, ajudo meu marido a se acomodar na poltrona que fica perto da tv e jogo um cobertor sobre as pernas dele. Me inclino e lhe dou um beijo leve.

— Vou arrumar o quarto da Clara para eles dois dormirem, você vai querer trabalhar a noite?

— Sim, podemos pegar as 16:00 meu amorzinho?

Sei que ele está provocando o Kalel, ele não perde a chance, o João adora ficar fazendo pirraça quando quer, mas ele é mais sangue frio, não é como eu que falo as coisas logo de cara, ele sabe como matar alguém na unha.

É outro também...

— Te ajudo então com as malas—Kalel diz.
— Tem algumas coisas minhas que eu mesmo quero guardar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tanto faz.—respondo com descaso.

—Duas!—João fala e pega o controle da tv, ele sorri recostando-se na poltrona, sorri— Não vai durar nem dois meses nas mãos da dona Maria Fernanda Carvalho, essa eu quero assistir de camarote, acho que até vou comprar uma cerveja.

Me afasto até o quarto da Clara sem responder as provocações do meu marido, Kalel vem atrás feito um sapo quando a gente joga sal em cima deles, todo inchado, vermelho de raiva até as orelhas.

Mal entro no quarto da Clara e já esbarro em uma mala enorme de rodinhas, olho envolta, tem mais umas sete malas pelo ou menos, quatro cor-de-rosa chá e mais três pretas, assim como essas, a cama da Clara está bagunçada ainda, não tive tempo de organizar, acho que vou ter que dar uma faxina aqui e deixar tudo organizado.

—Said ainda vai trazer os meus ternos— Kalel está pegando uma das malas da Alice e levando para cama.— Onde coloco as roupas da minha filha?

— Eu vou separar um canto no guarda-roupas da Clara para as coisas dela.

E pelo visto terá que ser bem grande.

PERIGOSAS ACHERON

— O que fizeram no banheiro?

— Tomamos banho.

— Porque as risadinhas?

— Não sabia que para abrir as pernas para você, eu teria que ficar triste, você não faz muito o estilo Sad Boy.

Abro a mala de Alice e logo de cara me deparou com várias roupas dobradas e muito bem empilhadas, conjuntos cor-de-rosa , vestidos de tecido fino, no zíper dentro da bolsa alguns pequenos livros com capas de princesas.

— Admito que fui meio grosseiro, mas isso não é motivo para você ir correndo trepar com o seu marido sem que eu esteja lá.

Que?

Lhe lanço um olhar rápido, depois começo a retirar as roupas da Alice de dentro da mala.

— Você não vai nem negar?

— Não, porque em primeiro lugar, eu não “*trepo*” com o meu marido, e em segundo lugar, se eu fosse “*trepar*” com um cadeirante, você pode ter certeza, que não seria num banheiro em cima de uma cadeira adaptada para banho, a terceira coisa que você tem que saber é que eu e o João somos um casal que gosta de conversar e rir das coisas,

então não Kalel Thurman, você não tem o direito de querer nos oprimir dentro da nossa casa.

— Eu e ele...

— Eu não me importo com o que vocês dois conversaram, eu sou dona de mim e dos meus atos, assim como você é dono das suas escolhas.

— Você está com ciúmes das minhas ex-amantes?

— Não estou com ciúmes Kalel, eu estou muito puta!—dá vontade de dar um chute bem no meio da cara desse imbecil, ele não tem o direito de estar bravo comigo com nada.— Você não tem que me contar das suas mulheres nem dos seus casais como se eu fosse uma pessoa sem sentimentos, se estiver procurando uma mulher vazia e sem emoções, pega andando!

Ele passa as mãos nos cabelos muito nervoso.

Pego uma pilha de roupas da Alice e levo para o guarda-roupas da Clara, escolho uma prateleira mais vazia e começo a guardar tudo.

— Olha, isso faz parte do meu passado, não estou dizendo que foi certo...

— Eu não disse que é errado, eu só não acho que você tem que ser grosseiro comigo,

PERIGOSAS NACIONAIS

estamos tentando nos adaptar a toda essa situação, e você ficar falando da sua vida na América e se vangloriando por isso não faz sentido.

— Não farei mais.

— Ok.

— Eu só quis dizer que eu não me apego as pessoas com frequência.

— Entendi.

Ele me agarra por trás, continuo a guardar as roupas da Alice ao lado das roupinhas da Clara, Kalel beija o meu pescoço, ainda estou com a toalha nos cabelos, coloquei uma calça de malha e uma blusa de mangas, estou descalça.

— Eu gosto quando fica brava, mas tem hora que você dá medo quando fica brava, me intimida sabia?

— Sei.

Não vou cair nessa conversinha.

— Você cheira a algo doce—ele beija o meu pescoço mais uma vez, me causa arrepios na pele.— Quando vocês forem tomar banho, eu também quero participar, está bem?

— Não sei se é adequado, o João pode se sentir envergonhado.

Kalel Thurman + Descrição - Pudor = 0.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque ele se sentiria envergonhado?
Somos homens.

— Ah, e você acha que nós dois já tomamos
banho com alguém antes?

— Tudo tem uma primeira vez.

— Sei.

— Quando você fica falando “*sei*” parece
que não se importa com o que eu falo.

— Porque não me importo mesmo.

Ele me segura pelos ombros, quando me
toca, meu coração fica disparando, me viro e seus
olhos estão mais intensos, não revelam muito, mas
sei que ele vai me pedir algo.

— Posso dormir com vocês hoje?

—Kalel...

— Eu não vou tentar nada, eu juro, eu
prometo.

— Não sei se o João vai aceitar.

— Converso com ele, mas preferi pedir para
você primeiro, porque está muito zangada.

— Você ainda não teve a incrível
experiência de me ver zangada.

— Não?

— Nenhum pouco.

— Nenhum terço?

PERIGOSAS ACHERON

— Nem metade disso.

Ele sorri de repente, meu coração continua a disparar, então, ele me faz sentir derretida quando seus lábios se abrem mais num sorriso amplamente aberto, ele se inclina e suas mãos sobem pelos meus ombros, ele toca os lados do meu pescoço e seus polegares alcançam minhas bochechas.

—Você está com ciúmes Fernanda?

— Não, eu só não gostei do jeito como você falou comigo, foi grosseiro e sutil.

—Eu vou tentar ser mais cuidadoso.

— Assim espero.

Seus olhos pousam nos meus lábios e de novo me vem aquela coisa que só sinto quando ele está por perto.

— Eu vou te beijar, o seu marido permite...

— Eu permito Kalel!

Sua boca então toma a minha com avidez, solto as roupas da Alice e o agarro pelo pescoço retribuindo ao beijo, a muitos anos não me sinto assim, na verdade as coisas com ele são tão intensas que são rápidas, e ao mesmo tempo são vagarosas, quando nossas línguas se tocam um frenesi me toma toda, minha pele se arrepia de novo e de novo, e eu sei que tudo isso é um grande

erro, uma loucura.

Deveria sentir peso na consciência, deveria me sentir mal, mas não me sinto, talvez com um pouco de receio, mas agora, seus lábios se movem nos meus e não consigo me sentir assim, não é como beijar o João, é tão diferente de tudo o que eu já conheci.

Como posso me sentir assim nos braços de outro homem? Não medir as consequências disso em minha vida? Eu sempre fui tão cuidadosa! Agora estou explorando devagar a boca do meu chefe enquanto meu corpo todo se agita com isso, tomada por toda essa coisa que nem eu mesma sei falar o que é direito.

Essa química que eu só consegui sentir com o meu marido, porém, mais forte, mais progressiva, algo que vai me dilacerando toda por dentro e me consumindo.

Não sei se posso mas quero, não devo mas farei.

Eu serei de João, mas também serei de Kalel Thurman.

Eu serei dos dois.

— Você percebe o que temos Fernanda?—
sua língua se enrosca na minha boca enquanto

pergunta.

— Aham—arfo e aperto seus ombros, tem dois calinhos aqui.

— Temos que acabar com essa tensão sexual.

Ele lambe meu lábio inferior e me beija de novo me apertando, me ergo tentando alcançá-lo , me seguro em seus ombros e ele me puxa para cima, meu corpo todo sobe e prendo a vontade de gritar quando ele me ergue e me segura pelas nádegas, minhas pernas se fecham em seus quadris e invado sua boca de novo com a língua, me agarro a ele.

— Te quero—sussurro de encontro aos seus lábios.— Quero fazer amor com você, mesmo que seja errado.

— Eu sei—ele mordisca meu lábio inferior e me olha.— Eu também quero muito transar com você.

— Bom—sorrio sem ar—, mas podemos esperar um pouco mais?

— Claro—ele responde.— Eu espero, eu entendo o seu lado Fernanda, o lado do seu marido, tem que estar preparado para ter uma relação aberta, só não quero que vocês dois façam as coisas

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas minhas costas.

— Não faremos—afirmo e lhe dou um selinho.— Eu prometo.

Ele fica me olhando por alguns instantes, depois me solta, fico sem jeito, desço de cima dele, me afasto, começo a recolher as roupas da Alice.

—Eu vou falar com ele, preparar o território —Kalel avisa.— Eu já volto para te ajudar com as minhas malas.

— Está bem—digo.— Boa sorte.

— Obrigado.

Ele sai do quarto muito tranquilamente, respiro fundo e sopro, o João nunca me ergueu no colo, nem antes do acidente.

Não sei se posso esconder isso, estou tão... tão...

— Impressionada!

Porque não esperava por isso, e porque estou acima do peso, sorrio mesmo assim.

Bem, se ele me quer, provavelmente meu peso não deve importar tanto assim para ele certo?

Mas enfim...

— O que foi isso?

Kalel Thurman.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Acabo de escovar os dentes.

Me olho no espelho, ver algumas linhas de expressão nos cantinhos das minhas sobrancelhas é um pouco ruim, meus seios estão maiores também, e a minha barriga é um carma na minha vida, parece que só agora noto mais meu corpo, não sei, não quero parecer dessas mulheres que estão paranoicas perto dos quarenta, mas depois do beijo que o Kalel me deu no quarto da Clara hoje, fiquei me indagando mais sobre a minha aparência.

Não é bem como se eu quisesse estar bonita para ele, é só que ele me fez ver esse lado meu que está a muito tempo adormecido, eu nunca fui vaidosa, mas por conta da profissão sempre me cuidei muito, sempre estava usando saltos, muito bem vestida, unhas feitas, cabelo arrumado, mas também, eu e o João tínhamos uma condição financeira muito boa.

Daí eu engravidei, vieram as estrias na

PERIGOSAS ACHERON

barriga, mais celulite, estrias nos seios, e de repente meus seios cresceram e caíram.

Suspiro desgostosa, queria poder ser dessas mulheres que a minha mãe segue no instagram, eu sou tão desligada que nem um eu tenho, mamãe tem, e todas as amigas e as minhas tias seguem ela, ela também tem facebook, mamãe é mais ligada em redes sociais, eu sempre gostei mais de livros, viajar, ouvir música, mas confesso que preciso melhorar mais minha aparência em alguns sentidos, me cuidar.

— Fazer o meu marido ter uma ereção sem remédio!

Sorrio para meu reflexo no espelho, e o sorriso vai desaparecendo ao perceber que isso não muda meu semblante cansado, parece que em três anos, eu envelheci 10, preciso fazer a sobrancelha, cortar os cabelos, arrumar as unhas, mas dinheiro que é bom, só vou ver a cor daqui a três meses.

Saio do banheiro e apago a luz, vou para a cama, é madrugada, o João começou a trabalhar nos casos mais cedo que eu, tive que arrumar o guarda-roupas da Clara com as roupas da Alice pela tarde, fiquei preocupada quando vi que já passava das cinco da tarde e não havia desfeito nem

a terceira mala dela.

Então fui preparar o jantar, Kalel estava na sala mexendo num notebook que conclui ser dele, ele também falava ao celular num volume de voz muito baixo, enquanto Alice e Clara assistiam a um musical na tv em inglês, é bom vê-las juntas, sinto que Alice é muito carente, enquanto eu preparava o jantar ela foi a cozinha e me abraçou diversas vezes.

Não dizia nada, só sorria me abraçava e voltava para sala, elas duas coloriram e desenharam, parti a melancia e fiz um suco para ambas, terminei de preparar o jantar, fiz um macarrão com molho vermelho e carne moída, não sei se Kalel gostou, mas não reclamou, na verdade ele estava ocupado demais mexendo no celular, coisa que eu e o João não fazemos durante as refeições.

Subo na cama e depois de sentir uma mão imensa me agarrando solto um grito assustado.

— Sou eu—Kalel sussurra.— Calma!

Caralho!

— Mano não faz isso!—ordeno com o coração na garganta.

João ri baixinho, me irrita, respiro fundo e

me estico na cama puta de raiva, pensei que ele não viria, quando entrei no quarto a pouco o João já estava dormindo e a Clara estava ao lado dele coberta até o pescoço, pensei que ela dormiria conosco e que Kalel dormiria com a Alice no quarto dela.

— Desculpe—escuto a voz dele sussurrando.— Não quis te assustar.

— Que merda cara!—praguejo— Não faz mais isso tá?

— Está bem, você quer que eu vá para sala?

— Cadê a Clara?

— Levei ela para o quarto, está na cama com a Alice.

— Está bem.

Me aconchego, sei que o João ri da situação, ele fez isso de propósito, não me falou nada porque sabe que eu odeio levar susto.

— Eu te odeio.—falo em português.

— Odeia nada—ele diz.— Meu amor, eu só sigo o baile.

Ele deveria ter avisado quando saiu do escritório, eu trabalhei no caso das 20:00 até agora a pouco, ele saiu as 23:00, ao menos que me falasse durante o jantar, Clara e Alice jantaram e foram

para a sala novamente, as vezes enquanto eu estava analisando alguns papéis dos novos casos, fui a sala dar um pouco de atenção a elas, mas estavam distraídas demais tentando se comunicar.

Passo o braço envolta dele e coloco a minha perna em cima dele como fazemos toda noite, ele estende o braço e coloco a cabeça em cima do braço dele me acomodando, ele solta os meus cabelos do coque e começa a fazer carinho na cabeça, é como um ritual para nós dois.

— Te amo.—digo em português e beijo ele de leve.

— Também te amo.—João fala no nosso idioma.

—Kalel, você quer dormir junto?—pergunto extremamente sem graça.

— Acho que vou voltar para o sofá—ele responde.— A cama é bem menor do que eu pensei.

— Cabe nós três—argumento.— Vem mais para perto, me abraça.

— Está bem.—ele concorda.

Ele se aproxima, seu corpo cola no meu, ele fica de lado também, seguro sua mão e a puxo para mim, meus dedos se enfiam nos dele, sinto sua

respiração acima da minha cabeça, ele é mais alto que eu, talvez maior que o João na cama.

— Precisamos de uma cama maior—ele diz.

— Meus pés estão de fora da cama.

— Você quem quis irmão—João fala se sentindo vingado.— Você quem quis!

—Seu “*Má*”—digo em português.

— Amanhã eu compro uma cama maior.— Kalel diz incomodado.

— Tudo bem—me viro para o lado dele, lhe dou um beijo no pescoço— Boa noite.

— Boa noite.—ele diz mais quieto.

Ele tira a mão de baixo da minha e coloca por cima apertando-a, seus dedos entrelaçando os meus com carinho, sorrio, fecho os olhos.

Posso sentir os sorrisos do João daqui, e assim, adormeço em minha primeira noite ao lado do meu marido, e do meu primeiro namorado depois dele, ou seja, lá o que Kalel é meu, não é um amante, e não me sinto mal por tê-lo aqui.

Nenhum pouquinho.



Desperto.

João está coberto até o pescoço, mas meu

cobertor não está no meu corpo, olho para baixo, minhas pernas estão descobertas, e daqui posso ver dois pés brancos para fora da minha cama, e o meu cobertor, envolvido nesse invasor.

Puxo o cobertor me sentindo exprimida, João dorme no canto dele, mas Kalel parece que em vez de dois ovos no meio das pernas, tem dois meteoros, as pernas abertas, não sei para que.

Ele é espaçoso.

Me ergo e cubro nós dois com o cobertor, mas não parece grande o suficiente para nós, puxo uma ponta do cobertor do João, me enfio embaixo e o abraço, beijo seu pescoço, fico quieta, depois de alguns instantes, Kalel se move na cama e então me abraça, escondo o sorriso.

Me sinto tão ambiciosa, de um jeito medíocre e idiota.

Ele beija o meu pescoço e os meus cabelos, me viro para ele com um bocado de receio e acabo sorrindo com a cara de sono que ele faz, ele está com um pijama de mangas compridas e calça, ele puxa os cobertores cobrindo nossas cabeças e me beija devagar, eu o aperto, e ficamos abraçados por alguns momentos.

É como começar algo novo para mim, como

PERIGOSAS NACIONAIS

ser uma adolescente com seu primeiro namorado, ou algo do tipo.

— Vocês conversaram?—pergunto em sussurros.

— Sim—Kalel toca a minha face, meus cabelos.— Ele não queria, mas eu disse que viria mesmo assim, então ele me ignorou, seu marido é difícil, mas sei que é uma situação complicada.

— Espero que ele entenda—confesso.— Kalel... Quando você for embora, você virá nos ver de vez enquanto?

Seus olhos me analisam por alguns instantes, sorrio e toco sua face, concluo que não, e por mais que isso me deixe decepcionada tento não me abater, talvez a solução seja viver o hoje, com ele, com o que ele, eu e o João podemos ter, mesmo que seja só pelo sexo, pela atração.

— Tudo bem.—digo e lhe dou um selinho.

Sinto um puxão suave no quadril, me viro para o João, sorrio, me aconchego a ele, me inclino para lhe dar um beijo, mas ele recua, paro de sorrir, ele se ergue todo sério.

— Eu vou preparar nosso café.—digo constrangida.

Que legal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele deve ter me visto beijando o Kalel e não gostou. Fico constrangida, envergonhada, e me sinto de imediato, péssima, como se um peso estranho me tomasse o peito, melancólica.

— Amor!—João segura a minha mão antes que eu saia da cama.— Tudo bem, tá?

— Tá.—forço um sorriso.

Me sinto estranha, o João lança um olhar feio para o Kalel, depois me puxa e me abraça com força.

— Te amo amor!—seus braços me apertam.

Sei que há algo diferente nele, e isso não tem a ver com o Kalel, João está agitado, e ele não fica sempre assim, nem acorda tão mal humorado, ele me solta e respira fundo, noto a preocupação em seu semblante e reconheço esse medo, a frustração.

— Teve um pesadelo?—pergunto incerta.

— Sim.—ele coloca as palmas das mãos nos olhos afastando as lágrimas.

— Calma—tento ficar quieta— Tenta respirar.

— Amor eu estou bem, foi só um pesadelo.—ele olha para a cadeira ao lado da cama, se irrita.

— Quer descer um pouco e nadar?—Kalel sugere.— Quando eu não estou bem eu nado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho cara de quem nada?—João o encara.— Você quer terminar o serviço me afogando?

— Não trabalho dessa forma—Kalel alega.
— Vamos, vai ser bom para você.

— Eu não quero...

— Vou colocar uma sunga e um calção.

— Tenho que trabalhar Thurman.

— Está dispensado, podemos descer com a Alice e a Clara, o dia está quente hoje.

O sol já entra pelas frechas da janela, fico surpresa com o convite de Kalel, ele sai da cama.

— Eu cuido do apartamento, tenho que organizar algumas coisas—toco a face do meu esposo.— Desce um pouco, tenta espairecer amor, a Clara vai amar ficar com você na piscina.

— Sou um inválido Nanda, como posso me divertir com a minha própria filha numa piscina?— seus olhos se enchem de lágrimas.— E se ela cair e se afogar? Eu não conseguirei salvar ela, eu não conseguirei sair do lugar, as minhas pernas não se movem mais, eu nunca mais vou poder fazer nada, não sirvo para nada, as vezes me pergunto porque Deus não me levou...

— Não fala isso—repreendo—amor eu sei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que machuca lembrar, mas tem que ser forte, a Clara não vai se afogar, nem você.

— Vou falar com Said, pedir que ele compre coletes para as duas meninas—Kalel diz prontamente e começa a sair do quarto.—Precisaremos de uma cama king, no máximo com o dobro do tamanho da de vocês.

— Eu não vou descer com ele.—determina João emburrado.

— Vai sim.

— Eu não vou!

— Vai sim, você vai, e vai tentar esquecer esse pesadelo e vai ficar bem.

— Esse cara é muito sem noção.

— Ele só está tentando te ajudar amor.

João nega com a cabeça, isso o afeta muito, as vezes ele fica deprimido por dias.

— Tenta se desligar de tudo, a Clara irá adorar ficar com você hoje.

— Ele não trabalha?—João aponta para a porta.

— Na verdade eu só assino papéis e finjo que mexo no computador—Kalel para no corredor e fica nos olhando, Alice está em seu colo e ele está com celular na orelha.—Said? Sou eu... sim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vamos Alice, teremos um dia entre pais e filha.

— Papai eu estou com sono.—Alice replica sonolenta.

Clara entra em nosso quarto correndo com sua pepeta na boca, ela coça os olhos, vai direto para cima do pai erguendo os braços.

— Nós vamos colocar seu maiô—aviso para Clara.— E você vai para a piscina com o papai e o tio Kalel.

— Piscina!—Alice berra e sai correndo pelo corredor.— Bem que eu disse a minha bah, para colocar meu biquíni.

Clara sorri, olha para o pai e o abraça, ele faz cara de choro, me inclino e lhe dou um beijo, João limpa a boca assim que me afasto, porém não me ofendo.

— Pronto para o seu dia na piscina?

— Nenhum pouco.

— Olha, o Said já foi comprar os coletes— Kalel avisa do corredor.— Melhor tomar café logo, mais tarde ele vai comprar uma cama nova para nós três.

—Eu odeio esse número—pragueja João.

— Eu não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Escuto um grito alegre, e logo em seguida Alice e Clara entram pela porta da sala correndo, ambas usam roupões de banho, já é quase horário de almoço, mas já deu para eu me organizar bem aqui em casa, arrumei os quartos, lavei os banheiros, e consegui desfazer a última mala da Alice.

— Estou faminta!—Alice fala toda contente e se senta à mesa.— Podemos almoçar?

— Claro, eu montei uma lasanha—explico e verifico o forno.— Já está até pronta, estava preparando a salada.

Fiz suco de maracujá, para ver se acalmamos os ânimos, João se aproxima com a bolsa da Clara, ele usa apenas calção de banho, não está seco, está um pouco melhor do que na hora do café, ao menos o semblante melhorou um pouco.

— Lasanha?—ele pergunta.— Senti o

cheiro de longe.

— Tentei ser rápida, aproveitei o resto do molho de ontem—me inclino e lhe dou um selinho.

— Melhor?

— É, mais ou menos—ele me dá um pequeno sorriso.— O seu novo affair atraiu todos os olhares femininos.

Franzo a testa, não consigo entender porque, até que Kalel Thurman entra na cozinha usando um calção de banho, cabelos ainda úmidos, ele segura dois coletes infantis na mão e na outra uma boia.

Ombros largos e cobertos por tatuagens, os braços dele tem muitas tatuagens também, começam de um pouco acima do pulso e vão subindo até o ombro, no lado do peito esquerdo, ele tem uma tatuagem enorme de um rosto de buda, ou coisa assim, desvio o olhar depressa, constrangida com meu espanto.

Agora eu sei o que ele escondia por trás dos ternos de mangas compridas.

Não somente um corpo atlético e bem trabalhado, mas também muitas tatuagens e isso não é necessariamente ruim, na verdade é bem atraente, nunca conheci homens tatuados na vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos descer um pouco mais daqui a pouco—Kalel fala.— Estou ensinando o John a nadar.

— Eu sei nadar imbecil, eu só não consigo mover as minhas pernas.

Mal humorado.

— Bem, pode até ser, mas é melhor descer e praticar um pouco de nado do que ficar sentado nessa cadeira o dia todo lamentando a vida.

Concordo, mas para não atíçar, não falo nada, o João sabe que precisa mudar a forma de se ver, ele tem que pensar mais positivo em relação a limitação dele, tentar conviver, coisa que eu estou vendo a cada dia explicitamente que não está acontecendo.

Achei que havíamos superado o acidente, mas ele está mais presente a cada dia em nosso casamento e de uma forma muito negativa.

—Said me disse que eles virão trazer a cama por volta das sete—Kalel diz e se senta a mesa.— Ele conseguiu uma bem maior.

— Vai caber no quarto?—pergunto colocando a travessa de alface, tomate e ovos cozidos sob a mesa.

— Vai sim, ele mediu antes de ir comprar,

PERIGOSAS ACHERON

ela é dessas camas próprias para cadeirantes, mas é maior—ele diz.— Estou faminto!

— Eu também—Alice sorri toda contente.
— Eu e a Clara brincamos muito com o papai.

Alice parece ter ganhado na loto, coloco a jarra de suco sob a mesa, Clara vai para o colo do pai toda contente, também mais disposta, pensei que ela iria gripar, mas o dia está quente hoje, então acho que ela ficará bem.

Pego a placa de lasanha no forno e tomo cuidado ao colocá-la na mesa, está fumegante, cheira a queijo e molho vermelho, Alice sorri de novo e de novo, tudo isso para ela parece tão novo, ela está feliz em estar conosco, quando olha para o pai suas feições se iluminam.

Ele dever ser bastante ausente na vida dela, afinal, moram longe um do outro.

— Eu fiz com o queijo que vocês compraram para ela—me sento ao lado do João, de frente para eles.— Acho que terei que arrumar um baú para colocar as roupas da Alice, não cabem no guarda-roupas da Clara.

— Vou providenciar um—Kalel coça a nuca.— Acha que esse apartamento atende a nós todos? Quer dizer, ele é menor, eu pedi que Said

PERIGOSAS NACIONAIS

comprasse também uma cama para a Alice, mas ela está acostumada a ter um quarto só para ela.

— Eu gosto de dormir com a Clara—Alice bebe um pouco de seu suco.— Ela me abraça a noite toda.

Sirvo a Clara primeiro depois a Alice.

— Minha mãe sempre serve ao meu pai primeiro—Kalel nos olha.— Aqui é bem diferente da casa dos meus pais.

— Não é diferente da casa dos nossos pais também, minha mãe sempre coloca a comida do meu pai primeiro no prato—João discorda.— A mãe da Nanda sempre a deixava por último quando eu ia jantar na casa deles, odiava isso, a sensação que eu tinha era que o pai dela estava acima de tudo e de todos.

— Vocês dois se conhecem a muito tempo?

— Desde a faculdade, tínhamos uns 19 anos quando nos conhecemos, foi durante uma aula incomum.

— De penal—completo e me sirvo.—João estava pagando matéria.

— Porque aquele professor era um saco!

— Não fala assim do Titi, ele era um amorzinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não era não, ele me reprovou por conta de 0,2 décimos.

João pega a espátula, depois estende para Kalel.

— Pode servir, eu costumo comer primeiro a salada.

— Eu também.

Algo incomum, Milagre!

— Papai gosta de bastante salada e vegetais — Alice faz uma careta e pega os talheres. — Obrigada Fernanda, está muito bom.

— De nada — sorrio.

É diferente ver uma criança tão pequena e doce, ao lado de alguém tão grande e tatuado, e é muito mais estranho, o fato de que eles são tão diferentes e tão parecidos ao mesmo tempo, percebo que Kalel é um pouco frio com a filha, mas ele parece sempre se preocupar muito com a Alice, talvez só seja muito ausente, por isso ela demonstra ser cada vez mais carente.

Começo a comer, João dá o papa da Clara e come de seu prato algumas folhas de alface, tempero a salada dele, não temos tido tantas opções quanto a comida, é muito bom abrir os armários e saber que temos comida e opções, não passamos

PERIGOSAS ACHERON

fome, mas não é como abrir a geladeira e poder escolher.

— Não foi tão ruim assim.—João fala.

— É, não foi mesmo.—Kalel concorda.

Sorrio.

É melhor assim.



— Gostaram da cama?—Kalel pergunta assim que se deita ao meu lado.

— É confortável—João me olha.— Gostou amor?

— É maior mesmo.—não quero demonstrar o tamanho da minha empolgação.

A cama é gigantesca e confortável, bem maior do que a que encontramos quando chegamos aqui, cabe nós três e ainda sobra um pouco mais de espaço. Me acomodo em meu travesseiro, foi um dia cansativo mas produtivo também, as meninas estavam cansadinhas no final do dia, foram dormir logo após o jantar, Kalel e João subiram com elas por volta das quatro, ainda havia um bocado de receio nos olhos do meu marido, mas ele está melhor.

Ao menos está tentando se acostumar com a

ideia.

Fiquei durante a tarde cuidando de alguns afazeres no apartamento, dei banho na Alice e na Clara, ela não pareceu muito envergonhada de mim, claro, já está acostumada a ser cuidada por alguém, sequei os cabelos dela e lhe coloquei um pijama quentinho, em Clara também, Kalel usou o banheiro do quarto da Clara e o João o nosso banheiro, por fim, Said apareceu com uma pizza já no comecinho da noite, comemos e bebemos com refrigerante, depois coloquei uma Clara sonolenta na cama, e a Alice foi junto coçando os olhos.

Arrumando as coisas dela achei mais livros e roupinhas cor-de-rosa, sapatilhas, sapatos, botas, tênis, a menina tem coisas de marca, roupas de grife, e ela só tem 7 anos, ela também tem um mini quite de maquiagem e várias fitas de cabelo, uma escova dental elétrica e creme dental sabor cereja.

As coisas da Alice são muito caras e de ótima qualidade, o que me fez pensar no estilo de vida que ela e o pai levam nos Estados Unidos, fiquei me perguntando se Kalel Thurman precisava se sujeitar a isso.

Vir se hospedar na casa de um casal classe baixa no centro de São Paulo, deixar sua filha

dividir uma pequena cama com outra criança, comer comida normal e calórica e usar guardanapos do 1,99.

Não cheguei a conclusão alguma, mas estava contente porque sei que se ele está aqui, é porque ele quer estar, ele gosta de mim, ele mesmo disse, e mesmo que seja por pouco tempo, não faz mal, eu o quero por perto.

Ele está ao meu lado, sentado mexendo no celular, enquanto João a minha esquerda liga a tv, ainda é bem cedo para dormir, mas estou tão cansada, só quero poder relaxar um pouco, tive que limpar o apartamento, hoje não tive tempo nem de olhar os relatórios, havia uma pilha de pratos depois do almoço e muito a fazer.

— Está cansada?—João toca a minha face.

— Um pouco—abraço ele.

— Amanhã eu cuido da cozinha.

— Você é um amor, sabia?

Seu sorriso se refaz, lhe dou um beijo no peito, fecho os olhos, fico quietinha.

— Deixa nesse canal.—escuto Kalel falar.

— É um filme do super-homem.

— Sim, 1978, o melhor!

Kalel gosta de filmes de heróis? Ah Não,

PERIGOSAS NACIONAIS

Não, Não...

— Esse filme não é melhor do que os gibis do homem-aranha — João argumenta vagamente. — Os efeitos são podres.

— É um Clássico — Kael replica e não está bravo. — Eu gosto do olhar que o Richard Donner deu ao filme, também gosto do Christopher Nolan.

— O cavaleiro das Trevas?

— Heath Ledger foi o melhor curinga que eu já vi em toda a minha vida. — ele fala tão devagar que parece apreciar cada palavra.

— Ele não é melhor do que o Jack Nicholson! — argumenta João ácido.

— É sim.

— Não é, você não entende nada sobre quadrinhos.

É verdade, João tem três caixas com bonecos idiotas da Marvel e duas caixas cheias de quadrinhos, ele é tão ciumento e meticuloso que os guarda em sacolas plásticas transparentes, os etiqueta por ano, série e título, ele também tem um caderno com todos os nomes dos quadrinhos dele, e ele os coloca no sol a cada 3 meses, tem mais ciúmes daquela coleção do que de mim... pelo visto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu entendo sim, eu tenho uma coleção completa dos quadrinhos do Batman.

— Quadrinhos da DC são para idiotas, todo mundo sabe que o Universo Marvel é melhor.

— É triste ver uma pobre alma iludida, todo mundo sabe que o Super Man é mais poderoso em todo o universo.

— Ele não venceria do Huck nem fodendo.
Meu Deus!

—DC—Kalel reforça enraivecido.

—Marvel—argumenta João entre dentes.

—Homem de Aço!

—Huck!

Eu não acredito que estou ouvindo isso.

Me irrita, me levanto e tomo o controle da mão do João, desligo a tv.

— Hora de dormir, os dois—ordeno chocada.— Parecem crianças!

— Ele começou.—João aponta para Kalel e começa a se deitar.

— Ninguém vence o Homem de Aço, não importa o que diga.

Olho para Kalel, ele fica emburrado, desligo o abajur do lado dele, respiro fundo.

—Huck.—João repete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Super Man.

— Na verdade todo mundo sabe que a pessoa mais forte do universo é a Mulher Maravilha, porque ela é uma amazona e ela não tem nenhuma fraqueza, Huck não tem auto-controle, o Super Man tem a kryptonita, então, os dois caladinhos e vão dormir, ou então, podem ir para o sofá, eu não sou obrigada a ficar ouvindo discussão de duas crianças de 10 anos.

Ambos se calam, me emborco e não abraço o João.

—Steve Trevor, essa é a fraqueza da Diana
—Kalel pragueja.

Sinto vontade de rir com a familiaridade na qual ele se dirige a uma personagem de quadrinhos, porque é a mesma paixão que eu vejo no meu marido, o João adorava quadrinhos e filmes de heróis, mas depois do acidente... bem, tudo mudou, hoje ele já não tem tanto apego, mas discutir com ele sobre filmes e quadrinhos de super-heróis ou desenhos antigos é desperdício de tempo.

Ele é um advogado fiel e um geek apaixonado.

Pelo visto, a minha outra fraqueza não é tão diferente do meu marido quanto pensei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Abraço o meu marido ainda sonolenta, ele me beija devagar, demoro um pouco para me situar, ele toca meus cabelos, minha nuca, e sua boca está mais lenta e quente, a intensidade de seu beijo me deixa agitada, me ergo um pouco sem ar, ainda não amanheceu, na verdade duvido que eu tenha dormido mais que duas horas seguidas, acho que estou mesmo bem cansada.

O quarto está totalmente escuro.

As mãos dele deslizam pelas minhas costas e se enfiam dentro da minha blusa, subo em cima dele, abro as pernas um pouco tentada, nossas bocas se colam novamente.

— Te amo—ele fala em português.— Te amo mais que tudo.

— Eu também amo você.—sorrio, meus lábios colados nos dele.

Toco seus cabelos, sua barba, beijo sua face, João me aperta com força e de novo, beija

PERIGOSAS ACHERON

minha cabeça, meu olho direito, sei que ele me ama de um jeito incondicional e forte, na mesma proporção que eu o amo, de todas as formas, e eu apenas o amo por tudo o que ele é e representa para minha vida.

Tudo o que temos é concreto, mesmo que andemos com esses problemas que nos cercam, sei que superaremos aos poucos.

Escorrego para o lado e o abraço, ele me faz carinho na cabeça e sei que volta a dormir aos poucos, algo se move na cama e sei que é Kalel, ele se estica e puxa o cobertor, procuro sua mão na cama e a acho, eu a puxo, ele se aconchega e gruda o corpo no meu.

— Nessa casa dormimos juntinhos— sussurro em inglês.

Ele se ergue e me beija com lentidão, me deito de costas recebendo seu beijo, o calor de seus lábios é gostoso, sua experiência me deixa um pouco espantada, ele beija tão gostoso, não sei descrever, mas é muito bom beijá-lo.

Me viro para seu corpo e o abraço, ele segura a minha perna e a puxa para cima de seu quadril, sua mão desliza pela minha cintura e aperta meu quadril com força, ele me puxa e por alguns

segundos perco o ar ao sentir sua ereção no pé da minha barriga.

Ele beija meu pescoço e desce acariciando a extensão das minhas costas, sua mão sobe por dentro da minha blusa e a sobe tocando cada centímetro da minha pele, ergo os braços, quente, calorosa, devoro seus lábios na mesma proporção que ele devora os meus.

— Fode comigo—ele pede baixinho e tira o pijama do meu corpo.— Por favor, não quero mais esperar, não consigo.

Ao falar, ele toca meus seios sem nenhum receio, me arrepio de cima abaixo, nossos lábios se tocam com mais força, não consigo parar de beijar, quero tocar, quero sentir, quero tantas coisas que a muito tempo não sinto vontade, coisas que tenho sido privada.

— Vou pegar as camisinhas.—ele fala.

— Tá—sussurro.— Não faça barulho.

Ganho outro beijo e ele sai da cama em silêncio, a porta do meu quarto se abre e fico deitada nessa cama imensa toda sem fôlego. Sorrio.

Me sinto de tantas formas que não me sentia a anos, tão viva, mais desejada, mulher.

— Vá para sala.

As três palavras me endurecem, e demoro um pouco para conseguir respirar de novo, umedeço os lábios, e tento buscar o olhar do meu marido na semi escuridão do nosso quarto, não consigo.

— Eu... Eu... Eu...

— Eu entendo—ele diz, o rosto virado para o outro lado.— Vai lá.

— Eu não...

Não sei o que falar, sou tomada por uma vergonha imensa, pego a minha blusa de pijama e travo, estendo a mão e toco o ombro dele, João segura a minha mão, depois a beija com carinho.

— Tudo bem amor, vai lá.

— Eu não quero fazer isso sem você—digo incerta.— Por favor, eu não queria... Eu não...

— Eu sei.

E não fala mais nada, respiro fundo, fico angustiada com a situação, frustrada, porque não pensei direito quando Kalel começou a me beijar, a me tocar, quando ele me fez o pedido a alguns momentos atrás.

Me deito e coloco a blusa do pijama, abraço o meu cobertor, as lágrimas começam a cair muito antes que eu perceba, é desolador perceber que fiz

isso, e o quanto isso pode machuca-lo, destruí-lo.

Eu não deveria ter beijado o Kalel, não deveria ter deixado ele tirar minha blusa tão rápido, nem permitir que ele me tocasse daquela forma, nem me deixar levar pelo calor das emoções, dos impulsos.

—Nanda...

Faço menção de levantar, porém João me segura pelo pulso com força, me puxa de volta para cama, para junto de seu corpo, ele me beija com força, soluço, porque não queria que as coisas fossem dessa forma para ele.

Não estou arrependida, mas é ruim sentir essa coisa dentro de mim, algo que me consome ao ponto de estar ao seu lado, física e emocionalmente e ainda sim me fazer querer outra pessoa, desejar outra pessoa, e é tão forte que mal consigo controlar.

Ele me aperta com força como se tentasse silenciar o que sinto, me segura de um jeito no qual a muito tempo não segura, sua mão segura a calça do pijama e ele a puxa para baixo depressa, ele se ergue e puxa minha blusa para cima, eu o beijo colocando a língua em sua boca, tentando esconder dele os sentimentos presos no peito.

— Você é minha—determina baixinho.

— Sim—arfo.

Tiro sua camisa e puxo a calça dele para baixo, ele me beija de novo e de novo com mais lentidão, carinho, meu corpo sobe e me apoio nos joelhos abrindo as pernas, suas mãos tocam meus quadris e minha cintura com o mesmo calor que reconheço, carinho, fecho os olhos.

João me puxa e eu o beijo, ele não tem excitação, ele não consegue sem a ajuda dos remédios e não fazia ideia até agora o quanto isso era difícil para ele, não é por falta de esforço, é só que isso talvez demore bem mais do que eu pensei de um jeito natural.

Ele segura as minhas faces e puxa as minhas pernas abrindo-as mais, encosto nele, ele me beija de novo com mais lentidão, depois de alguns instantes, sinto uma mordida suave na minha nádega direita, seguro sua mão e entrelaço os dedos nos dele recuando um pouco para a frente, não estou assustada nem com medo, talvez insegura... não sei dizer.

Ele arfa perto da minha bunda e me encolho toda, é automático, os lábios de Kalel Thurman começam a cobrir a minha pele com beijos,

primeiro ele beija as minhas nádegas e depois vai subindo pelas minhas costas, meus lábios não deixam os de João por um segundo, meu corpo se move demoradamente de encontro a ele, suas mãos tocam meus quadris, meus seios roçam em seu peito e o seu corpo é tão quente.

Os beijos de Kalel me despertam de novo a mesma chama que me queimava a alguns momentos enquanto ele me beijava, a boca dele arfa de encontro a minha pele provocando tremores em meu corpo todo, ele se aproxima e roça os lábios no meu pescoço.

Meu coração salta e vem até a garganta com violência, João deixa os meus lábios e beija meu pescoço devagar, e meus sentidos não sabem se obedecem aos beijos dele ou aos beijos que recebo nas costas, as mãos de Kalel me tocam os ombros e ele os aperta com cuidado.

Os lábios dele procuram os meus e devagar ele os beija sem se importar com o fato de que beijava outra boca.

— Deite-se de costas em cima dele querida!

E me puxa pelo tronco como se eu fosse um peso de papel, aperto os olhos tentando me segurar em algo, mas, de repente, ele me gira na cama com

PERIGOSAS NACIONAIS

muita facilidade e me coloca em cima do João, meu coração volta a pular ao sentir seu corpo subindo no meu.

— Não quer tocar sua mulher?—Kalel pergunta, a voz sempre baixa, quieta demais.— Toca a boceta dela, deixa ela molhada para compartilharmos ela!

Minha Nossa!

As mãos do João descem até as minhas pernas e ele as puxa para os lados, fico tensa, e seus lábios me beijam a nuca, sobem até minha orelha e ele a suga.

— Você gosta?—pergunto quase sem voz.

— Eu aceito—João retribui— Eu permito.

— E eu gosto!—Kalel afirma com malícia na voz.

— Podre!—João sussurra em português.

Começo a rir não sei se de nervoso ou de surpresa, a mão dele desliza até o meio das minhas coxas, ele me acaricia por cima dos pelos pubianos, minhas pernas sobem, tento me apoiar nas mãos, mas não consigo.

— Posso observar?—Kalel pergunta.

— Pode.—João responde.

Fico me perguntando o que deu nele para

PERIGOSAS ACHERON

aceitar isso assim tão fácil, meu coração fica disparando quando Kalel liga o abajur, e fico dura olhando para o teto, envergonhada, constrangida, querendo sumir, minhas pernas completamente abertas para ele e o João me tocando assim, coro profundamente.

Merda!

— Toque-a—Kalel ordena baixinho.

Olho pra o teto e abaixo as pernas morrendo de vergonha, mas Kalel as segura e as mantém abertas, os olhos dele me miram com intensidade, fico ainda mais envergonhada.

— Você é perfeita querida—Kalel fala sem nenhum pudor.— Relaxe, é bom te observar.

Não tem como relaxar assim, ele se inclina e puxa as minhas pernas para o rumo dele, fica de joelhos na cama, perco o fôlego ao ver tantas tatuagens em seu corpo, ele está nu, se inclina sob mim e me beija com força.

João toca meus seios e os aperta, então seu dedo começa a me tocar devagar em gestos circulares, respiro fundo estendendo as mãos e tocando as costas de Kalel, ele me toca o queixo com a língua e volta a me beijar, estendo a outra mão e toco os cabelos do João, deixo de beijar

Kalel e minha boca volta para o meu marido beijando-o também.

Quero os dois!

Nem mais um, nem mais ou outro, quero os dois na mesma proporção, com a mesma intensidade e o mesmo desejo.

Estendo a minha perna e enlaço o quadril de Kalel apertando-o de encontro ao meu corpo, ele se ergue e se abaixa, depois seu corpo sobe e ele me penetra com força fazendo um estalo em mim, solto um grito abafado pelos lábios do meu marido.

— Vai devagar—João pede e o olha com cara feia.— Não machuca ela, não seja bruto.

— Desculpe—Kalel diz constrangido.— Está doendo?

— Um pouco—admito.—, mas eu estou bem.

Ele me beija e começa a se mover devagar, olho para o João e o beijo também, sua mão desliza até meu clitóris e me continua a me tocar devagar enquanto Kalel me penetra sem pressa.

Meu estômago se esquentava com a forma como meu marido me olha e sinto que algo na minha bunda começa a ficar mais rígido, enquanto meu corpo sobe e desce com o movimento do que

está em cima, meu marido continua a me tocar e a me beijar, ele estende a mão e me toca o seio e aperta o biquinho puxando-o assim com força.

Deixo seus lábios e beijo Kalel, sua língua se enfia na minha boca e a invade com força, ele faz tão gostoso, tão diferente de tudo o que já vivi em toda a minha vida. Ele me fita, seus lábios mordiscam os meus e ele desce para o meu pescoço, beijo o João, meu coração disparando com a força na qual isso tudo me deixa excitada.

Estou voando, sentindo essas coisas que nunca senti antes em minha vida.

— Está excitado?—Kalel pergunta.— Quer comer ela um pouco?

— Quero—João responde.—, mas ainda não.

— Querida, porque não chupa o seu marido um pouco?

Putá que pariu!

— Sim.—concordo.

Não fazíamos sexo oral com tanta frequência, Kalel sai e o meu marido me ajuda a me erguer, afasto os cobertores para longe, puxo a calça do pijama do meu marido e fico de joelhos na cama tirando a cueca também, ele me puxa para

cima e eu o beijo nos lábios com carinho.

— Você é linda.—ele fala.

Sorrio e mais uma vez sou puxada para trás, Kalel não espera, me mantenho de joelhos na cama e me inclino colocando a boca no pênis do meu marido, tentando estimular ele, Kalel me penetra assim, fico de quatro adorando ser penetrada assim.

Gemo e me excito em ser penetrada enquanto chupo o João, sei que tenho que ter mais paciência o possível, ele está começando a ficar excitado, mas é um processo mais lento, eu o seguro e o chupo enquanto tento masturbar ele.

— Abre as pernas dele, chupa as bolas dele querida—Kalel ordena entre sussurros.— Você é tão gostosa querida, dá vontade de fuder com você com força.

Ele abre mais as minhas pernas e se enfia todo em mim, estremeço obedecendo-o, começo a chupar o saco do João com mais vontade e masturbo ele devagar, excitada em ser penetrada por Kalel.

— Sua mulher é muito gostosa John, não quer sentir o calor dela? Meter nessa boceta apertadinha?

— Quero.—João arfa.

— Estou provando ela primeiro—Kalel fala e mete com lentidão.— Ela é tão gostosa que poderia ficar a noite toda comendo ela assim.

Kalel enfia a mão nos meus cabelos e os puxa me mostrando como devo chupar o João, ele me controla, enquanto me penetra no vai e vem vagaroso, João me olha e eu o olho.

— Veja essa puta John, ela precisa muito que você foda com ela, que meta com força na boceta dela!

Kalel Puxa meus cabelos, sugo João e sua ereção se torna mais firme, lambo toda a extensão dele com vontade, e quando me ergo, Kalel me deixa de joelhos na cama de forma que eu fico de frente para o João e ele atrás de mim, ele me segura e começa a me penetrar assim, meus quadris sobem e descem com os dele, e meus olhos estão nos do meu marido, ele me fita com intensidade, mas não de uma forma negativa.

— Vem aqui amor.—João chama e se ergue.

Me inclino em sua direção e me apoio nas mãos ficando de quatro para o Kalel então beijo o João tão molhada que mal sei descrever, ele me olhar assim é tão novo, é tão gostoso, ele nunca me

olhou na vida como se quisesse me devorar dessa forma.

Kalel solta os meus quadris e ele me gira na cama, ele me ergue e me joga de costas em cima das pernas do João, é boa a sensação de ser tratada assim, nunca tive uma intimidade tão grande com o meu esposo, e de repente, esse estranho está me dando tanto prazer.

Ele abre as minhas pernas e me ergue, João segura o pênis e Kalel me coloca nele bem devagar, enquanto sento, solto um gemido alto, ele está tão durinho, Kalel se inclina e me beija me silenciando, ele continua a me segurar pelos quadris e me move como se fosse dono do meu corpo.

Ele devora a minha boca sem um pingo de receio, e é maravilhoso ser controlada por ele, João se inclina e se apoia nas mãos, me seguro os ombros do Kalel aproveitando o beijo, meus quadris se movem com o ritmo que ele estabelece, sem pressa.

— Me chupa.—ele pede entre o beijo.

Deixo seus lábios e a ponta da minha língua desce por seu pescoço, alcanço seu peito e o beijo devagar, depois seu abdome, então a parte lisa de pelos dele, então o coloco na minha boca me

movendo em meu marido, Kalel toca as minhas costas e segura meus cabelos movendo os quadris dele de encontro a minha boca.

O dele quente e pulsante, ele não tem nenhum pelo aqui, e é tão gostoso poder chupar ele, me excito ainda mais, ser penetrada, poder chupar ao mesmo tempo me profanada, insólita, toda essa coisa me tomando da ponta dos pés a cabeça.

João me puxa e me beija, sorrio me movendo no vai e vem gostoso em cima dele.

— Essa boceta tem que suportar uma penetração dupla logo—Kalel segura meus cabelos e leva minha boca para ele e me beija também.— Ou então você me dá seu cu.

— Dou sim.—digo e ele me puxa para ele.

Estou ficando toda arfante com essa atividade.

Kalel me coloca nele e puxa as minhas pernas ficando sentado de frente para o João, me seguro nele e me movo com mais rapidez, eu o beijo e sinto beijos quentes do João nas minhas costas.

Me viro e o beijo, seguro ele entre os dedos e o masturbo, Kalel começa a me mover com mais força, gemo alto, me inclino para trás de forma que

fico deitada em cima das coxas do João, o coloco na minha boca e chupo ele ouvindo-o gemer alto, Kalel abre as minhas pernas e começa a meter com força em mim.

Me sinto queimando toda por dentro, minha boca se move depressa chupando João, ele se inclina e seus dedos alcançam meu clitóris, me movo com Kalel dominada pela mão do meu marido e pela penetração intensa.

— Eu vou gozar—aviso impaciente.— Kalel... vai mais devagar.

— Não!—exclama ele e mete mais forte.

Ele está ajoelhado na cama metendo com força dentro de mim, ele olha para o meio das minhas coxas de um jeito intenso e centrado, como se não existisse nada além do meu sexo, do que faz com ele.

Respiro com força e sou atingida por um prazer lascivo.

— Segura os pés dela.—Kalel pede concentrado e empurra as minhas pernas para cima.

João obedece observando-o fazer isso comigo como se fosse dono de meu corpo, está hipnotizado, os impulsos dentro do meu corpo me forçam gemidos pela garganta, me ergo e me apoio

nos cotovelos tremendo dos pés a cabeça, Kalel entra e sai rapidamente fazendo estalos fortes em mim, ele está ajoelhado no colchão, as mãos apertam meus quadris enquanto me possui.

O sentimento de uso é contínuo, contudo não sei descrever o quanto o prazer é maior que isso, é maior do que qualquer coisa.

— Quer gozar primeiro na boceta dela?—
Kalel pergunta para João.

— Quero!

Ele me solta e João me ajuda a me erguer, minhas pernas estão muito moles, elas tremem, não tenho forças nelas, Kalel me coloca e me sento novamente sob a ereção do João sem ar, me beija e Kalel me move em cima dele fazendo com que façamos barulho a cada sentada, tento apoiar meus pés na cama mas eles ardem.

João geme mais alto e seus gemidos se tornam gritos altos e longos, aperto os olhos oprimindo os meus gemidos, a força na qual meu corpo todo se entrega ao prazer me causa calafrios fortes que começam da espinha até os meus fios de cabelo.

Fico ouriçada com o pulsar dele dentro de mim, e assim de repente, quando ele goza, eu

PERIGOSAS NACIONAIS

também gozo, mordo meu lábio e faço uma careta sentada sob ele totalmente, respiro com dificuldade, me movo me contraindo toda nele até que não reste mais nenhuma gota dele, depois sou puxada de novo e Kalel faz com que me sente nele, gemo olhando para o João, ele está todo suado e respirando com dificuldade, ainda estremecendo, Kalel goza dentro de mim com força e fico parada recebendo a porra dele dentro de mim, se misturando a porra do meu marido, arfo e soluço contida, ainda que não queira, sei que não posso gritar.

Eu fico parada por alguns momentos e me entrego a esse prazer antes desconhecido, agora novo, e meu corpo tenso libera uma intensiva onda de arrepios fortes que se repetem por mais alguns segundos.

Umedeço os lábios e vou para o lado caindo exausta na cama, abraço um cobertor, fecho os olhos, só posso ver estrelas, algo que a algum tempo não tenho a oportunidade de ver, tão leve e intenso, e ao mesmo tempo, agradável e um pouco doloroso.

Me contraio e me contraio prolongando o orgasmo e sorrio;

PERIGOSAS ACHERON

João se inclina e me beija me ergo sem forças e deito de lado, o correspondo, Kalel se inclina e desliga o abajur, então se deita em cima de mim procurando também meus lábios, eu o beijo enfiando as mãos em seus cabelos, ele também está muito suado, seu corpo escorrega no meu.

Ele vai para o lado e me abraça por trás, coloco a cabeça no peito do João, beijo seu peito, ele estende o braço e começa a acariciar meus cabelos, Kalel estende a mão e enfia no meio das minhas pernas, ele faz carinho nos meus pelinhos devagar.

Fecho os olhos, exausta, pego no sono e durmo.

É a primeira noite em anos que durmo completa e totalmente satisfeita.



Acordo com um cutucão no pé.

Demoro um pouco a despertar, até que sinto de novo um cutucão no pé, me ergo devagar e vejo a Clara em pé diante da cama com a chupeta na boca, arregalo os olhos, me ergo de imediato, porém nem Kalel nem o João acordam, estão dormindo embaixo dos nossos cobertores, minhas

bochechas ficam ainda mais vermelhas quando vejo Alice parada no pé da porta segurando uma pelúcia.

Merda!

Ambas estão sorrindo, não parecem se importar, saio da cama tentando achar meu pijama, faço gesto de silêncio, Clara concorda, saio da cama tentando me cobrir, até que consigo achar a camisa do pijama do Kalel e a enfio na minha cabeça depressa.

Fica bem grande para mim, pego a Clara no colo e saio do quarto sem fazer barulho, Alice me abraça assim que saio para o corredor, puxo a porta e vamos para a sala, ligo a tv num volume baixo, ambas se sentam no sofá e agarram um cobertor, Alice e Clara se apegaram muito rápido nesses dias.

Vou para a cozinha e começo a preparar a dedeira da Clara, o café, um sanduíche para a Alice, me apresso e me vejo lembrando da noite de ontem, sorrio, em outros momentos cubro as minhas faces com as mãos.

Senhor!

—Fernanda.—Alice chama.

— Sim?—me viro para ela.

—você virão para os Estados Unidos conosco?—os olhos dela estão em mim.— Agora

PERIGOSAS NACIONAIS

que somos uma família, você é a minha mãe né?

— Bem... Eu...

— Eu gosto de ter uma nova família, meu pai não fica comigo, vai ser legal ter uma mãe que cuida de mim, para ajudar a minha bah.

— Bom Alice, eu e o seu pai ainda estamos vendo como as coisas vão ficar, mas pode ter certeza de que eu nunca, nunca ficarei longe de você.

Ela me dá um sorriso e me abraça, beijo sua cabeça, ela vai correndo para a sala, sinto um aperto estranho no peito, um medo intenso de que de repente, ele vá embora, de que eu não a veja mais.

Me lembro da noite de ontem, dos beijos, dos toques, de todos os momentos que vivi na cama com Kalel, com o meu marido, sei que não deveria estar tão feliz, porque não é certo, nem diante de Deus nem diante do homem, mas não consigo me sentir mal por algo tão bom.

Eu sei que é uma aventura, ele vai embora, ele vai levar a Alice daqui a dois meses para longe de mim, contudo, esses dias com ele por perto tem me deixado mesmo que atordoada, muito bem.

Viva.

PERIGOSAS ACHERON

Termino de preparar o café, a dedeira da Clara, preparo um pão com peito de peru para Alice e lhe entrego com seu leite de soja, dou a dedeira da Clara, pego uma caneca de café e volto para o quarto deixando-as na sala vendo tv.

Abro a porta e a encosto sem fazer barulho, fico parada perto da cama observando-os dormir um ao lado do outro, Kalel com muitas tatuagens pelo braço enquanto meu marido só carrega no braço, a cor pálida que os dias trancado em nosso antigo apartamento deixou.

Gosto do Kalel, ele é tão intenso, e na cama então... Suspiro só de lembrar, ele ascende em mim algo que deixei morrer, minha libido, meu desejo, ele faz muito bem, é um amante muito bom, e o João... O João é carinhoso, sem pressa, compreensivo, se preocupa comigo em todos os sentidos.

Ele fez tudo isso para me ver feliz, me deixar bem, porém não sei como será o dia de hoje, como ambos reagirão, como vamos lidar um com o outro depois da noite de sexo e loucuras que passamos juntos.

Me aproximo da cama e depois me sento na beirada do lado do João, toco sua cabeça e me

inclino, beijo sua face, ele não acorda, permanece dormindo quietinho, sobrancelhas suavizadas, o rosto relaxado como não via a anos.

— Se preocupa muito com ele não é?

Ergo o olhar, Kalel está se sentando na cama, os cabelos bagunçados, o olhar cheio de sono, ele coça as faces e me fita, ele é tão lindo.

— Sim.

— Ele vai se acostumar, você está bem?

— Sim.

Fico constrangida, lhe estendo a caneca de café, ele aceita e fica me olhando em silêncio.

— Eu não usei camisinha, você toma algum tipo de contraceptivo?

— Não, eu e o João não temos tido relações nos últimos anos.

— Pode tomar uma pílula do dia seguinte? Vou providenciar os exames de sangue de nós três.

— Sim, claro, nada de bebês!

— Nada de bebês mesmo, não quero mais filhos.

E ele fala assim num tom de voz ameaçador.

Fico sem graça, porque na verdade isso me faz lembrar da noite que tive dias atrás com o João,

e eu não tomei nada...

— Vocês querem mais filhos?—Kalel me encara pensativo.

— Na verdade eu... Bem... Esqueci de tomar a pílula a alguns dias, eu espero que esteja tudo bem.

— Como assim?

—Nós tivemos relações e eu não tomei nada.

E eu não sei porque ainda não surtei com isso, é que foram tantos problemas que eu acabei esquecendo de tudo.

— Quer dizer que você está grávida?

— Essa é uma boa pergunta.

E você não gostou nenhum pouco disso!

— Está bravo?

—Não podemos ter relações se você estiver grávida dele.

— Não?

— Não!

— Mas você não respondeu minha pergunta Kalel.

— Não me importo se estiver grávida, só que eu nunca mantive relações com alguma mulher grávida, os casais com quem me envolvia sempre

guardavam a gestação da mulher para depois voltar.

— Ah.

— Também o corpo da mulher costuma mudar muito, ela engorda bastante e cria estrias, alguns homens não gostam.

— Entendo.

Me ergo, Kalel me olha todo sério.

— Não estava me referindo a você...

— Eu sei que eu não sou um modelo de beleza Kalel, eu entendo que não queira levar outro golpe da barriga, eu posso não ser uma dessas mulheres com quem você sai, mas prefiro ser assim.

— Eu não estava me referindo a você— repete enfático.— Porque você leva tudo para o lado pessoal?

— Ah, quem será que tem celulite, está acima do peso e tem estrias? Suas mulheres é que não são.

— Olha, eu gosto do seu corpo assim, eu não me importo ok? Só que se você estiver grávida é arriscado, porque eu meto na violência.

— Sei.

Vou até meu guarda-roupas, morrendo de vergonha, e ao mesmo tempo me perguntando

porque tenho tanto medo da forma como ele me vê, porque eu posso não ser um modelo de mulher fisicamente perfeita, mas eu não sou das mais feias.

—Fernanda eu não quero brigar ok? Ontem foi muito bom!

— Sim.

Pego uma toalha.

— Você foi fantástica, só precisa se depilar. Nossa!

— Igual a você?

— Sim, porque não? Eu gosto de estar asseado para me relacionar com quem eu quero.

— Ter pelos não é sinônimo de falta de asseio Kalel, é algo natural.

— Não estamos mais nos anos 70 querida, atrapalha um pouco.

Precisa ser tão direto?

— Eu só estou falando que se depilar tudo eu vou adorar.

Suspiro, passo as mãos nos cabelos nervosamente, o João nunca reclamou dessas coisas, na verdade eu sempre depilei a cava na cera, mas por recomendação da minha médica deixava um pouco.

— Não fique brava—ele aconselha e se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproxima.— Seu marido também deveria se cuidar um pouco mais.

— Nós vivemos bem com o que temos.

— Eu pago um esteticista...

— Não queremos seu dinheiro Kalel.

Me sinto tão envergonhada que poderiam me jogar no sol e ainda sim, eu estaria constrangida, não sou uma porca só porque não me depilo toda, e a última coisa que eu precisava ouvir de um homem depois de uma noite de sexo pela primeira vez na vida com ele, é que eu não sei me cuidar devidamente.

É constrangedor.

—Fernanda...

—Alice já acordou, ela está tomando café com a Clara na sala, tome um banho no banheiro do quarto da Clara.

— Eu só quis dizer...

— Eu sei o que quis dizer, tudo bem.

Me afasto e vou para o banheiro, encosto a porta e me enfio debaixo do chuveiro, respiro fundo e de novo, e de novo, não precisava ser romântico, ele não é, mas não precisava falar algo assim logo no dia seguinte para mim.

Faz com que me sinta ridícula.

PERIGOSAS ACHERON

Tenho tantas inseguranças, medos, receios quanto ao meu corpo, as vezes me sinto tão deslocada, querendo ser mais magra, mais jovem, as vezes da até vontade de alisar os cabelos, porque os meus são indomáveis, ser como essas mulheres muito bonitas e que fazem tutorial de maquiagem.

Só que não!

Me lavo ao mesmo tempo que me sinto muito ridícula, medrosa, choro um pouco, é muito ruim não ter segurança em relação ao corpo, mesmo que o João não reclame, sempre vinculo sua falta de apetite sexual ao meu corpo depois da gestação e é muito ruim.

— Bom dia!

Me viro e o João está colocando a cadeira para o seu canto de sempre, tento sorrir, me inclino e lhe dou um beijo.

— Bom dia.

— Tudo bem amor?

— Está sim.

— Tem certeza?

— Sim, tenho e você?

— Estou bem.

Menos mal.

— Eu ouvi o que o Kalel falou Nanda, eu

falei para ele parar com isso, você é linda assim, não precisa mudar nada.

Queria poder acreditar nessas palavras, mas não consigo.

— Você ouviu a conversa?

— Acordei na parte em que ele falou que deveríamos nos cuidar.

— Ele é sem noção.

— Pois é, falei para ele que nós dois nos cuidamos e que ele não tem o direito de exigir nada de nós dois, ele vestiu a calça e saiu bufando do quarto.

— Sempre admirei sua coragem sabe? Você faz tudo ser tão simples as vezes, as vezes me acho complicada, queria ser diferente.

— Amor você é a mulher mais forte e doce que eu conheço, nenhum homem tem o direito de falar alguma coisa sobre seu corpo, você me excitou tanto ontem, a muitos anos não me sentia tão vivo.

— Nem eu.

Ficamos nos olhando por alguns instantes, depois ele estende a mão e segura a minha.

— Não se preocupe, eu estou bem amor.

Já não posso falar o mesmo de mim, mas,

PERIGOSAS NACIONAIS

no fundo, o que importa é o que ele sente.

Ao menos está aceitando um pouco isso.

PERIGOSAS ACHERON



— Vocês dois não virão dormir?

— Temos muito trabalho!—João responde.

— Mas já são quase meia-noite.

— Trabalho Thurman!

Continuo a analisar os papéis.

É só que começamos mais cedo, eu queria me ocupar, esquecer a cena do que houve pela manhã, mas foi até bom porque também não vi o Kalel o resto do dia, Alice me disse que ele foi para a empresa, quando chegou a alguns minutos ele estava engravatado e ido para banheiro tomar banho.

Alice e Clara decidiram dormir na sala hoje, coloquei um colchão para ambas na sala, estão vendo filmes de princesas, então, eu e o João decidimos colocar um pouco do trabalho em dia porque estivemos muito parados.

— Querem ajuda?—ele pergunta parado na porta.

— Não.—João fala atento aos papéis que analisa.

Estou tão constrangida, eu não consigo nem olhar na cara dele, nunca passei por uma situação tão depreciativa em toda a minha vida, mesmo que eu tenha me empenhado durante todo o dia deixar isso de lado, de alguma forma me abalou, chorei bastante, mas não deixei o João ver, ele me perguntou várias vezes se eu estava bem, disse que sim, bebi chá, me ocupei o máximo que poderia.

Mas é esquisito.

Pensei que o João ficaria mal, se sentiria desconfortável, mas fui eu quem me senti por todo o dia assim, de alguma forma usada, e nem por minha aparência ou por quem eu sou, como um capricho nas mãos de Kalel, como os receios iniciais que eu tinha quando ele disse que se interessava por mim.

Aquela mulher que não sabe o que um homem quer dela, porém na primeira chance já se entrega de cara, depois, se sente ridicularizada por isso, e nunca me senti assim, porque logo de cara me casei com o João, me entreguei a ele e ele sempre me amou por quem eu sou, por minha aparência, minha cor, e ele nunca me pediu para

PERIGOSAS NACIONAIS

mudar, nem me criticou.

É muito ruim se sentir assim.

— As meninas já dormiram...

— Pode ir para cama, nós já iremos Kalel!

— Tem certeza de que está tudo bem?
Pensei que havíamos nos resolvido pela manhã.

— Está sim, é que ficamos parados alguns dias, como sabe, temos que trabalhar também.

Pego outra pasta atenta aos casos, é bom trabalhar e tentar ocupar a cabeça, ao menos isso, durante o dia fiz almoço, fiz jantar com a ajuda do João, como não sabia se Kalel vinha, guardei a comida dele em vasilhas, porém, acho que ele se virou pela empresa mesmo.

— Eu não quis ofender você Fernanda!

— Mas ofendeu!—João fala chateado.

Fico calada, não quero brigar, só que essa situação nunca ocorreu antes na minha vida, fecho a pasta e deixo de lado, ergo o olhar, Kalel Thurman está perto das nossas mesas com o semblante fechado, os braços cruzados, usa um pijama de cor branca.

— Não se ofenda com tudo o que eu falo, eu falo muita merda.—explica me fitando.

—Tudo bem.—consigo falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não está tudo bem—João alerta.— Ela passou o dia todo chorando por sua culpa, não tem que criticar a aparência dela, ela é uma mulher muito bonita, só não tem tido tempo de se cuidar porque estava cuidando de mim, o que disse para ela não é aceitável.

— Eu não quis ofender, já disse—Kalel replica e encara João já irritado.— Você acha que eu não acho ela bonita?

— Acho, sinceramente sua postura não mostra o contrário, que tipo de cara transa com uma mulher e no dia seguinte manda ela se depilar?

—João!—exclamo incerta.— Tudo bem, esquece isso!

— Não, não está tudo bem, é bom que fique claro que você não é uma qualquer, que tem que ser tratada muito bem, sempre te tratei com muito carinho, não é certo que ele a trate dessa forma.

— Olha, eu não posso falar nada para vocês dois que isso se transforma numa tempestade, eu tenho a minha forma de ser...

— A sua forma de ser machuca as pessoas Thurman, as afasta.

— Eu não posso mudar quem eu sou do dia para a noite só porque não agrado vocês dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa mudar, só tem que tomar mais cuidado com a forma que fala, você é muito arrogante.

— Está bem, eu vou tomar mais cuidado a partir de hoje, vocês vem para cama?

— Vamos daqui a pouco.

— Estarei esperando.

— Ótimo!

— Ótimo!

Ambos estão inflamados de raiva, não há cordialidade na forma de se olharem, Kalel parece querer socar algo e o João também, me volto para os relatórios, não estou dividida nem nada, penso da mesma forma que o meu esposo, acho que as vezes o Kalel vai longe demais com a forma de ser dele.

Ele sai do escritório bufando.

Não quero que ele mude por mim, ele nunca fará isso, mas que ao menos dentro do possível saiba como conversar conosco, se expressar. Abaixo o olhar querendo chorar, estou tão... Tão... Me sinto idiota por isso.

—Nanda—João se aproxima, ele se inclina e me beija.

— Me desculpe—digo e soluço.— Eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria ser assim, eu não sou assim, me sinto péssima, tão feia, o que eu pensei? Que ele me acharia bonita e atraente como as mulheres com quem ele sai? Eu não chego nem aos pés delas!

— Amor você é muito mais que isso.

— Eu só queria que tudo ficasse bem, foi um erro nos envolvermos nisso.

— Calma.

Choro sem consolo.

João me puxa e me sento em seu colo, ele me aperta com força e meu coração se enche, e deixo que as lágrimas caiam sem receio.

— Ele é um idiota, não ligue para o que ele falou, você é linda amor.

Acho que não.



— Você saiu?

— Sim, eu fui na casa da minha mãe.

— Ah, e como eles estão?

— Do mesmo jeito, foram a casa da vovó, papai pescou, até trouxe peixe.

Meus avós moram no interior, meu pai e meu avô materno mantém uma velha amizade, ver minha mãe foi muito bom, estive alheia ao que está

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo aqui em casa, fiquei bem distraída durante a tarde, não pude levar a Clara porque sabia que teria que levar a Alice e explicar assim do dia para noite de onde surgiu outra menina, é complicado, então, preferi só dizer que o João ficou em casa com a Clara e que ambos estavam bem.

Contei para mamãe da mudança, papai pareceu até mais contente em saber que estamos morando num lugar melhor, eles também disseram que vão ligar para marcamos deles virem almoçar no nosso novo apartamento, disse que voltei para Thurman e que consegui um emprego lá para o João, mamãe ficou muito feliz.

— Eu fiz o jantar.—João fala.

— Estou meio sem fome, comi bolo na mamãe, a Clara já está na cama?

— Sim, ela e a Alice estão vendo tv no nosso quarto—a voz de Kalel soa no nosso apartamento.— Estávamos esperando você para jantar, acabei de chegar da empresa também.

— Bom—digo sem graça.

—Fiz arroz, feijão e ovos com maionese, as meninas já jantaram.—João avisa.

— Que tal um peixe-frito ?—pergunto indicando as sacolas.— Papai até já tratou.

— Ótima ideia—João concorda e se aproxima em sua cadeira.— E como foi a viagem?

— Vovô está meio depressivo, o cachorro dele morreu.— Conto.

Também fiquei triste, nem quero pensar quando a Clara souber, ela adorava aquele cachorro velho, ele já tinha uns 17 anos, quando mamãe me falou, quase não acreditei.

— Era muito velho?—Kalel pergunta da cozinha.

—Era—digo.— Ele tinha 17 anos, era um pastor alemão.

— Já estava fazendo hora extra o Bill.— João fala e começa a rir.

— Amor!—exclamo horrorizada.

— Meu pai se chama Bill.—Kalel fala com naturalidade.

Olho para o João enquanto vamos para a cozinha, e sinto, uma vontade ridícula de rir.

— Sério?—João questiona.

— Sim, Bill Thurman—Kalel afirma tranquilo.— Minha mãe se chama Phoebe Lynn Thurman.

— É um belo nome—afirmo e coloco as sacolas sob a pia.— Mamãe ficou feliz que você

esteja trabalhando.

— Aquela velha rabugenta.—João faz cara de quem esconde o verdadeiro carinho por trás do “*velha*”.

— Eles querem vir nos visitar, avisei que quando tivermos com um pouco mais de tempo, eles podem vir, também conversei com papai sobre nossos móveis, ele vai buscar tudo com o caminhão nesse domingo, deixei a chave do apartamento com eles e avisei para o Paulão.

— Eu liguei para o síndico, está tudo certo.

Coloco as sacolas sob a pia, lavo as mãos, fui de metrô voltei de metrô, ficamos um pouco mais distantes dos meus pais, mas tudo bem, nada impossível.

— Poderia ter avisado, Said levaria você a casa dos seus pais de carro—Kalel fala e me abraça por trás.— Não quero você andando por aí de metrô.

— Já me acostumei.—explico sem graça.

Ele me dá um beijo na cabeça, acho que quer se desculpar por antes de ontem, ainda não estou tão bem, ontem eu dormi no canto da cama, longe dele, longe do João, eu estava tão magoada com tudo, só queria esquecer da situação.

Quando acordei ele não estava mais na cama, então eu e o João ficamos todo o nosso dia juntos de novo com as meninas, Alice e Clara ficaram contentes durante a manhã, levei elas para uma volta no condomínio, para brincar no parquinho, aproveitei e caminhei um pouco, tentei espairer.

— Não é seguro—Kalel replica e me aperta.
— Quero você bem.

— Eu estou bem.

— Tá, tá, agora sai—João ordena.— Vamos logo preparar esse peixe, eu estou faminto.

Posso entender, já passa das nove, foi uma tarde muito boa com os meus pais, ao menos espirei um pouco, é bom poder voltar para casa um pouco e fugir da realidade, eu até comi o bolo da minha mãe, fazia um bom tempo que não os via.

— Eu posso fazer alguma coisa? Ajudar de alguma forma?—Kalel pergunta ao meu lado.

— Não precisa, pode esperar na sala—aviso.

— Está bem.

Ele se inclina e me beija, apenas um selinho, acho que viu a merda que fez, ainda não sei se posso desculpar assim, mas sei que nada se

resolve se permanecermos brigados, nem o clima entre ele e o João vai melhorar, então, só posso tentar conviver com a realidade.

Não sou bonita, não tenho atributos físicos e possivelmente não sou nada do que ele esteja acostumado, mas o que posso fazer? Ficar me martirizando não vai me levar a lugar algum.

Só posso conviver com isso e prosseguir.

— Esse imbecil está agindo assim desde que chegou—João fala em português quando ele vai para a sala.— Ele está arrependido, comprou chocolates, ele colocou embaixo do seu travesseiro.

— Sério?—franzo a testa.— Isso não vai me ajudar a emagrecer.

— Amor, você não precisa emagrecer.

—João, eu estou com quase oitenta quilos, me pesei hoje na farmácia lá no bairro da mamãe, minha altura não ajuda também.

— Eu não notei muita diferença, você tem um corpo todo proporcional.

— Sei.

Ele sorri, me puxa e me beija.

— Te amo assim meu amor, não precisa emagrecer, você é linda.

É tão bom ouvir isso do marido da gente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também te amo.

—Fernanda!—ouço Kalel chamar.— Quer vir aqui um segundo?

— Vai lá—João revira os olhos.— Vou colocar o óleo para esquentar.

— Cuidado—aviso.

— Amor, você tem que confiar mais no seu homem.

Ainda bem que eu tenho um homem em quem posso confiar, diferente do embuste que eu arrumei e nem sei do que chamar. Saio da cozinha e vou a sala, Kalel está em pé perto dos sofás, ele me olha de cima abaixo, fico constrangida.

— O que foi?

— Quero me desculpar por tudo.

— Você já se desculpou, esquece isso.

— Não queria te magoar, eu sei que as vezes eu vou longe demais com meu jeito de ser.

— Não quero que seja diferente, eu também sou nova nisso, é meio complicado.

— Eu vou tomar cuidado com a forma como falo com você, o seu marido tem razão.

— É, ele é o mais sensato nisso tudo, acho que nos envolvermos foi um grande passo em minha vida, acho que não pensei direito sobre tudo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe?

— O que quer dizer com isso?

— Que talvez nós tenhamos tomado uma decisão equivocada a respeito de tudo.

Kalel pisca e me olha como se o que eu acabei de falar fosse muito absurdo.

— Você não gostou?—pergunta.

— Gostei muito e isso mexeu comigo, com o meu emocional.

— Como se sentiu?

— Não me senti muito usada, mas quando acordei ontem esperava um pouco mais da sua parte, é um grande problema meu, eu coloco muita expectativa nas pessoas e as coisas não devem ser assim, talvez, não tenha que ser.

— O que Fernanda?

—Nós três.

Ele empalidece, desvio o olhar, minhas mãos soam um pouco, não sei o que falar, mas as horas no metrô me renderam pensamentos, análises, estar longe dele e do João me fez pensar nas chances disso não me machucar e elas foram 0, constar isso me fez abrir os olhos, bem mais do que eu deveria, eu acho.

— As coisas não se resolvem assim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fernanda, eu já me desculpei.

— As vezes desculpas não são suficientes Kalel, ações falam bem mais alto.

— Eu não queria te machucar, eu sinto muito por ontem, eu queria ser mais romântico, comprei chocolates, um mimo para você, queria fazer uma surpresa, eu nunca convivi com nenhum dos casais com quem me envolvo, vocês são os primeiros com quem eu basicamente moro, não acha que deveria ser um pouco menos imparcial?

Porque eu acho que você está meio desesperado com esse apelo, apesar de estar muito tranquilo?

— Eu não sou muito bonita...

— É sim, eu não quis dizer que é feia, não precisa ficar ouvindo que eu ou o John repitamos isso para você, você é uma mulher linda, forte, mas você também é tudo o que eu nunca vivi ou conheci Fernanda, e é difícil para mim saber como me comportar com você.

— Gosto de você Kalel, mas não posso atropelar tudo o que sou e sinto por conta disso.

— Pois eu gosto de você e estou fazendo exatamente isso desde que a conheci.

Engulo a seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nunca morei com ninguém, nunca apresentei a Alice a nenhuma das minhas ex-namoradas, nunca deixei ninguém estar perto de mim da forma que vocês estão, cai de ponta nisso tudo, por você, apenas por você, não é justo que você queira jogar tudo pro alto no meu primeiro erro.

— Não fará tanta diferença, porque você vai embora do mesmo jeito no final.

— Você se importa demais com o futuro.

— Olha, o meu presente tem sido muito duro comigo Kalel, a última coisa que eu quero é me apaixonar por um idiota.

— Você se apaixonou?

— Infelizmente.

— Eu gostar de você não é o suficiente? Veja tudo o que estou fazendo Fernanda, eu nunca...

— Seu gostar é estranho Kalel, inseguro, constrangedor, incerto.

— Pelo ou menos o meu gostar é verdadeiro, sincero, pode não ser perfeito como o do seu marido que mente para você, que diz para você se acomodar e não se cuidar, eu me importo muito com você, e também percebo que o John é

PERIGOSAS ACHERON

muito acomodado, só pensei em ajudar, para que os dois estejam melhores, mas pelo visto você não entendeu nada, se deixa levar pela emoção.

— Ah, e você acha que eu ir num esteticista me depilar vai me ajudar a me sentir mais bonita?

— Eu acredito que se você se cuidar um pouco mais, a forma como se vê, com certeza, irá te mostrar a mulher linda que você já é, é pouco cortês da sua parte que não entenda as minhas intenções por trás do meu comentário.

—Kalel eu entendo...

— Não Fernanda, você não entende, você e o seu marido vivem essa vidinha medíocre sem expectativa, ele é deprimido, você é desmotivada, não se arruma, vocês não saem, não fazem programas a dois, você não se cuida, ele não se cuida, e os dois vivem esse relacionamento baseado só em algo que viveram no passado, não pensam onde querem estar amanhã, com quem querem estar, se acomodaram, os dois.

— As coisas não são tão fáceis.

— Eu não disse que eram, mas nada é impossível.

Fico parada e por alguns segundos, os olhos azuis me fuzilam com tanta força que me

envergonho, consto que de alguma forma, ele tem razão, mesmo que num todo eu esteja certa.

— Eu gosto de você Fernanda, mas você e o seu marido tem que se cuidar mais, serem mais ativos, fazerem algum esporte.

— Claro, porque somos ricos não é mesmo? Temos motorista, muito dinheiro para esbanjar, porque eu e ele temos um estilo de vida de playboy super mimado que já nasceu num berço de ouro?

— Você não me conhece, não me subjogue, eu trabalho muito para ter tudo o que tenho.

— É mesmo?

— Eu nunca tive nada de graça na vida Fernanda, nem por isso me acomodei e fiquei num sofá reclamando da vida e culpando tudo, é fácil colocar a culpa nas pessoas, no governo, em Deus, eu gostaria de ver em você a mulher corajosa que me desafiou tantas vezes na Thurman, que não desiste do que quer.

— Não desisti de nada.

— Está querendo desistir de mim!

— Você não entendeu nada Kalel.

— Eu entendi, eu sei que agi errado, mas terminar tudo por conta disso é besteira, e ficarmos discutindo isso atoa é perda de tempo, eu já pedi

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpas, o que mais quer que eu fale?

— Está bem.

Dou a conversa por encerrada, ele se aproxima, recuo dois passos.

— Vou ajudar o João.

— Está bem.

Ele suspira cheio de raiva, giro os calcanhares e faço menção de me afastar, só que não parece justo com ele que eu faça isso. Hesito, depois me viro e me aproximo dele, eu o abraço com força, com raiva, mas o abraço.

— Só quero o melhor para você querida.

— Eu sei Kalel.

Eu o solto e me afasto, oprimo a vontade de chorar, volto para a cozinha, João está separando os peixes na pia.

— Foda falar com caras idiotas, mas inteligentes.—João pragueja.

—É—tenho que concordar.— Foda!

PERIGOSAS ACHERON



— Cansada?

— Um pouco.

— Você tomou a pílula?

— Aham—digo.— E fiz o teste de farmácia, eu não estou grávida, não precisa se preocupar.

— Confio em você querida.

— Bom.

Me deito na cama, infeliz ou felizmente depois que tomei a pílula a minha menstruação desceu, e hoje não tem sido um dia tão legal, cólica, dor de cabeça, Clara mais agitada, Alice pedindo atenção, João no escritório, talvez nada do que eu já não tenha vivido, mas parece que esse mês meus hormônios estão lá em cima, meu organismo está uma droga.

Abraço meu travesseiro e me emborco, João vem do banheiro secando os cabelos com uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toalha de rosto, puxo os cobertores e fico quieta na cama. Agora a pouco coloquei Alice e Clara na cama, lhes dei beijinhos nas cabeleiras e contei uma história, Alice ainda está dormindo com a Clara, hoje o dia estava misto, mas agasalhei muito bem ambas para dormir.

— Você experimentou os chocolates?—
Kalel se deita ao meu lado esquerdo e me abraça.—
O que foi?

— Estou menstruada—confesso apreensiva.
— Com cólica.

— Ah—ele beija a minha cabeça.— Quer algum remédio?

— Eu já tomei, mas acho que é por causa da pílula.—suspiro.

— Não é bom tomar essas coisas, fazem mal para o organismo da mulher—João fala e sobe na cama sem nenhuma dificuldade.— Quer uma massagem no pé da barriga amor?

— Não, eu só quero poder ficar quieta.

Me inclino e ajudo ele a se acomodar, puxo os cobertores cobrindo-o, João me dá um beijo carinhoso nos lábios.

— Posso buscar uma bolsa de água quente se preferir amor.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa, obrigada.

Acho que nem adianta, cólica é cólica e pronto, o dia é uma merda, a gente não encontra posição na cama para nada e só passa por um milagre.

Me ajeito na cama, Kalel me abraça e me puxa fazendo com que eu fique deitada de costas em cima dele, fico parada olhando para o teto, ele me beija a face e toca o pé da minha barriga por baixo do pijama.

— Vai passar—diz ele.— Só ter calma.

— Eu tenho calma.—suspiro.

— Virão fazer exames de sangue aqui amanhã em nós três, vou pedir uma bateria.

— Tudo bem.

— Quer se consultar com uma ginecologista?

— Eu fiz papa Nicolau a uns três meses atrás, estou bem.

— E você John?

— Eu tenho um médico que me atende Kalel.

— Mas, ele te dá a atenção devida?

Não posso dizer isso, é um médico da rede pública, e nem sempre o João tem a atenção que

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa em relação a algumas coisas.

— Bem, acho que sim.

— Podemos procurar um especialista, que tal você começar a malhar comigo pela manhã? Posso arrumar um personal para nós dois.

Nossa.

João nos olha e nega com a cabeça.

— Não temos dinheiro para um personal agora, estamos no vermelho amigo, mas obrigada pelo convite.

— Não precisa pagar agora, depois você me paga John, eu malho duas horas por dia, 3 dias por semana e luto judô, eu tenho certeza que posso achar alguém aqui para te auxiliar, é bom se exercitar.

— Acho que não...

— Vamos, eu não conheço ninguém aqui, meu melhor amigo mora em Nova York, ele sempre malha comigo, eu fico com preguiça quando ele não vai.

— São amigos de longa data?

— Desde a infância, Nick e eu também lutamos na mesma equipe de Judô.

Kalel Thurman tem um amigo chamado Nick.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele é casado e tem 1 filho, se casou a alguns anos com uma empresária no ramo da comunicação.

— Eu não tenho mais amigos, alguns ligam de vez enquanto mas só.

— É bom ocupar a mente, eu vou pedir ao Said que arrume algum profissional, mas você tem que primeiro ir a um bom médico para ele lhe falar o que pode fazer, amanhã mesmo resolvo isso.

— Está bem, mas quando sairmos do vermelho eu quero pagar.

— Feito.

João se vira na cama nos dando as costas, ele desliga o abajur, Kalel me beija e continua a acariciar meu ventre, seguro sua mão e entrelaço os dedos nos dele.

— Vem Nanda.—João chama.

Escorrego e me aconchego ao meu marido, eu o abraço e Kalel se aconchega e me abraça, beijo o peito do João e ele começa a acariciar minha cabeça como faz sempre, Kalel estende a mão e acaricia o meu ventre devagar, ele beija meu ombro, puxo os cobertores.

Espero estar melhor amanhã.

PERIGOSAS ACHERON



— Melhorou?

— Sim, bem melhor.

Ao menos a cólica passou, a menstruação passa até o final de semana, nunca vem mais de três dias. Kalel me beija e se senta ao meu lado no sofá, estava colorindo alguns desenhos com Alice e Clara quando ele chegou acompanhado de um enfermeiro, o homem colheu amostras de sangue dele, do João e minhas e as levou numa maleta de hospital, foi tudo muito rápido e feito da forma correta, me senti meio estranha, estou acostumada a ir ao hospital para colher sangue.

Fiquei imaginando o que mais o dinheiro dele poderia comprar além de uma visita hospitalar em casa.

— Vai ficar para o almoço?—pergunto e seguro sua mão.

— Bem, eu havia pensado em almoçar na empresa, mas se você quiser, eu fico.

— O João vai fazer salada e arroz com bife, o bife dele é maravilhoso.

— Então eu fico.

Lhe dou um beijo na face e o abraço, Alice

se ergue da cadeira e vem para cima de mim.

—Nanda, você e o meu pai vão se casar?

— Não—respondo sem graça.— O seu pai e eu somos namorados.

— Eu quero morar com vocês para sempre.
—ela sorri.

Eu a aperto, Alice desce do meu colo e vai para a mesa, Clara continua a colorir com a chupeta cor-de-rosa na boca.

— Ela não é muito grande para estar com a chupeta?—Kalel tira o terno mudando de assunto.

— Ela é um bebê.—dou de ombros.

Ele fica tão bem de terno, mas sem terno ele fica melhor, a camisa mostra mais, a calça delineia o corpo fantástico dele.

— Querida ela tem 3 anos.

— Continua sendo uma bebê.

— Não é bom para os dentes dela.

— É bom para a infância dela.

— Eu só estou querendo dizer...

— Eu sei o que está querendo dizer Kalel e acredite, ela fica muito bem com a chupeta.

— Porque?

— Tenta tirar dela para ver o que acontece
—João berra da cozinha.

Kalel me olha e depois se inclina, cruza os braços fazendo uma cara de deboche, ele coloca os dedos no puxador da pepeta da Clara, ela se vira para ele e o encara com cara de choro, ele tira o bico da boca dela, então minha filha faz aquele bico extremo de mágoa, ela solta um grito gasguita e começa a chorar como se alguém tivesse machucado ela, Kalel de imediato coloca a pepeta na boca dela, Clara a suga e para de chorar, se vira para frente e volta a colorir.

— Não derramou uma lágrima—ele fala incrédulo.—,Mas o que foi isso?

—Clara—sorrio.— Ela ama a pepeta dela, eu e o João planejamos tirar daqui a três meses junto com a fralda.

— Ela usa fralda?

— Usa ora, ela acabou de fazer 3 anos Kalel, não dá para tirar as coisas dela de uma hora para outra.

—Alice parou de usar fralda com 1 ano.

— Foi porque você mandou?

— Ela tem a babá dela.

— Ah, entendi!—exclamo.

Ele revira os olhos, começo a achar graça, Kalel me puxa para seu colo e me beija me

apertando.

— Você adora me provocar não é mesmo?

— tem sorte de que eu o provoque, significa que eu me preocupo com você, como estão as coisas na empresa?

— Bastante trabalho, Socorro não para de perguntar por você, ela quer vir te ver em breve, avisei que você ainda estava se acomodando e que logo dará notícias.

— Disse para ela que está morando aqui?

— Que estou hospedado, não deveria?

— E ela acreditou assim numa boa?

— Bem, a Socorro é muito discreta, eu apenas disse que não estava mais hospedado num hotel e sim na casa de amigos.

Conhecendo ela, com certeza, não perguntou nada, mas está curiosa.

—Fernanda, eu acho que terei que ir a Londres no começo do mês que vem, tive problemas com uma filial lá, se importa de ficar com a Alice nesse meio tempo?

— Não, podemos cuidar dela—afirmo.— Pode ir tranquilo, vai ficar muito tempo fora?

— Uns dez dias, infelizmente, mas é só no mês que vem, ainda teremos três semanas pela

frente.

— Está bem.

Eu o abraço, beijo o cantinho de seu pescoço e me aquieto, não estou chateada, é o trabalho dele, vai ser até bom, assim eu e o João poderemos conversar com mais calma, reavaliar algumas coisas.

— Me espera—pede baixinho e beija a minha cabeça.— Eu volto.

— É para voltar mesmo—sorrio.— Seu encrenqueiro.



— Como foi no médico?

— Foi legal, o ortopedista me passou vários exames, me fez uma ressonância, ultrassom, nunca fui tão bem atendido em toda a minha vida.

Eu imagino.

Kalel avisou ontem a noite que conseguiu vaga com um ortopedista muito bom para o João se consultar, e também, com o clínico, ele saiu cedo, passamos o dia todo conversando pelo celular, eu só não pensei que demoraria tanto, já passa das 15:00 da tarde, Said o motorista do Kalel o levou e o trouxe, fiquei um pouco preocupada, mas pelo visto, o João gostou das consultas.

— Ele me atendeu no consultório dele no Hospital Paulistano, eles tem muitos especialistas na área de ortopedia, oncologia e neurologia, o cara me atendeu super bem, conversou comigo, tanto ele quanto a clínico, eu já sai da sala dele, fiz os exames e ele já me deu o diagnóstico, tudo no dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que ficou muito caro, você falou sobre valores?

— Ainda não, mas eu vou esperar o Kalel chegar para conversar com ele.

— Deve ter ficado muito caro, esse hospital é particular.

— É verdade.

Dobro as roupas que acabo de pegar no varal, foram muitas, incluindo as camisas do Kalel, são de marcas caras, fiquei com medo de manchar, agora, outra peleja vai ser passar essas camisas.

— Você parece cansada amor.

— Essa pílula acabou comigo amor, eu nunca mais bebo isso.

É a primeira vez que eu tomo uma pílula do dia seguinte, quando passei na farmácia pedi ao moço do caixa, ele me garantiu que era uma das melhores, só que meu corpo não reagiu muito bem, parece que eu fui atropelada por um caminhão, minha menstruação está vindo feito água.

— Porque não descansa um pouco?

— Eu até queria, mas tenho muitas coisas para organizar, e também, tenho que ficar de olho nas meninas, hoje a Clara amanheceu ainda mais irritada, acho que ela está começando a sentir

PERIGOSAS ACHERON

ciúmes da Alice.

— A Clara precisa de limites, ontem Thurman disse algo certo, temos que parar um pouco de mimar ela.

— Infelizmente.

É que é a nossa única filha, foi muito planejada, esperada, e nós a amamos, somos bons em cuidar dela, proteger e zelar, mas não enxergo que Clara precise assim ser tratada com tanta rigidez, ela ainda é uma criança muito pequena.

— Como se sente depois de tudo?—João pergunta de repente.

— Bem—fico sem graça.— Não sei, e você?

—Eu não estava tão confiante no começo, mas foi bom, mesmo que pareça muito imoral.

— Pobre menino rico!

Ele sorri, me puxa e me beija de repente, levo alguns segundos para recuperar o ar, fico surpresa com esse beijo, com a pegada dele.

— Foi estranho ver ele fazendo amor com você, e no começo eu tinha muito medo, mas foi excitante, de um jeito bizarro.

— Eu gostei muito, mas porque você estava comigo, não sou muito segura do meu corpo, na

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade eu nem sei o que ele viu em mim.

— Eu sei.

Depois que fala, ele estende a mão e bate duas vezes no meio das minhas coxas, fico constrangida.

— Amor!

— O que foi? Você nunca esteve tão excitada, é a verdade, eu acho que foi o seu melhor desempenho sexual.

— João Gabriel!

Fico horrorizada a cada palavra.

— Bem, se ele não quiser, eu quero, eu gosto quando você deixa um pouquinho de pelo, tinha me esquecido dessa parte.

Ele está tão cheio de confiança, tão mais... feliz.

— O médico te deixou fazer academia?

— Não só deixou como ordenou que eu praticasse algum esporte, ele disse que o trauma na minha coluna é irreversível mas que nem por isso eu tenho que ser sedentário, que futuramente posso desenvolver outras doenças, então, que é melhor que eu comece a fazer exercícios.

— E a clínico?

— Me passou uma dieta e vitaminas.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou feliz que esteja mais disposto.

— Fiquei olhando para Kalel esses dias, pensei no que eu poderia melhorar para você voltar a gostar somente de mim, talvez se eu fizer umas tatuagens...

— Que ideia absurda—argumento.— Eu amo só você!

— Você também está apaixonada por ele—replica.— Eu ouvi você falando para ele.

— Não é a mesma coisa—retruco incerta.— Eu só gosto dele de uma forma diferente.

—Nanda, posso te pedir uma coisa?

— Sim.

Ele fica tão sério.

— Só não começa a amar esse cara está bem? Eu tive que sair da caixa e você também, nós dois sabemos os riscos disso tudo para o nosso casamento, confesso que como seu marido, eu detesto a situação, mas como homem, eu até suporto, contudo, não se iluda, ele não vai ficar nas nossas vidas, ele irá embora, e eu não quero te ver machucada quando ele se for.

— Eu não ficarei—garanto.— Eu também acho que vai chegar uma hora em que ele vai se cansar de mim, porque eu não sou tão jovem ou

bonita como as mulheres com quem ele sai, não tenho disposição e eu não me depilo!

— Não se esqueça dessa parte, é a mais importante.—fala ele querendo rir.

Gargalho, João me cutuca e acaba por rir também, é tão estranho saber que tem alguém conosco, mas que cada dia se torna tão natural, acho que posso chamar isso de aventura, momento, mas está sendo dentro do possível bom.

—Fernanda, John, eu cheguei!—escuto o chamado vindo da sala.— Onde estão?

— Ele é muito intrometido!—João reclama.

— É verdade.

Ele me aperta e me beija todo carinhoso, depois me cutuca de novo, Kalel entra no nosso quarto frouxando a gravata, ele fica nos olhando assim calado, sorrio e saio do colo do João.

— É ai “*vacilão*”—João fala com cara de quem comeu e não gostou.

— Como?—Kalel pergunta se aproximando —Poderia traduzir?

Ao menos é educado as vezes.

—Vacilão—João fala e começa a se afastar na cadeira.— Otário!

—Amor!—exclamo em português também.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para!

— Eu não sou obrigado a nada!—responde ele rindo.

— Você veio para o almoço, que bom!— exclamo e indico a pilha de roupas em cima da cama.— Suas camisas, eu estava dobrando.

— No colo do seu marido?—pergunta ele e enfia as mãos dentro do bolso calça.— Eu chequei na geladeira, meus chocolates estão intocados.

— Eu esqueci de comer, me desculpe— respondo surpresa.— Está com ciúmes?

— Não pode sentir ciúmes?

— Bem, não, eu e o João somos casados, não pode nos proibir de fazer carinho um no outro.

— E sexo?

— Que sexo Kalel? Eu estou menstruada feito uma vaca.

Ele fica vermelho, mas tão vermelho que mal sei descrever.

— Você não me trata com carinho também —pragueja chateado.— Eu também quero ser tratado igual.

— Se você fizesse por onde pelo ou menos. —respondo e volto a dobrar a pilha de roupas.

Nunca mais eu fico sem lavar roupas por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais de 7 dias, agora quero só ver eu passando essa quantidade enorme de roupas.

— Você ainda está irritada?

— Não, eu só estou indisposta, tenho muitos afazeres domésticos Kalel, e ainda estou analisando os relatórios do senhor Hans em meio período, não é tão fácil ser dona de casa e trabalhar para fora.

— John não te ajuda?

— John não sabe lavar roupa, passar roupa, John não consegue faxinar a casa e tirar o pó dos lugares altos, John é ótimo para fazer comida mas ele não lava os pratos sempre, John toma banho e deixa as toalhas no banheiro feito uma bola, John é homem e a Clara nem sempre quer estar com ele, John não menstrua, John não tem crises, John não é mulher, enfim, o John é o John!

Kalel fica me olhando todo medroso, percebo que aumentei a minha voz, mas não dou a mínima, não estou a fim.

— Entendo—ele diz bem devagar.— Calma querida.

— Não—falo.— Sai!

— Nossa!—exclama.— Você não precisa me tratar assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para começar, eu estou assim porque eu tomei o remédio, por sua culpa, eu nem estava grávida!

— Mas eu e o seu marido gozamos dentro, ainda havia risco de engravidar.

— E daí? Se você não quisesse o bebê eu e o João iríamos cuidar, eu não sou desse tipinho que você pensa, não quero seu dinheiro, não quero nada seu.

— Bipolar!

— Sai!

— Você o trata bem e depois vem me tratar mal? Isso é tão injusto Fernanda!—reclama ele saindo do quarto.

— Você ainda não me pegou num dia bom —explico.

— Sua grossa.

— Sou mesmo.

Ele da meia volta, nervoso, depois se aproxima todo inchado, eu o encaro de frente.

— Quer saber? Eu sei que você não me daria o golpe da barriga, mas eu não posso me dar ao luxo de engravidar quem quer que seja, sabe porque? Porque com certeza eu não abandonaria a criança.

PERIGOSAS ACHERON

— Como se você se importasse com quem quer que seja além de você mesmo, fala da educação que eu dou para a minha filha, mas a sua filha é carente, você mal fica com ela.

— Eu faço o que eu posso!

— É mesmo? Então faz muito pouco.

— Você é mesmo uma atrevida!

— Eu não estaria passando tão mal se não houvesse me obrigado a tomar aquela merda de pílula.

— Você já deve ter tomado várias, não seja fresca.

— Para começar eu nunca tomei pílula do dia seguinte, sempre tomei anticoncepcional, a segunda coisa que você precisa saber é que eu e o João não temos tido uma vida sexual ativa, eu nem estava no meu período fértil quando transei com ele, nem quando transei com vocês dois, o corpo é meu, não é seu nem dele, então não Kalel, eu não gostei de tomar a pílula.

— Então ficaria tudo bem se engravidasse de mim? Vocês dois são mais ingênuos do que eu pensei.

— Por acaso o seu esperma é melhor do que qualquer esperma no mundo? Pode ter certeza de

que eu preferia engravidar de qualquer pessoa no mundo do que de você, seu egoísta!

Kalel respira com tanta força que sinto o soprar na minha face, leva alguns segundos até que ele volte a se mover, então ele avança para cima de mim colocando um beijo descontrolado na minha boca.

Arfo e a minha boca recebe a dele com intensidade, ele me enlaça pela cintura e sua língua me toma com força, eu a sugo e meus lábios se movem nos dele com rapidez, meu coração fica disparando com o beijo.

Perco o ar, ele afasta os lábios, mas continua a me apertar com força.

— Para com isso—pede irritado.— Eu não quero brigar, eu só quero que me dê atenção também.

— Você não precisa da minha atenção Kalel...

— Preciso, eu quero, eu adoro quando você está por perto, não estou pedindo nada impossível, só que me trate da mesma forma que o trata.

Respiro fundo, ele toca a minha face.

— Me desculpe, eu não sabia que você nunca havia tomado, eu não vou mais querer

PERIGOSAS NACIONAIS

mandar em você e em suas decisões, eu só não quero que as coisas se compliquem.

— Não vão se complicar Kalel, eu nunca engravidaria de você, seria um erro, porque você não presta.

Ele sorri bem devagar e me rouba outro beijo.

—Quero você nessa cama assim que ficar bem, nua, só para mim—exige.— Seu marido e eu, e você fazendo sexo, você é fantástica na cama, tão intensa, verdadeira, espontânea, adorei te comer de quatro.

Nossa.

— Quero mais—fala e me beija de leve.— Quero você toda lisinha para mim, quero sua bunda, quero tantas coisas.

— Você é um despudorado.

— Chame do que quiser querida, mas somos ótimos, os três.

— Não tenho experiência.

— Ah, mas não tem problema, eu ensino tudo.

Começo a rir, ele me apalpa e beija o meu pescoço. Com Kalel me sinto em dois extremos, ora nervosa, ora calma, e agora ele me faz sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Promete que vai pensar em se cuidar com mais zelo? Fazer a unha, adoro uma mulher com unha do pé pintada, que arranha sabe? Na hora da foda é gostoso!

Suspiro.

— Não gosta de mim assim?

— Eu adoro você assim querida, mas quero ver você ainda melhor, quero que vá ao salão, que se cuide mais, para se sentir melhor consigo mesma.

Tenho resistência com o pedido, mas quando o fito sei que ele não fala por mal.

— Tá—cedo e ele esconde o sorriso.—, Mas eu pago!

— Como quiser.—ele responde e me aperta de novo.

— Vacilão.—falo em português.

— Eu ainda vou aprender português só por sua causa querida.

— Sei.

Ele me beija de novo e de novo.

Impossível resistir a esse safado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Quer ver um filme?—João pergunta para mim assim que subo na cama.

— Pode ser.—afirmo.

— Eu também estou aqui.—Kalel reclama mexendo no celular.

— Ah, me desculpe, é que como você está mexendo no celular na hora de dormir, pensei que não se importasse.—João responde seco.

Acho que é isso, ele não detesta o Kalel tanto quanto antes, mas também não gosta dele, eu acho que o suporta, porém este é um hábito que não pactuo com o João, nem na hora das refeições nem na hora de vir na cama, se bem que os nossos celulares nem chegam aos pés do dele, é um iphone, o meu é antigo, o do João eu comprei na 25 de março.

— Enfim—Kalel deixa o celular em cima do criado.— O que vamos assistir?

Ele sabe como ignorar o João, suportar, fico me perguntando sobre os casais com quem sai, como é na hora dele se envolver com a mulher de outro cara, isso é tão complexo, e no entanto, estou vivendo isso.

— Eu escolho—determino e tomo o controle da mão do João.— Nada de super-heróis. .

João me beija a bochecha e me abraça colocando um cheiro no meu pescoço, sorrio, ele está tão mais atencioso comigo, carinhoso, mesmo que antes fosse assim, hoje parece que está diferente.

Ligo a tv e escolho um canal de filmes antigos, E o Vento Levou, coloco na opção legendado e me acomodo entre os travesseiros, essa cama é tão maravilhosa, espaçosa, tenho dormido bem depois que Kalel comprou ela, me sinto grata a ele por isso, pelas compras, não sei se conseguiria retribuir, porque é tudo muito fora do meu alcance financeiro, do meu marido, mas creio que aos poucos eu vá pagando.

Me inclino e o beijo, ele toca a minha face e meu pescoço com carinho.

— Obrigada pela força que você está nos dando, pelo emprego, quando nós sairmos do

vermelho, vamos te pagando tá?

— Não há necessidade disso, de todas as formas estou hospedado aqui, também dou despesas assim como a Alice, não fiz mais do que o justo.

Ele me olha de um jeito diferente, toca a minha face e os meus cabelos sem se importar com o volume deles, depois me beija mais uma vez, e é incrível como me sinto bem em beijar ele também. Porém, o João está aqui, e não quero que ele fique magoado, me afasto e me deito, Kalel se deita de bruços e acomoda a cabeça entre os meus seios, toco seus cabelos e faço carinho na cabeça dele, João se acomoda e me faz carinho na cabeça, estendo a outra mão e toco sua barriga, estamos relaxados.

— Eu posso tomar banho com vocês a partir de amanhã?—Kalel pergunta.

— Não.—respondemos eu e João juntos.

Sei que ele sorri, lhe dou um beijo na cabeça, os cabelos dele estão úmidos ainda por conta do banho, eu e o João tomamos banho juntos depois do jantar, comecei a passar a primeira remessa de roupas hoje depois do almoço, estava exausta depois da terceira pilha, mas orgulhosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sou uma dona de casa exemplar, mas também não deixo muito a dever.

— Primeiro que não cabe mais uma pessoa no box, ele é adaptado para um cadeirante e uma pessoa normal.

— Eu já dei uma olhada John, dá sim, eu nem ocupo muito espaço durante o banho e sou breve.

— Espera mais um tempo meu bem—peço.
— Eu e o João temos que nos acostumar.

— Você me chamou de meu bem?—Kalel pergunta com voz de riso.— Me sinto até melhor depois disso.

— Só queria que pegasse ela num dia de cão.—João fala.

— Ela é bipolar—ele ergue a cabeça e olha para o João.— Brigamos hoje.

— Você se acostuma—ele diz.— Ela fica mais rabugenta quando está na TPM.

— Porque vocês estão falando como se eu não estivesse aqui?—pergunto longe de estar brava.

— É a verdade—João sorri.— E dói.

Dou de ombros, depois de alguns momentos escuto o som da maçaneta e a porta se abre, Alice entra no nosso quarto carregando Clara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, ela teve um pesadelo, acordou assustada.—Alice fala nervosa.

— Vem cá—João se ergue e pega Clara no colo.— Você quer dormir conosco querida?

— Quem? Eu?—Alice pergunta.

— É, você—João afirma.— Sobe na cama.

Ela sorri e dá a volta na cama, sobe toda contente e engatinha até mim, Kalel se ergue e Alice me abraça, lhe dou um beijo na testa.

— Minha mamãe!—Clara berra manhosa.

— Querida, a Alice é a sua irmãzinha— João fala com mais firmeza.— Você tem que ser amiguinha dela, sem brigar.

— Me desculpe.—Alice se afasta toda envergonhada.

— Não precisa ter medo querida, a Clara vai se acostumar—explico.— Eu tenho amor para dar e vender, vem cá, deita aqui do meu lado.

Ela sorri de novo e se deita a minha esquerda, Kalel se afasta um pouco e puxa os cobertores cobrindo a filha, a si mesmo.

— Papai, podemos ficar morando aqui para sempre?—Alice pergunta.

— Bem... Nós... Eu...

— O seu pai vai te trazer sempre para nos

PERIGOSAS ACHERON

ver—João fala interrompendo Kalel.— Não se preocupe Alice, se ele não te trouxer, ele também não vai ter mais o que gosta por um bom tempo.

— Pegou pesado John.—Kalel diz com cara feia.

Clara cospe e pepeta e vai empurrando meu pijama para cima, ela toma meu seio deixando o outro exposto, Alice a observa mamar em mim toda espantada, sei que estar conosco para ela é um mundo de novidades, ela não é uma criança habituada a uma vida em família, ela fica feliz com poucas coisas, coisas simples, atenção, carinho.

— Ela ainda mama!—Alice exclama.

— As vezes—digo.— Quando ela fica muito enjoada eu dou o peito.

Clara olha para Alice e estende a mão miúda, depois toca a face de Alice com carinho.

— Eu também te amo Clara—Alice fala sorridente.— Posso falar que a amo Nanda?

Fico tocada com a pergunta, olho para o meu marido, gostaria que Alice não fosse embora, que ela ficasse conosco.

— Claro que pode—João responde.— Sempre que quiser.

Ela sorri de ponta a ponta de novo e abraça

PERIGOSAS NACIONAIS

Clara, olho para Kalel, ele está muito sério, compenetrado.

— Diga o quanto a ama também—peço e toco a face dele.— Ela é sua!

—Alice, o papai te ama muito—ele fala para a filha.— Mesmo que eu esteja sempre viajando, você é a minha filhinha e eu a amo muito.

— Eu sei papai—ela se vira na cama e o abraço.— Eu sempre soube que você me amava papai, sempre.

Isso quer dizer que ele não fala com frequência.

João me abraça e me deito de lado, Clara larga o peito e abraça Alice, elas estão dormindo ainda na mesma cama, desligo o abajur, Kalel o outro, me deito e as abraço.

— Boa noite queridas.—digo e beijo a cabecinha de cada uma.

— Boa noite—Alice boceja e fecha os olhos.— Mamãe.

Meu coração se contrai e fico olhando-a em silêncio, Kalel toca a minha face e se inclina, me beija com carinho.

— Obrigado querida, por cuidar dela tão bem.

PERIGOSAS ACHERON

— De nada!

Me sinto grata, feliz.

Meu marido fica de lado e eu o ajudo a se acomodar atrás de mim ele beija meu ombro, relaxo observando-as dormir, vendo Kalel Thurman tocar minha face com o indicador, adormeço também, ao menos contente.



— Querida.

— Hummm...

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Se tivesse que mudar algo em você, o que mudaria?

Fico intrigada com a pergunta do Kalel, ao mesmo tempo que tenho a resposta na ponta da língua, me sinto incerta e em dúvida sobre a mesma.

— Porque mudar Kalel?

Ele me fita intrigado.

João saiu da cama, hoje ele quem vai dar café as meninas, elas acordaram famintas, quando despertei a alguns minutos, Alice e Clara estavam tentando se comunicar, mas ambas se entendem muito bem quando se trata de comida, acho que essa é a única língua que ambas falam sem sombra de dúvidas.

Clara queria sua dedeira, João levantou e disse para eu ficar quieta e descansar, Kalel ainda estava dormindo, ele não tem o sono leve, pelo contrário, apenas a alguns instantes quando fiz menção de levantar, ele estava acordando também.

— É a sua resposta querida?—ele questiona.

Me viro na cama, Kalel me puxa para mais perto, ele enfia a perna entre as minhas, está tão relaxado.

— Você não vai a empresa?

— Vou após o almoço, já quer se livrar de mim é?

— Não, não mesmo, é que me preocupo com sua empresa.

— E comigo?

— Também!

Ele afaga os meus cabelos e me beija devagar, passo o braço envolta dele e toco suas costas, sua nuca, estamos tão... Próximos, física e emocionalmente, sinto que Kalel tem receio disso, de se entregar ao que vivemos, mas não sei se consigo, porque ele é envolvente, um homem que sabe como deixar uma mulher bem e satisfeita na cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda que tenha seus defeitos.

— Você não respondeu a minha pergunta.
—ele me olha.

— Claro que respondi, para mudar você precisa se perguntar o porque, porque deve mudar, assim você terá a resposta se deve ou não mudar.

— Isso foi muito profundo—ele toca minha cintura.— Você nunca pensou em mudar?

— Mudar a mim mesma? Claro, todos os dias, eu tenho que melhorar muitas coisas em mim mesma.

— Você e o John tem um jeito muito simples de viver, admiro pessoas que conseguem viver com pouco.

— Nunca parou para pensar que se morrer amanhã, não levará nada além das suas lembranças?

— Eu não costumo pensar muito nisso.

— A ganância não leva ninguém a nada Kaleb, acredite.

— Vocês dois nunca quiseram ter uma vida melhor?

—Eu e o João já tivemos uma vida financeira muito melhor que essa, nosso próprio escritório, uma empresa, mas daí, veio o acidente e

PERIGOSAS ACHERON

tudo mudou, e não adiantou de nada termos dinheiro, porque não pagou para que as pernas dele voltassem a andar, e nem trouxe felicidade alguma gastar o que tínhamos com doença.

— Imagino que seja difícil.

— O João perdeu o nascimento da Clara, ele estava em coma, ele perdeu os três primeiros meses dela de vida, quando acordou ele não sabia falar, não conseguia se mover, e o nosso dinheiro não pagou nada disso.

— Mas ser um pouco ambicioso é fundamental para qualquer pessoa.

— Não falo ambicioso, eu diria mais como viver bem, saber como viver.

— E você não gostaria de ter uma vida melhor querida?

— Minha vida é melhor Kalel, porque eu sou feliz, mesmo com todos os nossos problemas, eu e o João somos muito felizes em nosso casamento.

— Invejo ele.

— Não deveria, você tem a mim na mesma proporção que ele tem.

— Não falo por isso, invejo ele no sentido de que ele não tem ambição, ele é conformado, não

PERIGOSAS NACIONAIS

consigo imaginar um dia da minha vida em que não entre um milhão na minha conta bancária.

— Existem coisas que valem mais do que dinheiro, do que mudanças.

— Amor?

— Família!

Kalel está meio assim, acho que ele esperava que eu e o João demonstrássemos ser pessimistas demais, preguiçosos, ou que não tivéssemos animo para encarar a vida, porque não temos dinheiro para nada, mas eu e ele vivemos com o que temos até bem.

— Admiro muito você querida.

— Que bom que admira, porque eu sei que apesar de não estar fisicamente dentro dos padrões, ainda tenho a minha inteligência medíocre.

Ele fecha a cara.

Começo a rir, o abraço.

— Amorrr!—ouço João chamar— Vem tomar café.

— Não está na hora dele usar a palavra no plural?—Kalel se ergue chateado.— Ele fica me ignorando.

— Quer que ele te chame de amor também?

— Você entendeu!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou conversar com ele.

— Ótimo, porque eu não excludo ele de nada, não é justo comigo que ele viva me excluindo.

— Meu bem você tem que entender que ele está se adaptando.

— Fala de novo vai.

Sorrio, saio da cama e nego com a cabeça, ele estende a mão e me puxa para si com um sorriso safado nos lábios.

— Quero que fale meu bem quando estivermos transando, tá?

Fico vermelha.

— Está bem.

Continua não valendo nada, não prestando, mas eu adorando cada segundo de sua estadia.

PERIGOSAS ACHERON



— Tudo bem por aqui?

Ergo o olhar, Kalel Thurman entra no escritório do meu apartamento carregando duas canecas de chá em uma bandeja, fico surpresa.

— Coloquei as meninas na cama—ele avisa.— Lavei a louça também.

— Eu só vim checar uns relatórios, já iria lavar Kalel.—respondo.

— Não me importo de lavar—ele fala.

Não consigo imaginar ele lavando louças, mas aqui está ele me servindo uma caneca de chá de camomila e outra ao João, nós dois tiramos essas últimas horas da noite para analisar alguns papéis, o caso é bem extenso, e sem alguém da área de direito internacional, meu marido não consegue progredir muito.

— Tem veneno nisso?—João pergunta e cheira o chá, dá de ombros e bebe o líquido quente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não—Kalel responde e se aproxima da minha mesa.— Vocês não vem para cama?

— Daqui a uma hora mais ou menos.—digo sem jeito.

— Posso ajudar no caso?

— Sei que trabalhou o dia todo, vá descansar.

— Estou sem sono.

A cara nega, Kalel dá a volta na mesa, se inclina e me beija de leve depois ele me puxa pelo braço e se senta na cadeira, me puxa e me sento em seu colo, fico vermelha.

— Você disse que iria ao salão—ele fala me olhando.— Não foi?

— Não tive tempo.—respondo.

— Eu falei com o Said, amanhã ele irá levar vocês dois ao dentista.

Nossa.

Lanço um olhar para o João, ele bebe o chá a força, sei que se esforça para não falar algo, não brigar, fico calada, não sei em qual parte ele não gosta de nós dois assim, não aceita, meus dentes não são brancos o suficiente?

— Não querem ir? Vocês tem que acompanhar a Alice, ela vai colocar aparelho, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho reunião o dia todo!

— Ah!—exclamo totalmente sem graça.—
Pensei que era para nós dois.

— Não, vocês não precisam, seu sorriso é perfeito querida!

E me dá um selinho, sorrio, bebo um pouco mais do meu chá.

— Sei que ela não sentirá muito medo com vocês dois por perto, ela se sente segura com uma presença masculina por perto também, mas sem a bah dela, se sente insegura, então pensei que você e o John poderiam acompanhar ela.

— Claro—reafirmo.— Pode contar conosco.

— Já está pronto para o treino John? Eu arrumei um excelente personal, no prédio tem uma quadra, nós treinaremos lá todos os dias—Kalel avisa.— Amanhã as 05:30, eu e você começamos.

— Pode ser—João se volta para o notebook.
Ele não gosta que eu fique no colo do Kalel, sei que ele também sente ciúmes, me ergo e saio de cima dele, mas Kalel me puxa de volta pelos quadris e me faz sentar em seu colo novamente.

— Senti sua falta na empresa, queria te ver nos corredores, na sua mesa, mas você se demitiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Kalel me aperta.

— Não me importo que volte para a empresa.—João fala digitando rapidamente no teclado.

— Eu não quero voltar—digo sem graça.—
Temos tido mais tempo para a Clara.

— Mas você está trabalhando o dobro dentro de casa.

— Amor você não conseguiria cuidar delas duas sozinho.

— Em breve a Clara irá para uma escolinha e a Alice vai com o pai dela para os Estados Unidos.

Sinto um aperto no coração, não quero que o Kalel vá embora de vez, nem que a Alice esteja tão longe, ela se tornou uma criança querida por mim mesmo nesses poucos dias de convivência.

— Se vocês quiserem eu posso vir mais vezes ao Brasil...

— Não, obrigado!—João interrompe ele.—
Não precisa ficar vindo comer a minha mulher!

Me sinto ofendida, me levanto, não digo nada e saio do escritório, porém, fico pensando nas chances de isso virar uma briga entre os dois, então dou meia volta e me aproximo da porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa falar assim—escuto Kalel falar num tom alto.— Você está sendo ignorante, um neandertal.

— Não quero você abraçando ela mais que o necessário—João responde na mesma altura.— Já não bastar o que estamos fazendo com você?

— Não gostou?

— Não é questão disso, eu já percebi que a Nanda te ama, e eu sei que quanto mais você ficar dando esperanças, mais ela irá sofrer, sei que quando você for embora, nosso casamento não vai resistir, que vamos nos divorciar, então não Kalel, não quero que você a machuque mais que o necessário.

— Se eu voltasse não haveria problemas.

— Mas não vai voltar, quando chegar lá vai esquecer ela, ela é só um passa tempo nas suas mãos.

É duro ouvir a verdade, mas é o que de fato acontece.

— Você não sabe do que está falando John, Fernanda é muito importante para mim.

— Olha, só não fica fingindo que se importa com ela, conosco, eu sei muito bem que tipo de cara é você, na primeira chance vai embora, vai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enjoar, as coisas já serão bem difíceis quando você for embora.

Kalel não diz nada, escuto os passos dele e me afasto do escritório, vou para o banheiro do meu quarto, percebo que choro quando fecho a porta, jogo todo o chá na pia do banheiro e me sento no chão, me encolho e abraço minhas pernas.

Acho que é tarde demais para não sofrer.

Eu já o amo.

PERIGOSAS ACHERON



“Sinto muito, tiver que partir mais cedo, Alice veio comigo, retorno em 6 semanas, Kalel”

Depois que leio o bilhete sinto as lágrimas caindo em minha face, fungo e engulo o soluço, meu coração fica pequeno, e vai ficando mais e mais apertado. Acabo de acordar sozinha na cama, João não está aqui, Kalel também não, o lugar do João está bagunçado, mas o dele tem apenas um bilhete.

Ontem ele não dormiu conosco, dormiu na sala. Me sentia envergonhada de novo, com medo, tantas coisas, quando o João veio para o nosso quarto eu sabia que ele não dormiria conosco, que não estaria aqui me abraçando também, e agora, ele foi embora.

Levou a Alice para longe de mim, talvez ele nem volte mais.

Acabou.

— Ele deixou a Alice—escuto a voz do

João em nosso quarto.— Deixou um bilhete na cozinha falando que ficou com pena de tirar ela da cama tão cedo e a deixou.

— Não deveria ter dito aquilo João...

— Olha Nanda, eu também tenho um pouquinho de orgulho.

— Eu pensei que houvesse aceitado.

— Eu aceitei só por sua causa.

É ruim ouvir isso, porque parece que ele foi obrigado a fazer tudo, a aceitar tudo, e eu sei que no fundo, no fundo ele não fez por obrigação.

— Você é dona das suas escolhas e eu não estou responsabilizando você por nada, só que não é fácil depois de tantos anos de casados, ver um cara te abraçando e te beijando toda hora como se você fosse só dele.

— Eu não sou dele João...

— Porque tenta se enganar, assume logo que o ama.

— Eu amo, mas eu também amo você.

— Obrigado por me informar sob pressão.

Isso o fere profundamente.

Soluço, porque também me machuca constar isso, eu não deveria ter deixado isso acontecer, não deveria amar Kalel, não mesmo, está

tudo errado.

— Não é o mesmo tipo de amor João.

— Claro que não é, ele é bom na cama, ele faz do jeito que você gosta, enquanto eu só sou o pai da sua filha—ele replica com cara de choro.— Olha, Deus sabe que eu tenho tentado, só que não é fácil Nanda, não é.

— Me desculpe—peço chorosa.— Eu não queria nada disso.

— É duro saber que você fala a verdade sabe, e é uma merda saber que eu precisei de ver um cara te comendo para me excitar.

Isso o assusta também, o deixa com medo.

— Tudo bem se quiser ficar com ele eu já disse, você é livre Nanda...

— Eu não quero ficar sem você João.

— Ele é com quem você deve ficar Nanda.

— São amores diferentes.

— Eu imagino que me ame como um grande amigo, como alguém que aprendeu a conviver, mas não é mais aquele amor de antes.

— Como não João? Você me excita também, eu não imagino a minha vida sem você...

— É mesmo? Pois eu imagino sua vida sem mim, muito feliz com um novo amante, alguém

PERIGOSAS NACIONAIS

com pernas, disposto, alguém que é tudo o que eu não sou.

Choro em silêncio.

Não é isso, tenho certeza que não, eu sei que não, eu amo o João como meu marido, como homem, por quem ele é e representa para minha vida, amo Kalel porque aprendi a gostar dele, mesmo que não devesse, e não é porque ele ama, nem eu mesma sei porque aprendi a amar aquele imbecil sem escrúpulos.

— Olha, eu vou para a casa da minha mãe, preciso mesmo desse tempo para mim, pelo ou menos uns dez dias para eu pensar, se ficar sozinha talvez perceba qual dos dois é melhor, possa escolher entre eu e ele, chegar a uma conclusão.

Não falo nada.

Não replico.

Não adianta.

Ele não vai voltar atrás.

— Fica bem Nanda, eu ligo para falar com a Clara, saber se está tudo bem.

Permaneço em silêncio, olho pras as minhas próprias mãos e me sinto de repente suja, estranha, como algo nojento que não merece se quer o amor de alguém para si mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu traí meu marido, me apaixonei por outro homem, convenci meu marido a achar isso normal, que tipo de ser humano eu sou?

O pior de todos.

PERIGOSAS ACHERON



O que está ruim, sempre pode piorar.

Aprendi essa regra de vida com meu pai, e por mais que em minha juventude eu não soubesse bem o que isso significava, hoje eu percebo cada vez mais a verdade por trás das palavras.

João foi embora falando que voltaria dentro de dez dias, bem, hoje faz mais de trinta dias que ele foi para a casa da mãe dele e não voltou mais, telefona todos os dias para falar com a Clara, mas não trocamos mais do que duas palavras.

Kalel também foi embora e deixou a Alice, mas ele conseguiu ser ainda mais impessoal do que eu pensei que seria, mandou e-mail, perguntando sobre a Alice e como estavam as coisas, dois e-mails para ser exata, um dois dias depois que foi embora e outro semana passada.

Respondi os dois no mesmo tom impessoal e mandei fotos de Alice anexadas ao e-mail, tentei impedir alguma visita dos meus pais esses dias

PERIGOSAS ACHERON

devido aos problemas, mas não consegui, e não sabia se estava aliviada ou nervosa por João e Kalel não estarem aqui, tive que mentir sobre o João e sobre a Alice.

Disse que o João foi passar o dia na casa dos pais e que a Alice era filha da vizinha que acabara de mudar do apartamento ao lado, que era americana, mamãe se apaixonou por ela logo de cara, assim como papai, ambos adoraram o apartamento e saber que eu e o João estamos trabalhando em casa.

Tive medo de dar mais detalhes, hoje fazem apenas cinco dias que eles vieram, mas só expliquei que consegui um emprego na Thurman para ele por indicação e que era em casa, que consegui para mim também, meus pais acreditaram, porque eles sabem que eu não minto... até cinco dias atrás.

Ou mais ou menos isso.

Meus dias tem se resumido em cuidar da casa, de Alice, de Clara e de tentar me ocupar o máximo possível, esquecer tudo o que houve, não sei se posso falar que estou me acostumando, mas me dei por vencida e entendi que de fato eu e o João precisávamos mesmo destes dias.

Mesmo que tenham sido aumentados, dias

PERIGOSAS NACIONAIS

longe dele e do Kalel me ajudaram a entender melhor a forma como me sinto, meus sentimentos, e eu vi as coisas com mais nitidez sob um ponto de vista mais sério.

Ao mesmo tempo que eu me pegava chorando por não ter o meu marido em casa, me sentia culpada por sentir falta do outro também, não pelo sexo, não pela aventura, mas porque eu aprendi a gostar daquele idiota safado.

Acho que o Kalel vai mandar buscar a Alice, que ele não vai querer me ver e que meu marido provavelmente já está se preparando para me pedir o divórcio, mas enfim, não há algo que eu possa fazer para mudar nada, porque eu estou errada.

Não deveria ter aceitado aquela proposta.

Agora, meu casamento está destruído e aquele por quem me apaixonei também não me quer.

Outro ditado que aprendi com meu pai: quem tudo quer, nada tem!

Mais pura verdade.

Agora acima de tudo estou tentando conviver com a minha realidade, não sei como as coisas serão no futuro, eu apenas estou vivendo um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dia de cada vez na incerteza, corrói, é ruim, mas é algo do qual eu sei que devo viver, porque eu procurei por isso.

As vezes me pego pensando na noite que tive com Kalel e o João, isso faz com que me sinta envergonhada, sem saber discernir o que é certo e errado, e me faz querer sentir no fundo mal, porque não é moralmente certo.

— Oi mamãe!

Alice acorda, desde que o Kalel e o João se foram, ela e a Clara tem dormido comigo, elas tem sido a única coisa da qual me dedico, que aprendi a amar por ser meiga, carinhosa, uma criança da qual merece todo amor e carinho do mundo.

— Não fica preocupada, o meu pai, sempre volta—Alice diz ainda sonolenta.— Ele faz longas viagens, porque tem muitos negócios a resolver.

Não sei se quero que ele volte depois de tudo.

— Quando ele voltar, ele trará um presente, ele sempre traz presentes—ela me abraça.

— Ele já me deu um presente muito mais valioso.

E não sei como farei para saber lidar caso ele te leve para longe de mim, beijo sua cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele gosta muito de você, ele disse que tinha que ir para arrumar tudo, logo voltaria—ela boceja de novo—ele disse antes de partir.

Então ela volta a dormir.

Cubro ela até o pescoço com cobertores, Clara dorme a minha direita toda encolhida, saio da cama sem acordá-las, alguns segundos depois, escuto o som do meu celular vibrando em cima da cabeceira.

Pego o aparelho e o atendo saindo do quarto.

— Oi.

— Oi Nanda!

Fico dura onde estou, ele não costuma ligar tão cedo, sempre liga mais no meio da tarde ou começo da noite.

— Oi João, aconteceu algo?

— Não, liguei para conversar um pouco, Ele está aí?

— Não—digo triste, porque não sei se quero mais o Kalel por perto depois que ele fez tudo isso, ele foi embora sem ao menos dar satisfação.— Ele não voltou.

— Voltarei para casa—João declara.— Pensei bastante, não quero mais ficar longe de

PERIGOSAS NACIONAIS

vocês duas, sei que você está sofrendo muito, mas eu precisava desses dias para ter certeza do que eu quero.

— E o que você quer?

— Você!

A voz dele é tão presente que sinto arrepios na pele, me viro no corredor e eu o vejo parado na outra ponta segurando o celular, os olhos castanhos focados em mim, soluço, coloco a mão na boca oprimindo o choro.

— Com ou sem Kalel—ele afirma.— Eu amo você!

— Eu também te amo!

Me aproximo dele depressa, meu coração fica disparando enquanto meu corpo todo se enche dessa expectativa estanha que é estar novamente perto do meu marido, me jogo em cima dele, o abraço com muita força, e ele me puxa me apertando, fico de joelhos e choro um bocado sem saber como lidar com tudo, o que dizer.

Sei que fiz tudo errado, sei não deveria ter permitido que Kalel entrasse em nosso casamento, nem que as coisas chegassem a esse ponto, eu não queria machucar o João, eu não deveria ter atropelado tudo para viver esse romance...

PERIGOSAS ACHERON

—Nanda—João chama.— Se levanta, para de chorar.

— Me perdoa João, eu sei que foi um grande erro...

— Não, não faz isso, não fala isso, eu concordei com tudo, foi um erro eu ter me afastado, estou ciente de que eu queria Nanda, só fiquei muito zangado—ele me interrompe.— Vamos pensar em tudo com calma e...

João nem consegue terminar de falar, me vem um embrulho forte no estômago e do nada começo a vomitar, me afasto e vomito no corredor, toco minha barriga tentando com esforço colocar tudo para fora, mas não vem quase nada, só aquela água amarela estranha.

Tusso, fico parada tentando respirar direito.

—Nanda!—João exclama assustado.

Levo alguns minutos para me recuperar, me canso, me levanto meio tonta.

— Calma—ele diz.

— Estou muito nervosa—admito e tento respirar fundo.— Minha pressão despencou.

Resultado disso é que começo a suar, João segura a minha mão e desvio do vômito, respiro fundo enquanto caminho deixando que ele me

PERIGOSAS NACIONAIS

conduza, tudo gira devagar, e depois vai ficando embaçado, sinto calafrios estranhos pelo meu corpo, algo tão forte que minhas pernas tremem.

— Deite-se!—João fala.

Está tudo ficando colorido, minha boca fica seca, e sinto um calor repentino, respiro fundo e de novo, João puxa a blusa do meu pijama e me toca as faces, mal consigo ver seu semblante.

— Você está pálida—ele fala.—Nanda, está me ouvindo?

Meus tímpanos estão meio corrompidos por um barulho estranho, e fico encostada no sofá me sentindo toda mole, respiro fundo e de novo, e de novo, João faz com que eu me deite, fecho os olhos e por alguns segundos parece não adiantar, porque mesmo com eles abertos, só vejo tudo embaçado, cores fortes e vibrantes.

Ele puxa o meu braço direito e afasta meus cabelos para trás, começa a prendê-los, e aos poucos, o calor vai deixando meu corpo, e vou ficando fria, vou conseguindo enxergar as coisas mais claramente.

— Amor.—João chama.

— Já estou um pouco melhor—digo.—
Você me chamou de amor!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele toca a minha face, sei que sorri, continuo parada.

— Eu não vou mais me afastar Nanda, aconteça o que acontecer, com ou sem Kalel, está bem?

— Sim.

Com ou sem Kalel.

Mas acho que será mesmo sem Kalel.

De todas as formas, não sei se devo me importar, porque com certeza, ele não se importa, nem comigo nem com o João.

PERIGOSAS ACHERON



— Como foi na casa dos seus pais?

— Mamãe ficou contente que eu tenha ido, mas ela queria que eu houvesse levado a Clara e você, eles não me perguntaram nada, o que foi um milagre, fiquei aliviado.

— Menos mal.

João estende a mão e toca a minha face, nossos olhares se encontram por minutos de extenso silêncio, tenho um medo imenso de que as coisas entre nós de repente se quebrem de novo, porque estamos muito frágeis.

— Pensei bastante, foi muito bom estar longe de você, me ajudou a pensar com cuidado em tudo, quero te falar uma coisa Nanda.

— Fale.

— Eu não me importo tanto com o envolvimento físico entre vocês dois, mas detesto saber que o ama, que ele é importante para você tanto quanto eu fui um dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ainda é.

— Não acho que da mesma forma, mas seria estranho ir embora, me senti ofendido, machucado, e trocado, e percebi que não era uma questão de concordar ou não, apenas não estou sabendo como separar as coisas, imaginei que ele tinha voltado, ele me telefonou várias vezes no celular, mandou e-mails, mas eu não atendi ele em nenhuma das vezes, eu quis pensar com calma em tudo.

— Ele não voltou, me mandou uns e-mails perguntando da Alice, mas só.

— E você se sente péssima com isso não é verdade?

— Sim, porque eu cai na lábia dele, confiei tanto, e ele foi embora como se eu não significasse nada.

— Não foi bem assim, quando você saiu do escritório, eu e Kalel discutimos.

— Eu ouvi.

— Ouviu também a parte em que ele falou que iria embora porque estava nos machucando?

— Não—me espanto.— Eu ouvi vocês dois discutindo sobre ele ir embora e me esquecer.

— Essa foi a primeira discussão, depois de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns minutos ele voltou, falou que nunca teve o intuito de te machucar, e ele também disse que preferia ir embora e me dar um tempo com você, por isso ele foi embora.

— Não esperava por isso.

Mesmo assim estou desanimada, porque não é como se eu precisasse de um deles dois por perto, mas nenhum dos problemas se resolvem quando alguém se afasta, porque quando os dois voltam, trazem os problemas juntos, mais os problemas que já estavam aqui antes.

— Mas, eu não mandei ele embora, eu disse que no dia seguinte iria para a casa dos meus pais, então ele não falou nada e foi dormir na sala.

— Foi infantil da parte dele ir embora.

— Acredito que tenha sido melhor assim, ao menos nós três pensamos com mais calma na situação, não acha?

— Em alguns sentidos sim, mas 30 dias João, é muito, nós dois nunca resolvemos as coisas assim.

— Ele não é como nós, ele nunca teve um relacionamento de verdade.

— Fiquei me perguntando porque ele é assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não espera que todos os outros homens na face da terra sejam como eu certo? Porque eu sou único meu bem.

Sorrio e bebo um pouco do café que preparei.

— Você viu que caiu os nossos pagamentos?—pergunta João.— Bem mais do que está na carteira.

— Não me lembrei, eu continuei trabalhando nos casos também.

— Eu levei o note, tenho uma pasta com acesso aos arquivos online, também trabalhei.

— Não percebi.

— Ele depositou 10 mil para cada um de nós.

Me engasgo com o resto do café que bebo, pego um guardanapo e tusso encarando-o, João não está surpreso mas não gostou.

— Na carteira está 3 mil para cada um, até ai tudo bem, caiu 3 mil com os descontos, mas houve uma transferência com a diferença dos descontos e mais 6 mil e pouco, a conta é dele.

— É muito dinheiro.

— Eu também achei, por isso eu nem mexi, deixei do jeito que está, queria sentar com você

PERIGOSAS ACHERON

para nós começarmos a pagar as contas atrasadas, seu pai fez a mudança?

— Sim, dois dias depois que você foi para casa da sua mãe—me lembro e pigarreio.— Poxa, 10 mil?

— Não vamos mexer Nanda, não é nosso dinheiro.

— Claro que não, eu só me espantei.

— E a Clara? Ela está bem?

— Sim, pergunta por você todos os dias, a Alice também, disse que você viajou por conta da empresa.

— Não quero mais ter que ficar brigando por esses assuntos, está bem? Vamos tentar conviver com o que temos, depois você conversa com o Kalel e decide o que será de vocês dois.

— Não queria que as coisas tivessem chegado nesse ponto, mas acho que o Kalel não está pronto para viver um relacionamento sério, nem comigo, nem conosco, nem com ninguém, ele não deveria ter ido embora como se não significasse nada para ele.

— Ele foi embora porque eu disse que iria embora, ele sabia que se ele ficasse aqui com você, pareceria que você havia escolhido ele e eu ficaria

em desvantagem.

— De todas as formas, foi errado.

— Está magoada por eu também ter ido?

— Você ainda teve a consideração de avisar, entendo que não é fácil para você, mas também não aprovo o fato de sumir por um mês.

— Tinha que tirar esse tempo para mim, sinto muito se ele não soube como te falar que iria embora, eu não pensei que ele iria mesmo, estava tão farto de toda a situação, porque me sinto traído sabe?

— Sim.

— É difícil aceitar que a sua mulher gosta de outro cara, ter ele dentro da sua casa, se sentir inútil, mesmo que no fundo eu tentasse aceitar tudo sabe? Isso é tão complexo.

— Eu sei João, mas ficar indo embora não resolve nada.

— Me ajudou muito, pensei em tudo com mais calma, por mais que estivesse tentado a voltar no dia seguinte, você e a Clara se tornaram parte de mim, do meu dia a dia.

— Eu não sei em que momento deixei isso acontecer, eu nunca me apaixonaria por ele.

— Ele tem muitas qualidades, temos que

PERIGOSAS NACIONAIS

reconhecer, mesmo que seja um porco maldito, Kalel parece se importar com seu bem estar, as vezes parece que ele só não sabe se expressar, ele também quer me ajudar a melhorar quanto a minha saúde, então acredito que ele goste mesmo de você, porém não posso afirmar que ele gosta de mim, acho impossível que algum dia eu e ele sejamos amigos, nós nos toleramos por sua causa.

— Você é tudo o que ele não é e eu amo isso em você João, e me apaixonei por ele porque ele é diferente de você, mas sei que isso não vai para frente.

— Só nos resta ele voltar para termos uma conversa definitiva.

Escuto o som da porta sendo aberta, mas não me viro.

No segundo seguinte João fecha o semblante por completo.

— E pelo visto não teremos que esperar muito por isso!

PERIGOSAS ACHERON



João respira fundo e eu também, continuo a beber meu café mesmo que eu ouça o som das malas sendo levadas para a sala, os passos apressados, ele me olha e estende a mão por cima da mesa, segura a minha mão e vejo a aliança dourada em seu dedo, a minha aliança.

Ele também não tirou, e mesmo que isso signifique apenas algo que oficializou nossa união, sei o quanto é importante para nós dois, em todos os sentidos.

— Eu vou fazer isso não apenas por você, mas por nós dois, eu decidi que vou te apoiar, se você também tentar entender o meu lado, e que não cruzaremos a linha mais sem que nós dois tenhamos certeza disso, está certo?

— Sim—afirmo e aperto seus dedos nos meus.— Eu também tentarei lidar com tudo da melhor forma.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me dá um pequeno sorriso, respiro fundo e percebo o cheiro de perfume forte e importado, Kalel se aproxima, mas ao aspirar o ar da fragrância intensa, meu estômago embrulha, solto a mão do João e saio correndo da cozinha, o vômito vem na garganta.

Comi bolacha e café, foi tudo o que consegui comer depois que o mal estar passou, João colocou pão de forma sob a mesa e requeijão, só que não consigo comer muito desde que ele foi embora.

Ele limpou o corredor, me apresso e corro até o banheiro da sala e me aproximo do vaso, só dá tempo de me ajoelhar, quando a tampa sobe, vomito tudo o que acabei de comer, e se já não era muita coisa, parece ainda pior.

Minha garganta queima enquanto coloco tudo pra fora, aperto minha barriga e fico fazendo ânsia até que não tenha mais nada, meu abdome se contrai, e minha garganta dói pelo esforço, tusso, meu coração parece que vai sair pela boca.

Tento respirar com o mal estar, depois de alguns segundos, sei que João está aqui, ele segura meus cabelos de novo e agora os prende com algo, ele toca as minhas costas, eu havia colocado uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa dele e um short, fecho a tampa e aperto a descarga me ergo ainda meio tonta e me sento no vaso de frente para ele.

Me sinto mole.

João me estende um pedaço de papel higiênico e segura as minhas faces, aperto os olhos e meus braços caem, é involuntário, é mais como uma fraqueza ou algo assim, começo a ver tudo colorido de novo, ele me estende os braços e me puxa, encosto a cabeça em seu ombro, ele passa a mão nas minhas costas.

— Calma!

— Minha pressão despencou demais!

— Esses últimos acontecimentos não estão te fazendo bem.

— Não, nenhum pouco.

Ele tira a camisa que eu vesti e a dobra, molha na pia e umedece meu pescoço, minhas faces, minha nuca, respiro fundo, e de novo até o mal estar passar, ele toca as minhas faces e me ergo ainda meio zonza.

— Nanda, você não está grávida, certo?

— Não!—respondo de imediato.— Não mesmo, eu tomei a pílula lembra?

— Mas sua menstruação veio esse mês?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, ainda não.

Ele me encara bastante sério.

— Acho melhor fazer um teste de gravidez de farmácia.

Me sinto temerosa.

— Hei, eu estou aqui—João fala de imediato.— Eu ficarei ao seu lado amor.

Sinto bastante confiança, mesmo que o medo me tome, tento dizer para eu mesma que não há a mínima possibilidade de eu estar grávida, os sintomas da gestação da Clara não pareceram tão cedo, minha menstruação não está atrasada, sem falar que eu fiz tudo certo.

— Algum problema por aqui?

— A Nanda passou mal.—João responde.

E o cheiro do perfume de novo, meu estômago embrulha.

— Sai do banheiro Kalel— falo sem olhar para ele.— Você fede.

— Como?—ouço o tom de voz chateada dele.

— Sai!—berro.

Escuto uns murmúrios e ele sai do banheiro fechando a porta atrás de si com tanta força que o barulho me assusta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou falar com ele—João avisa.—
Toma um banho.

— Não conta para ele ainda—peço nervosa.
— Por favor.

— Não vou dizer até termos certeza, vou
ligar na farmácia e pedir que tragam 3 diferentes.

—João, eu não quero que você se sinta mal
com isso.

— Eu não estou mal Nanda, eu sei o que eu
quero agora, e não vou abrir mão assim do que
quero por ciúmes ou medo, eu tentarei dar o meu
melhor para as coisas funcionarem.

— Me sinto quebradiça.

— Me desculpe por ter ido embora Nanda,
mas eu precisava disso.

— Eu não sei se precisava que houvesse ido
embora da forma que foi, mas com certeza, eu não
quero mais que você fique longe de mim por tanto
tempo, não quero o divórcio, me separo dele, mas
não de você.

— Mas o ama.

— São sentimentos diferentes, acho que só
me encantei com ele sabe? Kalel e eu não devemos
nos envolver mais, se ele ao menos gostasse de
mim ele não teria ido embora do jeito que foi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso a machucou muito?

— Me senti usada.

Começo a chorar.

— Me senti uma vagabunda, me arrependi de tudo, depois eu só queria não ter que vê-lo mais.

— Ele não merece que o ame.

— Eu sei que não, por isso eu decidi que é melhor ele ir embora de vez, mesmo que deixar a Alice ir junto me parta o coração.

— Pelo tanto que ele é folgado, duvido que não nos entregue ela e vá viajar com as mulheres dele.

Eu o encaro chorando, mas depois começo a querer rir, estendo os braços e o abraço.

— Vocês dois não vão sair do banheiro?— escuto Kalel perguntando do lado de fora do banheiro.— Preciso de um café.

— Retire o que eu disse sobre ele ser folgado, ele é mais que isso—João fala e começa a se afastar na cadeira.— Ele é um morcego!

Respiro fundo me levanto e dou descarga novamente no vaso, me aproximo da pia e lavo minhas faces, a boca, me olho no espelho, abatida, acima do peso e ainda por cima com medo das coisas que fiz darem algum resultado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Fernanda!

Ergo o olhar, e então, o reflexo no espelho, me deixa sem ar, Kalel Thurman está atrás de mim usando o mesmo terno caro, uma gravata escura, os cabelos penteados para trás, e o mesmo cheiro que me causa embrulho no estômago.

— Poderia trocar essa roupa?—pergunto incerta.

— Mas, eu acabei de tomar banho no hotel.

— Estava num hotel?

— Sim, cheguei ao Brasil a 3 dias, só estava esperando o John voltar para vir.

— Sei.

Desvio o olhar, ele se aproxima e vou para o lado sem falar nada.

— Vamos conversar, eu, você e o João.

— Sei que está chateada porque eu viajei.

— Você não se importa mesmo, então não faz diferença, melhor irmos conversar sobre sua ida de volta para os Estados Unidos, porque eu não quero mais você na minha casa.

—Fernanda...

— Não se aproxime—ordeno e saio do banheiro.— Não me toque, não se aproxime mais de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu tive que viajar.—ele retruca irritado.

— Eu imagino que tenha sido uma viagem muito importante, só que não importa, isso acaba hoje, eu não quero mais você na minha casa, eu não quero você perto de mim nem do meu marido.

— Isso é...

— Injusto?—pergunto e me viro para ele, mas mantenho distância.— Olha, aconteceu, tudo bem, mas acabou, eu não quero mais Kalel, eu não quero mais viver isso, estou destruída emocionalmente, você foi embora e me deixou um bilhete, se quer se importou com a sua própria filha, que tipo de pessoa você é?

— Adiantei a viagem para voltar a tempo, porque sei que semana que vem é o seu aniversário, queria estar aqui, se eu tivesse deixado para viajar depois, eu não teria arrumado tempo.

Cruzo os braços, isso não me convence, nenhum pouco.

— Eu precisava ir Fernanda, não poderia ficar, mas eu voltei e resolvi muitas coisas lá, eu quero propor algo a vocês.

— É mesmo? Não me diga! Vai querer o que? Que nós dois passemos a ir numa casa de swing com você? Olha, eu estou farta dessa

situação, meu casamento acabou desde que você apareceu na minha vida Kalel, minha saúde mental foi pelo ralo, você é um grande egoísta.

Me olha calado, isso o atinge.

—Eu estou cansada de tudo isso, eu só quero que você volte para sua vida, para suas amantes e seus casais e me esqueça, porque eu não aguento mais essa situação, foi um momento e já passou.

— Ouça, eu sei que eu não sou o melhor exemplo de cara, mas eu não gostaria que as coisas acabassem assim, eu não quero ter que ir embora sem vocês, eu já organizei uma casa para nós cinco, eu fiz planos para nós cinco, eu, você, o John e as meninas, por isso eu voltei para os Estados Unidos.

— Sei.—digo sem saber o que falar.

—Fernanda, eu gosto de você, eu não me importo que não consiga me amar, pode amar o seu marido, mas não pode me pedir para me afastar assim de você...

Não posso dar ouvidos a isso, não posso deixar que ele me convença com falsas esperanças.

— Eu acho que fiquei grávida!

Kalel respira fundo, as veias no pescoço dele saltam, ele passa as mãos na barba por fazer,

PERIGOSAS NACIONAIS

frouxa a gravata.

— Tudo bem—ele cospe as palavras com raiva.— Eu entendo, eu aceito.

— Aceita?—questiono boquiaberta.

— Sim, não me importo.

— É do João.

— Eu sei que é dele, ele é o seu marido, o que posso fazer?

— De todas as formas...

— Olha, não me manda ir embora está bem? Eu já tive um mês de merda, eu fiz de tudo para não vir antes, para me manter longe, por incrível que pareça, eu também tenho sentimentos, sou um homem que também tem carne e ossos Fernanda, eu não quero que se precipite.

— Eu pensei bem esse mês.

— Só ficou magoada porque eu fui embora sem avisar, e é compreensível, mas a situação entre eu e seu marido não estava boa, eu vi que se continuasse aqui, tudo viraria uma merda.

— Uma merda maior do que a que já estava?

— Sim.

— Você esteve com outras pessoas?

— Não, eu não estive, já disse, eu estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com vocês dois.

— Mas tem outros casais.

— Eu tinha outros casais, desde que eu vim pela segunda vez eu não tenho mais, eu estava nos Emirados Árabes à negócios Fernanda, eu fui aos Estados Unidos, comprei a casa e depois viajei nessas últimas três semanas.

— O que te faz pensar que eu e o João iremos?

— Bem, se vocês dois não forem, eu posso ficar, mas não vou me afastar mais de você.

Fecho a cara, não tenho mais argumentos, João está no outro canto da sala olhando pela janela em silêncio, não está bravo.

— Achei desnecessário que tenha depositado tanto dinheiro nas nossas contas.—João se pronuncia.

— É o justo, estavam cuidando da Alice— ele responde.— E onde ela está?

— Dormindo.—falo.

— Eu trouxe presentes para ela e Clara— Kalel me olha de cima abaixo.— Para você também, para o John.

E Pelas malas, não foram poucos, mas não sei se quero aceitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Fernanda...

—Kalel as vezes você faz muita merda, eu não quero construir nada com você na base de omissões e de deslizes, nem que isso magoe o meu esposo mais do que ele já está magoado, por isso eu acho que devemos parar aqui.

—Não podemos—ele replica nervoso.— Para de ficar falando isso, eu prometo que não irei mais fazer tantas coisas erradas, eu tive que viajar Fernanda.

— Eu não quero mais Kalel...

—Nanda, calma—João nos interrompe.— Vai tomar seu banho, você está nervosa.

— Estou cansada de vocês dois fazerem isso com os meus sentimentos—replico magoada.— Ou ficam ou vão embora de vez, e se for para ficarem brigando por ciúmes e disputa... Olha, estou cansada!

— Eu já entendi—João fala.— Eu já disse que por mim tudo bem, Kalel também não vai mais fazer isso, agora temos que manter a calma e fazer o exame de gravidez.

— Eu vou tomar banho.—aviso e limpo as faces.

— Volte para a cama—meu marido fala.—

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descanse, depois falamos sobre isso.

Não discordo.

Não adianta.

Estou muito nervosa e agitada.

Lhe dou as costas e volto para o quarto, Clara e Alice ainda dormem, vou para o banheiro sem fazer barulho, me dispo e entro embaixo do chuveiro frio.

É o melhor que posso fazer nesse momento.

PERIGOSAS ACHERON



— Melhorou?

— Um pouco.

Não olho na cara do outro, vou direto para a cozinha, mal quero acreditar que ele e o João estão na sala com as meninas e não trocam farpas, hoje foi um dia de merda, depois do banho fiquei com dor de cabeça, meu estômago embrulhando e moleza no corpo.

Acho que não é gravidez, eu acho que peguei dengue, porque sinto umas fraquezas estranhas no corpo, do nada.

— Mamãe—Alice chama toda contente.—
O papai chegou!

— Eu vi querida—digo e me inclino, beijo a cabecinha dela.— Você almoçou direitinho?

— Sim, o papai trouxe kits de cozinha para nós duas, bonecas, nós estamos brincando de médica agora—Alice está tão contente pelo pai ter
PERIGOSAS ACHERON

vindo que vibra.— Quer brincar conosco?

— Daqui a pouco a mamãe brinda meu amor.— Aviso.

Ela sorri, me beija a face e sai correndo para o rumo da sala, abro a geladeira, mas não consigo pensar em nada para comer, acho que já passa das 14:00, e eu ainda estou começando a me sentir tonta e bastante calafrio.

— Podemos conversar agora?—João se aproxima sem pressa.

— Eu não quero conversar—fecho a porta da geladeira.— Eu acho que estou com dengue, vou ao hospital.

—Dengue?—João fica preocupado.— Está com febre?

— Acho que sim—respondo incerta.— São os mesmos sintomas que eu senti quando tive da primeira vez.

— Vou pegar o termômetro—ele avisa.— Eu comprei os exames de gravidez.

— Acho que não estou grávida, meu corpo está começando a doer sabe? Ou é uma virose ou dengue.

— Senta aí—João indica a cadeira à mesa.— Vou fazer um chá, você se veste e te levo ao

médico.

— O que houve?—Kalel pergunta se aproximando.

Ai que ranço da cara dele Senhor!

— A Nanda acha que está com dengue, pega o termômetro naquela caixa em cima da geladeira?—João pede.

— Não se sente bem?—ele pergunta e pega a caixinha de primeiros socorros em cima da geladeira.

— Eu tenho cara de quem se sente bem Kalel?—me sento.— Minha cabeça está explodindo.

— Eu vou telefonar para o Said, pedir que ele venha e a leve ao médico—Kalel avisa.— Se quiser eu a acompanho, John fica com as meninas.

— É mais fácil—João responde colocando a chaleira no fogo.—Nanda, você está pálida, não comeu nada durante a manhã, acho que é dengue mesmo.

— Acho que sim, minhas pernas ficam dando fraqueza—concordo e me encosto na mesa.— Meus olhos estão começando a doer.

— Como se pega essa doença assim tão rápido?—Kalel mexe na caixinha todo nervoso.

— Água parada—João explica.— O clima não favorece e as pessoas não ajudam, na época de chuva sempre tem um que deixa pneu, vaso de plantas, ou até mesmo joga lixo em terrenos vagos, aí o mosquito nasce e sai infectando todo mundo.

— Até quem mora em apartamento?—Kalel está espantado.

Oh Senhor!

— Querido isso aqui é o Brasil—explico querendo rir.— Até os mosquitos encontram um jeito de te ferrar, não tem para onde fugir.

— Na América do Norte as coisas não são tão assim, nós temos alguns problemas também, mas a qualidade de vida é melhor—ele fala.— Quando temos infestações chamamos o controle de pestes.

— Queria chamar um dedetizador para acabar com a praga que anda sondando a minha vida—respondo e me encolho enfiando a cabeça no círculo entre meus braços.— Está tudo girando.

— Você leva ela, eu cuido das meninas—João aconselha.— Querida, consegue se vestir?

— Acho que sim—ergo a cabeça e tudo parece ainda piorar.— Ou não!

— Vou buscar um vestido para ela—João

PERIGOSAS NACIONAIS

avisa.— Tem um hospital aqui perto.

— Levo ela no meu hospital, pode ficar tranquilo—Kalel responde.— Vamos querida, tenta ficar de pé!

Não há tempo para raiva, bem queria descontar as frustrações nele, ele e o João merecem, mas não consigo nem levantar, fico zonga de novo, meu corpo não me obedece, quando tento me erguer minhas pernas tremem.

— Não consigo—respondo e fungo.— Minha pressão está caindo de novo.

— Calma—Kalel fala.

Depois do nada ele me ergue no colo, estou mole, aperto os olhos e me encolho tentando afastar o enjoo, esse perfume maldito...

— Troca de roupa, esse perfume fede—peço.

Kalel me coloca no sofá, sinto mãos pequenas e quentes me tocando a face, Clara.

— Tá dodói mamãe?—Clara pergunta.

— A mamãe vai ficar bem querida—aviso em português.— É dengue.

Ela me abraça, Alice também, estendo os braços e abraço ambas respirando fundo, beijo a cabecinha de cada uma delas.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou me trocar—Kalel avisa.—
Chamar o Said.

Me encolho e pego uma almofada, não tão bem quanto eu queria estar, não sei porque logo hoje fui passar mal, acho que meu estado emocional estava tão ferrado antes que não me permitia enxergar qualquer coisa que fosse.

De todas as formas, só quero poder ficar bem, ter forças e prosseguir, com ou sem Kalel por perto.



— Se sente melhor?

— Sim.

Acho que já anoiteceu.

Quando chegamos ao hospital eu estava tão tonta que mal soube como cheguei ao quarto, pela familiaridade do leito, já imagino que seja o Albert Einstein, ele é parecido com o que eu fiquei da outra vez, ainda que pareça maior, Kalel toca a minha cabeça, fico quieta, acordei a pouco, estou sendo monitorada por um aparelho e tem medicação na veia.

— O médico disse que suas plaquetas estão baixas—ele fala e continua a tocar minha cabeça.— E que o exame de sangue deu positivo para gravidez.

Não me movo.

Fico olhando fixamente para a poltrona ao lado da cama, não consigo me sentir nervosa,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também não tenho medo, mas a força do baque me deixa imóvel.

— Você está com dengue em estágio inicial e também está grávida, o exame de sangue deu positivo para gravidez.

Me encolho, Kalel toca a minha face e a segura, ele faz com que eu o fite, não está bravo, não está nervoso também.

— Eu não me importo, tudo bem se você estiver grávida.

— Tudo bem mesmo, porque é o meu corpo, não seu, e eu sou dona das minhas decisões e do meu corpo.

— Senti sua falta.

— É mesmo?

—Fernanda, para com isso, eu tive que viajar.

— Não foi porque tinha que viajar, foi a forma como você fez tudo, foi errado, você não se importa comigo Kalel, você só pensa em me levar para a cama como se eu fosse um objeto.

— Não é verdade—ele retruca.— Eu me importo com você, mas eu tinha que ir.

— E não quer mais ir?—questiono chateada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não sem você!

— Não sou um objeto inanimado que você pode deixar de lado, nem a Alice, você se quer telefonou para falar com sua própria filha.

— Eu não sabia o que falar, sabia que estava brava, você é tão difícil quando fica brava.

Sou mesmo.

— Só conseguia pensar em voltar logo, em você, em estarmos juntos de novo, você me faz querer ficar só com você Fernanda, em seu lar, mesmo que haja outra pessoa a quem você ame.

— É confortável para você ter alguém com quem pode transar...

— Não, não é só pelo sexo, eu gosto tanto de você, você não tem noção Fernanda, eu não quero mais ficar longe, eu prometo que vou ser um homem de verdade ao seu lado, cuidar de você e respeitar o seu marido.

— Isso não vai dar certo.

— Vai sim, nós seremos como uma família, como você disse, lembra?

Suspiro, não acredito muito nele.

— Você e o John estiveram juntos esses dias?

— Não, ele foi embora no dia seguinte a sua

PERIGOSAS ACHERON

ida.

— Ficou sozinha durante o mês todo?

— Não preciso que nenhum dos dois estejam comigo, eu sei me virar muito bem, querer e precisar são duas coisas diferentes.

— Queria que eu estivesse com você?

— Queria que fosse mais responsável.

Kalel não se afasta, se quer se abala com as minhas respostas.

— Quero algo sério com você!

— Acontece que eu já sou casada.

— Você não entendeu querida, eu quero me casar com você também, morar junto, estar com você e a Alice por mais tempo, entendo que Clara e John são sua família, mas eu também quero pertencer a uma família, que vocês sejam a minha família também.

— Não acha que pode viajar e quando voltar fingir que nada aconteceu certo? Falar coisas bonitas e achar que eu sou uma adolescente burra que vai cair na sua lábia.

— Queria que tudo isso fosse uma grande mentira, queria poder ter viajado e ter esquecido você, dormido com outras pessoas, mas eu se quer conseguia pensar em nada, fazer nada diferente,

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe porque Fernanda? Porque eu nunca me senti assim por ninguém, estou tentando fazer as coisas como devem ser feitas, as coisas certas, e quando eu volto, você fica me crucificando por tudo, aposto que com o John não foi assim.

— Ah mas o que é dele está muito bem guardado—respondo tentando não me deixar levar.
— Eu e ele estávamos conversando quando você chegou, ele precisava desse tempo para pensar, e ele me avisou que queria o tempo, você não, você sumiu!

— Quer que eu seja uma cópia do seu marido perfeito?

— Eu quero que você entenda que isso me machucou, pode até achar exagero e frescura, mas você não pediu para entrar na minha vida Kalel, e é injusto que você tome decisões sem me consultar, o João também, não precisavam ter ficado do jeito que estavam, mas eu merecia ter sido comunicada pelos dois.

— Sinto muito.

— Eu não sou uma qualquer, não sou uma pessoa sem sentimentos, meu lar é o meu porto seguro, e um relacionamento envolve coisas maiores que apenas sexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei querida, por isso eu comprei a casa, para nós morarmos, todos nós, uma casa grande e confortável, num bairro tranquilo, tem espaço parao John, para vocês trabalharem em casa, eu quero que vocês tenham conforto e uma vida melhor.

— Não me consultou.

— Era para ser surpresa.

— Acha que dar uma casa a alguém pode ser considerado uma surpresa?

— Quero te dar tudo o que posso, quero que você seja minha também e que compartilhe de tudo o que tenho, eu falei com o meu advogado, quero colocar você e o John num contrato, que os dois façam parte disso comigo.

— Contrato de que?

— União estável, nós três, como um casamento.

— Está me pedindo em casamento Kalel?

— Ainda não, mas estou pensando nas possibilidades, quero que vocês tenham direito a tudo o que tenho, sei que merecem, eu pensei em tantas coisas.

Não sei se devo acabar com a empolgação dele, Kalel me olha tão cheio de esperança, é a

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez desde que eu o conheci que eu o vejo assim, ele parece que vai chorar a qualquer momento, se eu falar outro não então...

— Vou conversar com ele Fernanda, ele tem que aceitar, o nosso relacionamento será sério, teremos uma casa e um lar para nossas filhas, eu aceito tudo o que vocês quiserem, só não me pede para ir embora, para ficar longe, porque eu posso não valer um centavo, mas eu gosto tanto de você, você não tem noção!

Ele se inclina e me abraça com cuidado, respiro fundo e passo o braço envolta dele, meu coração apertado, pequeno.

— Você é tudo o que tenho Fernanda, por favor, não me tira da sua vida também.

Faço que sim com a cabeça, prendo o choro, ficamos abraçados por momentos, depois de alguns momentos, escuto o som da porta da sala sendo aberta.

— Com licença—fala a enfermeira.— Hora da medicação.

Kalel sai de cima da cama e fica em pé ao meu lado, ele segura a minha mão e entrelaça os dedos nos meus.

— Faremos isso juntos—ele determina.—

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós três.

Nós Três!

PERIGOSAS ACHERON



— Oi amor, como foi lá? O Kalel disse que está com dengue.

— Foi bom, tomei soro, fiquei em observação a noite toda, e ganhei alta hoje cedo.

— Já providenciei os remédios.—Kalel fala.

Procuro um canto na cama, eu mal entrei no apartamento e a Clara já veio correndo para cima de mim, Alice, ambas com os olhinhos cheios de ansiedade, eu as abracei, um pouco melhor do que ontem, ao menos meu corpo não dói tanto.

— Ela ficará bem John—Kalel fala e se senta na cama.— Só está fraca, mas logo vai se recuperando, o médico disse que se ela beber o soro e bastante água se recupera rápido.

João se aproxima da cama, fico de lado e quando ele me olha, sei que já sabe da gravidez,

não sei o que falar, não sei se devo falar alguma coisa, estou cansada, meu corpo todo dolorido e com dor na cabeça, porém hoje não vomitei, não estou com febre também, se eu estivesse o médico nem teria me dado alta, por conta da gravidez.

Colocaria em risco a vida do feto.

Ele me olha e me olha, e Kalel fica me olhando também, ambos calados, a situação não é desconfortável, pela primeira vez desde que tudo começou parece que estamos perto de um pouco de paz.

João solta a minha mão e toca meu ventre devagar, ele sorri feito um grande idiota, sinto vontade de chorar.

— Ele ou ela será bem-vindo —ele diz.

— Assim fica até difícil te odiar.—Kalel replica desanimado.

— Você não ficaria feliz em saber que seria pai?—pergunta meu marido.

— Eu teria um AVC—Kalel estende a mão e toca a minha.— Nada contra querida.

— Tudo bem—concordo que eu também não iria querer estar grávida dele.— Eu só não entendi o que aconteceu.

— Não importa como aconteceu—retruca

PERIGOSAS NACIONAIS

Kalel.— Tudo bem se estiver grávida, você se importa John?

— Não, quer dizer, as contas vão apertar, mas um filho sempre é bem-vindo .

— Viu? Ele não se importa, agora esqueça os problemas e tente descansar.

—eu não quero briga dentro da minha casa, nem ciúmes, nem disputas—aviso.— E da próxima vez que os dois decidirem ir embora, não é pra voltar, nenhum dos dois.

— Eu não vou embora.—Kalel garante.

— Nem eu—João se inclina e beija a minha barriga.— Acho que sua mãe não vai gostar da notícia.

— Ela não tem que gostar—Kalel retruca.
— Não precisamos de ninguém para nada, vocês estão empregados e não vão passar dificuldades morando comigo.

Obrigada, de nada!

— Não moraremos com você, moraremos nós todos juntos—João corrige.— E espere até você conhecer aquela bruxa para ver se vai conseguir usar esse tom de voz com ela.

Fecho a cara para o João, ele dá de ombros, sabemos bem o quanto mamãe é difícil.

PERIGOSAS ACHERON

— Esse é outro assunto que quero conversar com vocês—Kalel está reflexivo.— Quero saber se manteremos nosso casamento oculto de nossas famílias.

— Nosso casamento?—João está surpreso.

— É, eu pensei em pedir vocês dois em casamento, fazer um contrato de união estável.— ele me olha suplicante.

—Kalel quer que nós mudemos para o Estados Unidos com ele, para morarmos juntos nós cinco—suspiro.— Ele quer que tenhamos uma relação de poli amor.

João fica calado, já sei que ele não quer, mas não vai falar de imediato porque eu não estou bem.

— É uma decisão muito séria a se tomar, eu sei—Kalel se aproxima de nós dois.— Mas terão mais oportunidades lá, uma vida melhor para vocês e a Clara, eu pago uma boa escola para ela, ela terá uma boa educação.

— Simples assim?—João respira fundo.— Olha Kalel, para começar, temos família aqui, uma vida juntos.

— Este país não está oferecendo nada a vocês, tem passado dificuldades, vocês não tem

PERIGOSAS NACIONAIS

uma casa, um automóvel, sei que não é impossível que consigam as coisas aqui, os dois são honestos, e não é isso o que estou colocando em debate, eu só quero poder ter a Fernanda perto de mim, e sei que aqui não será tão fácil de eu ver ela.

— Você está falando mesmo sério?

— Sim John.

— Ele disse que comprou uma casa—puxo os cobertores.— Porque vocês dois não vão conversar na sala? Estou com dor de cabeça!

— Está bem.—Kalel se levanta.

— De acordo—João diz.— Depois conversamos com você.

— Tá—bocejo.

Ele me dá um beijo na cabeça, Kalel se aproxima e me beija a testa, depois os dois saem do quarto sem falar se quer um “a”, fecho os olhos, cansada, agora doente e grávida, ainda com problemas, mas não posso mudar nada de uma hora para a outra.

Espero que ambos conversem sem brigar.

PERIGOSAS ACHERON



— Vamos querida, tem que sair dessa cama e comer.

— Eu não quero, Sai!

Acho que vomitei meio mundo ontem a noite.

Eu só queria ter forças para ir ao banheiro, mas foi uma verdadeira prova de paciência, parecia que eu estava de ressaca, ia ao banheiro, vomitava tudo o que havia bebido e voltava para a cama, ontem eu dormi no canto do Kael e ele dormiu na sala, mas não sentia que era por conta de rixa ou briga, era só que seria complicado ele dormir na cama conosco comigo passando mal a cada meia hora.

João acordou várias vezes e tentou me ajudar, mas não adiantou muito, tomei 3 banhos frios pela madrugada e tentei beber água, o soro, tudo ficou em garrafinhas em cima do criado, mas não adiantou muito, era beber e colocar para fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Fernanda!

—Kalel me deixa aqui, por favor, estou com dor de cabeça.

— Você tem que comer alguma coisa.

— Cadê o João?

— Está dando almoço para as meninas, ele fez sopa para você.

— Sei que não vou conseguir comer.

— Ao menos tem que tentar, vamos, sente-se.

Me ergo devagar, tento ignorar a tontura, estou nua, não teve jeito, também tive uma crise de diarreia quando estava amanhecendo, não é tão legal na vida real adoecer, nem tão fácil, depois disso capotei, acordei agora com ele me chamando.

— Não sente calor querida? Hoje o dia está quente!

Kalel usa uma calça de malha azul escura e uma camisa leve de cor branca, ele não parece se quer envergonhado das tatuagens em seus braços, no peito, está descalço, gostaria de ver ele mais vezes assim, com a barba para fazer, próximo de alguém normal, muito, muito bonito, mas normal.

— Sopa de frango.—ele fala exibindo o prato com canja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Canja—falo em português e faço uma careta.— Argh!

— Vamos, no hospital se você não comer— ele retruca.— Essa sopa está de acordo com a dieta que o médico passou, John teve muito trabalho para fazer, Said foi até o mercado e comprou uma pobre galinha degolada.

— Muito engraçado.— respondo chateada.

— Você é muito rabugenta quando está doente.

— E quando eu estou com sono também.

— Agora vamos, abra a boquinha minha querida.

— Eu não sou sua querida Kalel!

Ele ergue a colher e mantém o prato em cima de um travesseiro, abro a boca a contra gosto, a canja está morna e um pouquinho salgada, o gosto não é tão ruim, mesmo assim meu estômago já fica agitado.

— A Alice gosta de uma série que se chama A Seleção, você já ouviu falar?

— Não, mas eu vi nas malas dela alguns livros com esse título, guardei no guarda-roupas , é literatura juvenil.

— Ela está muito acima das meninas da sala

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dela, a professora dela disse que ela é uma menina um pouco mais evoluída, ela gosta de livros de fantasia e ficção, ela me fez ler essa série inteira por várias vezes, releio em minhas viagens.

—Alice é uma criança bondosa e doce, merece todo amor e carinho.

— A personagem principal se chama América, e ela fala isso para o príncipe Maxon, “*eu não sou sua querida*”, sempre que ele a chama de minha querida.

— Ela é esperta—digo e aceito outra colherada.— Príncipes, quem precisa deles tendo um vade mecum?

Ele sorri, a coisa mais linda que eu vi desde que conheci, quando Kalel sorri de verdade, quando é espontâneo.

— Aprecio sua inteligência—ele fala.— Você é uma mulher forte e decidida.

— Desde que você apareceu não consigo mais ser assim.

— Mas deve, sei que eu mexi com sua família, sua vida, mas as coisas vão melhorar um pouco.

— O que conversaram? Ele aceitou?

— Você aceita?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é uma decisão para se tomar sozinha.

— Ele não quer ir—fala desanimado.— O John tem medo de que eu machuque você.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Quantas desejar.

— Se eu dissesse que amo você, o que você diria?

— Que também te amo!

Ele mexe a canja com vagareza e me estende outra colher com o líquido morno, aceito, eu o fito ouvindo o som do meu coração bater tão forte que meu peito pula.

— Eu nunca amei ninguém, não faz muito meu tipo.

— Eu sei.

— Mas, seria uma hipótese?

Não sei se devo continuar o assunto, e se for cedo? E se ele estiver falando isso só para me convencer a ir com ele? Melhor não!

— Como entrou no mundo das casas de swing?

— Quer mesmo que eu conte essa história querida? Talvez não goste!

— Seria um bom começo—respondo.—

PERIGOSAS ACHERON

Saber a verdade sobre o homem por quem me apaixonei.

— Quando eu tinha 19 anos conheci um amigo que me levou a uma casa de swing na Espanha, comecei a me relacionar com pessoas que frequentam também, desde então é algo que eu faço com frequência.

— E... As suas mulheres?—pergunto.— Elas aceitam assim numa boa?

— Sim, aceitavam, eu terminei tudo com elas a alguns meses, quando voltei para o Brasil eu sabia que não era certo, então eu as dispensei.

— Simples assim?

— Não havia sentimentos, era só sexo.

— E com os casais também?

— Sim, dentro da casa de swing tínhamos relações, fora, não passávamos de estranhos.

Aceito outra colherada de canja, não estou surpresa com as respostas, já sabia que ele tinha essa vida, só que ele fala de um jeito tão indiferente ao se referir as amantes, aos casais.

— Gostava de me divertir, de dividir, de ter a sensação de posse e desprendimento, eu era daquelas pessoas durante o sexo e elas eram minhas, mas fora dali, não éramos nada uns dos

PERIGOSAS NACIONAIS

outros.

— Você não sentia ciúmes das garotas com quem saia?

— Não.

— E sente de mim?

— É diferente.

— Porque?

— Porque você não é como elas.

— Sabia que isso é preconceituoso da sua parte, não é? Machista...

— Eu nunca amei nenhuma delas, por isso você é diferente delas, não consigo pensar em nenhum outro homem além do John colocando as mãos em você, somente ele e eu, você pertence a nós dois, de corpo, de alma, de todas as formas.

— Como um objeto.

— Como a mulher que eu aprendi a respeitar, a querer por perto, a admirar, a gostar!

Kalel olha para a sopa.

— Sabe Fernanda, eu tentei mesmo, juro, me afastar de vocês, eu não queria que nada disso acontecesse...

— Você também se apaixonou por mim?

— Acho que mais do que deveria, eu acho que eu amo você Fernanda, mesmo que eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deva, mesmo que você nunca aprenda a me amar.

— Amor é algo sério!

— Você acha que eu gosto disso? Nunca gostei de ninguém como gosto de você, você é tão valiosa para mim, se eu pudesse eu a roubaria só para mim, é péssimo me ver nessa situação, você é a primeira mulher que eu não quero dividir com ninguém, mas amo tanto que posso dividi-la com o seu marido.

— Tem medo dos sentimentos Kalel?

— Tenho medo de te perder.

— Eu me assustei com tudo, você traz tantas coisas que nunca vivi para meus dias, eu gosto de estar com você, eu te quero por perto, só que é difícil.

— Eu sei querida, depois que eu te conheci eu decidi mudar minha vida, a vida da Alice, você poderia ao menos tentar estar perto de mim?

— Acabei de falar que não quero estar longe Kalel.

— Então converse com o John sim? Eu estou a beira do desespero.

— Converso Kalel, mas você tem que mudar suas atitudes, não seria mais solteiro, nem sua vida seria a mesma, e não haveria tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

determinado para isso, eu sou uma mulher com defeitos, crises, com problemas, e imagino que nunca conviveu tempo suficiente com alguém para presenciar isso.

— Quero viver com você querida, eu posso falar o quanto a amo? Demonstrar? Eu quero usar alianças também, quero te apresentar a minha família como minha.

—Kalel é um grande passo.

— Eu quero dar ao seu lado.

— Ao nosso lado, tem o João, a Clara e a Alice também.

— Sim, ao lado de vocês.

Ele está tão nervoso, estendo a mão e toco sua face.

— Eu também te amo—digo sincera.— e se te conforta é a coisa mais estranha que me aconteceu na vida.

— Me ama?

— Amo—repito.— Seu imoral!

Ele sorri, se inclina e me beija, percebo que ele treme um pouco, estende o prato e coloca no criado, depois me beija e toca as minhas faces, meus ombros, enquanto nos beijamos sinto a quentura de suas lágrimas, ele está chorando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Te amo—ele diz de novo.— Faço qualquer coisa por você, tudo o que quiser.

— Então apenas aceite as coisas e tenha calma—peço incerta.— Agora com outro bebê tudo ficará ainda mais complicado.

— Fiquei enciumado porque o John ficou feliz, eu o invejo nisso, não sei se ficaria feliz em ter outro filho.

— Sofreu muito por conta da mãe da Alice?

— Sim, foi um inferno.

— Pois se eu tivesse um filho seu, você se sentiria muito feliz, porque eu o amaria tanto quanto te amo seu ingrato.

Kalel me beija.

— Eu amo você Kalel Thurman, não tenha medo, eu nunca irei te afastar de mim, nem do meu coração.

— Nem pelo John?

— Por ninguém!

Eu prometo.

PERIGOSAS ACHERON



— Não... Não... Você não pode colocar tanto sal na salada!

— Mas, eu coloquei o que você falou para eu colocar John.

— Você não colocou!

— Coloquei sim!

— Não colocou, colocou quase metade de uma colher, quer matá-la de pressão alta?

Escuto as risadas de Clara e Alice, fico parada perto da mesa vendo os dois perto do fogão, João mexendo nas panelas, e ao seu lado, Kalel temperando a salada.

— Eu não tenho jeito com essas coisas— Kalel pragueja.— Não sei como ela te suporta.

— Se ela suporta você, pode suportar qualquer um.—João replica.

Eles são tão diferentes, não só fisicamente, mas também no jeito de se mover, de falar, são

PERIGOSAS ACHERON

como água e óleo, vinho e água, e muitas coisas que não se misturam e são distintas, Kalel é alto, tem um físico impressionante e chama atenção por onde passa, o João é franzino, está nessa cadeira, mas sei que qualquer mulher se sentiria encantada por ele, ele é bonito, na verdade ele é muito bonito, para mim não fica em desvantagem alguma perto do Kalel, as feições dele são mais finas, traços bonitos, Kalel é... O Kalel.

— Insuportável.—Kalel reclama irritado.

— Arrogante.—João responde.

— Se vocês dois preferirem brigar lá de fora, é melhor.—aviso e me aproximo.

Ambos olham para trás, tento sorrir, mas sei que mais pareço um espantalho pálido, demorei um pouco para sair da cama, ainda estou com dor de cabeça e detestando a claridade, contudo, estou melhor do que estava mais cedo.

— Estamos preparando o jantar.—Kalel se aproxima e puxa a cadeira para que eu me sente à mesa.

— Obrigada.—me sento devagar, as juntas também doem.

—John está preparando arroz para você com caldo de carne—Kalel se inclina e me beija.—

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo bem?

— Sim, bem, mais ou menos, ainda me sinto fraca e enjoada—toco sua face.— E por aqui?

— Tudo bem—ele se afasta e volta para perto do fogão.—Alice, porque não mostra para a Fernanda seus desenhos?

— Eu vou buscar.—Alice sai correndo pro rumo da sala toda sorridente.

João se aproxima na cadeira e me beija também, Clara fica olhando para nós dois toda sorridente.

— Beija os dois papais—Clara diz contente — Papai 1—aponta para João— E papai 2.—indica Kalel.

Sinto vergonha, João acha graça, Kalel está confuso.

— O que ela disse?—pergunta Kalel curioso.

— Ela te chamou de papai, trouxe—João a pega no colo.— E mexe essa carne aí para mim.

— Formidável—Kalel me olha.— Viu? Ela gosta de mim!

— Só sendo mesmo—suspiro e toco a minha barriga.— Amor, eu acho que não quero comer, eu estou enjoada!

PERIGOSAS ACHERON

— Querida, você tem que comer—João insiste.— O nosso neném precisa de papa.

— Será que um dia eu vou falar igual a um mongoloide também?—Kalel pergunta achando graça.—“*Papa*”.

— Você não é paterno—João replica.— Eu nem sei como a Alice te chama de papai.

— Vocês dois têm que parar de ficar discutindo.—repreendo.

— Olha mamãe—Alice coloca o caderno de desenhos sobre a mesa.— Eu fiz um desenho da nossa família.

Ela indica os desenhos dela e Clara, duas meninas de cabelos compridos, um boneco da cabeça grande segurando uma mala mal feita na mão, e um boneco sentado num banco ao lado de outra boneca de mãos dadas, ao lado do desenho árvores e uma casa toda cor-de-rosa .

— Que coisa mais linda meu amor—digo e beijo a cabeça dela.— Eu amei esse desenho.

— Obrigada—ela sorri abertamente.— Eu posso chamar o tio John de papai?

— Não—Kalel diz.

— Pode sim—respondo.— O João ficará muito feliz, não é amor?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro—ele a olha com cara de choro.—
Eu ficaria mesmo muito feliz querida.

— Vocês dois são sempre tão chorões?—
Kalel pergunta.

— Cala-a-boca.—replicamos eu e João
juntos.

Alice ri, me abraça e depois abraça João
toda feliz, se senta à mesa.

— Acho que essa carne já está boa John—
Kalel avisa.

Sei que ele não é bom nessa coisa de ter um
lar, uma família, gostaria de saber como é a vida
dele nos Estados Unidos, sua relação com os pais,
saber muitas coisas sobre ele.

João lava as mãos e vai depressa para o
fogão, ele já tem mais jeito com isso, Kalel abre as
portas dos armários e pega os pratos do jantar, abre
todas as gavetas até achar os talheres, sei que ele
está se esforçando bastante para as coisas darem
certo.

Ele me ama.

João me ama.

E eu os amo, amo Clara e Alice, e não sei se
vale apenas ficar pensando em coisas negativas
nesse momento, o que importa mesmo é que nos

PERIGOSAS ACHERON

amamos, que amamos nossas filhas, e que formaremos uma família.

Ponto.



— Se sente melhor depois do jantar?

Faço que sim com a cabeça, me aconchego ao João e o abraço puxando o braço do Kalel, ele mexe no celular.

— Deixa isso aí—ordeno.— É hora de vermos o jornal e depois a novela.

—Marcas de Um Desejo—João fala e suspira.— Você acompanhou?

— Acompanhei—faço cara feia.

— Vocês assistem novelas?—Kalel indaga.

— Sim, a última não estávamos gostando, aí abandonamos, essa agora que começou é muito melhor.

João é noveleiro desde a adolescência, a mãe dele é doente pelas novelas do Manoel Carlos e da Glória Peres, ele gosta de programas de culinária e ele sabe muitas coisas das quais eu não sei sobre atualidade, é isso o que anos em casa sendo sustentado pelo papai e pela mamãe fizeram com ele durante toda a época da adolescência e da

PERIGOSAS NACIONAIS

faculdade, os outros casais iam ao cinema, viajavam muito, eu e o João estávamos com uma bacia de pipoca na sala da casa dos pais dele com a velha do lado esperando Paola Bracho dar o ar da graça, na verdade acho que ele sempre gostou, eu já o vi deixar o vídeo game de lado para ir discutir novela, eu não gosto muito, mas acabo assistindo com ele.

— Novela é coisa de mulher—Kalel protesta.

— Pois então meu amigo, eu quero morrer mulher—João fala e me lança um olhar cheio de malícia.

Coro.

Teve uma vez que estávamos vendo a novela e ele me pegou desprevenida, foi bem numa dessas que a gente fez a Clara... Inesquecível!

— Não precisa ter medo de parecer menos homem Kalel, quando a gente se casa, aprende a saber dividir tudo com a esposa, até a tv, eu também gosto de jornal, futebol, filmes de grande bilheteria da MARVEL—João enfatiza— E isso não diminuiu a minha masculinidade.

— Ele pinta as minhas unhas dos pés as vezes—confesso admirada.— Tão fofo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá, tá—Kalel faz cara feia.— Não querem que eu saia para ficarem se adulando pelas minhas costas?

— Não—aperto o braço dele.— Vem aqui, eu quero vocês dois juntinhos de mim, estou dodói.

João se encosta nos travesseiros e passa o braço envolta de mim, começa a me fazer carícia nos cabelos, tomei um banho depois do jantar, eles também, João colocou as meninas na cama e Kalel teve que atender algumas ligações.

Fecho os olhos, puxo os cobertores e começo a cochilar.

— Como é estar casado a tanto tempo com a mesma mulher e nunca enjoar?—Kalel pergunta baixinho.

Opa.

— A Nanda é uma garota muito especial sabe? Ela esteve comigo durante todo o processo, ela me ama e me aceita como eu sou.

— Mas, você não pensa em transar com outras mulheres?

— Ela sempre me deu tudo o que eu queria, então não, mas se a sua pergunta é sobre o fato dela ter se acomodado um pouco em relação a aparência, sim, já vi muitas outras mulheres bonitas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e mais vaidosas, mas sei lá, me acostumei com o jeito da Nanda.

— Ela é uma mulher valorosa.

— Você a ama não é mesmo?

— Bem, claro, acho que ela é a mulher com quem quero ficar por um bom tempo.

— Não existe bom tempo nesse casamento Kalel, existe tempo indeterminado.

— Me desculpe, é que eu sou novo nessa coisa.

A mão dele toca o meu ventre devagar, não me movo.

— Sei que a ama, ela também te ama John, ela disse para eu ir embora para ficar com você, quis jogar tudo para o alto por sua causa, mas eu sei que não conseguiria ficar longe dela, porque ela é a mulher que me deixa feliz sabe? Me faz querer estar com alguém que seja algo além de uma transa.

— A Nanda é uma mulher muito forte, meus pais não gostam dela por conta disso, minha mãe sempre foi muito omissa as vontades do meu pai, largou a carreira para se dedicar a mim e a minha irmã, só que a Nanda se recusou a parar de trabalhar, ela não queria ser sustentada por ninguém, então abrimos nosso consultório.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho três irmãos, nenhum dos três souberam administrar o dinheiro que meu pai lhes deu para fazer a vida, meu pai trabalhou na bolsa por anos, minha mãe era dona de uma rede de restaurantes, eles juntaram as fortunas e conseguiram montar um negócio próprio.

— Seus pais sabem da casa de swing?

— Sabem, mas fingem que não, meu pai já me seguiu até uma certa vez, me deu uns socos na cara sabe, me chamou de vagabundo, não me dou bem com eles, meu pai batia muito na minha mãe quando eu e os meus irmãos éramos crianças, ele era abusivo demais, crescemos vendo eles brigando, depois que eu fui pra faculdade me afastei mais deles.

— Meu pai sempre respeitou a minha mãe.

— O meu não—Kalel faz um pequeno silêncio.— Não que eu seja um coitado, mas minha família é complicada, eles brigam por dinheiro o tempo todo, meus irmãos têm inveja do que eu consegui construir, meu próprio pai vive passando na minha cara a minha vida vergonhosa por trás das minhas noites nas casas noturnas que eu frequento, mas, no fundo, no fundo, são todos hipócritas.

— Minha irmã me adora, mas ela nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vem me visitar.

— Ao menos ela te adora, e os meus que já tentaram me matar uma vez?

— Que?

Nossa.

— Pois é, mandaram cortar os freios do meu carro, Nick deu um jeito neles, ele é meu primo e também meu melhor amigo de infância, o safado mandou que os caras dele dessem um susto nos meus irmãos.

— Seus irmãos já tentaram te matar?

— Muitas pessoas da minha família já tentaram me matar.

— Porque?

— Porque eu sou um Baltazar!

Bal o que?

— Seu sobrenome não é Thurman?

— Ah John, você não sabe mesmo nada sobre mim, não é verdade?

Como assim?

PERIGOSAS ACHERON



Acordo.

Kalel está me apertando por trás enquanto João me segura pelo pescoço, não me movo, fico quietinha porque não quero acordar nenhum dos dois, meu corpo também não deixa, estou dolorida, não abro os olhos, a claridade incomoda um pouco.

João se move devagar e se estica, depois ele puxa os cobertores e me beija na cabeça ainda dormindo, sorrio, beijo seu peito.

— Porque vocês dois estão fingindo que estão dormindo?—escuto Kalel perguntar.

— Porque adoramos.—João responde quase num sussurro.

Me viro e deito de costas na cama, quero ficar aqui quieta, meu corpo todo só pede cama, Kalel se inclina e coloca um beijo quente nos meus lábios, ele enfia a mão dentro da minha calça do pijama e me toca por baixo da calcinha com naturalidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia querida.—ele fala logo que deixa os meus lábios, mas não para de me tocar.

— Bom dia.—digo com preguiça.

É bom que me toque, gosto do contato, toco sua face, de repente vejo o quanto quero ele por perto, sua importância em minha vida, senti falta dele durante o mês.

— Te amo—digo sincera.

Seus olhos me fitam de forma intensa, ele coloca outro beijo nos meus lábios, algo lento, carinhoso.

— Eu te amo querida—ele balbucia.—
Você é tão importante para mim.

— Senti sua falta Kalel, do João, eu quero vocês dois comigo sempre—afirmo.— Eu amo cada um a sua forma.

— Eu não sei descrever o quanto é importante para mim Fernanda, você me fez tanta falta.

— Fiz?

— Sim, muita.

Ele me puxa e eu o abraço, ganho um beijo cheio de gentileza na testa e ficamos assim por momentos extensos, gosto disso, meu coração se aquece, se enche de novos sentimentos, esperança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não disse? Trouxe presentes para você, estão no quarto da Clara nas minhas malas.

— Não precisava.

— Claro que precisava, eu espero que não me entenda mal, pois eu trouxe tudo com a intenção de fazer você se sentir bem.

— O que é?

— Maquiagens, joias, quero que use para mim.

— Bem, eu tenho umas maquiagens ali no meu guarda-roupas. ..

— Essas são boas, eu comprei tudo orientado pela minha secretária, trouxe celulares, para você e John, dos Estados Unidos, espero que não rejeitem, os celulares são muito bons.

—Kalel não queremos presentes...

— Eu sei, mas tenho o hábito de dar presentes sempre que viajo.

— Como vai ser lá na América se formos? Sua família saberia do João?

— Ainda não sei sobre meus pais, prefiro não pensar neles, e os seus? Os pais do John?

— Melhor eles nem saberem, acho que é bom mantermos entre nós mesmo.

— Agora com a sua gravidez querida, as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas talvez sejam mal interpretadas por todos da sua família.

— Sim, mas nem por isso, meus pais são conservadores.

— Acho que para os meus pais não importa, eles não ligam para mim.

— Então, seremos apenas nós por nossa família meu... Meu...

— Pode falar—ele diz começa a sorrir.—
Me chama de meu amor.

— Meu amor—repito e o abraço.—Te amo
meu amor.

Me sinto boboca.

Sei que sou, iludida até, mas estou tão feliz.

Não sei explicar.

Apenas o amo.

PERIGOSAS ACHERON



— Os exames de sangue saíram, eu imprimi
—Kalel coloca os papéis sob a mesa.— Estão todos normais, os de nós três, apenas o John que está com um pouco anêmico.

— Eu já havia falado com a médica, ela disse que eu preciso fazer exercícios.

— Ótimo, que tal nadar? O personal vem amanhã, agora é sério John, temos que pegar uns pesos, fazer abdominal.

— É?

João faz cara de deboche, Kalel está mexendo na geladeira, acho que quer fazer um suco, lhe dou uma cotovelada, ele revira os olhos, depois sorri e me puxa para seu colo, me aperta, eu o beijo, sua mão toca meu ventre, fico toda boba nesse aspecto.

— Melhorou mais dos enjoos?

— Sim.

— E está tomando o soro?

— E muita água, só estou meio baqueada sabe? Ainda não acredito que estou grávida.

— É bom que você faça algum exercício também.—Kalel coloca um saco de pão integral sobre a mesa e queijo.

— Eu vou ver se nado na piscina do condomínio pela tarde—suspiro, me encosto no João.— Queria tanto voltar a minha época da faculdade, eu pesava 57 quilos.

— Não é impossível—garante ele nos olhando.— Vocês dois precisam se cuidar mais, parecem aqueles velhos de 70 anos sem disposição para nada.

— Se trabalhar igual a uma condenada por mais de 15 anos, ser casada, mãe, dona de casa, e mulher é ser uma idosa, eu sou.—respondo, mas não estou chateada.

— Infelizmente eu tenho que me exercitar mais mesmo, recomendações médicas—João fala.

Toco seus cabelos afastando-os para trás.

— Queria ter cabelos assim.—falo.

— Querida seus cabelos são lindos—Kalel fala.— Para com isso!

— Vem aqui—indico a cadeira ao lado, onde eu estava sentada.— Eu faço o café, fica

conosco meu amor.

Ele esconde um sorriso, se senta ao nosso lado, me inclino e o abraço.

— Te amo Kalel, mas as vezes você é tão chato.

— Sou mesmo, cobro muito das pessoas com quem eu convivo.

— Não cobre tanto.

— Não há nada na face da terra que não possa ser melhorado.

— Você tem que ser melhorado—João me abraça por trás.— Faz um sanduíche para mim, por favor, por favor, por favor!

— Tá—respondo e levanto—hoje eu estou mais disposta, ainda sinto um pouco de dor nas juntas, minha virilhas dói, meus braços doem, mas dá para sobreviver.

—John, eu consegui um bom treinador de judô aqui, quer praticar comigo?—Kalel questiona.
— Faço todas as quartas e sextas.

— Ele daria aula para alguém como eu?

— Sim, já conversei com ele, é ex professor da equipe paraolímpica daqui do Brasil, mas ele também dá aulas para pessoas sem deficiência.

— Legal—João esconde sua felicidade por

trás da proposta.— Eu preciso comprar alguma roupa?

— Eu te empresto um dos meus Kimônos, acho que não vai ficar tão grande, damos um jeito.

— Você gosta de praticar esportes não é mesmo?

Começo a colocar a mesa, sei que o João até nega, mas se interessa mais em conversar com o Kalel, coisa que eu nunca vi da parte dele, claro, Já está acostumado com esse tipo de coisa.

— Sim, eu sou um rato de academia quando não estou viajando, quando eu viajo, eu corro, gosto da adrenalina.

— Já fiz muita trilha com a Nanda, eu também já escalei por muito tempo, mas sem dinheiro e sem pernas, as coisas são difíceis.

— Vocês fizeram um mal investimento?

— Quando eu sofri o acidente a Nanda vendeu tudo para ir pagando as despesas das cirurgias, muitas delas na época não tinha pelo SUS, por incrível que pareça já fomos até bem de vida.

— Quando nos casamos o pai do João deu um dinheiro para ele montar o próprio negócio, porque eu queria continuar trabalhando, então

PERIGOSAS NACIONAIS

montamos o escritório, ficava no centro, nós tínhamos uma sala comercial e atendíamos em horário comercial, tínhamos alguns funcionários, o lugar era muito bom e tínhamos muitos clientes—lembro.— Eu amava aquele lugar, mas eu sempre amei mais o João.

— Eu não teria trocado nada por ele—Kalel fala montando o próprio sanduíche.

— Você não vale nem o sanduíche que come—replica João.

Começo a fazer o café.

— Pensei em viajarmos para algum lugar depois que assinarmos os papéis—Kalel refletiu.— Que tal Ilhas Maldivas?

UAU!

— Bem, eu não sei, ainda não discutimos nem sobre o trocado que você deixou na nossa conta—João responde.— Por falar nisso, eu fiz uma transferência de volta, da conta da Nanda também.

— Vocês dividem as senhas de banco?

— Temos contas conjuntas, ela administra a casa, nada mais justo que ela cuide do nosso dinheiro, se hoje não estamos na miséria é porque ela cuida de tudo da melhor forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho um contador.

— Quem precisa de um contador casado com uma advogada?

Sorrio de costas para os dois, é muito tempo, nesse sentido, nós dois nunca tivemos problemas.

— Quando nós estivermos na nossa casa, acho que serão muitas responsabilidades, é melhor que eu leve a bah da Alice para cuidar de tudo, ela foi a minha babá também quando eu era criança, está na família a mais de 30 anos.—Kalel revela.

— Ela não acharia estranho?—pergunto de onde estou.

— A Barbara não achará estranho, ela é a mãe que eu nunca tive, sabe que eu tenho relacionamentos abertos, ela sempre fala que eu devo me aquietar, mas nunca dei ouvidos.

— Ela é mais de idade?

— Sim, ela tem uns sessenta anos, mas não deve falar isso perto dela, ela nunca se casou.

— E você vai viver viajando?

— Acho que não, vou dar um jeito de estar mais em casa com vocês.

— É uma decisão muito séria Kalel—João parece mastigar algo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já tomei muitas decisões sérias na minha vida John.

Contenho o sorriso.

Não quero me sentir tão feliz em ouvir isso, não devo, mas estou.

Quem sabe não dê mesmo certo esse relacionamento à 3?

PERIGOSAS ACHERON



Me olho no espelho.

Toco minha barriga por alguns momentos, acabo de sair do banho, espalho um pouco de óleo corporal nas pernas, fico me analisando sem gostar muito da minha imagem, visto uma calcinha e uma camisa para dormir, calço meu par de meias, esfriou bastante essa noite.

Volto para o quarto, Kalel está deitado num canto da cama e João no outro, ambos assistem tv, subo na cama, me deito entre eles, me enfio dentro dos cobertores, suspiro e fico por alguns momentos olhando para a minha barriga de pochete.

Deveria ser algo simples, ficar grávida e todo o resto, porque na gestação da Clara foi assim, tranquila, calma, sempre sorridente, mas essa está sendo bem de início complicada, estou tendo enjoos depois das refeições, e só faz 3 dias que eu descobri que estou grávida, melhorei bastante da

PERIGOSAS ACHERON

dengue também, muito na verdade.

— O que foi querida?—pergunta Kalel baixinho.

— Nada.—respondo e lhe dou um sorriso sem graça.

— Nada?—repete ele.

— É—escorrego na cama e fico olhando para o teto.

Suspiro, outro bebê, mais peso, mais quilos, mais fraldas, mais dedeiras, mais pepetas, tantas coisas nas quais tenho que pensar, dentre muitas nas coisas do bebê, ainda não disse para os meus pais, nem para os pais do João, sei que eles não reagiram bem, dadas as circunstâncias.

Toco minha barriga por baixo do cobertor, me sinto insegura, porque não sei como serão as coisas daqui para frente, não estou completamente recuperada, hoje ainda fiquei de cama basicamente o dia todo, já acordei vomitando até as tripas, não consegui comer direito, só sai da cama para o banho e para tentar comer uma sopa que o João fez, hoje Kalel foi a empresa, queria que ele estivesse conosco durante o dia, comigo.

Estou tão carente.

Da vontade de ficar trancada nesse quarto o

dia todo com os dois, a Clara e a Alice, longe de tudo e de todos, esquecer a loucura que é esse relacionamento, deixar de lado todos os meus medos quanto aos meus pais, as coisas normais, contudo, já amo Kalel, estou apaixonada por ele, e já não sei se consigo deixar de lado e fingir que é algo fora do normal.

Eu o amo, isso me basta para querer ele e o João comigo.

— O que foi?—João pergunta insistindo.

— Estava pensando no bebê, nos nossos pais—confesso.— Sei que eles irão nos criticar pela gravidez, porque não temos muito dinheiro para comprar as coisas do bebê.

—Estamos trabalhando amor—argumenta ele.— Calma!

— Eu estou calma—retruco.— Apenas estava pensando.

— Pois não pense nisso agora, vamos esperar para ver como as coisas serão.

— Está bem.

Fico de lado e abraço meu travesseiro, não estou infeliz pela gravidez, acho que de fato eu deveria ter me prevenido, mas me entusiasmei e esqueci completamente que não andava tomando

nenhum anticoncepcional.

O calor do corpo de Kalel se aproxima do meu, ele estende o braço e beija meu rosto, sua mão desce até o meu ventre e ele o toca com carinho.

— Ele ficará bem, não deixaremos faltar nada para vocês dois.

— Obrigada.—digo e abraço João.

Ele se acomoda na cama, me abraça, Kalel toca minha barriga e beija meu ombro, meu pescoço.

— Não se sinta assim querida, nós dois cuidaremos para que tudo fique bem.—garante ele.

— É que eu tenho tantas incertezas sobre o nosso relacionamento—admito.— Sei que ninguém verá com bons olhos.

— As pessoas não precisam saber e nós não devemos satisfação da nossa vida a ninguém.— João fala pensativo.

— Sei que os meus pais... Minha mãe...— não consigo completar a frase.— Ela nunca, nunca aceitará, ela vai me jogar na cara e achar que eu sou uma prostituta.

— Você não é—Kalel insiste— Para de pensar assim, ninguém precisa saber da nossa vida, pode ter certeza que ninguém saberá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não queria que as coisas fossem assim— digo.— Queria que tudo fosse diferente.

— Não existem pessoas perfeitas Nanda, existe amor perfeito—meu marido replica.— Se você nos ama e nós amamos você, não precisamos provar nada para ninguém.

Sorrio, eu o beijo, me viro e beijo o Kalel, ele seca as minhas faces.

— Vamos resolver isso logo, logo—Kalel garante.— Quando formos para os Estados Unidos.

— Nós iremos?—pergunto e olho para o João.

— Você quer ir?—meu marido questiona.

— Acho que não estou pronta para viver isso tão perto dos meus pais, não quero que eles saibam—confesso.— Eu irei se você for.

— Então nós iremos—ele me beija a cabeça.

Eu o abraço e ficamos quietos, em silêncio, meus dias no Brasil estão contados!

PERIGOSAS ACHERON



— Bom dia!—escuto a voz do João.

Estou surpresa por ter acordado e não ter visto nem Kalel ou o João no apartamento, as meninas ainda estão dormindo, não quis tirá-las da cama, fiz café a alguns momentos, mesmo ainda bem indisposta, neste instante, ambos entram na cozinha, Kalel usando um short de banho e o João também, ambos estão com toalhas sob o pescoço.

— Descemos para nadar!—Kalel avisa.— Que bom que está mais disposta querida, estou faminto.

— Preparo algo para vocês dois...

— Deixa que eu cuido disso, vai deitar.— João avisa e seca os cabelos com a toalha.

— Está bem.—digo desconfiada.

Nada de insultos por mais de 2 minutos? Nem olhares feios e cara fechada? Milagre!

Pego minha caneca de café e me afasto

PERIGOSAS NACIONAIS

achando tudo isso muito estranho, vou para o quarto e me deito na cama, pego meu celular, decido ligar para minha mãe, acho que preciso marcar alguma coisa para dar a notícia.

Sei que ela não ficará feliz com a gravidez, já até imagino as críticas , eu sendo chamada de irresponsável, que a Clara está pequena demais para ser deixada de lado, que o João é deficiente, tantas coisas.

Não tem sido muito vantajoso ser mulher nos últimos anos, ser esposa, ser mãe, mas ser filha supera qualquer expectativa, ainda mais se for filha única.

Disco o número de casa por várias vezes e desisto, logo, depois da sétima vez, deixo o telefone dos meus pais chamarem por duas vezes e desligo.

Não passo de uma covarde.

—Nanda!—João chama entrando no nosso quarto.— Você está me ouvindo? Estou perguntando se você já tomou café.

— Sim—minto.— Desculpe, estava distraída.

Não quero comer nada.

— O que foi amor? Está triste de novo? Preocupada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje não vi vocês dois brigando.

— Ainda.

Lhe dou um sorriso, deixo a caneca na cabeceira e me deito entre os cobertores.

— Seria pedir demais que você deitasse um pouquinho comigo depois do banho?

— Amor, eu preciso trabalhar.

— Quer que eu leve sua roupa?

— Eu pego.

— Está bem.

Me deito e abraço o travesseiro.

Olho uma, duas, três vezes para o visor do celular, inconformada, incerta, sei que a minha mãe vai me encher de críticas em relação a gravidez, não havia parado para pensar também nas hipóteses de em algum momento, meus pais saberem porque tem um homem morando comigo e o meu marido.

Sei que vão reagir muito mal, os pais do João então...

A mãe dele talvez tenha um enfarto, eles são evangélicos praticantes, o João também era, até se casar comigo na igreja católica, eu era praticante também até decidirmos não permitir que as religiões dos nossos pais atropelassem nosso casamento, agora, nem eu sei mais o que sou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As vezes eu ia a missa aos domingos, mas o João se afastou demais da religião, ele abomina qualquer tipo de coisa que lembre preconceito, coisa que a mãe dele adora praticar comigo, porque eu não quis me converter quando decidimos fazer a cerimônia na igreja da comunidade onde meus pais moram.

Agora, tem tudo isso acontecendo na minha vida e eu não sei se é certo de fato omitir isso dos meus pais, eu nunca fui do tipo de pessoa mentirosa, sei que meus pais não vão aceitar, mamãe abominará, papai talvez nunca me perdoe, contudo, não quero esconder nada deles, ainda que não lhes deva satisfação.

Kalel quer assumir nossa família, ele quer morar conosco e formar uma família, que nos mudemos, o que posso falar para os meus pais se não a verdade? Agora com um bebê a caminho... Não estou pronta, mas ao menos, acho que eles precisam saber sobre o bebê.

— Mamãe eu estou grávida... Não!— respiro fundo.— É que eu e o João vamos ter outro bebê, não é maravilhoso?

E o meu chefe irá morar conosco com a filha dele também!

PERIGOSAS ACHERON

— Você está falando sozinha?

A pergunta vem seguida de um abraço, Kalel se enfia embaixo dos cobertores e cola o corpo no meu, ele já usa uma calça de malha contudo, está sem camisa, os cabelos úmidos, me viro e mostro meu celular.

— Estava tentando criar coragem para contar para a minha mãe sobre o neném.— Explico constrangida.

— Porque não oferece um jantar e convida as duas famílias? Pode aproveitar e falar sobre nossa viagem para os Estados Unidos—sugere pensativo.

— Não parei para pensar sobre isso, acabamos de nos mudar para cá.—confesso.

— Você está triste, calada, não deve se preocupar—ele me analisa.— Não abriu os presentes que lhe dei.

— Mas eu comi os chocolates—retruco.— Todos eles.

Toco as tatuagens em seu braço direito, são vários desenhos, mandalas de vários formatos, todas tem traços finos e bem feitos, um braço repleto delas, no outro, o esquerdo, repleto de tatuagens com desenhos indianos, um rosto de

elefante, um traço fino e muito bonito do rosto de buda, uma flor de lótus, tantas quantas eu não conseguiria contar nos dedos.

— O que realmente está acontecendo?—
questiona.

— Estou com medo do que os meus pais falarão, os pais do João, sei que eles não vão aceitar.

— Eles não precisam saber Fernanda.

— Eu não quero viver uma mentira, eu quero que os meus pais saibam e respeitem as minhas escolhas, você é uma delas e eu não devo te esconder de ninguém, eu não sou tão jovem Kalel, eu já tenho quase quarenta anos.

— Eu também querida, eu tenho 37, eu também imagino que seja difícil, porém, talvez eles rejeitem a ideia lhe faça mal, eu sei o que é se sentir deslocado e excluído de tudo, acredite, meus pais não aceitam as minhas escolhas.

Não sabia que Kalel tinha 37 anos, ele não aparenta ter mais de 30.

— É diferente.

— Porque?

— Porque os meus pais merecem a verdade.

— Bem, acho que é apenas uma questão de

ponto de vista, ficar aqui deitada e indecisa não vai mudar nada, nem dizer aos seus pais, porque nós sabemos como nos sentimos e não vamos nos separar pelas opiniões deles, mas a rejeição é um sentimento muito difícil de ser tolerado.

— Sei sobre como me sinto, mas não posso mentir para eles.

— Omitir as coisas que acontecem na nossa intimidade não é a mesma coisa que mentir querida.

No fundo, ele tem razão.

— Porque não sai dessa cama? Não vem ver um pouco de tv na sala e abre os presentes que eu te trouxe?

— Estou indisposta, qualquer coisa e eu fico tonta, ou vomito.

— Quer que eu traga seus presentes então?

Não sei se devo me sentir mimada ou manhosa.

— Bom, eu não sei... Acho que pareço uma preguiçosa folgada não é verdade? Eu vou até lá!

— Não, Fernanda não foi isso o que eu quis dizer, é que pensei que estava melhor.

— Eu estou, mas não tanto quanto queria.

— Preciso falar algo sobre nós, eu, você e John, sobre a nossa viagem, sobre tudo, fiz muitos

planos.

— Fez?

— Sim.

Lhe dou um sorriso, toco sua face, ele me puxa para seu corpo e ficamos nos olhando por momentos em silêncio.

— Hei, que intimidade é essa?—escuto o João perguntar e do nada ele sobe na cama.— Algo que eu deva saber?

— Estávamos falando sobre a viagem.— Karel se afasta.

Me ergo, me sento na cama, acho mesmo que temos que falar sobre tudo.

— Eu preciso saber se estão dispostos a vir daqui a algumas semanas para os Estados Unidos— Karel parece ter medo.— E falar sobre nosso relacionamento.

— Bom, a parte da viagem, eu preciso falar com os meus pais—João seca os cabelos com uma toalha de rosto.— A Nanda com os pais dela.

— Podem dizer que foram convidados para trabalhar fora pela Thurman—Karel explica.— Eu ficaria muito feliz de saber que vocês estão comigo, na minha casa, Alice também, é um convite.

— De todas as formas é uma meia verdade

—confirmo.— Nós trabalharemos lá mesmo não é? Mesmo que em casa, nós dois daremos o nosso melhor.

— Eu sei que sim—Kalel afirma.— Eu também quero saber se vocês dois vão querer respeitar a gestação da Fernanda ou se vão querer ter relações normalmente.

Não sei onde enfiar a cara, ele é sempre tão direto.

—Nanda?—João me olha sem graça.

— Bem, eu não sei.—respondo olhando para as minhas mãos.

— Eu não quero ter um relacionamento aberto, sei que o corpo da mulher muda, não me importo—Kalel coloca a mão sob a mim.— Eu quero poder ter relações normais com vocês dois.

— Comigo não.—João fala de imediato.

— É modo de falar—replico e olho para o meu marido.— Eu não sei se estou segura, eu já estou gorda, agora eu vou ficar ainda pior.

— Você tem parcela de culpa nisso—João acusa Kalel de uma forma não muito agressiva.— Porque você enfiou isso na cabeça dela.

— Eu não tinha intenção—Kalel retruca.— Eu apenas expliquei como é com os outros casais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei—nego com a cabeça.— Sei que eu não sou das mais arrumadas, agora grávida, vou explodir!

—Nanda...

— Eu sei o que vai falar, mas não estou bem comigo mesma já faz um tempo, em boa parte por eu sentir que você não se excita mais comigo, antes de eu ter a Clara eu tinha um corpo perfeito, não me arrependo dela, mas meu corpo mudou muito, não sei se estou pronta de novo.

— Eu posso falar uma coisa?—Kalel pergunta.— Olha para mim Fernanda, o que eu vou te falar é algo sério.

Ergo o olhar, quando eu o fito, só consigo enxergar arrependimento, medo, tantos sentimentos ruins.

— Sinto muito pelo que eu te disse na empresa sobre sua aparência, pela forma que eu falei com você sobre seu corpo, você é dona dele e merece ser muito bem tratada, eu não tinha o direito de querer ditar como dever se vestir ou como deve ser, estar, você é dona do seu querer, te conheci assim e gosto de você assim.

Meu coração fica disparando enquanto escuto, sinto vontade de chorar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sou muito superficial sabe? É um grande defeito, sinto muito se isso te deixou insegura, mas é como eu gosto de você, não precisa mudar nada, eu adoro você assim, seu corpo, seu cabelo, tudo em você, John tem razão, te deixei com receio, mas pode ter certeza que eu nunca me senti tão atraído por alguém quanto me sinto por você.

— Sobre a minha visão, eu acho que é um problema psicológico—João argumenta.— Eu acho que vou ter que procurar um psicólogo.

— Sei que preciso melhorar, mas não sei se isso é tão importante na minha vida, estou cansada de me sentir assim, mas estar assim para mim é uma condição que não me faz tão mal—confesso indecisa.— Quero melhorar um pouco, por mim, mas não quero sentir que vocês de alguma forma me oprimem.

— Ok—Kalel concorda.— Então nós três...

— Cara, você não sabe ter sensibilidade?— João pergunta me abraçando.

Acho graça, Kalel fica vermelho.

— É que eu não quero que você pense que eu vou roubar ela de você, e como só poderemos ter relações à 3, os dois têm que estar preparados

PERIGOSAS NACIONAIS

física e emocionalmente.

— Sei.—resmunga João.

— Eu vou buscar as caixas, dar o café das meninas, elas acordaram—Kalel levanta.— Acho que vou a empresa depois do almoço, você vai querer treinar a noite?

— Pode ser—João me beija a cabeça.— Quer que eu fique com você amor?

— Não, pode ir trabalhar, eu acho que vou fazer um chá...

— Eu faço.—os dois falam ao mesmo tempo.

Nossa!

— Tá bom.—falo devagar.

— Você faz?—João fala para Kalel e enfia a camisa na cabeça.

— Faço sim.—Kalel responde.

João vai para a cadeira, Kalel se inclina e me dá um selinho.

— Descanse—aconselha.— Já trago seus presentes.

— Está bem.—digo surpresa.

— Como eu estava te dizendo eu sempre soube que o Capitão América...

Fico olhando o João falando com ele

PERIGOSAS ACHERON

enquanto saem do quarto, um andando e o outro na cadeira de rodas, suspiro, ainda incrédula que tudo isso esteja acontecendo.

— Pelo ou menos não estão brigando—
começo a sorrir.— Ainda!



— Gostou dos presentes?

— É muita coisa Kalel, não sei se posso aceitar.

— Comprei só para você querida.

Uma maleta de maquiagem completa muito cara, um iphone novinho, capinhas de celular, fones de ouvido, um notebook, batons, paletas de cores lindas, produtos de beleza, tudo muito caro, tão caro quanto o meu dinheiro nunca poderá pagar.

Analiso tudo espalhado na minha cama sem saber o que dizer, abri uma caixa somente, tem mais duas no chão ainda, e eu nem sei o que tem dentro delas, aqui vejo pincéis, produtos de limpeza facial da Mac, Lancôme, L'oreal, Dior—quem diria que um dia eu ganharia bases da Dior?—espumas coloridas, e tantos utensílios de beleza que eu nunca vi na vida, tudo importado e caro.

— Minha secretária disse que você iria
PERIGOSAS ACHERON

gostar desses mimos—Kalel fala sentado na beira da cama.

— O que tem nas outras duas caixas?— pergunto curiosa.

— Porque não abre?—ele me olha pensativo.

— É que já parece muita coisa.—explico analisando tudo espalhado na minha cama, pego o iphone.— Não precisava de algo tão caro.

— Não foi caro nos Estados Unidos, tudo isso lá é muito barato—ele replica.— Tem uma caixa com perfumes, hidratantes e outras coisas para cuidados femininos e na outra tem um casaco de pele que eu ganhei de uma lojista na Arábia Saudita.

— Sério?—arregalo os olhos.— Eu não uso peles.

— Nem eu, mas é artificial, não é de verdade, sou contra qualquer tipo de coisa que prejudique animais.

— Ah.

— Quando nos mudarmos você terá espaço para colocar suas coisas, um closet só seu, quero que você tenha bastante espaço—Kalel explica.— Eu pedi que reformassem a casa que eu comprei, as

obras começaram a duas semanas, eles vão aumentar o banheiro, o closet e o quarto.

— É muita gentileza da sua parte—admito constrangida.— Não precisava disso tudo Kalel, eu nem sei se consigo usar isso tudo em menos de um ano.

— Sei que não tem contado com muitas coisas, precisa se sentir bem, mostrar sua verdadeira beleza—ele toca a minha face.— Queria um dia você só para mim, só nós dois, te mostrar o quanto eu gosto de você, adoraria te levar numa viagem a dois.

— Não podemos—falo e coloco a mão sob a dele.— Não existe nós dois Kalel, lembra?

— Sim, eu sei—ele não gostou de ouvir isso, fica triste.— Sinto muito, as vezes eu me sinto estranho sabe? Estou acostumado a dividir, mas você ainda é um desafio.

— Por mais que queira isso eu não posso imaginar a minha vida sem o João, a Clara—olho para os presentes.— Eu não quero essas coisas, quero você mais presente comigo, por perto sempre que eu e a Alice precisarmos.

— É um pedido muito complicado querida, eu viajo bastante pela empresa.

— Eu sei.

Suspiro.

— Você não deve ficar decepcionada, eu sempre irei te compensar, trarei presentes melhores que esses...

— Acontece Kalel que eu não quero presentes, eu quero você, uma família, nossa família!

Começo a colocar tudo na caixa, chateada com a resposta.

— Não irei para a América para você me abandonar sozinha durante meses, nem a Alice.

— Eu não ficaria tanto tempo longe querida.

— Mas tempo o suficiente para negligenciar a criação da sua filha, para ter casos longe de mim.

— Eu não te traí.

— Não emocionalmente você quer dizer, certo? Um homem como você não fica sem sexo Kalel, aposto que não, seja mais sincero, quando batesse a abstinência você, com certeza, procuraria uma casa de swing.

— Eu não fiz isso durante esse mês, não fale assim Fernanda, eu já disse que amo você, o que mais quer de mim? Eu também tenho minha

carreira, a empresa, muitas coisas vão além do que eu posso alcançar.

— Só estou dizendo que você deveria tirar mais tempo para ser presente nas nossas vidas, não dar presentes.

— Eu já disse que farei o melhor.

— Não quero que viaje e traga tantas coisas para mim, quero só que em vez de viajar, fique conosco, agora eu estou grávida, vou precisar de mais apoio...

— Tem o seu marido para isso, o bebê não é dele?

Eu o encaro.

Fico calada me perguntando porque iniciei essa discussão tão idiota, ao mesmo tempo que a minha cabeça se enche de indagações meu coração se encobre de tristeza em ouvir isso, porque não queria ouvir isso, não dele, mesmo que o bebê seja do meu marido, se somos uma família ele também deveria fazer parte disso.

Não deveria querer cobrar isso dele, não posso.

— Me desculpe—falo sincera.— Você tem razão.

Porque ele não é mesmo o pai do bebê,

porque mesmo que diga que me ama e que me quer, sei que no fundo ele não quer nada disso, também sei que ele não tem obrigação para comigo, porque ele me vê pelo o que eu sou para ele, sua amante.

— Eu não quero mais filhos, te disse que não, eu aceito que esteja grávida, mas não pode me pedir isso, está bem? Aceito a Clara, seu marido, mas não pode me pedir que assuma esse bebê como meu, porque ele não é!

— Eu entendo, sinto muito, não vou mais falar isso.

Junto tudo e coloco a caixa no chão, não o olho, Kalel fica sentado na cama em observando organizar tudo em silêncio, sei que ele não está arrependido do que falou, já o conheço bem para saber que ele nunca se arrepende do que fala, e é muito pior saber que é a verdade.

Sei que ele vai se cansar de nós, que provavelmente vai nos deixar quando não sentir mais desejo, e tudo o que nós representaremos na vida dele é nada, por mais que diga que quer compromisso e uma família, é algo que um homem como ele não pode querer de ninguém.

—Fernanda...

— Se poupe!

PERIGOSAS NACIONAIS

Saio do quarto, não temos mais o que falar, eu o amo, sou idiota por isso, ele me ama, mas não entende que deve me amar o suficiente para construir algo comigo e com a minha família.

João já estava aqui quando ele chegou, e há um bebê dentro de mim agora, esse bebê também fará parte da minha família, assim como ele e Alice, mas pelo visto, na verdade tudo o que ele quer é sexo.

PERIGOSAS ACHERON



— Oi filha!

— Oi mamãe.

Não importa o quanto as vezes a minha mãe seja bruta comigo, rígida ou até mesmo grosseira, sempre que ela me abraça, as coisas costumam melhorar um pouco.

— Nossa Nanda, você está pálida.

— É, eu fui ao médico, estou com dengue, mas já estou melhorando.

Vim a casa dos meus pais, não avisei para o João, não disse nada para o Kalel, só peguei uma roupa no varal, dinheiro e vim, estava com a cabeça cheia quando decidi sair de casa, por mais que eu dissesse para mim mesma que não deveria me sentir daquela forma, por dentro as coisas não são tão fáceis.

— O pai está aí?—pergunto indo para o sofá.

— Ele está tomando banho, e a Clara?

— Está bem.

Me sento, mamãe se senta de frente para mim, não sei o que falar, não encontrava lugar em casa para mim, estava cansada de ficar pensando em como dizer, o que conversar, estar perto de Kalel é como estar num canto claro, porém muitas vezes embaçado demais.

Eu o quero, no entanto as coisas não serão as mil maravilhas.

— Filha, aconteceu alguma coisa?

— Sim, eu estou grávida!

Mamãe fica calada me olhando, os olhos arregalados, o semblante fechado, sei que não devo falar, contudo, parece muito injusto ficar calada, preciso contar para ela, tudo, principalmente a viagem.

— Sei que a senhora não aprova, que eu e o João...

— Mas eu pensei que ele não...

— Mãe!

Indiscreta!

Não costumo falar da minha vida sexual com a minha mãe, ela é antiquada demais, ela desvia o olhar para o lado toda constrangida, dona

Maria Helena, Lenna assim como todos a conhecem, adora ser dona da verdade, tem o gênio forte, mas sempre foi uma ótima mãe, presente, esforçada, tenho muito pouco o que reclamar dos meus pais, sempre me apoiaram em tudo, eles se esforçaram para que eu estudasse e me dedicasse a carreira na faculdade, graças a eles sou tudo o que sou, ainda que pouco, porém, sou tudo o que sempre quis ser.

— Tá bom—mamãe respira fundo demonstrando seu nervosismo— Então, tudo bem, era por isso que vocês dois estavam sumidos?

— Não exatamente, nós estamos trabalhando na Thurman como home office, eu disse para senhora não disse? Toma nosso tempo.

— É bom saber que vocês dois estão trabalhando, aos poucos o João vai aprendendo a voltar para a vida de novo.

— Eu espero que sim.

Mamãe segura as minhas mãos, tenho medo do que ela vai falar.

— Fomos convidados para trabalhar fora mamãe, nos Estados Unidos.

— Sério?—ela franze a testa—Zéeee!

Não queria que o meu pai estivesse presente

nisso tudo, começo a tremer, não quero mentir, mas a verdade vai machucá-los imensamente.

— Eu preciso falar algo para a senhora sobre tudo isso...

— Nós entendemos, você vivia viajando na época da faculdade, nós queremos te contar uma coisa também.

— É algo grave?

— Bem, depende!

Mamãe tem 50 anos, ela e meu pai se casaram ainda adolescentes, eu não consigo imaginar um sem o outro, formaram a vida juntos, não estudaram, mas são pessoas bem vividas.

— Mãe, eu conheci alguém, alguém diferente—começo e respiro fundo.— Meu patrão, o senhor Thurman.

— Conheceu ele pessoalmente? O dono da empresa?—mamãe está espantada mas de um jeito positivo.— E aí?

— Bem, ele e eu... Nós... O João Gabriel... Eu...

— O que houve?—papai pergunta e entra na sala—filha, que bom você por aqui!

— Papai—digo a força.

— Eles chamaram ela para trabalhar fora

Zé, não é maravilhoso? Você vem nas férias? Eu sempre soube que você conseguiria subir logo nessa empresa...

— Mamãe eu estou indo para morar com o senhor Thurman—falo depressa.— Eu, ele e o João vamos formar uma família.

Mamãe fica dura, meu pai cai sentado no sofá, e assim de repente ela ergue a mão e acerta um tapa forte no meu rosto, meu corpo não se move, mas minha face arde, queima com o tapa, é como se fosse uma reação muito automática.

Ela avança para o meu rumo e começa a me bater com a mão, não me movo, mamãe acerta mais tapas no meu rosto, e as lágrimas apenas caem com o silêncio que há na sala, papai a segura pelo tronco e a puxa para longe de mim.

— Eu sabia!—ela grita enfurecida.— Sabia que você estava vivendo na zona sul não era atoa, você virou uma puta Fernanda? Uma puta de patrão? Eu te criei para ser uma prostituta?

— Eu... Eu...

— Você é uma desgraça—ela grita sem fôlego.— Uma puta, uma vagabunda!

—Lenna!—papai a segura ofegante.— Para com isso, deixa a menina falar, não é o que está

pensando.

— É o que ela está pensando papai—digo e me levanto.— Eu só vim dizer que eu amo vocês e que não conseguiria conviver calada, nem que descobrissem por outra pessoa, eu e o João vamos morar nos Estados Unidos com o senhor Thurman.

Papai me olha calado, chocado demais, me tremo, meu coração parece estar sendo apartado com uma mão forte e pesada.

— Vagabunda—mamãe berra.— Puta desgraçada, eu não pari filha para ser uma puta, vai embora dessa casa Fernanda, nunca mais volte, saiaaaa!

Respiro fundo e olho para o meu pai, minhas mãos soam.

— Eu sinto muito papai, eu amo vocês dois, me desculpem, eu não poderia esconder, não seria honesto, não quero que ninguém fale, tinham que ouvir pela minha boca, eu e o meu marido vamos viver nossas vidas...

— Melhor você ir.—papai fala me interrompendo.

E não diz mais nada.

Faço que sim com a cabeça e deixo as chaves da casa onde morei bom tempo da minha

PERIGOSAS NACIONAIS

vida, respiro fundo e saio daqui lembrando das boas memórias, das más memórias, mas não sei se devo me sentir arrependida.

Não posso negar isso, nem esconder, eles não precisam aceitar, nem entender, mas sim respeitar a minha decisão.

Eu os amo e justamente por isso vim aqui, para dizer a verdade, mas não é mais bem-vinda , assim como eu não sou bem-vinda .

É isso.

PERIGOSAS ACHERON



— Você saiu? Onde estava?

Tranco a porta, Clara e Alice vem correndo na minha direção, João e Kalel estão na sala, Kalel perto da janela, João sentado no sofá, um está preocupado, o outro com raiva, e eu nem sei porque ele está com raiva, fala merda na minha cabeça e acha que eu tenho que aturar.

— Amor, ficamos preocupados.—João diz.

Abraço a minha filha, depois Alice.

— E vocês duas? Brincaram muito durante o dia?—pergunto para Alice e as aperto.

— Sim, onde você estava mamãe?—Alice beija a minha bochecha.

— Fui resolver algumas coisas—respondo e me ergo.— Acho que preciso de um banho.

— Você não deveria ter saído sem avisar—Kalel repreende duramente.— Nós dois ficamos muito preocupados.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acontece que eu não estava afim—digo sem um pinga de arrependimento.—João, quero conversar com você sobre algo.

Me aproximo de ambos, João arregala os olhos, desvia o olhar, é, tem um roxo imenso no meu rosto, marcas de unhas no meu pescoço, não sinto dor, mas por dentro está tudo muito estranho, ruim, durante o caminho de volta para casa eu fiquei lembrando das palavras da minha mãe, algo dentro do meu coração se partia e endurecia de novo, porque me sentia como aquilo que ela falou, contudo, minha consciência estava pesada.

—Nanda, o que foi... Meu Deus!—João exclama.

— Machucou?—Clara toca minha face.

— A mamãe caiu—explico.— Vocês duas, que tal pegarem as bonecas e me esperarem para brincar no quarto?

— Tá mamãe.—Clara concorda e sai correndo.

Alice não entende mas a segue, me aproximo do sofá.

— O que houve?—carrancudo Kalel cobra.
— Quem te fez isso? Eu vou arrancar os olhos de quem encostou a mão em você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parece que ele vai explodir.

— Sai!—berro para ele.— Quero falar com o pai do meu bebê, e você não é nada meu!

— Não vou—pragueja e se senta no outro sofá.— Infantil!

— Vem cá—João me olha mais que nervoso.— O que houve?

— Eu fui a casa dos meus pais, disse a mamãe que estou grávida.

— E ela fez isso?

— Disse que eu e você vamos morar com o Kalel...

—Nanda!—João toca a minha face analisando os arranhões, o pequeno corte nos meus lábios.— Porque fez isso? Eles não deveriam saber.

— Foi o certo—replico.— Eu estou cansada de tudo João, eu não quero omitir nada dos meus pais, é errado, mas eles merecem saber, por mim, caso alguém lhes diga, ao menos eu não menti para eles.

— Ela te bateu? Ela nunca levantou a mão para você.

— Isso foi o de menos—admito magoada.
— Ela me chamou de tantos nomes feios.

— Sua mãe é muito antiga Nanda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei.

— E o seu pai?

— Ficou em choque, eu disse que iríamos morar nos Estados Unidos, ela falou que eu nunca mais deveria colocar os pés na casa dela, me senti um lixo.

— Você não é.

— Eu estou muito cansada, dei umas voltas no shopping aqui perto, vim para casa, foi o melhor que eu pude fazer.

— Não deveria ter ido sozinha até lá.

— Eu precisava fazer isso João, por mim, meus pais sempre me apoiaram, não era justo esconder isso deles.

— Não precisava dela ter te batido assim.

— Isso não machuca, machuca ela ter me chamado de palavrões que eu nunca ouvi dela.

Respiro fundo.

— Preciso de um banho e descansar—digo sem esperar por respostas.— Eu estou muito cansada, vou ficar com as meninas, depois vou dormir.

— Você comeu alguma coisa?—Kalel pergunta.

— Estou sem fome.—respondo e me afasto.

PERIGOSAS ACHERON

Não vou discutir, estou muito cansada, melhor tomar banho, tentar esquecer, não há nada que eu possa fazer para mudar o rumo das minhas decisões.

Nada.



— Bom dia!

— Bom dia João, Kalel!

Decidi que não vou ficar mais sentindo auto piedade de mim, acordei hoje um pouco mais disposta, apesar de enjoada, levantei, fiz o café e decidi organizar o apartamento, depois do almoço vou analisar alguns relatórios, assim como ontem, nem Kalel, nem João estavam na cama quando acordei, ambos apareceram agora com calções molhados.

Acho que o João está mesmo levando a sério toda essa coisa de melhorar mais, e apesar de todos os pesares, é muito bom saber que ele está se recuperando depois de tantos anos presos a essa cadeira.

— Eu fiz o café—aviso.— Vou organizar as coisas e preparar o almoço.

— Eu iria te avisar, o Kalel me chamou

para conhecer a Thurman—João diz.— Acho que vamos almoçar por lá mesmo.

— Tá—digo escondendo minha decepção.—,Mas as meninas comem também, então não faz diferença, com ou sem vocês, nós quatro comemos.

—Nossa!—João exclama.

— É, Nossa!—repito.— Boa visita a empresa, ótimo dia aos dois, tenho muitas coisas a fazer.

E o jeito é ficar na minha.

Não é culpa do João, em parte culpa do que o Kalel disse ontem, mas hoje eu não estou afim de nada, nem de discutir, nem de brigar, ontem a noite cada um dormiu num canto da cama, preferi assim, porque durante o meu banho chorei demais, então, estava com Alice e Clara e mantive a distância dos dois.

É algo comigo não com eles também, por tudo o que houve ontem entre eu e minha mãe.

Tudo me fez pensar muito na forma como estou encarando as coisas, sei que não tem como não sofrer, nem ser indiferente, é basicamente impossível, mas ficar chorando de novo por falta de aceitação não vai mudar nada, só faz me sentir pior.

Ninguém em sã consciência aceitaria, eu

mesma não queria aceitar, nem meu marido, porque com meus pais seria diferente? Eles nunca entenderão.

Preciso ficar calma e tentar mudar algumas coisas, resolver outras, sei que estou sensível com os últimos acontecimentos, contudo minha vida não vem sendo mesmo fácil, tudo é difícil, e não quero tornar essa nova fase numa merda maior do que já está.

Acho que ficar o mês todo trancada aqui também não me ajudou, vou pegar as meninas e levá-las para passear, não levo a Clara no cinema a muito tempo, não temos dinheiro para tais luxos.

— Não foi muito gentil da sua parte falar conosco daquela forma!—escuto a voz de Kalel soar dentro do meu quarto.

Tiro as roupas de cama.

— A vida não tem sido muito gentil comigo a muito tempo Kalel—respondo e junto os lençóis.

— Pode me emprestar um dinheiro?

— Para que?

— Para eu levar as meninas ao shopping, para que elas vejam um filme, hoje cedo eu paguei as contas via internet banking e não sobrou nada da minha conta conjunta com o João.—respondo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixo meu cartão para você—ele fala.— Entendo que seja difícil com seus pais.

— Preciso de espaço—aviso.— Eu sou assim, quando não estou bem eu fico mais na minha.

— E mal-humorda.

— Não é mal humor, é impaciência, você não é flor que se cheire, o único aqui que não é um cavalo pronto para dar um coice é o João, e mesmo calado, ele está errado—falo e me viro para ele.— Vai arrumar o dinheiro ou não?

— Já disse que empresto o cartão—ele responde chateado.— Mal amada!

— Não se esqueça de adicionar mal comida e mal paga—respondo e me afasto levando as roupas de cama.— Deixa o cartão aí em cima do criado e a senha, bom trabalho querido.

Posso escutar seus resmungos de longe, mas ignoro.

Ele não escutou os meus ontem quando me tratou mal também, não me importo, não quero me importar, melhor deixar para lá, prosseguir.

Sou ótima nisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Posso ajudá-la ?

— Ah, eu estou só dando uma olhadinha!

Alice e Clara estão na rodada 3 na piscina de bolinhas, decidi dar um pulinho nessa loja de roupas femininas, o shopping não está tão movimentado hoje, também, essa loja tem números maiores.

Ontem não deu tempo de eu vir com elas ao shopping, porque quando terminei de lavar os banheiros já era quase noite, então fiquei no escritório até tarde trabalhando, quando fui para cama, novamente João e Kalel estavam cada um numa ponta da cama.

Simples assim.

Eu também não vi eles chegando da empresa, foi melhor até, porque passei meu dia mais tranquila, sem encheção de saco, sem pessoas falando na minha cabeça, sem uma porção de

coisas das quais eu estava lotada depois da visita na casa dos meus pais.

Estou cansada de tentar pensar nas coisas e ficar chorando sem conseguir me sentir bem com toda a situação.

Então acordei e ambos haviam saído, acho que estavam nadando, nem sei, também não dou a mínima, tirei as meninas da cama e arrumei as duas, tomamos banho as três juntas e eu as vesti, decidi passar meu dia no shopping com ambas, nunca vi a Clara tão feliz em toda a minha vida.

Said nos trouxe de carro, o cartão ainda estava no criado intocado, por isso decidi espairer, o motorista de Kalel nos trouxe aqui e foi embora, pediu para eu ligar em seu número e avisar a hora de vir nos buscar, porém, não estou nenhum pouco preocupada.

— Temos moda Plus Size—avisa a vendedora.— Gosta de vestidos?

— Eu preciso pegar as minhas filhas ali— digo sem graça.— Você espera um pouquinho?

— Claro.

Olhar não paga.

Aprendi com minha mãe desde pequena, saio da loja e volto para o play, a rodada delas já

está acabando, depois de basicamente 3 horas brincando, não é possível que ambas não se cansaram.

Clara vem correndo toda contente, Alice também, faz tanto tempo que não vejo minha filha assim tão feliz, é difícil ter dinheiro para levar ela aos lugares, não saio com tanta frequência, Alice também não tem cara de que vive indo a parques de diversões, tudo aqui para ela é uma novidade, não sei qual das duas está mais feliz.

— Agora é hora de passear.—aviso ajudando ambas a calçarem suas sapatilhas.

— Mamãe, podemos fazer as unhas?— Alice pergunta.— A minha Bah sempre pinta as minhas unhas de cor-de-rosa.

— Bom, acho que deve ter um salão por aqui—afirmo surpresa.— Você gosta de fazer as unhas?

— A Bah sempre pinta elas e lixa, ela diz que toda garota comportada deve ter unhas bonitas.—Alice sorri de ponta a ponta.

É uma criança linda, de luz própria, com uma doçura incomum no olhar, quando ela sorri é como se sentisse que estamos conectadas por um laço maior, como se já a algum tempo ela fosse

mais minha do que deveria ser.

— Então, vamos ao salão—digo.— , mas primeiro vamos a uma loja, quero saber os preços de uns vestidos.

Seguro nas mãos de ambas, voltamos para a loja, e a vendedora já vem me mostrando várias peças bonitas e coloridas, não ando usando muitas roupas de cores vibrantes, ela me mostra uma sessão de mães e filhas e fico espantada com a quantidade de roupas que eles fabricam para crianças andarem parecidas com suas mães, é uma loja feminina.

Fico apaixonada por um vestidinho floral e duas mini réplicas, faz muito tempo que não compro roupas para mim, hoje eu vim de jeans e um moletom, tênis, minhas roupas não são das mais novas também, fico me perguntando se o Kalel vai se importar se eu usar o cartão dele para comprar o vestido, ao mesmo tempo que me sinto atrevida por querer comprar com o cartão dele.

— Eu posso só dar uma ligadinha para o meu namorado?—pergunto para vendedora.

— Claro, vou buscar um café—a vendedora fala.— Meninas, vocês aceitam um chá?

— Sim—Clara responde.

— Chá—traduzo para Alice e ela sorri.

Ambas seguem a vendedora até o sofá, a outra vendedora está no balcão atendendo uma cliente, pego meu celular na bolsa e disco o número do Kalel, ao menos o que ele me ligou a algum tempo atrás, ele atende no primeiro toque.

— *Aconteceu algo?—questiona de imediato.*

— *Não—digo.— Eu só liguei para saber se posso comprar umas roupinhas para as meninas no cartão, Alice quer fazer as unhas.*

— *Pode comprar o que precisar—ele responde.— Tudo bem por aí?*

— *Sim, eu as trouxe para passear.— revelo.*

—*Said me disse, que bom que tirou o dia para descansar, sei que está lotada, John e eu estamos descendo cedo para nadar, ele está vindo comigo para a empresa—Kalel fala num tom de voz muito cordial.— Você demorou a ir para nossa cama.*

— *Eu tinha muitas coisas a fazer—admito.— Quanto eu posso gastar no cartão?*

Não quero ficar falando de nada que me lembre meus problemas.

— O cartão não tem limite querida—Kalel fala.— Pode gastar quanto quiser e achar necessário, vou pedir um cartão adicional para você, pode ser?

— Não precisa—engulo a seco.— É só por hoje, quando eu receber meu pagamento eu te devolvo.

— Não precisa devolver Fernanda—ele pondera.— Para com isso, está bem? Sei que temos nossas diferenças mas você é a minha mulher, eu não quero ficar brigando atoa.

Minha mulher... sei!

— Nem eu—digo.— Eu tenho que desligar, mais tarde nos vemos, fala para o João fazer o jantar, vou chegar tarde.

— Está bem—ele suspira.— Ainda não quer conversar sobre o bebê?

— Ele não diz respeito a você—replico.— Lembra?

— Eu disse que falo muita merda, você tem que entender, ter paciência.

— Eu estou tentando fazer isso Kalel, olha, me deixa pensar, já estou com muitos problemas, me dá só um espaço para que eu consiga resolver tudo, está bem?

— *Está bem, eu não quero te ver triste como ontem, eu prometo que não vou mais me referir ao bebê da forma que me referi.*

— *Não vou mais te cobrar nada em relação ao bebê também—afirmo—preciso ir, até mais Kalel.*

Não espero por respostas, desligo a ligação, volto até as araras com os vestidos estampados de cor rosa.

— Com o que eu quiser.—suspiro e escondo meu entusiasmo.

— A senhora já decidiu?—a vendedora volta receptiva.

— Você tem o número 46?



— Você também não quer fazer a unha querida? Dar um trato no visual?

Olho para a manicure, ela está pintando as unhas de Alice, uma outra também pinta as unhas de Clara, ela até ficou quietinha, porque viu a Alice quietinha também, entrei no primeiro salão de beleza que vi pela frente, é chique, é caro, mas é o lugar que eu sei que é asseado e que vai cuidar bem da pequena Thurman.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, eu não sei bem.—digo sem graça.

— Que tal um trato na pele? Não está precisando fazer a cava? Fazemos a laser e a cera, a sobrancelha!

Eu acho que eu preciso nascer de novo isso sim!

— Melhor não—falo.— Eu já comprei umas roupas no cartão do meu namorado, não sei se ele gostaria que eu gastasse atoa.

— Com certeza ele iria adorar ver você super linda para ele.

Não deveria ficar linda para ele, deveria ficar linda para mim.

Olho meu reflexo no espelho, toco meus cabelos presos no coque, eu quase não solto eles, estão secos, minha pele um horror.

— Podemos montar um pacote que cabe no seu bolso—fala um dos atendentes do lugar.— Você não vai se arrepender.

— Preciso comprar o almoço das meninas.—replico sem me deixar levar.

— Querida isso é o de menos, podemos pedir no restaurante aqui ao lado—ele se aproxima.
— Sou Gigi.

Gigi é magro, olhos castanhos, cabelos

PERIGOSAS ACHERON

loiros quase platinados e bem cortados, mas algo bem feminino, ele é baixinho da minha altura. Ele toca meu queixo e me observa estreitando os olhos.

— Você é linda queria, com a make e o trato certo, você ficará perfeita para o seu homem!

— Não quero ficar perfeita para eles... Quer dizer, ele—corrijo e minhas bochechas queimam.— Hum.

— Sei—desconfiado Gigi sorri, percebo a malícia.— Vamos, que tal eu dar uma hidratada no seu cabelo, um corte? Ele deve ter cachos lindos escondidos nessa trufa.

— Na verdade...

— Anda menina, quando um homem te dá um cartão, você deve aproveitar, nunca se sabe o dia de amanhã, siga o exemplo das suas filhas, fique linda, seja linda, Fafa, trás meu kit, vamos transformar essa morena numa mulher super linda.

Começo a rir, mesmo que contra a minha vontade, Gigi me faz sentar numa cadeira de frente a todos esses espelhos enormes, tudo tem tons escuros e brancos, o salão é enorme, mas está pouco movimentado, é meio de mês, ninguém tem dinheiro, ou talvez, o dinheiro que eles cobram, não é qualquer um que tenha.

— Te dou uma sobancelha de presente se você fizer a hidratação profunda—ele diz e solta meus cabelos do coque— Minha nossa, querida, esse capuchu de abelha está precisando de um trato daqueles—exclama ele abismado. —Fafa, trás aquela tesoura número 7, vamos precisar de muitas mãos aqui!

Ele me coloca uma placa e ajusta a altura da cadeira, acho que nem adianta replicar, só de ver meu reflexo no espelho, sei que devo cuidar mais de mim, mas é só que é difícil ter dinheiro para fazer tudo isso sempre, e de fato, eu nunca fui muito vaidosa.

Fafa é uma loira peituda que usa um avental preto, ela é a assistente de Gigi, ele me entrega um livro e o abre, então começa e me indicar as tonalidades que combinam com meus cabelos.

— Que tal um castanho claro nas pontas com uma tinta mais escura na raiz? Eu tenho um Power gloss aqui que posso usar mais perto da raiz para deixar seus cachos mais hidratados.

— Bem, eu nunca tingi meu cabelo.

— Querida, mudar é sempre bom, não importa em qual época seja, você tem alguns fios brancos, é bom se cuidar, não é todo dia que

PERIGOSAS NACIONAIS

encontramos uma pessoa disposta a nos dar um cartão, eu que o diga, o meu marido é um mão de vaca.

Acho graça, mas, no fundo sei, que é verdade.

— Confie em mim, você vai amar o nosso pacote—diz ele todo articulado.— Vai querer depilar a perseguida?

— Bem acho que sim?—respondo constrangida.

—Carmen, coloca a cera para esquentar—Gigi berra.—Fafa menina, teremos um grande trabalho pela frente, traga um café para a minha cliente, ligue para o restaurante e peça algum lanche para as crianças, o dia hoje será bem longo.

Imagino que sim.

Mas bem, que mal fará se eu der um trato no meu visual? Não foi Kalel mesmo que disse que eu preciso me arrumar mais? Pois bem, vou me arrumar, mas com o dinheiro dele!

Problema.

PERIGOSAS ACHERON



A Beleza dói.

Quem falar que é mentira vai levar um murro bem no meio da boca seguida de uma voadora.

Caramba!

Parece que alguém deu uma surra na minha vagina, estou toda dolorida, eu deveria saber que depilar com cera não era a melhor escolha, mas como eu estou grávida, Gigi disse que não aconselhava o laser, ainda que não houvesse nenhuma contraindicação.

Foi um dia longo.

Não sai da minha cabeça o convite para que eu volte daqui a 20 dias para fazer as unhas e a sobrancelha, outra coisinha que me incomodou, não sei se é porque fazia muito tempo que eu mesma tirava alguns fios com a pinça, eles lá fazem com a linha e com cera, porém, tenho que admitir, ficou PERIGOSAS ACHERON

perfeita.

Percebi durante o percurso até aqui que o Said ficava a todo momento olhando no retrovisor, eu sei que estou bem, mas é que não faz muito meu tipo ter atenção de homem algum já a muito tempo.

Clara e Alice estão super felizes, eu deixei que Gigi cortasse os cabelos da Alice e da Clara iguais, agora, minha filha tem uma franjinha e seus cabelos estão curtinhos, os de Alice também, com a diferença que os de Clara, são mais encaracolados nas pontas.

Sáímos do elevador, ando devagar, a virilha está dolorida, as panturrilhas e as coxas nem tanto, nem as axilas, meu busto, deveria existir anestesia local para depilação com cera, mas acho que é porque foi a última coisa que eu fiz.

Gigi levou basicamente a tarde toda para arrumar meus cabelos, as manicure para fazer as minhas unhas dos pés e das mãos, ela fez uma dessas novas técnicas onde coloca uma camada de gel, ou seja, lá o que é isso para unha ficar maior, pintei as das mãos da cor das unhas das meninas, com direito a gliter e tudo.

Porém, nada poderia ter me feito mais feliz, quando me olhei no espelho, nossa, deu vontade de

chorar, a tanto tempo não me sinto feminina, arrumada, uma mulher bonita, pude sair do shopping com os cabelos soltos, meus cachos controlados e no lugar, Gigi fuçou minhas sacolas e me fez colocar o vestido que comprei, nas meninas também, e me arrumou uma chinela para que eu pudesse vir embora sem estragar o esmalte.

Ok, ele é desbocado, mas eu adorei ele, vou voltar com as meninas lá com certeza.

Tem gente que tem o dom de nos colocar para cima, não tenho tido muita sorte de falar que existem pessoas assim na minha vida, mas hoje foi um dia diferente, bom, cercada de pessoas que me trataram muito bem.

Deu vontade de voltar lá amanhã, comprar mais umas roupinhas, quem sabe assim que eu receber?

— Ta linda mamãe—Clara me abraça toda contente.— Adolei.

— Eu também adorei querida.—digo.

Nosso dia no salão foi ótimo.

Ganhei até uma massagem antes da depilação, quase dormi, não fosse eu voltar para realidade e saber que aquela moça de olhos puxados arrancaria até o último fio da minha alma,

PERIGOSAS NACIONAIS

o salão tem banheiros para as clientes se lavarem antes da depilação, fornecem toalhas individuais, e confesso que apesar de ser pela primeira vez com a Toyoco, ela me deixou super-confortável.

— Será que o papai vai gostar do nosso corte?—Alice questiona tocando as pontinhas dos cabelos curtos.

— Quem tem que gostar é você querida, nenhum homem deve dizer como você deve cortar seu cabelo.—explico e abro a porta.

Estou cansada de todas as formas e com um pouco de fome, belisquei um sanduíche que Gigi incluiu na minha conta na hora do almoço, as meninas foram tão bem tratadas, as pessoas ali estavam treinadas para ter paciência e tinha uma tv e um cantinho para crianças.

A conta foi alta, bem mais alta do que eu pagaria num salão do bairro, mas olha, compensou cada centavo.

Porque afinal de contas, não é todos os dias que eu tenho 2,600 reais para tratamentos estéticos, não sei também se consigo me sentir infeliz em gastar esse dinheiro, porque de alguma forma, o dia no salão me fez deixar de lado os receios e medos que eu tinha sobre uma porção de coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Kalel não estava nos meus pensamentos, nem João, nem meus pais, ninguém, nada, apenas eu e eu mesma me preocupando com meu corpo, deixando que as pessoas cuidassem um pouco de mim, e no final das contas, havia uma Nanda que eu não via a muitos anos no espelho quando tudo acabou.

Uma mulher de cabelos cacheados longos caindo à altura da cintura, batom escuro nos lábios, sobrancelhas grossas e bem delineadas, uma maquiagem bem-feita que escondeu a mulher sem graça que chegou naquele salão hoje pela manhã, ela usava um vestido floral curtinho e suas unhas das mãos e dos pés estavam perfeitas, seus cílios estavam longos, seus lábios cheios numa cor de carmim matte perfeito, mesmo que mais gordinha, mesmo que não a Nanda jovem que já pesou cinquenta e poucos quilos, mas ali, estava uma mulher mais bonita, arrumada.

E essa mulher agora sou eu.

As meninas entram correndo no apartamento, sinto cheiro de orégano, tranco a porta e deixo as sacolas num canto, trouxe nossas roupas nas sacolas da loja onde comprei os vestidos, minha bolsa, tiro as chinelas, todo apartamento está muito

organizado, do jeito que eu deixei.

— Nossa, você cortou o cabelo!—escuto Kalel falar para Alice.— Ficou muito bonita Alice.

—Mamãe disse que eu fiquei linda—a voz de Alice está alegre.— A mamãe tá linda, ela comprou roupas iguais para nós três.

— Vocês duas estão iguaizinhas!—João fala todo contente.— Minha nossa, Clara, você virou uma princesinha!

Tiro as chinelas, não me sinto tão mal quanto estava mais cedo, foi bom sair, amanhã vou arrumar outro programa para eu e as meninas depois que dar uma analisada no trabalho. Vou para a cozinha, daqui posso ver de canto de olho, João e Kalel sentados nos sofás da sala, mas vou até a geladeira, pego uma garrafa de água, um copo no armário e me sento a mesa, está posta para cinco, imagino que Said tenha avisado que já estávamos chegando.

— Oi amor!

João se aproxima primeiro, mas assim de repente se cala, eu o fito e lhe dou um sorriso.

— Oi—digo.

Ele fica me olhando com os olhos arregalados, assim, pasmo, bem, não esperava

PERIGOSAS NACIONAIS

causar tanto impacto, até eu perceber Kalel parado perto da pedra da cozinha me olhando também todo espantado.

Ok, eu acho que fiquei mesmo bem diferente, porém, não precisava deles demonstrarem assim tanta surpresa com a minha mudança.

— Estamos famintas—quebro o silêncio.—
O que é o jantar?

— Pizza—João diz saindo do transe.—
Poxa, você está maravilhosa!

— Obrigada—me sinto coberta de vergonha.— Eu tirei um dia para mim, segui os conselhos do Kalel.

— Que bom—Kalel diz.— Você fez alguma coisa nos cabelos? Parecem mais longos!

— O cabeleireiro fez uma hidratação e pintou ele dê um tom mais claro—revelo—no final do mês eu te passo o dinheiro.

Ele fecha a cara.

— Deixa disso—repreende.— Vem Alice, o papai comprou pizza congelada.

Suspiro.

Deveria esperar algo diferente dele?

João se aproxima e para a cadeira ao meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lado como de praxe, ele estende a mão e toca a minha cocha exposta, sorrio.

— Está linda meu amor, perfeita!

— Obrigada.

— Eu também achei linda—Kalel coloca Clara em sua cadeira e depois Alice na outra, ele se apressa e abre o forno.— Pizza de calabresa!

Olho para o lado, o lugar dele está a minha esquerda, não ao lado de Alice, sinto vontade de sorrir, ele coloca a placa com a pizza no centro da mesa e pega o refrigerante na geladeira, então se senta ao meu lado e me dá um selinho.

—John pediu a Said que comprasse sorvete.
—ele fala.

— Não precisava.—falo sem graça.

— Precisava sim—João argumenta.— Que bom que está melhor e mais calma amor.

— É, foi um dia e tanto!—confesso e começo a servir as meninas.— Mas pelo ou menos, fizemos as unhas!

— Ficaram lindas—Alice suspira alegre.— Mamãe, sempre iremos ao salão do Gigi?

— Com certeza.

Se o meu dinheiro der quem sabe?

PERIGOSAS ACHERON



Subo na cama.

Me deito entre Kalel e João, tento ficar o máximo confortável de calcinha mas não dá, sei que é uma desculpa perfeita, contudo, mantenho-me intacta, parece que lá embaixo as coisas estão mais quentes, não sei dizer, agora que tomei um banho, estou mais aliviada, mas ainda dolorida por conta da depilação, Toyoko tirou tudo, acho que ela só não levou a minha alma porque não era um dementador.

Tiro a calcinha e me estico na cama abraçando meu travesseiro, me sinto mais confortável sem nada.

— Você vai dormir assim?—João pergunta.

— Vou—respondo e puxo os cobertores, me deito de costas e abro as pernas.— Aqui parece que está mais quente.

—Vou ligar o ar—Kalel estende a mão e pega o controle, liga o ar-condicionado — Pronto.

— Obrigada.

Escorrego na cama e me deito do lado oposto dos dois, afasto meus cabelos para longe da minha nuca, toco o pé da minha barriga, sinto

bastante calor.

— Amor, o que foi?—João se ergue.—
Sente dor?

— É que eu me depilei no salão e a cera estava muito quente, acho que a minha pele é muito sensível—confesso.— Estou desconfortável.

— Quero ver—Kalel já fala.— Machucou?

— Acho que não, é que eu sempre uso aparelho de barbear—abro as pernas.— Olha, parece que está vermelho.

— É—as sobrancelhas dele sobem.— Está vermelhinha.

— Muito vermelhinha.—João fica olhando fixamente.

— Acho que eu preciso de cuidados.—aviso baixinho.

— Precisa mesmo—Kalel vira a cabeça para o lado.— Eu e o John podemos cuidar disso para você.

— Ah que bom!—digo.— Acho que preciso de algo gelado para cuidar disso.

— Talvez precise de um pouco de carinho na área.—João estende a mão e toca a parte de dentro da minha coxa.

Ele empurra mais as minhas pernas abrindo-

as totalmente, se inclina e começa a beijar a parte de dentro das minhas coxas devagar, arfo, mas nem dá tempo, Kalel me beija sem fazer cerimônia.

É, eu quero transar, não sei porque, mas quando eu entrei no quarto agora pouco, fiquei me indagando se queria mais uma longa conversa sobre relacionamentos, discutir, e estava chateada demais por ficar me preocupando com isso, sendo que Kalel nem João estão.

Portanto, primeiro foda-se, segundo, fodam-me, terceiro, vou foder e que o resto fique lá fora desse quarto.

Estou cansada de me preocupar com tudo, sempre ficar pensando nas consequências, com medo das coisas não darem certo, não quero pensar nisso.

Em nada para ser exata.

Toco os cabelos dele e o correspondo, ao mesmo tempo a boca do meu marido começa a me chupar o clitóris devagar, quentinha, úmida, gemo e me encolho, Kalel segura a minha perna aberta e deixa os meus lábios, João segura a outra debruçado sobre minha intimidade.

Poxa!

Kalel beija meu seio e sua língua desce até

minha axila, essa parte sensível do meu corpo que me causa cócegas, agora me proporciona extenso prazer, ele lambe o local devagar e volta para o meu seio cobrindo-o de chupões intensos, fecho os olhos, João é tão divino me chupando assim, tão cuidadoso, ao mesmo tempo, ter outro homem me tocando, beijando partes do meu corpo me deixa ainda mais excitada.

Beijo a boca de Kalel e puxo a calça dele para baixo, enfio a mão dentro da cueca e começo a tocar ele, sua rigidez é sólida, o pênis salta e eu o masturbo com vagareza beijando-o.

— Quero te chupar também—avisa.—
Toda!

Perco o fôlego, João se deita de costas e ele me puxa com facilidade, eu o fito e fico de joelhos permitindo que o João fique com a cabeça entre as minhas coxas, meu marido puxa os meus quadris e volta e me chupar a região dos grandes lábios devagar, tento me agarrar a algo, Kalel vai para trás de mim e empurra a minha bunda, perco o ar de novo, levo um tapa na bunda.

Meu corpo vai para frente e fico desorientada quando ele segura os lados das minhas nádegas e as separa, ele me olha e sinto mais prazer

com isso, estendo a mão e toco os cabelos do meu marido, ele fecha os olhos enquanto me chupa, meu corpo todo se enche de arrepios, Kalel se inclina e abocanha minha bunda com força, me seguro na cabeceira da cama e prendo o grito.

Sua língua começa a lamber a minha bunda sem nenhum receio ou barreira, e a sensação de ser chupada na parte da frente e na parte de trás ao mesmo tempo me enlouquece.

Tremo e aperto os olhos.

— Seu cu é tão apertadinho!—Kalel pede baixinho e morde as minhas nádegas com força.— Você tem que me dar ele querida, ele tem que ser todinho meu.

Meus quadris vem e vão porque não consigo controlar, João estende as mãos e aperta os meus seios, puxa os biquinhos para baixo, ele sabe que eu adoro quando ele faz isso, mordo o lábio oprimindo os gemidos, ter mais de uma boca em mim é inexplicável.

Kalel me puxa pelos quadris e procuro os cordões do pijama do João com pressa, ele me ajuda a puxar para baixo, e para minha surpresa, ele já está excitado, seguro seu pênis e começo a chupar ele ouvindo seus gemidos, ele enfia as mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

nos meus cabelos e toca a minha nuca com gentileza, Kalel encosta a pontinha dele na minha entrada e vai se enfiando devagar, quase me enlouquecendo.

—Que cacete!—geme ele alto e tira o pênis de dentro de mim— Caralho!

Tento enfiar o pênis do João na minha boca todo de uma vez, mas não consigo, ele afasta meus cabelos para trás do rosto e eu o olho erguendo a bunda para cima, Kalel volta a me penetrar devagar, a mão esquerda me aperta o quadril e ele se move num vai e vem gostoso.

Estou totalmente molhada, úmida, ele entra e sai com tanta facilidade que até eu duvido, bem lubrificada.

— Você é perfeita—João fala baixinho. — Sua boca é linda.

Sorrio, puxo a calça dele enquanto Kalel faz comigo, me ergo e tiro a calça do pijama dele, me inclino puxando a perna de Kalel, indicando que o quero dentro de mim enquanto me deito sobre o corpo do João, ele vem comigo, então, abro as pernas e me movo roçando meu clitóris em sua extensão, Kalel me penetra enquanto roço nele, totalmente aberta.

PERIGOSAS ACHERON

Beijo o João, ele me corresponde segurando meus quadris, nosso beijo é lento, Kalel afasta meus cabelos e beija as minhas costas enquanto faz gostoso comigo, abro mais as pernas e ele geme mergulhando mais em mim, me ergo e me apoio nas mãos, exploro a boca do meu marido e meus quadris se movem de encontro a ele, a cada vai e vem, meu ponto sensível fica ainda mais inchado.

— Você é tão deliciosa querida.—Kalel sussurra.

— Muito—João fala.— Me deixa comer ela um pouco.

Uau!

Kalel se ergue e permito que João me penetre, fíco de joelhos e me movo livre de qualquer vergonha ou medo, sempre tivemos uma vida sexual muito boa antes do acidente, fazíamos de tudo na cama, respeitávamos nossos limites, porém, eu e João nunca tivemos frescura.

Meu marido coloca as mãos nos meus quadris e me move como quer, rapidinho eu transo com ele, sorrimos um para o outro e eu me sinto puxada pela cintura, Kalel toca minha vagina e segura o pênis me mantendo deitada de costas em cima dele, ele me coloca em cima dele e me

PERIGOSAS NACIONAIS

empurra me erguendo, me apoio nos pés então ele me segura pelos quadris e começa a meter assim com força em mim.

Meus seios pulam com a força, e ele faz estalos enquanto mete em mim com força, meu marido se masturba com a cena, abro as pernas ficando de frente para ele, e ele nos olha fazendo uma cara de sacanagem que eu nunca vi na vida.

— Lisinha!—Kalel geme.— Eu adoro uma boceta lisinha e molhada, você gosta John?

— Sim—João responde e se ergue.— Me dá ela!

Senhor!

Arregalo os olhos e vou para cima dele abrindo as pernas, sem ar, me sento em sua ereção e me movo me encolhendo toda, o prazer me tomando dos pés a cabeça, Kalel estende a mão e enfia um dedo na minha vagina durante o sexo, não machuca, não incomoda.

— Mete mais forte—ordena ele a João.— Vamos!

Me desequilibro quando João me joga para cima e me puxa para baixo com força, me apoio na cama e fico observando ele meter comigo com vontade.

PERIGOSAS ACHERON

— Ai!—grito.— Eu vou gozar!

— Goze querida—Kalel aconselha.— Goze bastante, estamos aqui para isso, para o seu prazer!

Prendo a respiração e a tensão me toma todo o corpo, João me puxa com umas investidas tão fortes que o meu corpo trepida, Kalel enfia mais um dedo e durante a penetração isso me enlouquece, ele enfia os dois dedos rapidinho enquanto João me penetra, com o polegar ele me masturba o clitóris.

Abandono o meu corpo na cama, então, me tremo toda sentindo um orgasmo descomunal me tomando da ponta do dedo até o meu último fio de cabelo, Kalel se inclina e tira os dedos de dentro de mim, ele me chupa o clitóris, enquanto João mete com força.

— Ah!—grito e esperneio sem conseguir controlar a força dentro de mim.

Tudo vai ficando intenso dentro de mim, mais forte, Kalel segura as minhas pernas e lambe meu clitóris me deixando louca, meus pés ardem, minha virilha dói com o esforço, mas quando mais João mete e ele chupa, mais eu quero.

Não tenho forças para sustentar meu corpo, mas da minha garganta saem gritos altos e gemidos

cobertos de grunhidos fortes, João deixa meu corpo e sou puxada pelas pernas pelo Kalel, ele segura meu braço e fica sentado ao lado do João, me seguro nele e o fito colando a testa na dele, meus quadris voltam a se mover como se eu não fosse mais dona deles.

Ele aperta a minha bunda, afasta meus cabelos para longe do rosto e aperta meus seios sem piedade, abro a boca, meu corpo todo coberto de suor, me sinto judiada, mas está tão bom, o prazer se torna tão gostoso que acaba de alguma forma sendo tudo aquilo o que nunca senti, uma espécie de intensa dor, mas tão inexplicavelmente bom.

Danço no pênis de Kalel rapidinho, João se masturba e com a outra mão começa a massagear meu ponto sensível novamente, Kalel se deita, me inclino e beijo a boca do meu marido sem conseguir parar, eles dois são deliciosos.

— Fode com ele—João fala me fitando.—
Fode com ele rapidinho amor.

— Fodo—sussurro sem ar.— Fodo sim amor, como você quiser.

— Quem manda na bocetinha?—pergunta ele e lambe meu queixo.

—Você amor—gemo.— Você amorzinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso mesmo—João mordisca meus lábios.— Eu mando na sua bocetinha molhada.

— Sim meu amorzinho—digo fitando-o.— Gosta da minha bocetinha amor?

— Adoro!

Puxo seus cabelos e ele me beija com violência, me movo mais rápido sob o pênis de Kalel, masturbo João e puxo os pelinhos dele ouvindo-o gemer alto, a sensação de beijar ele transando com outro cara é tão nova e tão reveladora.

Kalel me tira e me coloca deitada em cima do João, João começa a me penetrar assim, abro as pernas e Kalel me chupa enquanto me movo em cima do meu marido, gozo, João começa a ejacular dentro de mim, Kalel sobe em cima de mim e me penetra com força gozando dentro de mim.

Solto um gemido alto, ele me beija o pescoço e eu beijo a boca do João enquanto sinto-me conectada aos dois ao mesmo tempo, meu marido se coloca na minha bunda e goza todo o resto entre minhas nádegas subindo e descendo conosco, abro as pernas olhando para o teto do meu quarto.

Rio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas a minha risada não é a única e eu sei que não sou a única a ver pequenos focos de estrelas agora.

PERIGOSAS ACHERON



— Sem sono?—João pergunta baixinho.

— Aham—digo quieta.

— Quer que eu desligue o ar?—Kalel beija meu pescoço.

— Hum hum—nego.

Acaricio o peito do meu marido, ele me beija a cabeça, deslizo a mão até a bunda do Kalel e o puxo colando seu corpo ao meu, estou tão relaxada, mais calma, minha mente está vazia, pacífica.

Estou onde quero estar com quem quero estar e não me arrependo de nada, e perceber isso é muito bom, enxergar isso como se não fosse errado ou proibido nem vergonhoso é maravilhoso.

— Foi ótimo—João fala.

— É verdade—Kalel concorda.— Você precisa ir mais vezes ao salão de beleza.

Começo a rir, ele e João também, me

inclino e beijo o meu marido, porque adorei o jeito como ele se excitou, gostou, como ele me tratou durante o sexo, foi tão atencioso, tão bom, a muito tempo não fazíamos amor assim.

— Eu adorei—digo fitando-o.— Obrigada.

— Não tem que me agradecer.—seu olhar não tem culpa.

Pelo contrário.

Mas ele entende que me refiro a ele aceitar mesmo tudo isso, a ele não ter medo de que as coisas desandem, que ele tenha mesmo mergulhado de cabeça nesse relacionamento à três.

— Acha que pode fazer mal ao bebê?— Kalel toca a minha barriga.— Quer dizer, as vezes eu sou meio violento.

— Não faz—João explica.— Por falar em bebê, você precisa ir a um obstetra amor, fazer o pré-natal.

— Sim, eu vou ver se consigo marcar para semana que vem a primeira consulta—digo e me deito de costas, beijo Kalel.— Você não foi violento, foi ótimo.

— Que bom—ele me fita.— Você ficou linda com esse cabelo, a maquiagem, tudo.

— Obrigada—sorrio.— Meu batom deve

PERIGOSAS NACIONAIS

estar todo borrado.

— Não tem mais batom na sua boca—ele sorri com malícia.— Gostou da trepada não gostou?

— Sim—admito.— Fazia tempo que eu não me sentia tão disposta.

— Precisamos transar mais.—João provoca.

— Ah é mesmo?—pergunto irônica— Não me diga.

Ele acha graça.

— Só estou dizendo que apesar de achar meio estranho, é bom—João me olha—te ver sentindo prazer me dá prazer.

— É?—indago.

— Sem dúvidas—João está relaxado.— Nós sempre fomos muito monogâmicos na cama.

—É verdade—suspiro.

—Nunca fizeram anal?—Kalel pergunta e começa a acariciar minha vagina devagar.

— Já—digo relaxada.— Mas nós não fazíamos muito né amor?

— É—João coloca o braço embaixo da cabeça.— Nós gostávamos de transar em pé e de fazer no carro.

— Amadores—Kalel sorrio todo

PERIGOSAS ACHERON

zombeteiro.— Para eu transar num carro, só se eu estiver muito sem tempo.

— Você não está surpreso?—eu o fito.— Quer dizer, nós dois não somos tão experientes quanto você, porém já fizemos muitas coisas na cama.

— Quando se é casado por muito tempo as coisas costumam mudar, tudo esfria, é bom inovar, eu já imaginava que você houvesse feito anal com ele, só que acho que você está precisando acostumar o cu de novo.

— Sua boca é muito suja cara—João diz.— Tenta evitar palavrões perto das meninas, está bem?

— Quando eu estou na cama eu não gosto de cortesia, nem gentileza, a mulher tem que ser uma trepadeira, e o cara que está com ela tem que comer ela até a cabeça do pau ficar inchada.— revela ele muito calmamente.

Viro a cabeça e olho para o teto querendo rir, João parece horrorizado.

— É bom ter uma puta na cama, você não gostou de agora a pouco?—Kalel pergunta e brinca com os meus pequenos lábios apertando-o.

— Ai!—reclamo.— Nossa, para de brincar

PERIGOSAS NACIONAIS

com a minha vagina, ela está dolorida!

— Mas é bom—replica ele e passa a mão com cuidado.— Desculpe bebê.

E me beija.

Esse canalha... Agora me chama de bebê!

— Eu gostei—João me olha.— quero você mais puta na cama para mim amor.

— Para nós.—corrige Kalel.

— Eu serei puta na cama quando eu quiser, obrigada, de nada!

Me ergo e me sento na cama.

— Para onde a senhorita acha que vai?— João se ergue também.

— Preciso de outro banho, meus dois maridos me encheram de porra.—aviso.

Me sinto ousada, sou puxada e Kalel me abraça por trás.

— Você está diferente—ele diz.— Posso tomar banho com vocês dois?

— Por mim tudo bem—João diz.— Mas você fica com a cama para arrumar.

—Feito.—ele concorda.

Nos beijamos e ele me aperta com carinho enquanto caminhamos juntos até o banheiro, João vem logo atrás, sei que ele não se incomoda, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero ele conosco.

— Vem logo amor—chamo.— Você primeiro meu amor.

— Tá—ele entra no box e ajeita a cadeira embaixo do chuveiro dele.

Entro logo em seguida e ligo o chuveiro, puxo o Kalel para dentro e pego o sabonete, João começa a se lavar em seu canto, a água é quente e gostosa, nós dois nunca ficamos assim perto de ninguém além da Clara, é a nossa primeira vez numa série de coisas diferentes.

Me inclino e lhe dou um beijo.

— Te amo.—digo e toco sua face.

— Eu também te amo amor—ele sorri.— Tudo bem vai, toma banho, amanhã eu preciso acordar bem cedo para nadar.

— Tá.

Pego o shampoo e começo a lavar meu cabelo, Kalel me dá as costas e se lava também, me viro e abraço ele por trás, pego o sabonete de sua mão e começo a lavar ele sem receio, ele se vira e enfia as mãos nos meus cabelos, começa a esfregar meu couro cabeludo devagar.

Me olha e me olha todo pensativo.

— Você sabe que eu também te amo, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa ter medo Kalel, agora somos nós três.—
digo em alto e bom som.

— Sim—ele abaixa o a cabeça e me abraça
com força— Eu te amo tá?—me fita todo sério.—
Do mesmo que o John te ama, eu faço qualquer
coisa para que você fique bem.

— Eu sei—sorrio.— Eu também te amo
meu bem.

Eu amo os dois.

PERIGOSAS ACHERON



Acordamos a alguns instantes, despertei com os beijos do João, não sinto um pingo de vontade de sair dessa cama, João deitado de costas, estou deitada com a cabeça no abdome do João e Kalel está debruçado sobre mim com a cabeça encostada na minha barriga, mas aqui, tudo o que há é silêncio, longe dos julgamentos, da vergonha e do receio, até mesmo do medo, acordei tão bem.

O meu marido faz carinho na minha cabeça enquanto Kalel toca meus seios, minhas pernas, e é fantástico ver que nós três estamos muito bem agora, conectados, como eu acho que deve ser, no nosso mundo à três.

Estamos bem depois de ontem a noite, nunca pensei que me sentiria tão confortável, mais segura.

— Quer que eu faça o café?—João toca meus cabelos e os cheira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pensei que fossem nadar.—falo enquanto acaricio a cabeça do Kalel.

— Não quero sair daqui—Kalel ergue a cabeça e nos olha.— Raramente me sinto tão bem com um casal para passar a noite.

— Você nunca dormiu com eles?—estou abismada.

— Não fora da casa de swing, eu sempre saio antes que algum deles acorde—ele está muito tranquilo.— Na maioria das vezes o cara não gosta, muitos acham invasivo demais.

— Isso é muito complexo!

— Eu acho que eles tem medo de você roubar as mulheres deles enquanto eles dormem, só um palpite.—meu marido me olha rindo.

— Bobo—acuso sorrindo.

—Podemos nadar no final da tarde John— os olhos azuis pousam em mim.— Eu quero descansar um pouco mais, foi um mês bem cansativo.

— Viver viajando deve cansar mesmo— admito.— As meninas daqui a pouco acordarão, temos que nos vestir.

— Ainda é muito cedo querida—os olhos azuis permanecem em mim.— Você é fantástica na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama.

— Eu também acho—João concorda.—10!

—9,5, preciso de um anal só para confirmar as minhas teorias.

— Imoral—acuso e minhas bochechas queimam.— Os dois.

— Querida estamos juntos nisso, não precisa ter vergonha de falar sacanagem conosco.— garante.

— Falávamos muito palavrão quando fazíamos sexo—os olhos castanhos pousam em mim.— Mas quando fazemos amor, é diferente.

— Como é fazer amor?—Kalel toca os meus seios devagar.— É algo mais calmo? Lento?

— É diferente—eu o olho.— Nunca fez amor?

— Não sei como fazer amor—responde.— Vocês dois têm um ritual para fazer isso?

— Tinha dias que nós fazíamos sexo, mas haviam dias que nós dois éramos mais cuidadosos um com o outro—seguro a mão do meu marido e entrelaço os dedos nos dele.— Fazer amor é diferente, não sei explicar.

— Podem fazer comigo?—ele beija meu ventre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós não fazemos—João retruca.— Ela faz com você e eu acompanho.

— Isso não vai diminuir a sua masculinidade John—os ombros cobertos de tatuagens sobem e descem.— É normal que os homens acabem se tocando durante a relação, não de forma afetiva, mas como compartilhadores do prazer.

— Enfim—ele me fita.— Você ficou muito bem assim.

— Obrigada—digo.— Eu gostei muito de ontem, foi libertador.

Kalel vai para o lado, me ergo e me aconchego ao João, eu o beijo e sinto o abraço carinhoso do meu namorado, acho que posso chamá-lo assim.

— Que tal sairmos para jantar?—Kalel sugere.— Nós cinco hoje a noite?

— É uma boa ideia—concordo.— O que acha amor?

—Por mim tudo bem—João toca a minha face.—Nanda, sério, eu estou contente por ontem, me sinto de novo seu homem, alguém disposto.

— Eu sei—beijo-o.— Também senti falta da nossa relação ser mais apimentada.

PERIGOSAS ACHERON

— Alguém me deve um obrigado.—o outro se gaba.

— Ai, sai!—João empurra o rosto dele para longe.— Nojento!

Gargalho, Kalel também ri, ele não se importa, sei que ambos fazem o possível para que tudo fique bem, para não brigar, me viro para ele e o beijo também, nossos corpos juntinhos, ele me toca as costas, minha bunda, vem para cima de mim e fica me olhando.

— Você é muito especial bebê—ele fala com carinho na voz.— Merece todo carinho do mundo e um bom tratamento na cama.

Meu marido se inclina e me beija também, toco os ombros do Kalel e as costas dele, ele começa a traçar beijos lentos pelo meu pescoço descendo até os meus seios, toco seus braços.

— Mamãe!

Depois do chamado, escuto os passos leves, ao mesmo tempo que Kalel puxa os cobertores, João tenta se cobrir com um travesseiro, Alice e Clara entram no nosso quarto com cara de sono, Alice carrega Clara no colo, eu a pego e João ergue Alice colocando-a ao meu lado.

— Bom dia—Alice me abraça.— Ta pelada

mamãe?

— A mamãe está com muito calor— arregalo os olhos constrangida.— Bom dia meu amor.

Clara larga a pepeta, mas Kalel a puxa já depois de coberto e a acomoda dando batidinhas em suas costas.

— Melhor não querida.—ele fala e coloca a pepeta na boca dela de volta.

Clara fecha os olhos e o abraça sonolenta, Alice abraça João e volta a dormir, eu as observo, ainda que diferentes, esses cortes de cabelo deixaram ambas iguais.

— Melhor colocar uma roupa.—João fala constrangido.

— Concordo—Kalel coloca Clara deitada na cama e levanta.— Eu faço o café.

— Ok—meu marido me beija a cabeça.— Descanse, traremos seu café aqui.

— Tá!—sorrio incrédula.— Mas se preferirem eu mesma cuido do café.

—não tem problema—Kalel coloca a calça do pijama todo sério.— Acho que podemos tirar o dia de hoje para nós cinco, o que acha querida?

— E uma boa ideia—admito.— Mas, eu

preciso checar alguns papéis.

— Pode fazer isso amanhã—ele me beija com carinho.— Já voltamos.

Fico sorrindo feito idiota, João coloca a um calção e o segue em sua cadeira em silêncio, fico deitada na cama olhando para minhas duas joias, minha filha de sangue e a filha do meu namorado.

Me sinto ótima.



— Eu estive pensando... Quer dizer, eu e o John estivemos pensando, gostaríamos de saber se você... Bem...

— Ele quer que nós usemos alianças iguais!

Olho para o meu marido, depois eu olho para Kalel, analiso a minha aliança de casamento, depois de alguns instantes volto a mastigar a massa, saímos nós 5 e viemos para o shopping aqui perto de casa para almoçar, Said nos trouxe.

É o nosso primeiro passeio juntos, não foi algo assim de outro mundo, fiquei escondendo meu entusiasmo por conta de tudo, Kalel manteve a distância, mesmo que as vezes eu percebesse que ele queria muito estar mais próximo, algumas vezes enquanto caminhávamos nos corredores do

shopping, ele encostava a mão na minha, de uma forma oprimida e discreta, mas enfim, ele estava lá querendo um pouco mais de atenção.

Agora, escolhemos uma casa de massas na praça de alimentação, ele comprou balinhas para Clara e Alice, escolhemos uma mesa e fizemos o pedido, enfim, estamos comendo, as meninas comem e brincam entre si.

Sei que Clara e Alice desenvolvem cada dia mais uma forma de se comunicar, por mais que seja um pouco difícil, elas se entendem muito bem.

— Seriam alianças de casamento—Kalel me encara com certo receio.— Tudo bem por você?

— Vocês dois chegaram a essa conclusão juntos?—estou bem surpresa.

— Eu perguntei ao John, como seremos basicamente casados, seria ideal que nós usássemos—ele sorri.— Quero selar nossa união de uma forma mais tradicional.

— Sério?—franzo a testa incrédula.

— Claro—João diz—Bom, eu não me oponho, se vamos fazer isso, que façamos direito, eu até prefiro, porque essa é a nossa garantia de que o Kalel não vai te trair.

— Isso nem passou pela minha cabeça—

olho para minha aliança de casamento.— Eu gosto da minha aliança.

— Posso mandar reformar ela—os olhos azuis pousam em mim.— Confie em mim querida, acredito que será melhor para nós.

— Já estamos juntos mesmo—dou de ombros.— Por mim tudo bem.

— Ótimo—percebo a empolgação em seu olhar.— Eu acredito que vai ser melhor para nosso relacionamento também que nós estabeleçamos algumas regras de convivência, como podemos nos dividir com a criação das meninas.

Estou bem mais que chocada em ouvir essas coisas da parte dele, porque mesmo que haja a ideia de vivermos juntos, não cheguei a pensar que ele se interessaria por isso.

É tão família, tão eu e o João! Kalel é mais aquele cara que parece adorar farras, mulheres e encher a cara quando pode.

— Você bebe?—questiono.

— As vezes, mas não é um hábito, eu também não fumo, já fumei maconha uma época da adolescência, mas não faz muito meu tipo usar drogas—Kalel responde.— E vocês?

— Nunca fumei—respondo.— Não bebo

também, nem o João.

— Nós não gostamos de pessoas que fumam perto da Clara, nem bebemos, as vezes vinho, mas muito raramente.—meu marido bebe um pouco de seu suco.— A Nanda prefere cerveja nas festas de ano novo, mas eu sou fraco com bebida.

— Eu pensei em colocarmos a Clara e a Alice numa escola local da cidade onde vamos morar, ou melhor, nos arredores, inicialmente pensei em morarmos em Nova York, mas encontrei um lugar muito bom a indicação do Nick e da minha tia Melissa, sei que lá encontraremos descrição, paz, não seremos perturbados.—ele coloca uma porção pequena de macarrão na boca e mastiga.

— Você não nos falou da casa nem nada— indago.— Nem da Bah da Alice, como as coisas vão ser?

— Porque eu não tive muito tempo de falar isso, mas já contei para o John dos meus planos, quis falar com ele primeiro, porque sei que ele é cabeça dura.

— Eu não sou cabeça dura, apenas não estou acostumado a essa situação ora.

Me estico e limpo a boca de Clara, ela faz cara feia, mas continua a brincar de adoleta com Alice.

— De todas as formas encontrei uma propriedade nos arredores de São Francisco, a casa é num lugar afastado, é grande, tem muito espaço, minha tia Melissa mudou para essa cidade quando se casou, Nick também mudou quando o Luca nasceu, o filho dele, ele e a esposa vivem se dividindo entre Nova York e São Francisco mas tem dado certo, a Thurman tem sede em muitos lugares, não será um desafio impossível achar esse canto para trabalhar lá também.

—São Francisco, Califórnia!—suspiro um pouco feliz.— Acho que posso me acostumar.

— Vai se acostumar, é uma casa muito confortável, eu conto muito com o apoio da minha tia Melissa.

— Contou para ela sobre a gente?—meus olhos se arregalam.

— Contei, Nick já sabia desde que vim da segunda vez aqui, minha tia entende que eu não sou convencional, Nick sabe que eu não presto, ela é a única que aceitaria e entenderia meu ponto de vista.

Melissa deve ser como a mãe que ele não

teve, e esse tal Nick o irmão que ele nunca teve também.

— Espero que vocês dois gostem de lá, eu estou me estruturando para ficar mais em casa com a Alice, acompanhar mais a vida dela de perto, decidi seguir seu conselho, eu tenho trabalhado muito, deixado ela de lado—ele limpa a boca com o guardanapo.— Sei que você vai precisar de bastante ajuda agora com a gestação.

— Você está falando sério mesmo?— pergunto desconfiada.

— Claro que estou falando sério, eu não sou o rei da maturidade, porém eu estou tentando entender essa coisa de “família”, se faremos parte de uma, temos que nos preparar, nos organizar para que tudo funcione.

— Não sinto que devo satisfação da minha vida para ninguém também—João da de ombros.— Vou comunicar formalmente aos meus pais que viajaremos em algumas semanas, sobre o bebê, mas o que fazemos dentro do nosso casamento não interessa a eles.

Acho que a mãe dele enfartaria se soubesse, o pai dele então... Melhor não.

— Eu quero apresentar ela como minha

PERIGOSAS NACIONAIS

noiva para os meus pais nos Estados Unidos, apenas por uma formalidade—Kalel diz— Temos que ver como as coisas vão ficar, porque de todas as formas sou uma pessoa pública e as coisas não são tão simples assim para as outras pessoas do mundo.

— Por mim, ninguém precisa saber que somos casados ou o que fazemos na nossa intimidade—João segura a minha mão.— Somos casados aqui no Brasil, e isso é o que realmente importa, lá fora, continuaremos casados, independentemente do que as pessoas falem ou pensem, isso não vai mudar nada do que eu sinto.

Meu coração fica disparando, se enchendo com essas palavras, eu também o amo, eu o amo muito, mas também aprendi a amar o Kalel.

— Apenas para os meus pais John—Kalel fala me olhando com intensidade.— Ela é nossa quando estivermos em casa.

Fico constrangida.

— Sim—João afirma.— Certo amor?

— Certo!

Mais que certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Estou indisposta, decidi ficar um pouco quieta depois que chegamos do almoço no shopping, meu estômago se agitou e eu acabei vomitando tudo o que havia comido, depois fiquei meio tonta, não foi novidade ver o João preocupado, mas foi muito novo ver Kalel me olhando como se fosse algo muito grave, ele trazer um chá e me deixar deitada durante toda a tarde.

Abraço meu travesseiro, em alguns momentos, sorrio, em outros, mesmo que não queira, acabo rindo sozinha, me lembrando de tudo o que fizemos ontem a noite nessa cama, foi tudo tão bom.

É bom sentir prazer de uma nova forma, mas muito melhor saber que eu não me sinto oprimida nem medrosa, ainda que com as minhas inseguranças, eu estava liberta, muito bem na hora do sexo, como nunca senti.

Entreguei minha aliança para Kalel logo que ele trouxe o chá, gosto da ideia, ainda que me sinta um pouco travada nesse sentido, porém sei que aos poucos, ele e João vão se resolver, espero que tudo dê certo.

— Tudo bem aqui?

Pensando na praga...

— Aham—digo e me ergo.

Ele está sem camisa, usa um calção de malha fina desses de ficar em casa, curto, quase uma cueca samba canção, os olhos azuis estão tranquilos, os cabelos úmidos, acho que ele usou o banheiro do quarto da Clara, olho todas essas tatuagens em seu corpo, isso o deixa tão sexy.

— Se sente melhor?—Kalel se senta na beira da cama, estende a mão e segura a minha, ele a ergue e a beija com cuidado.— Espero que esteja melhor, John está fazendo sopa de galinha degolada de novo para você.

Faço uma careta, ele se inclina e me dá um beijo leve, nos olhamos por alguns instantes, nada me vem a cabeça além de ontem, de tudo o que fizemos nessa cama, a forma como nos tratamos, foi perfeito.

— Eu dei banho na Alice e na Clara—ele

diz e está sorrindo.— Eu não conseguia olhar para elas duas durante o banho, fiquei constrangido.

— Nunca deu banho na Alice?—questiono.

—Barbara sempre cuidou dela, nunca precisei dar banho nela, John me ajudou, lavei os cabelos delas, Alice estava rindo, nunca a vi tão feliz por algo tão medíocre, foi apenas um banho.

— Você estava cuidando dela Kalel, não é medíocre ter um pai presente, principalmente quando se é menina, isso nos traz um bocado de segurança, infelizmente somos educadas para obedecer, se sentir envergonhadas e para ser um sexo frágil, e parte da nossa construção social envolve muito relacionamentos parentais, quando abusivos ou ausentes, nos tornam pessoas frustradas.

— Ah, obrigado por lembrar senhora psicóloga.

—eu só estou falando que é importante ter a única pessoa que a ama perto dela.

— Eu admiro muito o seu marido, ele é paciente com a Clara, ela faz cada birra.

— O João tem cuidado da Clara em tempo integral desde que começou a se recuperar, boa parte da recuperação dele se deu a vontade de

cuidar dela, de estar com ela, eles basicamente aprenderam a andar juntos, quando ela estava dando os primeiros passos, ele estava reaprendendo a mover as coisas, nomes, ele se recuperou do trauma muito mais rápido do que pensávamos, é um milagre que ele esteja aqui hoje.

— Eu tenho aprendido muito com ele, apesar de discutirmos muito sobre muitas coisas, seu marido e eu compartilhamos de pensamentos muito semelhantes, sobre a advocacia, doutrinas, muitas coisas que eu não pensei que ele e eu combinaríamos, até mesmo sobre quadrinhos, mas a DC ainda continua sendo a melhor.

— Sei.

— A mulher maravilha é da DC!

— Eu não sou da DC, eu sou do Kalel e do João.

— Ah é mesmo?

— É sim.

Ele ri, depois se inclina e me beija com tanto carinho, meu coração fica embargado, estendo as mãos e o abraço enquanto nos beijamos, adoro beijar ele, é tão diferente, tão... Gostoso!

— Quero te pedir uma coisa.—Kalel fala e se afasta, toca a minha face.

— Fale—peço.

— Você quer casar comigo?

Eu o fito fora do ar.

Kalel estende a mão e toca meu ventre.

— Para usarmos alianças você tecnicamente precisa ter sido pedida em casamento, certo?—seus olhos tem um brilho diferente.— Eu sei que você vai aceitar, mas é que eu queria oficialmente pedir, para saber como é pedir uma mulher em casamento.

— E como é?—tento não sorrir.

— É estranho e desolador, fiquei tão nervoso quando propus para o John, foi hoje cedo quando fomos preparar seu café, ele ficou calado sabe? Sei que não gostou, mas depois só assentiu e falou “*ok*”, sei que é difícil para ele, longe da cama é muito diferente.

Fico olhando para ele em silêncio.

— Esses dias me fizeram pensar em muitas coisas, no começo eu não estava me colocando no lugar do seu marido, porque eu nunca me coloquei no lugar de ninguém, transar com a mulher dos outros é muito legal porque não envolve compromisso, fidelidade nem metade das coisas que um relacionamento envolve, em boa parte ter viajado foi bom para mim, porque assim como John

eu pensei nas minhas prioridades, na Alice, em você e tudo o que estamos vivendo.

— Eu entendo, para mim também é difícil sair da caixa.

— As vezes eu falo muitas coisas sem pensar Fernanda, como eu disse sobre o bebê...

—Kalel, esquece isso.

— Precisamos falar sobre isso, porque eu estaria mentindo se dissesse que aceito numa boa tudo isso, eu não queria que você ficasse grávida agora, sei que parece egoísta, mas queria curtir um pouco mais nossa união, em todos os aspectos.

— Eu tenho que te dizer que um casamento não envolve só sexo Kalel, eu já sou casada a mais de 10 anos.

— Por isso eu nunca quis casar, eu sei que você é dona do seu corpo e você pode ter quantos bebês quiser com o seu marido, porém, eu pensei que aproveitaríamos mais, então eu cheguei e você estava doente, grávida, foi um baque.

— Pensei que pelo fato de não ser seu não se importaria.

— Eu me importo muito mais do que você pensa, eu não queria a Alice também mas ela está aqui, ela é minha, e lidar com ela esses dias me fez

ver que eu sou um cara bem equivocado quanto a paternidade, não tenho jeito, não sei me comunicar com ela, eu nem sei qual é o sorvete predileto dela.

— É de amora.—lembro.

— Viu?—não há mais um sorriso em seus lábios.— Quero que me prometa que não vai parar de me dar atenção quando o bebê nascer.

— É meio egoísta da sua parte, não acha?

— Eu só não quero que mude comigo.

— Não vou mudar Kalel—toco sua face.—
Você é um carente!

— Eu gosto de te ter mais perto, não quero que esse bebê nos separe por nada, eu entendo que esteja grávida, eu tratarei essa criança como trato a Clara e a Alice, mas não quero que você me largue e centralize sua atenção para o John.

— Não foi assim com a Clara.

— É que o seu marido é tão afetuoso, carinhoso, tenho receio de que esse bebê os una e te afaste de mim.

— Não vai Kalel.

— Me desculpe se pareço egoísta querida.

— Você é!

Sorrio, mas não estou brava.

— Quero que nós nos casemos, quero nossa

PERIGOSAS NACIONAIS

lua de mel, nós três, podemos levar as meninas, preciso de umas férias, eu fiz muitos planos para nós, nunca quis uma família e de repente ganhei uma com mais três pessoas, é meio complicado lidar com tudo.

— Você nunca pensou em se casar?

— Já, mas ela não era a mulher certa, isso foi a muito tempo.

— E eu sou?

— Sim.

Ele está tão convicto, tão sério.

— Você aceita se casar comigo?

— Eu acho mais adequado que peça a mim e ao João.

— Sério?

— Você não está casando comigo Kael, você está casando conosco.

— Mas eu só trouxe um anel de noivado.

Ele enfia a mão no bolso do calção e retira de lá, um anel com uma pedra branca perfeita, é de tamanho mediano e quadrado, envolta da joia tem várias pedrinhas de brilhantes, nunca vi um anel tão lindo em minha vida.

Meu corpo todo fica agitado e me sinto nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Aceita?

— Eu não posso sem que o João esteja presente, está bem?

— Aceite—escuto a voz do meu marido soar no quarto.— Ele me mostrou o anel antes de vir aqui.

Olho sob o ombro de Kalel, João se aproxima na cadeira, não sei se rio ou choro.

— Eu aceitaria—João fala.— E também, é de diamantes.

— Amor eu não...

—Nanda, eu já disse que tudo bem.—meu marido fala calmamente.

— Eu não posso aceitar Kalel, me desculpe —aviso trêmula.— Eu sinto muito, eu não posso aceitar.

— Porque não?—ele pergunta chateado.— Eu trouxe com as melhores intenções...

— Eu não posso aceitar algo assim tão caro —retruco— Eu sei que você quer muito isso, mas não é justo com o João.

— Eu já disse não me importo Nanda...

— É da boca para fora, sei que isso irá ferir você profundamente, te conheço—retruco e olho para os dois.— Eu só vou usar, se os dois usarem

também e se os dois tiverem comprado.

— Esse anel foi da minha avó—Kalel está decepcionado.— Guardei ele a pedido da minha tia Melissa para dar a mulher certa, entendo que você não queira por conta do seu marido, mas deveria ao menos pensar um pouco em mim.

— Sinto muito Kalel, eu não posso aceitar...

— Está sendo ignorante Nanda, eu conversei com o Kalel antes dele vir, ele e eu chegamos ao consenso, eu não me sinto ofendido.

— Você tem certeza?

— Claro que tenho, se eu não fosse a favor, ele não faria, chegamos ao consenso de que iremos nos consultar antes de tomar decisões, a nossa união é de três pessoas e podemos presentear uns aos outros com o que quisermos, ele quer te dar o anel da avó dele, por mim tudo bem.

— Não quero que se sinta mal.—desvio o olhar.

— Não me sinto—ele fala.— Acho bom você aceitar, porque eu e o Kalel ficamos por horas discutindo sobre isso até chegarmos a um consenso, estou esperando vocês para jantar.

— Vocês dois não mandão em mim— respondo irritada com a insinuação.— Vocês não

me consultaram.

— Era para ser surpresa—Kalel analisa o anel na mão com desgosto.— Não quis causar esse desconforto, eu vou guardar...

Isso o machucou, Kalel é muito duro quanto a sentimentos, ele não fala, mas não sabe escondê-los tão bem quanto talvez deseje, posso sentir sua frustração, o desgosto de não ter conseguido o que queria.

— Não vai não, me dá isso aqui.

Tomo o anel da mão dele e enfio no meu anelar direito, me levanto e olho para os dois.

— Na próxima vez que forem fazer esse tipo de coisa me consultem, vocês dois não são meus donos, isso é uma relação de casamento.

— Está bem—João pragueja.— Você anda bem ranzinza.

— Isso tudo é culpa dos dois—penso numa desculpa.— Se não tivessem me largado, eu não estaria assim, emocionalmente fraca e exposta, só vou aceitar o anel para não fazer desfeita.

— Nossa!—Kalel exclama com cara de quem comeu e não gostou.

— Recebam.—aviso e viro a cara, saio do quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agressiva.—escuto João falando enquanto vem atrás de mim.

— Essa mulher é uma ingrata.—Kalel reclama.

Finjo que não ligo, mas meu coração está preso, acelerado, e eu estou engolindo a vontade de sorrir, quase explodindo, fui pedida em casamento pelo meu namorado, nem acredito, principalmente porque o João não ficou triste.

PERIGOSAS ACHERON



Me estico na cama, Kalel me vira as costas e o João continua emburrado olhando para a tv.

Sei que ambos não gostaram da minha reação a algumas horas atrás antes do pedido de noivado de Kalel, eles dois nem me dirigiram a palavra durante o jantar, me senti meio mal e envergonhada por minha atitude, mas sabia que havia sido a melhor coisa a fazer.

Porque eu sei que se houvesse dito sim logo de cara, magoaria o João, e ao dizer não, magoei o Kalel, mas ainda sim, aceitei, contudo, com nós três conscientes da importância disso.

Me acomodo e ligo a tv, seleciono o canal de clipes de músicas, especial dos anos 50,60,70 e 80, coloquei Alice e Clara na cama a alguns minutos, depois que contei uma historinha ambas dormiam feito dos anjos pequenos, lavei os pratos do jantar e fiquei enrolando para voltar ao quarto,

então quando voltei os dois estavam cada um em um canto da cama com cara de bosta.

Como não estou certa na história, preferi ficar na minha, tomei banho e vim para a cama, coloquei uma calcinha e uma camiseta, eu também nem consegui comer toda a canja, meu estômago estava embrulhando muito.

João fez arroz, feijão e bife com salada, eu quem dei o jantar da Clara e da Alice, fiquei vendo as caras de ambos para mim, em alguns momentos me ignoravam, em outros os dois só me olhavam decepcionados.

Me volto para tv e escuto ***KILLING ME SOFTLY*** ser iniciada na voz maravilhosa de ***ROBERTA FLACK***, me estico na cama e vou mais para a ponta, me apoio nos cotovelos e fico assistindo em silêncio ao clipe, meus lábios se movem enquanto assisto, eu tenho um amor incondicional por música internacional e MPB, sempre amei samba, mas eu tenho um pezinho lá fora, porque eu viajava muito durante a época da faculdade, e porque a minha adolescência foi marcada por músicas como essa, por Guns e Engenheiros do Havaí.

Mas a música negra de fato sempre mexeu

mais comigo, a música popular composta por vozes como Aretha Franklin, Nina Simone, Roberta Flack, Etta James, Glória Gaynor, eu amo ouvir músicas assim cantadas por mulheres com vozes poderosas, algo que tenha uma história.

Lean On Me do Bill Withers começa, sorrio, meu pai gosta demais dessa música, ele sempre amou soul, jazz, tantos ritmos musicais de fora, meu pai não sabe falar inglês, mas ele sempre trabalhou muito para que eu falasse, ele nunca colocou os pés fora de São Paulo, mas ele batalhou muito para que eu conhecesse muitos lugares dos quais ele gostaria de conhecer.

Eu o admiro tanto por isso, eu o amo tanto por isso, seria injusto que eu não falasse para ele, ou para a minha mãe, por mais que isso me doa, me machuque, eu sei que talvez nenhum dos dois me aceitem mais na família, que os dois nunca mais falem comigo, porém, é por todo o respeito e amor que eu tenho com ambos que eu tive que dizer.

As palavras de mamãe ecoam na minha cabeça, fecho os olhos e respiro fundo querendo chorar, porque não é fácil ouvir isso de uma mãe, ainda mais de uma mãe que nunca disse se quer um “a” com você, é revoltante ouvir da boca de alguém

PERIGOSAS NACIONAIS

que você é uma vadia, uma vagabunda, pelo simples fato de que você decidiu viver com outro alguém, ainda que não convencionalmente.

Não poderia deixar o João para trás, assim como eu não posso ignorar meus sentimentos pelo Kalel, não posso fingir que não sinto nada porque sinto, e se isso é ser vadia então eu sou uma vadia, eu sou uma puta, e eu sou uma vagabunda.

Se amar duas pessoas e querê-las por perto significa ser uma puta, então eu acho que estou sendo puta nesse exato momento.

Sei que eles não estavam prontos para isso, eu também não estava pronta, mas eu quero viver isso, eu quero poder amar incondicionalmente eles, os dois, porque não mando no meu coração, não mando nos meus sentimentos, é algo do qual não tem como controlar.

— Amor—escuto o João chamando.— Não chora tá bem? Vem aqui.

— Eu estou bem aqui—respondo e limpo meu rosto no travesseiro.— Quer que eu baixe o volume da tv?

— Vem aqui—Kalel chama emburrado.— Para de chorar.

— Eu não estou chorando—respondo e olho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para trás, tento sorrir.— Eu estou bem.

— Então venha—João se senta na cama.—
Vem aqui amor.

— É a música predileta do meu pai.—me
ergo e engatinho até eles dois, me deito e abraço o
João, me entrego ao choro.

— Calma—Kalel me abraça e beija a minha
cabeça.— Nós sempre estaremos com você sua
briguenta.

Não respondo, me encolho e abraço meu
travesseiro, enquanto choro, João me abraça, Kalel
também, não serve de consolo, porque me sinto
realmente mal com tudo, mas não há nada que eu
possa fazer agora.

Eu fiz a minha escolha e não tem volta, e
não me arrependo nada dela.

PERIGOSAS ACHERON



Tocam a campainha.

Kalel está na sala mexendo no note, João está ao lado dele, ambos falam sobre algum caso da empresa, nem sei, Clara e Alice estão sentadas brincando com o aparelho de jantar de brinquedo novo que Kalel trouxe para Clara, estou preparando o almoço, é sábado, é bom saber que a semana acabou, que tudo está dentro dos conformes.

Abro a porta e logo assim de cara, vejo minha sogra, Eliz Valéria, ela usa um saião comprido e uma blusa de seda muito bonita, sapatos baixos, ao seu lado Ana Paula minha cunhada e o meu sogro Benício Carvalho, Ana está com jeans e uma blusa de moletom, meu sogro com uma camisa social e calça de brim, sapatos.

Empalideço.

Valéria nem pede licença, ela já vai entrando no nosso apartamento sem fazer

cerimônia, percebo tarde a presença dos meus pais do lado esquerdo do corredor, mamãe com queixo erguido e o nariz empinado, enquanto meu pai está me olhando como se estivesse arrasado.

Merda.

— Ah então é verdade!

A voz da Valéria está cheia de histeria, me aproximo depressa dela, João se assusta com o berro, porque tanto ele quanto Kalel estão apenas de calça, estamos todos usando roupas de pijama, eu coloquei um dos pijamas do meu marido e ainda bem tirei, porque hoje é sábado, e eu acordei bem, mais disposta, e estamos em família.

— O que significa isso João Gabriel?— meu sogro está bufando de raiva.

Clara levanta e olha envolta toda assustada, Alice segura a mão dela sem entender, me aproximo das duas depressa, não posso deixar que ambas presenciem isso.

— Pai, não precisa gritar.—João fala num tom de voz neutro.

Enxergo ódio nos olhos do meu sogro, mas nos olhos da minha sogra, vejo nojo, muito nojo, porque ela não olha para o João, ela olha para mim, para Alice, e para Kalel.

— Quem é esse homem?—pergunta Benício berrando.

— Pai, você está assustando a Clara—João diz nervoso.— Para de gritar!

Benício respira fundo, meus pais já estão aqui, ambos calados, minha mãe me olha com tanta raiva, enquanto meu pai, sente-se frustrado.

— Leva elas duas para o quarto—peço ao Kalel.— Veste uma camisa, fica com elas lá.

— Está bem—Kalel também está assustado. Acho que não esperava por nada disso, nenhum de nós esperava, Kalel se ergue e pega Clara no colo, Alice o segue segurando a mão dele, Clara faz cara de choro, porque ela não tem o hábito de presenciar pessoas gritando, muito menos os avós, sempre foram carinhosos com ela.

— Quem é esse homem?—exige Valéria.— Eu não quero acreditar nessa imundice.

—Lenna nos procurou—Benício falou.— Ela e o Zé contaram uma história...

— Não é uma história papai, é a verdade e não cabe a você ditar como eu devo ou não viver com a minha mulher!

Valéria nos olha e parece a ponto de desmaiar, Ana Paula fica calada perto dos meus

pais com os braços cruzados, ela é desses tipos de pessoas que nunca falam nada, uma total omissa as vontades dos pais.

O duro é que os pais do João são evangélicos, o pai dele é pastor numa igreja na zona oeste, um dos pastores, eles são praticantes e são muito religiosos, não tinha parado para pensar por esse lado, na verdade eu não parei para pensar em nada.

— Eu exijo que você acabe com isso agora —Valéria berra nervosa.— Você já pensou no que as pessoas vão pensar? Meu filho, meu único filho, além de um desvinculado é um corno?

— Você não tinha esse direito—falo para mamãe e olho para o meu pai.— Vocês dois não deveriam ter feito isso.

— Você enlouqueceu—mamãe acusa furiosa.— Isso é o maior erro que você poderia ter feito da sua vida, se prostituir.

— Eu sempre soube que você não servia para meu filho—Valéria passa a mão nos cabelos curtos.—Você é uma vagabunda desqualificada, pensei que haviam se separado, que ele voltaria de vez para casa.

— O que está havendo nessa casa é errado

—determina Benício.— Tudo aqui é errado, Deus não se orgulha disso.

—Deus se orgulha papai, de você pegar o dinheiro dos fiéis da igreja e gastar com viagens todo ano?—João pergunta.— Dar o dinheiro para Paula viajar para Europa?

— Que?—pergunta Benício e se enche de fúria.— Você além de tudo agora vai se voltar contra mim? Já não basta essa vergonha? O fato de não ser homem suficiente para ela na cama não dava o direito de aceitar isso João Gabriel, eu não coloquei filho no mundo para viver uma vida errada, esses não são os caminhos de Deus.

— Pode até não ser, mas não vou viver conforme vocês acham que eu devo viver, eu e a Nanda nos amamos...

— Que tipo de amor é esse meu Deus?— Valéria pergunta.— Meu Deus do céu, você ficou cego João? Não está vendo que está sendo traído embaixo do seu nariz? O que ela está contando para você?

— Eu tenho plena consciência do que acontece na minha vida—João continua intacto.— Vocês não tem o direito de vir a minha casa...

— Esse apartamento não é de vocês,

sabemos que esse homem está bancando vocês João —Ana Paula fala séria.— Eu descobri tudo, eu sei que você permite que ela durma com esse homem por dinheiro, se esse era o caso, porque não pediu para nós?

— Melhor vocês irem embora, vocês não sabem de nada.—João fala contrariado.

— Isso tudo é culpa dela—Benício vem na minha direção alterado.

Recuo um passo e outro mas ele vem na minha direção de repente muito rápido, escuto um berro do meu pai e um grito da minha mãe, João não consegue me alcançar, e ao mesmo tempo que sinto algo pesado me atingir o rosto, caio no chão desorientada, tudo fica escuro por alguns instantes, escuto gritos, meu coração fica disparando quando sinto algo quente escorrendo pelo meu nariz, a minha visão fica embaçada, e me ergo com a ajuda de alguém.

É tudo muito rápido.

Sou colocada no sofá, meu coração se acelera de vez e quando ergo o olhar, vejo Kalel diante de mim me entregando uma toalha com gelo, toco meu ventre, está tudo bem, eu acho.

— Vão embora—escuto João gritar.— Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

odeio vocês, odeio!

Escuto o som de choro, mas estou desordenada mentalmente, ouço a voz do pai dele meio distante, pesada, tento respirar, mas meu nariz sangra bastante, fico parada tentando me situar.

— Isso é sua culpa Lenna—a voz do João ecoa na minha cabeça.— Você causou tudo isso, se a Nanda perder o bebê será sua culpa.

— Querida—Kalel chama diante de mim.

Vejo três, quatro, cinco dele diante dos meus olhos, fecho os olhos e abro novamente, tento enxergar, ele segura as minhas faces, está preocupado.

— Consegue falar?

— Sim—digo.— Só estou meio tonta.

— Said está tirando eles daqui—Kalel avisa.

— Fique calma, vamos te levar ao hospital.

— De novo?—pergunto nervosa.

— Infelizmente.

— Não aguento mais isso.—digo zonha.

— Isso não vai se repetir—é a voz do João.

— Nunca mais.

Espero que não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Sente dor?

— Amor eu estou bem, calma!

Pela exaltação do João, sei que ele está longe de se sentir bem, viemos todos para o hospital, trouxemos a Clara e a Alice, Kalel nos trouxe no carro dele, eu nem sei como foi que eu cheguei no carro, eu só sei que uns minutos depois eu estava batendo ponto no Albert Einstein de novo.

Pensei que tinha me livrado desse carma.

Será que eu sobrevivo até o final do livro?

— A lesão só machucou os vasos sanguíneos do nariz—afirma o médico que me atende— Por isso saiu tanto sangue.

— Não vai precisar de uma tomografia?— Kalel pergunta nervoso.

— Não—o médico fala.— A pressão está ótima, fui informado que a senhora está grávida.

— Sim—digo.

— Já começou o pré-natal?

— Não.

Não lembro nem o nome do médico.

— Vamos fazer um ultrassom para saber como está o bebê, de quantas semanas a senhora está?

— Bem, eu não fiz as contas, só fiz o exame de sangue, mas acho que já entrei no terceiro mês.

— Vamos verificar agora—o médico fala e indica a cama para que eu me deite.— A senhora se incomoda de erguer sua camisa e baixar um pouco da calça?

— Não—digo.

— Os senhores vão acompanhar o exame?

— Sim—responde João.

— Eu também—Kalel fala.

O Médico puxa a aparelhagem de ultrassom, me deito na cama e puxo a camisa do pijama para cima, desço a calça e deixo minha barriga a mostra, o médico despeja o gel frio no pé da minha barriga e mexe na máquina, a tv que está fixada na parede é ligada.

É um homem jovem, cabelos escuros, olhos castanhos, mas é magro e alto, parece ser um

excelente profissional.

— Vamos ver o que temos aqui senhora Carvalho.

Suspiro inconformada por ter levado um soco no rosto do meu sogro, se é que posso chamar aquele monstro de sogro, depois desse susto só espero que o meu bebê esteja bem, se ele não estiver...

— Bem—o médico encosta o aparelho na minha barriga e começa a mover ele devagar olhando para o monitor e a mexer na aparelhagem do painel diante dele.

— Ele está bem?—pergunto com receio.

— É—o médico olha para o monitor e estreita os olhos.— Os batimentos cardíacos.

Ele mexe no painel e o som começa a ecoar no quarto, respiro fundo, João segura a minha mão, estou trêmula, Clara está no colo de Kalel e Alice em pé ao lado dele, parece que de repente me alívio em ouvir o coração do meu bebê.

— A senhora poderia me responder uma coisa?— Questiona o médico atento ao monitor.

— Sim—digo.

— Sabe que está grávida de gêmeos?

— O que ele disse John?—Kalel pergunta

confuso.

— Que são gêmeos.—João quase soletra a última palavra.

— Que?—Kalel berra de repente.

Dou um pulo na cama, o médico olha para ele espantado, João arregala os olhos e ficamos todos em silêncio, fico dura.

— Bem—o médico fala desconfortável.—São dois bebês, e são de dois óvulos diferentes, são bivitelinos, a senhora está com aproximadamente 6 semanas, não 3 meses.

Senhor!

— Mas deve haver algum engano—João fala.— Ela tomou uma pílula do dia seguinte, menstruou.

— Alguém pode falar inglês por favor?—Kalel pede nervoso.

— Os métodos contraceptivos não são cem por cento seguros—o médico fala em inglês, move o bastão no meu ventre e aumenta o som novamente, os batimentos retornam.— Esse é o bebê dois, só estou estranhando uma coisa.

— O que?—pergunto boquiaberta.

— Os tamanhos dos embriões, o bebê 1 está maior que o bebê 2, ainda que a diferença seja

milimétrica.

— O que isso quer dizer?—pergunto confusa.

— Que foram fecundados em dias diferentes—o médico mexe na aparelhagem e circula os pontinhos pretos no monitor.— Está vendo este aqui? Percebe que ele é um pouco maior que esse?

— Não—falo nervosa.— Doutor não há essa possibilidade.

— Qual possibilidade?

— De ser de dias diferentes.

— Um espermatozoide pode ficar vivo dentro de uma mulher por até 5 dias, casos comprovados que eles ficam de 48 a 72 horas, por isso que muitas garotas mesmo fora do período fértil engravidam.

— Mas eu tomei a pílula!

— Nenhum método contraceptivo é 100 por cento eficaz senhora Carvalho.

Isso não entra na minha cabeça.

— Não é possível!—Kalel explica apavorado.

— É possível senhor Thurman, com todo respeito, e descrição do mundo, pode ser um

fenômeno muito raro onde a mulher pode engravidar de dois pais diferentes.

O médico tira o bastão e limpa minha barriga com um papel, ele afasta aparelhagem e se ergue.

— Esperem aqui, eu vou buscar algumas imagens para mostrar para vocês a diferença.

Não sei nem o que falar.

Olho para o meu marido e fico ainda mais nervosa.

— Você não tem culpa de nada disso, eu e o Kalel somos os responsáveis, deveríamos ter usado camisinha.

— Amor, eu tenho certeza de que são seus.

— Se houver essa diferença não podemos afirmar isso—Kalel respira fundo.— Ok, vamos ter calma, ver o que o médico fala.

— Não é possível que a sua porra ficou dentro dela por mais de cinco dias—João fala chateado.— É porra de que? De vampiro?

— Não fale esses palavrões na frente das meninas—Kalel repreende e segura a mão da Alice.

— Vem querida, porque vocês duas não esperam no sofá enquanto os papais e a mamãe conversam?

Awnt!

Merda, estou grávida do Kalel? Não posso me sentir assim, ele não é fofo, ele não quer um bebê, como isso aconteceu?

Droga, merda, merda, mer-da!

Ele volta.

— Quais serão as probabilidades de você ovular mais de uma vez no mês?—pergunta e puxa a cadeira, se senta.— Minhas pernas estão tremendo.

— Eu não tomo anticoncepcional a mais de 2 anos—confesso constrangida.— Não sei nem se eu estava no meu período fértil, eu e o João temos dificuldades nessa parte.

— Quer dizer que você não estava tomando nada?

— Nada.

— Nadinha?

—Kalel eu já disse, olha, eu não quero que você fique me recriminando por isso, se não quiser ele eu crio.

— Amor, calma—João aconselha.— E você cala a boca.

Respiro fundo super nervosa, algo me vem a mente.

— E o seu pai?—pergunto.— Eu não vi

nada.

— Depois que ele te deu um soco eu tive que agir—Kalel fica tão sério que até sinto medo.

—Kalel deu uma surra nele—João responde a contra gosto.— E meu pai, mas bem que mereceu, acho que ele deveria ter apanhado mais, se não fosse pelo seu pai ele estaria todo quebrado.

— Eu ainda não acredito que ele me deu um soco no rosto.—nego veemente.— E a sua mãe?

— Ficou gritando, fazendo escândalo, joguei na cara dela as traições do meu pai ao longo dos anos.

— Seu pai traiu sua mãe?—estou desorientada em ouvir isso.

— O meu pai tem uma amante—João fala devagar.— Eu descobri mês passado quando fiquei lá, é a Gema.

— A moça que cuida do apartamento dos seus pais?—pergunto boquiaberta.—Meu Deus, ela só tem 20 anos.

—18—João corrige.— Peguei eles no flagra, mamãe sabe, finge que não sabe, ah, quer saber, cansei de hipocrisia, Ana Paula se faz de virgem mas dá para qualquer um que encontra no Tinder, meu pai é um bosta que só sabe ser

PERIGOSAS NACIONAIS

hipócrita e a minha mãe se faz de santa mulher do pastor mas nunca deu uma grama de arroz para ninguém.

Meu Deus.

João respira fundo e de novo, e de novo, Kalel estende a mão e toca o meio das costas dele tentando tranquilizá-lo.

— Calma John.—aconselha.

Vejo meu marido limpando as faces, nervoso, ele chora.

— Estou cansado disso, eu não quero essa gente que se diz nossa família nos recriminando, sua mãe não tinha esse direito.

— Eu sei amor.—confesso incerta.

— Odeio quando lembro que ele te machucou, eu fiquei ali sentado sem poder fazer nada, mesmo sendo meu pai, que Deus me perdoe, me deu vontade de bater nele também, mas eu não conseguia me mover Nanda, queria ter te defendido.

— Eu estou bem agora—toco sua face.—
Calma.

— Vamos embora daqui, não quero ter que ver meus pais nunca mais.

Não vou discordar, não quero, também não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vou chorar por isso.

— Sim, vamos embora.

PERIGOSAS ACHERON



— É um caso de superfecundação, ocorre quando Um espermatozoide pode ser viável por até cinco dias, Então, se a mãe, neste caso, teve relações sexuais com um dos homens, ovulou, em seguida, teve relações sexuais com o outro, tudo dentro do período de pouco menos de uma semana, o esperma de um homem poderia ter fertilizado um óvulo, enquanto o outro fertilizou o outro.

O médico indica no monitor da mesa dele a diferença entre um embrião de 5 semanas e outro de 6 semanas, não é muita, mas são visivelmente diferentes.

— Receio que a senhora sofra de uma condição rara onde um óvulo foi fecundado na primeira relação, e o segundo óvulo foi fecundado 5 dias depois.

— Mas eu não tive relações com ninguém cinco dias depois.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como eu disse para a senhora, há casos em que muitas mulheres engravidam mesmo fora do período fértil, houve casos registrados de um espermatozoide ficar vivo dentro do útero da mulher por até sete dias.

— Isso não entra na minha cabeça, eu tomei a pílula.

Estou me martirizando por conta disso.

— São Bivitelinos como eu disse a senhora e ao seu marido—ressalta o médico.

— Seria possível que durante uma relação a três, o pai do bebê 1 seja o primeiro que ejaculou dentro dela, e o bebê dois seja o outro parceiro?— João pergunta fazendo careta.

— Possivelmente ou pode ser que o bebê dois seja do primeiro doador—o médico me olha— A senhora vai querer continuar com a gestação?

— Ela não vai interromper—Kalel diz.

— Eu não iria sugerir isso senhor Thurman, eu sou pro vida, mas não sou pro nascimento, muitas mulheres vem aqui com a intuição de interromper a gestação, é algo do qual não aconselho, perguntei apenas porque seria um imenso prazer para mim acompanhar o caso da senhora Carvalho de perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem jeito de tirar só um...

—Fernanda!—Kalel exclama horrorizado.

Rio, ainda que não deva, olho para o médico, ele ainda permanece sério.

— Bem, nós estamos juntos—digo devagar—os três, e neste caso, os bebês são deles dois.

— Entendo—o médico fala como se fosse a situação mais normal do mundo.— Posso receitar os seus remédios e indicar meu consultório para o pré natal?

— O senhor é obstetra?—estou espantada.

— Sim e clínico também.

— Nos vamos embora em algumas semanas—Kalel fala.— Você pode acompanhar o caso dela nos Estados Unidos?

— Claro, será um imenso prazer.

— Ótimo, minha secretária vai entrar em contato.

Ótimo?

— Melhor irmos para casa, chega de emoções por hoje—João aconselha com Clara no colo.

— E de tentativas de assassinato—Kalel ergue Alice em seus braços.— Vou pedir ao Said que encomende algo para o nosso almoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me levanto, o médico pega alguns papéis na impressora e me entrega.

— Suas receitas—fala.— Espero vê-la antes de sua viagem para o acompanhamento, siga a dieta e tome as vitaminas.

— Obrigada doutor—não estou tão envergonhada quanto deveria.

— Faça compressas com bolsas geladas na região dos olhos e no nariz, tome os analgésicos e repouse.

Mais!

Suspiro inconformada, mas nem discuto.

Kalel passa o braço envolta da minha cintura e me beija a cabeça.

— Você ficará bem agora querida.

— Espero que sim.

E sem ninguém tentar me acertar a cara.



— Eu avisei para o porteiro que quaisquer pessoas que sejam não devem subir sem que sejamos avisados.

E pela cara dele, o pobre do porteiro deve ter ouvido um bocado, juntamente com o síndico, ambos são bilingues, não deve ter sido um desafio

PERIGOSAS ACHERON

falar com os dois, eu acho que foi um desafio encarar o Kalel irritado.

— E o nariz?—João estende a mão e toca a minha face.— Está roxo.

— Estou bem—afirmo e me estico no sofá.

Mal acredito que algumas horas atrás essa sala foi palco de uma briga.

— Estou organizando tudo para viajarmos em 3 semanas—Kalel se senta no sofá ao meu lado.

— O que acham?

— Quanto antes melhor.—João concorda.

— Eu não queria ter que ir tão rápido, mas agora depois de tudo isso, sinto que não tem mais ninguém aqui por mim—admito segurando o saco de compressa gelado contra o nariz.— Eles nunca entenderiam, não é o momento para me preocupar com o que pensam, porque temos nossos próprios conflitos.

— E dois bebês—Kalel é muito claro.

— Sei que não gostou da notícia...

— Não é que eu não gostei querida, eu só não queria, mas se for, ok—ele corta.— Não era sua obrigação se proteger, era nossa, mais minha, porque foi a nossa primeira relação, só que eu estava tão tenso que me esqueci completamente.

— Eu não tenho gêmeos na minha família
— João está pensativo.

— Eu também não.

— Não olhem para mim, eu sou filha única.

Suspiro, Clara e Alice estão vendo tv, distraídas, já almoçaram, agora tomam sorvete, eu nem quis comer direito, Said trouxe marmitas de algum restaurante que parecia caro, as sacolas eram chiques e as vasilhas também, comida árabe.

— Eu espero que os bebês fiquem bem—
Kalel me olha.— Que você fique sadia, que tudo ocorra bem na sua gravidez.

— Eu sinto muito pelo o que houve—o meu marido segura a minha mão.— Me desculpe por tudo o que o meu pai fez, minha mãe, eu nunca pensei que ele fosse fazer isso.

— Ele bateu nela—Kalel está com o semblante fechado.— Só de lembrar daquele canalha em sua direção e você deitada no chão, eu poderia ter matado ele.

— Não devem se sentir assim, já passou—pondero.— Sabe, eu consigo entender agora porque o Kalel é discreto nos relacionamentos dele, as pessoas nunca aceitariam algo do tipo, por muitos motivos, meus pais e os seus pais João, por

vergonha, por princípios religiosos.

— Isso não tem a ver com religião, isso é fanatismo religioso, não se deve usar o nome de Deus para pregar o preconceito—João está impassível.— Eu nunca pensei que o meu pai, um homem que se diz cristão, trairia minha mãe, muito menos que bateria na minha esposa.

— É por isso que eu não tenho religião, não estou dizendo que vocês dois devem ser assim, mas é que para mim é hipócrita—Kalel afirma.— Eu nunca ergueria a mão para a Alice pelo fato dela escolher viver a vida dela, eu não me sinto no direito, muitas vezes acabamos perdendo o senso por conta dos nossos próprios medos, eu sempre soube o que eu queria na minha vida e nunca iludi ninguém, isso soa grosseiro para as outras pessoas.

— Isso não tem só a ver com princípios—penso—eu só acho que devemos respeitar as pessoas, meus pais têm o dever de me proteger, mas eles não tem o dever de quererem ditar como eu vivo, nem como devo ser, sei que tudo isso os assusta, e que eles tem medo do que possa acontecer comigo, com a Clara e com o João.

— foi decepcionante ver tudo isso o que aconteceu em nosso apartamento, conheço meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pais, eles não vão falar comigo tão cedo, e eu nem faço questão—os olhos castanhos pousam em mim de novo.— eu não vou permitir que eles se aproximem mais da nossa família.

— sabe o que eu acho? As vezes penso que as pessoas não tem nem medo de aceitar por elas mesmas, elas tem medo do que as outras pessoas vão pensar, vão falar, elas não se importam com o que elas próprias querem e sim com o que as outras pessoas possam dizer sobre isso—concluo.— Por exemplo, o pai do João é um homem bem sucedido, tem os fiéis da igreja, já pensou como seria para os fiéis saberem que o filho do pastor vive um relacionamento aberto?

— Meus pais também não aceitariam, só para constar—Kalel fala—mas a minha mãe nunca se atreveria a encostar um dedo em você ou em mim, porque ela não tem autoridade, ela nunca soube ser a minha mãe, ela só é uma esposa de alguém que dita cada passo dela.

— Seu pai—falo.

— Sim, mas prefiro chamar ele de boçal de merda, só por esporte!

—Kalel não deveria...

— Você não conhece o meu pai, nem a

PERIGOSAS ACHERON

minha família.

Suspiro, pelo visto também, não devem ter moral alguma com ele.

— Porque não conversamos mais sobre isso?—João aconselha—nós três.

— Por mim tudo bem—Kalel começa a tirar a camisa.— Mas precisamos de um banho, as meninas também, foi uma manhã bem cheia para elas.

É verdade.

— Então vamos—digo e me ergo.—Clara, Alice, vamos tomar banho.

Estou ansiosa por saber mais sobre Kalel.



— Me lembro que você disse a alguns dias atrás que se chamava Baltazar—João está relaxado.

Depois de um banho quente, toalhas secas e uma massagem nos pés, me sinto reconfortada, tenho um marido me fazendo cafuné na cabeça, o outro, faz a massagem no meu pé, viemos para cama a poucos momentos, coloquei o colchão da Clara no chão do quarto para ela e a Alice dormirem conosco hoje, as duas estão vendo tv muito tranquilas, cada uma com uma pelúcia, eu dei banho nelas duas primeiro depois me uni a Kalel e João no banheiro, ainda acho que precisamos nos acostumar com ele por perto, mas Kalel é muito na dele, fica calado, toma banho quieto no canto do box, não fala nada.

— Meu nome é Kalel Baltazar Thurman, mas eu uso só o nome da minha mãe, que é o último, o nome do meu pai eu não uso—Kalel

aperta meus dedos dos pés com bastante pressão, mas é gostoso.— Por anos fui perseguido por esse sobrenome.

— Porque?—questiono.

—Primeiro, vou narrar uma história para vocês, a história da minha família e da família que durante muito tempo foi prejudicada por ela—os olhos azuis pousam em mim.— Era uma vez duas irmãs...

— Ah qual é?—João acha graça.— Você acha que somos crianças?

— Foi assim que minha tia Melissa me contou.—Kalel fecha a cara.

— Deixa ele amor—repreendo e me viro para o Kalel.— Continue meu bem.

— Era uma vez duas irmãs, a irmã mais velha se chamava Flora Carsson, e a irmã mais nova, se chamava Gigi Carsson, ambas moravam com seus pais em algum lugar que nunca foi dito a ninguém de nossa família—narra ele pensativo.— A família Carsson era próspera, e o senhor Carsson dono de muitas terras e riquezas, ele era um bom homem e sua esposa era uma mulher honesta e íntegra, Carsson era amigo de todos, um homem gentil e de coração enorme.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele era vaqueiro—Alice berra de onde está.— E super musculoso.

Começo a rir, Kalel revira os olhos entediado.

—Alice, a conversa não chegou na casa de bonecas—retruca ele, mas Alice acha graça.— Enfim, Carsson também era um homem invejado, e ele tinha em sua família, por gerações uma família de empregados, esses empregados eram compostos por Mitta Baltazar e Petrônomo Baltazar.

— Que nome estranho.—João diz.

—Ambos eram muito fiéis a família Carsson, Mitta como cozinheira, Petrônomo como cuidador das terras e homem de confiança, mas Petrônomo cobiçava muito mais que a serventia, ele queria ter tudo o que era de Baltazar, ele se sentia injustiçado por ter nascido numa família pobre e ter sido sujeitado a servir os Carsson sempre, a mais de 4 gerações os Baltazar eram empregados daquela família, mas ele não, ele não queria ser apenas um empregado, ele queria ser dono de todas aquelas terras, porque afinal de contas, sua família deu seu sangue para cultivar cada acre de terra que era dos Carsson.

— Estilo hatfields & mccoys?—João está

PERIGOSAS ACHERON

interessado.

Ele adora lendas urbanas tanto quanto eu, com a diferença de que eu me cago de medo, e ele, ele ri e quer sempre mais.

— Não, hatfields & mccoys narra a briga de duas famílias com uma rixa por terra, poder e vingança, no caso dos Baltazar e dos Carsson, a história envolve cobiça e traição, porque foi isso o que Petrônomo fez, ele e Mitta planejaram os assassinatos dos pais de Gigi e Flora Carsson, e também das duas herdeiras, contudo, no dia da chacina, a babá de ambas as escondeu em um lugar que nenhum dos empregados tinha acesso—Kalel está mergulhado em pensamentos.— Eles mataram os Carsson a sangue frio, roubaram todo o dinheiro deles e forjaram um assalto, de tal forma que ninguém conseguiu provar que ambos quem cometeram os crimes.

Nossa, parece história de filme.

— A babá fugiu com as duas herdeiras para Europa, para um lugar tão longe quanto o nascer do sol...

— E as duas cresceram com sobrenomes diferentes, nomes diferentes, elas foram adotadas e criadas pela babá—Alice narra interrompendo o

pai.— Logo ali, iniciou a caçada as herdeiras Carsson, Gigi e Flora, que cresceram com medo de serem assassinadas pelos mesmos assassinos de seus pais, quando a velha babá as deixou em sua vida adulta, ambas voltaram para os Estados Unidos a procura do que lhes era de direito, reivindicaram as terras e toda a fortuna de seus pais, que até então estavam sobe a administração dos Baltazar.

Enquanto Fala, Alice nos olha toda empolgada.

—Petrônos...

—Petrônimo.—Kalel corrige rabugento.

— Esse mesmo—Alice continua e nos faz sorrir.— Aquelas alturas da vida, já era velho, tinha 5 filhos, e se recusou a devolver o que era de direito das Carsson, então ambas acionaram a polícia e acusaram-no de ameaçá-la , ele se viu obrigado a partir das terras dos Carsson para nunca mais voltar, Mitta havia morrido de tuberculose um ano antes do retorno de Flora e Gigi Carsson, ela morreu e o corpo foi encontrado 3 dias depois submergido no cemitério da família Carsson, há quem diga que as almas dos Carsson não aceitaram o corpo da assassina de um de seus primogênitos,

também há boatos de que ela era uma feiticeira.

—Petrônomo pegou os restos mortais de sua esposa e seus filhos e partiu para muito longe, então, traçou ali sua vingança contra as herdeiras Carsson, as herdeiras que ele nunca conseguiu matar, anos depois, seus filhos foram instruídos por ele, ele mentiu para os filhos lhes enchendo a cabeça com falsas acusações sobre as jovens.

— Dando a eles a chance de começar uma luta mortal entre as duas famílias, Gigi casou-se com um banqueiro, que mais tarde morreu envenenado, enquanto Flora, casou-se com um humilde carpinteiro, que foi encontrado morto anos depois em sua casa de veraneio com terra enfiada na boca.

Alice é uma excelente contadora de histórias, estou me arrepiando toda.

— Ambas estavam destinadas a viver sendo rondadas pela morte, os Baltazar nunca deixavam vestígios, eles nunca deixavam pistas, logo a reputação de Gigi e Flora foi tomando toda a sociedade Nova Yorkina, ambas era viúvas com filhos pequenos para criar, e as mortes de seus esposos eram no mínimo suspeitas, chegaram a acusar Flora de bruxaria, pois houveram vestígios

PERIGOSAS NACIONAIS

de que a terra na boca de seu marido morto era de cemitério—Alice os olha com os olhos arregalados.

Clara sobe na cama e vai para cima do pai com a pepeta na boca, me sinto fascinada pela história, parece que está rodando um filme em minha cabeça.

—Flora ficou fadada a cuidar de seus filhos sozinha, enquanto Gigi perdeu seus dois filhos durante uma viagem a Florida, ninguém sabe dizer ao certo as causas das mortes, na época, a família se recolheu, Flora também teve suas perdas—Alice conta.— Sua filha Lílian misteriosamente morreu em um acidente de avião com o esposo e a esposa de seu filho Jeremias, juntamente com os filhos dele, morreram em um acidente de carro.

— A alguns anos, encontraram a irmã gêmea de Lília enforcada em seu apartamento—Kalel diz.— Mas o suicídio dela não foi por parte dos Baltazar, Nick disse que a mulher ficou louca da cabeça.

—Nick também é um Baltazar—concluo.

—Minha tia Melissa é irmã do meu pai Bill, Nicholas é filho da minha tia Melissa, mas ela é desvinculada da família desde a época da adolescência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua família é uma máfia Thurman?—
João pergunta fascinado.

— Minha família é uma maldição—ele suspira.— Termine a história Alice, você não contou a melhor parte.

— Nunca foi provado nada contra os Baltazar, só se sabe que a mais de 80 anos, eles vem perseguindo as irmãs Flora e Gigi Carsson e seus herdeiros, muitos Baltazar conseguiram se desvincular da família, mas o Clã hoje ainda é composto pelos seus filhos, netos e bisnetos de Petrônomo, a quem diga que a alma do velho foi encomendada pelo diabo, ele e Mitta Baltazar tiveram seus restos mortais cremados e colocados em um vaso na mansão Baltazar que fica no Texas, onde toda a família se reúne sempre para festas todo ano.

Estou chocada.

— Como funciona isso?—João pergunta.

— Se você tem o sangue de um Baltazar, você está destinado a ser perseguido sempre pelos outros Baltazar, um pacto selado durante a adolescência, quando você decide que quer fazer parte da família, todos te apoiam, mas quando decide que não quer ser parte daquilo, eles virão as

PERIGOSAS ACHERON

costas para você, infelizmente são uma família muito influente em alguns estados do país—Kalel respira fundo.— Minha tia Melissa se desvinculou, e ela e o Nick viajaram para a Itália, meu avô mandou matar o marido dela.

— Três tiros na cabeça.—Alice concorda com os olhos arregalados.

— Quem contou isso para você Alice?— Kalel está contrariado.

— A Bah, mas eu sei que é uma historinha de faz de conta papai, ela sempre conta essa história antes de eu dormir.

— E consegue dormir?—pergunto.

— A noite toda—Alice sorri e pega a mão de Clara.— Vem Clara, vamos ver tv de novo.

Clara engatinha na cama e desce com a ajuda de Alice, ambas voltam para o colchão, ficamos em silêncio, parece uma história de terror isso sim.

— Nas minhas veias corre o sangue de assassinos, pessoas ambiciosas.

— Por isso disse que sua família vive brigando por dinheiro.—João conclui.

— Sim, mas eles não brigam tanto entre si, eles fazem trabalhos ilegais, sujam as mãos, meu

bisavô infelizmente ensinou a todos uma forma rápida de conseguir as coisas, eu me desvinculei da família quando fui para faculdade, não nasci para esse tipo de coisa, minha tia Melissa me deu apoio integral, com o dinheiro que o meu pai me deu eu investi em alguns negócios e comecei a montar minha própria empresa, quando consegui meus primeiros milhões, devolvi o dinheiro dele.

— E ele não gostou disso.—concluo novamente.

— Não, ele ficou furioso, hoje só vou a casa deles porque a Alice fica lá, ou ficava, sei que mamãe não permitiria que eles a machucassem, sou distante da minha real família por parte de pai, da minha família por parte de mãe, eu não sou, me dou até bem com a minha avó e meus primos, tios.

— E essa sua tia Melissa, sobre o marido dela...

— Ele abandonou ela para ir morar com outra mulher, meu avô não gostou disso e mandou encher a boca dele de terra.

— Seu avô filho do Petrônomo.

— Exatamente.

Eu e o João nos olhamos.

— Você carrega um herdeiro do mal em seu

ventre—João fala com voz assombrosa.— Esse bebê vai te ligar em sete dias...

— Ai, para—ordeno e me arrepio de cima abaixo.

— Eu não tenho nada a ver com os Baltazar, mas no começo foi difícil, meus irmãos já tentaram me matar, alguns primos...

— E você fala isso como se fosse normal.— digo incrédula.

— Não deve se preocupar, já passou, hoje eles não chegam mais perto, tia Melissa até conseguiu se casar com um Carsson sem que eles conseguissem matá-lo por isso!

Senhor!

Kalel começa a rir, mais de nervoso que tudo, ele se inclina e me dá um selinho, depois toca meu ventre por baixo do pijama.

— Então, tem um herdeiro do mal dentro de você querida? Um filho meu?

— E um meu também.—João replica e beija a minha cabeça.

— Ele não é do mal—corrijo chateada— Não fala do meu bebê assim.

— Está bem—Kalel se estica na cama e se deita tocando a minha barriga— Seja como for,

PERIGOSAS NACIONAIS

Baltazar ou não, vou cuidar dessa criança, lhe ensinar o que é certo.

—Eu também.—João repete.

— Os dois—digo convicta.

Porque sou mulher dos dois e também estou grávida dos dois.

PERIGOSAS ACHERON



— Você não usou o celular que eu te dei, nem o John.

Fico olhando para as malas com roupas, todas as caixas que estamos organizando desde o começo da semana, não mexi em nenhuma das coisas que ele me deu, na verdade eu nem lembrei de usar o celular, acho que o João também está muito ocupado tentando arrumar as coisas, ele está trabalhando nos casos todos os dias para compensar todos os nossos atrasos.

Kalel tem ido a empresa todos os dias pela manhã e retornado a noite, ele também tem que colocar muitas coisas em dia antes da nossa viagem.

— Eu acabei esquecendo, me desculpe meu bem.

Suspiro, estou cansada, foi uma semana bem agitada, ter que cozinhar todos os dias, voltar a

rotina e cuidar de duas meninas, ainda por cima, arruma a mudança, é bem puxado, eu acho que se eu estivesse indo todos os dias trabalhar na Thurman, ainda sim não estaria cansada desse tanto, ainda mais com dois homens sujando roupa, pratos, tudo em dobro, não é a coisa mais legal do mundo.

Sem falar nos enjoos.

— Seu rosto está melhor—ele toca a minha face e analisa meu nariz.— O roxo está sarando.

— Passei arnica—respondo.— O médico ligou, marquei para voltar no final da semana que vem.

— Bom.

Kalel é um pouco mais frio, mais distante, ele não é muito carinhoso quando chega do trabalho, é mais na dele, do tipo de homem que o meu marido nunca foi, João é carinhoso, atencioso, ele é mais presente também, contudo, acho que é questão de costume.

Só queria que Kalel passasse mais tempo comigo, nos conhecemos a alguns meses mas ele esteve mais longe do que perto, e ainda que esteja presente fisicamente, ainda sinto que há uma pequena barreira entre nós, talvez por sua

PERIGOSAS NACIONAIS

personalidade, por seu jeito de ser.

— O que foi?—ele pergunta e se senta na cama ao meu lado.

— Nada—digo.

Talvez eu queira demais, sei que é egoísmo, também sei que ele nunca vai poder ter mais tempo para nós, não tanto quanto eu quero, porque ele tem a empresa dele e todas essas coisas, contudo, é ruim não ter ele na hora do almoço, no café, em muitos momentos que eu quero que ele esteja.

Ter ele no nosso lar.

— É por causa do bebê? Eu já disse que aceito Fernanda.

— Não é isso, é besteira, deixei suas toalhas no banheiro, eu vou esquentar seu jantar.

—Fernanda, não faz isso comigo ok? Eu preciso cuidar da empresa.

— Eu não falei nada.

— Nem precisa, sei que você está chateada com a minha ausência.

— Não é chateada, eu estou triste na verdade, pensei que você ficaria vindo almoçar.

— Eu não tenho tanto tempo quanto quero.

Volto a dobrar as roupas de Clara, as de Alice, suspiro sem querer discutir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu entendo Kalel—dou a conversa por encerrada.

— Sabe que para dar uma boa vida a vocês eu preciso trabalhar.

— Quem te ensinou que para ser feliz e ter uma boa vida, as pessoas precisam ter dinheiro?

— A vida querida, ou você acha que eu trabalho tanto por esporte?

— Eu já passei por essa fase e olha, não compensou, porque o João sofreu o acidente e não teve dinheiro que o trouxesse de volta, que o fizesse andar, você faz do seu trabalho e do seu dinheiro suas maiores prioridades, não estou pedindo muito.

—Fernanda eu não sou como seu marido, eu já tinha uma vida antes de você entrar na minha, então eu peço um pouco de paciência até eu conseguir arrumar a minha agenda.

— Não quero fazer parte da sua agenda Kalel, nem sua filha, nós somos a sua prioridade, eu sou a sua mulher, eu estou grávida, você poderia vir ao menos almoçar conosco, ser mais presente, sentimos sua falta durante o dia.

— Sentem?—ele só parece cansado demais.

— Muita.

PERIGOSAS ACHERON

— De verdade?

— Sim.

Ele estende a mão e segura o meu pulso, deixo as roupas em cima da cama e me aproximo dele, Kalel ainda usa o terno mas a gravata está frouxa no pescoço, fico em pé diante dele, meus ombros caídos e percebo um receio enorme no olhar dele.

— O que foi?—pergunto e toco sua face.— Me diz, porque você está tão distante esses dias?

— Eu acho que me assustei com a gravidez, com tudo—ele me olha pensativo.— Fiquei com receio de que a história da minha família assustasse vocês, te afastasse da minha vida.

— Nossa!—exclamo surpresa—não pensei que era por isso.

— Pois é, parece que eu não tenho alma, mas perto de você me sinto suscetível sabe? Você me faz expor quem eu sou.

— Não precisa sentir medo de ser quem é ou quem quer ser nesta família querido, ela é sua família.

— É difícil quando nunca se teve uma família, quando nunca soube ser pai, nunca teve pais presentes, eu não sei se saberei dar amor para

PERIGOSAS NACIONAIS

as pessoas porque nunca tive amor.

— Mas eu te amo, te dou todo amor que você merecer, o João te aceita, a Alice te adora, não tem que ter medo dos sentimentos.

— Nem que isso me deixe vulnerável?

— Ser vulnerável não é um sinal de fraqueza Kaleb, é sinal de que você é humano meu amor.

Ele me abraça e encosta a cabeça no meu peito em silêncio, toco seus cabelos, devolvendo o abraço.

— Você é tudo o que preciso Nanda, você é a mulher que eu quero ao meu lado, forte, decidida, você é tudo o que eu tenho.

— Eu sei—afirmo.— Eu sou demais né?

Sei que ele sorri.

— Eu amo você sua convencida.

— Eu também sei disso.

— Há algo que a senhora não saiba?

— Bem, eu não sei se o senhor está disposto a querer uma massagem antes de dormir em nossa cama, o que acha?

— Hum... Muito tentador, John...

— Não, ele não se importa—corto e lhe dou um selinho.— Eu amo você, eu te aceito assim, não

PERIGOSAS ACHERON

precisa ter medo Kalel.

Ele me fita e segura a minha face com carinho, me beija devagar provando meus lábios como se comesse algo, meu corpo sente a tensão sexual me tomando toda, perco o controle por alguns instantes, enquanto o beijo, Kalel aperta a minha bunda, meus seios, ele quer, ele gosta, e eu adoro ser tocada por ele.

— Desculpe—ele se afasta um pouco.— Eu não deveria tentar isso sem o John certo?

— Certo—digo a força.— Eu vou colocar seu jantar para esquentar.

— Ok—ele recua um passo.— Posso te pedir uma coisa?

— Claro.—pigarreio sem graça.

— Poderia me chamar de amor também?

— Sim!—me levanto—desde que você me chame de amor também.

— Tá—Kalel sorri e enfia as mãos nos bolsos da calça.— Meu amor.

Lhe dou um sorriso, mas estou constrangida.

É bom ser chamada de amor por ele, e sei que será maravilhoso chamá-lo de meu amor também.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Não acha que todo indivíduo deveria ser dono de sua própria vontade?

Olho para Kalel, João está lendo alguns arquivos, viemos para cama mais cedo, parece quase impossível termos mais momentos juntos se não em nossa cama a noite, com a aproximação da viagem, Kalel está tendo que se desdobrar na empresa, ele também teve que organizar nossos passaportes, João tenta me ajudar com a mudança, mas tem os casos do senhor Hans, ainda há muito a ser feito até o dia da nossa viagem, mas é domingo e hoje Kalel não vai trabalhar, acordei a alguns momentos, ambos já estavam acordados, Kalel mexendo no celular e João nos papéis, liguei a tv, ainda é bem cedo.

— Depende.—respondo.

— De que?—Kalel me olha, ele acaricia meu seio por baixo do pijama—não acha que você

é dona das suas vontades?

— Eu acredito que depende porque as minhas vontades não devem apresentar riscos as outras pessoas, isso é no caráter social, mas no caráter pessoal, sei que por mais que eu tente, eu nunca conseguirei ser dona de minhas vontades completamente.

— E você John? O que acha?—Kalel indaga.

— Se apelarmos para nossa verdadeira natureza nos tornamos primitivos, porque a pessoa se torna irracional quando começa a seguir apenas seus instintos, isso seria meio ilógico.—João continua a analisar os papéis.

— Penso que de toda forma sempre obedecemos a regras, sejam elas compostas por princípios familiares ou sociais, concordo com o João nesse sentido, não há como ser 100 por cento dono de si, você sempre assume uma postura subjetiva, hora você é alguém para família, ora para amigos, há sempre vários de você se comportando de forma indireta e direta para com as pessoas.

— Isso quer dizer que você como mulher prefere não ser dona do seu corpo e não realizar suas fantasias mais íntimas?—Kalel questiona.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse interrogatório tem algum objetivo?
—pergunto estreitando os olhos para ele.

— Responda.—diz e sorri.

Cafajeste.

—Numa sociedade patriarcal e machista?—
reviro os olhos.— Ah, por favor né amor!

— Eu também acho meio absurda a ideia de ditar como uma mulher deve se comportar—João alega.— Mas isso não quer dizer que eu ache correto a forma como muitas pessoas se aproveitam da vulnerabilidade de muitas mulheres.

— Mulheres não devem ser vistas como mulheres, elas devem ser vistas como pessoas— esclareço e me estico na cama, coloco a cabeça na coxa do João.— Quer dizer, já temos muita desvantagem, mas eu ainda penso que as vezes a imagem da mulher fica borrada e apagada na sociedade, ela é vista apenas como uma mera ajudante, servente de um lar ou de um marido que na maioria das vezes é abusivo.

— O que é ser abusivo para você?—Kalel puxa as minhas pernas para cima de seu quadril.

— Sabe aquele tipo de cara que conta até quantos absorventes tem no guarda-roupas da mulher?—João pergunta.— Isso é ser abusivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Controlador, você quer dizer?—Kalel continua a tocar meus seios por baixo do pijama.

— Você pede a mulher para que ela cuide da sua casa, de você, dos filhos e que ela te ajude com as despesas, depois você a proíbe de usar o que ela quer, de arrumar o cabelo dela como ela quer, dela usar a roupa que ela quer, pelo fato de que você não acha certo—meu marido fala.— Se isso não é ser abusivo, eu não sei o que é.

— O João só quer dizer que quando você nega a uma mulher algo do qual ela quer muito, isso se torna a longo prazo uma relação abusiva, porque ele não enxerga a figura da mulher como algo e sim como alguém, uma pessoa—explico.— Então o fato de você negar a ela o que lhe é por direito, é sim um ato abusivo, começa com as proibições, o controle, a forma como os homens querem mandar nas mulheres.

— É que eu estava pensando sobre nós três, eu vejo que o relacionamento de vocês dois é muito aberto a conversa—Kalel nos olha pensativo.— Eu nunca fui apto a conversa com nenhuma das minhas parceiras sexuais, todas sabiam o que queriam comigo e eu com elas, só que era uma relação tão... Estranha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vazia?—questiono.

— Não exatamente, havia um envolvimento sexual e carnal muito forte, por mais que vocês dois pensem que eu sou um qualquer, eu só levava garotas que gostavam mesmo de estar comigo naqueles ambientes, só que eu nunca parei para pensar nas histórias delas, como elas eram de verdade, isso é estranho.

— Talvez você nem conseguisse levar algumas para cama se soubesse sobre elas—concluo.— Já pensou se transou com uma mulher com lepra?

— Senhor!—exclama ele, mas ri.

— Ser casado não é ruim—João fala achando graça.— Eu tive duas namoradas antes da Nanda, mas eu sempre fui tranquilo nesse sentido, é que estamos a tanto tempo juntos que eu não consigo mais imaginar como seria com outra pessoa, é cômodo o sentimento de estar com alguém.

— Mas estar com alguém não quer dizer que você é dono da pessoa, nem que controla ela, no nosso casamento eu nunca me importei que o João saísse com os antigos amigos dele, nunca o proibi de nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é isso—Kalel está se apoia no cotovelo.— Eu só quero saber se você se sente confortável em estar com dois homens ao mesmo tempo, se você gosta dos nossos momentos juntos, se você se sente mais mulher ou se isso abala emocionalmente.

— O que é uma mulher no seu ponto de vista, não é a mesma coisa no meu ponto de vista— esclareço.— Para mim ser mulher até alguns meses atrás se resumia em cuidar da casa, da minha filha e trabalhar para fora, então, agora tenho você na minha vida, e ser mulher nunca foi tão complicado para mim, porque eu fui ensinada de que devo ser fiel a um homem, devo cuidar de um homem, de um lar e dos meus filhos com ele, por certo, ser mulher para muitas outras pessoas é um título, para outras um rótulo, e para outras até um status, mas para mim, agora está sendo uma descoberta.

— Se sente mais mulher depois do nosso relacionamento?

— Me sinto mais livre, como se eu pudesse ter o poder de escolher o que eu quero, não ter nascido e condicionada a pensar e fazer o que as outras pessoas querem que eu faça.

— Então ser mulher para você se resume a

PERIGOSAS ACHERON

poder fazer escolhas?

— E ser dona delas, sem que as pessoas me julguem por isso, independentemente do que elas pensam, eu não acho que ninguém deveria ter nascido condicionado a nada, nem o homem a ser machista, nem a mulher a ser vista como uma figura de amor e ternura, como empregada em alguns momentos e sexualizada em outros.

— Eu gosto disso sabe?—a mão dele desliza até minha barriga.— De te ouvir, eu nunca ouvi a minha mãe falando em voz alta, ela foi criada para obedecer meu pai, as vontades dele, acho que ela sempre teve medo do que as outras pessoas pensariam, você não, você é corajosa, disse aos seus pais sobre mim, sobre querer morar comigo, eu admiro muito a sua força, é uma força que eu enxergo na minha tia Melissa, ela é como a mãe que a minha mãe nunca foi, uma mulher forte e dona de si.

— Obrigada.—sorrio.

— É uma pena que a maioria das mulheres ainda é muito recriminada por se posicionar, as minorias ainda não são tão representadas.—João toca minha cabeça com carinho.

— Os gays!—digo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os negros—João fala.

— As gordas!

— Você fala como se ser mais cheinha fosse um sufrágio—Kalel diz.— Se você não gosta do seu corpo, é sua missão mudar ele para que goste.

— Claro, claro, mas ninguém tem o direito de querer enxergar isso além de eu mesma, e não é o que acontece.

Depois que falo, estendo a mão, João bate nela num comprimento rápido.

— Querida eu só estou dizendo...

— Mude porque mudar é bom, e eu sei disso porque eu mudei, mas ninguém olha as minhas necessidades por trás dessa mudança, nem se ela é o que eu quero ou se o que a sociedade quer de mim, você vai a academia todos os dias, faz esportes, anda de carro, você se quer andou de ônibus na vida ou de metrô, é muito fácil exigir de um homem como João que mude, quase confortável, mas você não se coloca no lugar dele e não para, para pensar que a academia mais próxima fica 10 quarteirões abaixo, que nem todas as ruas têm rampas, nem todas as subidas são compostas por rampas, e que ele não tem dinheiro para pagar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma—digo.— É muito fácil falar quando não se tem empatia, eu não estou dando desculpas nem dizendo que isso não é motivo para melhorar, mas há muito mais por trás de certos tipos de coisas do que você possa imaginar.

— Entendo que seja difícil, mas não é impossível.

— É verdade—admito.— Nada na vida vem de graça, tudo tem um preço, até mesmo a beleza e a depilação a cera.

Quando lembro fico toda arrepiada.

Kalel ri, João também.

— Você me faz rir—Kalel fala e me beija de leve.— Por isso eu te amo.

— Eu sei—sorrio, toco sua face e olho para o meu marido.— Vocês dois tornam meus dias muito bom, eu estou feliz de poder contar com os dois, de que não estão mais brigando tanto.

— Ainda—João esclarece.

— Eu me sinto muito bem com os dois na cama, a vontade, e sinto que é um grande passo para nós três vivermos isso juntos—me ergo e toco meu ventre.— Agora com os bebês, nem sei como descrever ainda, eu sempre quis ser mãe de novo, porém não achei que conseguiria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu imagino o porque.—João suspira com desgosto.

—John, você entende que vocês dois precisavam de mim certo?—Kalel pergunta com um sorriso enorme.

— Ai, Sai!—João fala e empurra a cabeça dele para longe.— Imbecil.

Rio, dou um beijo no meu marido, seguro sua mão, coloco na minha barriga, pego a mão de Kalel e coloco sobre a dele e a minha por cima.

— Nossa família—determino.

Sei que ambos concordam, eu os puxo para mim e volto a me deitar puxando o braço do Kalel, abraço João.

— Eu amo vocês dois.—digo baixinho e puxo os cobertores.

— Amo você.—Kalel beija a minha bochecha se aconchegando.

— Eu te amo.—João beija a minha cabeça com carinho.

Sorrio.

Tudo vai dar certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Você está caladinha hoje.

Meu marido toca minha face, Kalel apalpa meu seio, faz carinho no meu ventre, pequenos círculos, trocamos toques, beijos longos, é tão bom acordar com eles assim.

— Estava pensando na nossa viagem.

João, eu e Kalel estamos nus na nossa cama, eles dois estão cobertos até a cintura, ontem a noite quando vim para cama, Kalel insistiu que eu deveria dormir nua, então, o João também se despiu e foi assim que nós dormimos, faltam apenas cinco dias para nossa viagem, estou tão ansiosa.

— Empolgada?—Kalel me analisa.

— Bastante—sorrio.— Eu não queria ir no começo, mas agora eu sei que será o melhor para nossa família.

— Está feliz?—João beija a minha cabeça.

— Sim, estou mais calma, essa semana eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não levei nenhum soco na cara, bati meu record.

A piada não tem graça para nenhum dos dois, ambos permanecem sérios, fico sem jeito.

— Nem de brincadeira você deve falar isso.

—Kalel beija a pontinha do meu nariz.

— Você vai já para a empresa.—falo desanimada.

Kalel beija meus lábios como se fosse dono de mim, toco sua face e ficamos nos olhando por alguns momentos.

— Você é uma terrorista emocional—fala de repente.

Começo a rir, abraço ele, sei que ele não vai.

Semana passada foi tão puxado, nós mal ficamos juntos, alguns dias da semana Kalel chegou já depois das 23:00, eu andava mais cansada também, com algumas dores de cabeça, enjoos, e com muitas coisas para organizar, a viagem se aproxima cada vez mais.

Kalel e João tem nadado todos os dias as 06:00, depois eles sobem, Kalel toma banho e vai para a empresa e João vai para o escritório, meu marido dá as caras quando quer água, café ou alguma coisa para comer, sei que o fluxo das coisas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está bem intensa para ele, contudo, para mim também.

Estamos correndo contra o tempo.

— Me deve essa—resmunga.— E acho bom fazer um almoço bem gostoso para compensar minha ausência na empresa.

— Faço sim.—digo e o aperto.

Kalel me devolve o abraço, ele beija a minha face, mas seu celular toca, ele se afasta e pega o aparelho em cima do criado, se senta na cama e o atende, me viro para o meu marido.

— O que você quer comer hoje?

— Pode ser você mesmo!

Rio, vou para cima dele cobrindo-o de beijos, João também ri, Kalel olha para trás fazendo cara feia para nós dois, meu marido lhe mostra o dedo do meio.

—... Ok Fabrícia pode fazer isso, depois nos falamos, até logo.

E desliga o celular, acho graça da cara de ranzinza que ele faz para nós dois, puxo os cobertores e me escondo embaixo deles, João faz o mesmo, rimos muito disso.

— Porque vocês dois não crescem?—Kalel engrossa a voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se enfia embaixo do cobertor e me abraça todo carrancudo.

— Perguntei ao João o que ele queria comer hoje, e sabe o que ele respondeu?

— Não.

— Que quer me comer.—digo em seu pé de ouvido.

Kalel me olha e depois olha para o João.

— Onde eu me inscrevo para te comer também?

—Kalel!

Ele sorri, João ri a beça, depois ele me abraça e fica quieto, me viro para Kalel e me deito com a cabeça em seu peito, toco seu mamilo devagar, João me abraça por trás e ficamos assim por alguns momentos gostosos, tudo muito silencioso, calmo.

— Você me traz tanta paz—os olhos azuis estão mais claros.— Faz com que eu não queira mais voltar para os Estados Unidos, estar aqui tem sido um lugar de grande aprendizado e calma.

— Eu posso imaginar que tenha muitos compromissos.

— Tantos quantos você não consiga nem contar nos dedos, mas nem é por isso, é porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você faz com que eu não queira nem mesmo os meus compromissos, só você, encontrei nesse apartamento tantas coisas que nunca tive.

— Mesmo?

— Sim, uma família, pessoas em quem confiar, eu nunca confiei em ninguém, sei que vocês dois são pessoas boas, sinceras, que não querem só o meu dinheiro.

— Foi assim com as outras pessoas que se envolveu?

— Basicamente todas as namoradas sérias que eu tive eram mulheres que queriam ser sustentadas, nenhuma nunca se ofereceu para querer me ouvir, falar sobre meus problemas, ainda que eu não desse brecha.

— Você teve namoradas sérias?

— Muitas.

— Que mundo mais cruel.—João alfineta.

— A mãe da Alice foi uma delas—Kalel diz.— Depois dela eu dei um basta nesse tipo de relação, a maioria delas só queria aparecer na mídia, essas coisas.

— Eu não apareceria na mídia nem se me pagassem.—admito.

— Pois é, você é única meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

Me derreto toda com esse meu amor.

— Eu gosto de estar com vocês, são tranquilos, receptivos, tratam a Alice muito bem, eu sei que eu não sou um cara perfeito, que causei muita confusão no relacionamento de vocês dois, mas eu gosto de estar com os dois—ele me fita.— Você me surpreende todos os dias, é tão carinhosa.

— Ela é mesmo.—João beija meu ombro.

— Agora com mais bebês—ele suspira.— Sinto que estou pronto para viver isso sabe? Sossegar, ter um relacionamento mais sério, uma família.

— Você não acha que vai sentir falta das casas de Swing?

— Eu só ia as casas de swing por causa dos casais, agora eu tenho o meu casal.

— Possessivo!—repreendo num tom de brincadeira.

— Eu estou falando sério—os lábios dele se curvam em outro sorriso.— Eu não sei ser infiel a ninguém.

— Isso é meio contraditório não acha?— meu marido toca minha bunda devagar.

— Não, não é, se eu estou com um casal é só aquele casal por todo o período que decidirmos

ficar juntos.

— Mas não é o nosso caso certo? Eu e a Nanda não somos como os outros, não temos prazo de validade.

— Só dei esse exemplo para que saibam que eu não vou trair os dois, eu não me envolveria tanto se não quisesse algo sério John, e também, nossa mulher tem muito a nos oferecer e nós dois a ela, não acha?

— Será que eu ouvi bem, ou você falou “nossa mulher?”—questiono.

— Ouviu muito bem—ele beija minha cabeça.— Você é nossa, e nós dois somos seus, não é assim num casamento?

— É—fico sem graça.

— Então—olha para o teto.— Vocês são um casal muito unido sabe? Eu acho que quero isso para minha vida, estar com pessoas que gostam de estar comigo sempre.

— Eu não gosto de estar com você.—João replica.

— Você se tornou um verdadeiro amigo John—Kalel o encara.— Eu sei que você até vai com a minha cara.

— Sonha “otário”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele só está dando uma de durão.

— Serei muito feliz na família Carvalho—
Kalel me fita.— Porque eu a amo tanto quanto amo
você querida.

Ah.

— Nós também te amamos meu amor.—
afirmo.

— Nós não, vírgula—João implica e se
deita de costas.— Eu não.

Deixo ele praguejando, sei que seu orgulho
se foi, seu medo, tudo dando lugar a um pouco
mais de tolerância, compreensão, calma, dando
lugar ao Kalel, a Alice, uma nova chance de ser
feliz, seja aqui ou em qualquer lugar do mundo.

PERIGOSAS ACHERON



— Eles estão bem doutor?

— Estão sim, batimentos cardíacos perfeitos, tamanho normal, o desenvolvimento muito bom, como eu disse apenas a diferença de dias, mas isso eu creio que não irá atrapalhar o crescimento dos dois fetos.

Suspiro aliviada, Kalel e João estão na sala de espera, eles vieram me acompanhar mas hoje optei por fazer os exames sozinha, já comecei com as vitaminas a mais de duas semanas, contudo, minhas dúvidas em relação a gestação também incluem outras coisas.

— Queria conversar com o senhor sobre a minha saúde íntima doutor.—aviso assim que ele limpa o gel na minha barriga.

Eu quero que os bebês fiquem bem, mas também quero me sentir bem, em todos os sentidos.

— Claro, vamos ao consultório.

Saio da cama e calço minhas sapatilhas, fecho o zíper da calça e arrumo minha blusa no corpo, toco meu ventre, agora mais consciente que nunca que os meus bebês estão acima de qualquer coisa, aconteceu, ok, não esperava por isso, mas não me sinto infeliz em descobrir a gestação, ainda que seja meio assustador e novo, porque eu não planejei, eu os quero.

Me sento na cadeira diante da mesa do médico, um pouco constrangida, mas disposta a esclarecer alguns mitos.

— Bem, eu, o Kalel e o João estamos juntos, eles são os pais dos bebês, acredito que se não os dois, um deles, e temos um relacionamento a 3, eu e o meu marido tínhamos uma vida sexual normal, eu quero saber se isso de alguma forma pode prejudicar o desenvolvimento dos bebês.

— Inicialmente não—o médico é muito sério.— Sua gestação não é de risco, mas quando se tem mais de um parceiro e relações sem camisinha, é bom fazer todos os exames para se assegurar que nenhum dos parceiros contraíam doenças venéreas.

— Sim, eu trouxe os exames de sangue, nós três fizemos—pego a pasta na minha bolsa e estendo para ele.— Está tudo aí, a minha outra

PERIGOSAS NACIONAIS

gestação da Clara foi normal também, ela nasceu de parto cesárea, de 37 semanas, tamanho e pesos normais.

O médico analisa os papéis com cuidado, olho para o crachá em seu pescoço, só não consigo pronunciar o nome dele, é comum, mas tem tantos PH's que nem sei.

— O nome do senhor é Felipe?

— Tadeo Phyllyps!—ele responde.— Os bebês foram concebidos de forma natural?

— Sim—pigarreio.— Tivemos relações... Juntos.

— Os exames parecem normais, só o senhor Carvalho que está anêmico, é bom que ele tome algumas vitaminas, os exames de sangue para HIV do senhor Thurman também estão dando negativo, ele tem uma saúde de ferro.

— Pois é.

— A senhora tem muita, muita sorte de ter sido contemplada com uma gestação assim, é um evento muito raro, até hoje houve pouquíssimos registros de casos em que o doador são pais diferentes e que a mulher ovulou mais de uma vez.

— Acha que será prejudicial aos bebês que eu tenha relações com dois homens?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Absolutamente, a senhora só deve tomar cuidado a partir do quinto mês de gestação, tentar não ter relações muito fortes porque são dois bebês.

— E sexo... Anal?

— E normal, desde que a senhora não se sinta desconfortável, aconselho o uso de lubrificantes.

— Ah.

O médico me estende os papéis e mais receitas.

— Isso aqui é para a senhora, uma dieta adequada, e uma lista de exercícios que deve fazer diariamente, recomendo que procure um psicólogo, porque relacionamentos assim costumam esgotar o emocional da mulher, percebo que a senhora é nova nisso, mas é comum que muitas mulheres com mais de um parceiro nos procure em busca de alguma orientação, muitas nem sabem quem é o pai do bebê, já tive pacientes que infelizmente interromperam a gestação por falta de apoio do pai da criança.

— Eu não sou tão jovem.

— Não tem a ver com idade senhora Carvalho, um homem nunca pensa duas vezes antes de largar sua parceira, ainda mais durante a

PERIGOSAS ACHERON

gestação, quando a mulher tem alterações de humor, indisposição, falta de apetite sexual, a maioria dos homens costumam deixar a mulher no final da gestação ou durante o resguardo, aconselho que no caso da senhora, procure ajuda com um psicólogo.

— Eu entendo.

— Eu vou aos Estados Unidos em 3 semanas para o próximo exame, espero que a senhora esteja bem até lá e os bebês.

— Está bem, doutor, só mais uma pergunta, o senhor aconselha que eu emagreça durante o processo?

— Você quer emagrecer?

Nossa.

Fico calada, doutor Phellype me encara todo sério.

— Aconselho que a senhora siga a dieta e faça os exercícios, a senhora quem tem que saber se quer ou não manter o peso, é o seu corpo.

— Nenhum médico diria isso, no mínimo que eu estou obesa.

— Felizmente eu não sou nenhum desses médicos, asseguro a senhora que o sobrepeso é prejudicial a longo prazo, mas desde que a senhora

tenha taxas controladas e se sinta bem com seu corpo, não vejo necessidade de emagrecimento, exceto se não for por estética.

— Eu sei que vou chegar aos 100 quilos...

— Não se preocupe com isso, deixe para se preocupar depois da gestação, a senhora só precisa controlar suas taxas para não adoecer durante a gravidez, podemos montar uma dieta para senhora depois da gestação, pode colocar silicone, fazer uns retoques, isso não é problema, no momento devemos cuidar da sua saúde, e que por sinal está excelente.

— Tá.

Sorrio, pego os últimos papéis e aperto a mão do doutor, ele me acompanha até a porta, de fato, me conforta saber que logo de cara ele não ficou falando sobre o meu peso.

— Aproveite seu casamento senhora Carvalho, sua família, é importante que esteja feliz durante sua gravidez, só isso.

— Obrigada doutor.

Saio do consultório, caminho até a recepção, Kalel e João estão sentados lado a lado com as meninas em seus colos, Kalel levanta assim que me vê, está preocupado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi tudo bem querida?

— Tudo ótimo!

PERIGOSAS ACHERON



— E se nós colocássemos mais duas pessoas nesse caso...

— Não, a solução não é essa Kalel, não adianta você encher os casos de analistas, você tem que colocar especialistas para cuidar de cada caso isolado.

— Sim John, mas duas cabeças pensam melhor que uma, esse caso já foi revisto várias vezes pelo pessoal do departamento empresarial e nada.

— Porque você se preocupa demais com a quantidade de pessoas trabalhando em vez de contratar um especialista para cuidar do caso.

Eu os observo conversando, estão na sala lado a lado, acabo de colocar Alice e Clara na cama, hoje é o grande dia, enfim, viajaremos para São Francisco, estive um pouco deprimida durante o dia, mas já melhorei, embarcaremos as 03:00 da

manhã, Kalel disse que o nosso voo não terá horário regular mas que sairemos de Guarulhos, por isso coloquei as meninas na cama cedo.

Nosso apartamento já não tem nada, nem objetos pessoais, nem enfeites, apenas os móveis que já estavam aqui, ficamos muito pouco tempo, mas sei que sentirei falta desse lugar, da minha família, de tantas coisas que vivi aqui, sou sentimental, não tem jeito.

— Vocês não vão se preparar?—pergunto e me sento na poltrona.

— Sim, daqui a pouco—João ainda analisa os papéis bem sério.— Tem que ter um jeito.

— Eu já falei com a Socorro, não tem, ela não consegue ter tempo para cuidar do departamento sozinha—Kalel replica.— Amor você poderia trazer um pouco mais de café?

— Claro.

Fiz café depois do jantar, nunca poderia imaginar eles dois conversando tão cordialmente sobre trabalho, acho que porque temos a mesma profissão acabamos falando a mesma língua, eu percebo em Kalel a mesma paixão pelo trabalho que sempre vi nos olhos do meu marido, quando nos formamos, estávamos orgulhosos, felizes, havia

tanto em nós que queria mudar as coisas.

Mas infelizmente na vida real não é como nos livros jurídicos.

A celeridade, a imparcialidade, a formalidade, tudo na lei é maravilhoso, só que no dia a dia no que cabe a execução delas é bem mais complicado, mesmo que eu nunca tenha pensado em fazer mais nada da vida, nem ser outra coisa, ser advogada ainda é um desafio. Estive parada por um bom tempo, e foi nesse tempo que eu deixei tudo de lado, meu marido também, agora que estamos tendo essa oportunidade, sinto que ele quer agarrar com unhas e dentes o trabalho, e eu não quero ficar de escanteio.

Só que cuidar da casa, da viagem, de tantas coisas me tomou muito tempo, e estar grávida também está me deixando um pouco mais devagar, eu havia me esquecido dos enjoos, das tonturas, tem hora que eu não consigo nem estar perto do Kalel ou do João, pedi que ambos parecem de usar perfume, não suporto o cheiro do perfume do Kalel, é ele se aproximar e eu correr para o banheiro e vomitar até as tripas.

Coloco as duas canecas de café sob o centro e pego as outras duas vazias, volto para a cozinha e

PERIGOSAS NACIONAIS

lavo as canecas, volto para o quarto e me deito caçando algum canto na cama, não me sentindo exatamente mal, mas com uma sensação de vazia imensa.

Porque sei que não verei meus pais.

João está tão bravo com o pai dele que isso lhe basta para deixar o amor de lado, mas eu não consigo parar de pensar na minha mãe, no meu pai, queria que a minha partida fosse tranquila, que ambos ao menos se despedissem de mim, agora, eu já nem sei como as coisas serão daqui para frente, mesmo que não tenha medo é inevitável o sentimento de angústia.

Eu sei que escolhi viver essa união diferente do que eles querem para mim, mas a minha felicidade depende disso, meu estado de espírito , eles não precisavam aceitar, mas ao menos que não pensassem tão mal de mim, porque eu nunca fui uma filha ruim.

Sempre fiz o que eles queriam e esperavam de mim, fui obediente, estudei, dei o meu melhor, e não seria nada do que sou academicamente falando, sem o apoio dos meus pais, contudo, apenas um pequeno “erro” da minha parte e os dois me viram as costas.

PERIGOSAS ACHERON

Gostaria que eles apenas conhecessem a Alice, o Kalel, vissem nossa família de uma forma diferente, percebessem que não é como eles pensam, Alice é tão carinhosa, ela é um pequeno anjo, Kalel apesar de estar se abrindo mais agora é um bom homem, eu sei que sim.

Nossa família é diferente, ela não é mais tradicional, mas tem tanto amor aqui.

Não esperava mais dos meus pais, muito menos dos pais do João, não era nem para eles saberem, contudo, ainda sinto desgosto, tristeza, me sinto grata por mantermos isso em segredo, porque se apenas para nossa família está sendo um grande desgaste que saibam, nem quero imaginar o que a Socorro falaria se soubesse que eu estou transando com o chefe, que ele, eu e meu marido vivemos sob o mesmo teto, porém que ele não é meu hóspede , é meu amante.

— Amor?

Me ergo, me sento na cama, mas não é o João que está me chamando de amor, é o Kalel, ele se aproxima, se senta diante de mim, os olhos azuis cintilantes, calmos.

— Está enjoada de novo?

— Só indisposta, chegaram a algum

consenso?

— Não, ainda não.

— Ah.

— Sei que está triste, sinto muito pelos seus pais.

— Um dia passa.

— É ruim pensar que eu provoquei tudo isso, eu sei que seus pais e os pais do John amam muito vocês, mas eu também te amo muito sabe?

— Eu sei.

É bom ouvir isso.

— Eu quero que você se sinta bem, confortável, e aqui no Brasil sei que nosso relacionamento seria cheio de contra tempos, você sofrerá mais se tiver que lidar com eles, é bom que lhes dê um tempo para pensar.

— Eu não queria que as coisas fossem assim sabe? Só isso, queria poder me despedir da minha mãe e que ela me abraçasse, dissesse que sentiria minha falta, sempre que eu viajava na época da faculdade ela me levava no aeroporto.

— Eu imagino que sim, sinto muito por isso querida.

Abaixo o olhar, começo a chorar mas não é voluntário, Kalel toca minha face e me puxa para

seu colo, fico sentada em suas coxas e abraçada a ele.

— Não deveria ter dito Fernanda, eles não precisavam saber.

— Seria mentira, não seria o que eu deveria fazer—confesso entre o calor de seus braços.— Eu jamais diria que você não é nada meu aos meus pais, porque eles podem estar muito machucados com a verdade, mas uma mentira os machucaria muito mais.

— Eu não deveria me sentir honrado por isso sabe? Mas me sinto, porque você teve coragem de enfrentar sua família por mim, por minha filha, estou muito grato mesmo que não deva, estou orgulhoso de você querida.

Ele me aperta, me beija a cabeça e fica me abraçando por momentos preciosos, meu coração se acalma, minha alma se enche de esperança.

— Seremos muito felizes em São Francisco querida.

— Eu espero que sim meu amor.

FIM DA PARTE 1.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON